# ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO





VOLUME IX

AVEIRO

1943

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL
CONSERVADOR DO ARQUIVO E MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FRANCISCO FERREIRA NEVES
PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES
PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES
ESTRADA DE ESGUEIRA — AVEIRO

Composto e impresso na TIP. DA COIMBRA EDITORA — Arnado — COIMBRA

# VOLUME NONO

*COM o fascículo presente inicia o ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO novo ano de publicação.*

*Como de costume, apraz-nos registá-lo; não porque alimentemos sentimentos injustificáveis de deslumbramento pela obra realizada, pois tem ficado, por fôrça das circunstâncias e da imperiosa subordinação às realidades da Vida, imensamente aquém de quanto ambicionáramos, mas para, uma vez mais, reivindicar, em favor do nosso trabalho levado a cabo nos oito anos que vão decorridos, o justo reconhecimento de que um ideal de sinceridade e de dignidade constantemente o animou.*

*A dentro da modéstia das nossas possibilidades, essa atitude nos tem determinado, procurando a revista servir os superiores interêsses do Distrito através de abundante documentação honestamente seleccionada, abarcando, não obstante, vasto sector do Pensamento, da Cultura, actividades e História regionais, em eclectismo absoluto de assuntos.*

*Com propósito idêntico é desejo nosso prosseguir ainda, se os extraordinários sacrifícios que o momento presente nos impõe não vierem a tornar-se incomportáveis; êles, justamente, vão decidir da maior ou menor duração do nosso esfôrço; com o presente fascículo enfrenta-se, conscientemente, o período de maiores dificuldades desta publicação, que não conheceu nunca senão a indispensável mediania, e a mais, aliás, não aspira. Contudo,*

*para que nem êsse mínimo indispensável, abaixo do qual se torna impossível viver, venha também a faltar-nos, forçoso nos é, hoje, apelar para os nossos dedicados amigos e leitores. Um pouco de compreensão bastará, disso estamos crentes, para evitar que até esta modestíssima actividade cultural do Distrito de Aveiro se veja forçada a desaparecer, caindo-se no aviltamento total e no desinterêsse completo dos mais nobres ideais, causa e origem de tôdas as renúncias que a falta de cultivo da consciência colectiva consigo acarreta.*

*Na época conturbada que atravessamos, em busca de um ideal de vida condicionado por uma razão histórica de existência, não é demais que os aveirenses de todo o Distrito meditem um momento no que, em serviço de todos nós, lhes pedimos e propomos.*

*Aveiro, Março de 1943.*

*ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL*

*FRANCISCO FERREIRA NEVES*

*JOSÉ PEREIRA TAVARES*

# AS ARMAS DA CIDADE DE AVEIRO

A REORGANIZAÇÃO das armas da cidade de Aveiro, como conseqüência da doutrina preconizada na circular da Direcção Geral da Administração Política e Civil de 14 de Abril de 1930, foi sancionada oficialmente já em 1938.

Não viria agora, tantos anos já passados, comentar o relatório (1) e parecer apresentado na Associação dos Arqueólogos Portugueses, em sua sessão de 20 de Janeiro de 1926 e elaborado pelo sr. Afonso de Dornelas, se não tivesse anotado e ordenado algumas referências e notícias heráldicas, capazes de poderem contribuir para esclarecer o grande problema dessas armas de domínio, que, apesar-de tudo, ficou sem solução no citado trabalho apresentado à Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Êsse problema, que seria interessante procurar esclarecer, não só para haver uma idéia perfeita àcêrca-do principal símbolo heráldico das armas da cidade de Aveiro, mas também para a possível correcção das armas cuja constituïção ficou estabelecida na data apontada, trata da origem da águia que caracteriza o sêlo municipal aveirense.

Os elementos que vou aproveitar, lealmente o confesso desde já, não são daqueles que resolvem o assunto só com a sua presença.

No entanto, embora deficientes, alguma coisa nos dizem de positivo, sendo ainda, até agora, os *únicos* que podem ser aproveitados para subsidiar a hipótese que vou formular.

---

(1) *Elucidário Nobiliárquico*, vol. 1, Lx.ª, 1929.

I

Pondo de parte uma variante das armas da cidade, apresentada por Vilhena Barbosa, em que as armas em questão foram substituídas pelas armas do apelido *Cirne* (1), fantasia ou lapso que não tem qualquer valor histórico-heráldico, o mais velho sêlo municipal de Aveiro é constituído por uma águia.

Ou só, ou acompanhando as *quinas* e a *esfera armilar* (2), numa confusão, há muito explicada, com a iluminura da carta



I

Armas de Luis Álvares de Aveio (ou Aveiro) segundo a *Armaria Portuguesa*

de foral; ou ladeada do sol e da lua (3), como refere apenas Vilhena Barbosa; coroada ou não, o que é certo é que o símbolo principal das armas de Aveiro é *uma águia sôbre um mar*. Isto, mesmo, é o que informou a Câmara Municipal

(1) Que são: De azul, um cisne de prata num mar do mesmo, ondado do primeiro; em chefe seis estrêlas de oiro de seis raios. Timbre: o cisne do escudo.

(2) *Poblacion General de España*, etc., Rodrigo Mendes da Silva, 1645.

(3) Ms. n.º 498, da B.ca P.ca M.al do Pôrto.

daquela cidade, num ofício dirigido ao Presidente do Congresso da República, a-propósito de um incidente levantado por naquela Câmara Alta terem confundido, numa pintura mural, as armas de Aveiro com as da família Cirne.

VILHENA BARBOSA segue a origem romana da águia, o que, aliás, é justificação *sempre feita* para resolver assuntos dêstes.

II

Antes, porém, de expor os meus comentários, não quero deixar de dizer que, já muito antes de mim, um nome de grande relêvo na historiografia nobiliárquica nacional, BRAAMCAMP FREIRE, fêz reparos que embora sem serem directos às armas de Aveiro, com elas se vão relacionar, como adiante mostrarei.

Ao tratar, na sua indispensável *Armaria Portuguesa* (1), do apelido **Aveio** (2), dá-lhe estas armas que encontra iluminadas no *Livro do Armeiro Mór* (3):

> De prata sete faixas dentadas de azul; franco cantão de vermelho, com águia bifronte de prata, coroada de oiro, partido de azul com uma cruz potenteia de oiro, contornada de vinte cruzetas em grupo de cinco, sendo as do meio inclusas numa memória, tudo de oiro.

Sob o apelido (patronímico) *Álvares,* descreve as seguintes armas, baseado no *Espelho da Nobreza* (4):

> Cortado: o I de vermelho, águia de duas cabeças de prata, coroadas de oiro partido de azul, cruz de oiro cantonada de quatro memórias do mesmo; o II de azul, três faixas ondadas de prata. Timbre: uma águia de prata coroada do mesmo.

Ao tratar do apelido (patronímico) *Alves,* remete para *Álvares.*

III

Vejamos agora o que sôbre as armas apresentadas, e outras, nos diz SANTOS FERREIRA (5), outro autor heráldico de justa nomeada.

---

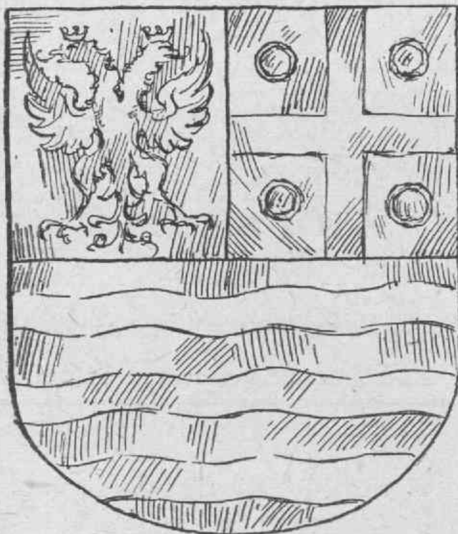
(1) Lisboa, s. d. (pág. 45).
(2) É êrro; está *Aveio* por *Aveiro,* pois se indicam na origem serem estas armas de Luís Álvares de Aveiro.
(3) Fls. 134, v.
(4) Fls. 345, v.
(5) *Armorial Português,* Lx.ª, 1920 (n.os 68, 71 e 130).

Segundo êste autor, temos por armas dos *Álvares* (de Aveiro), as seguintes:

Cortado: o I de vermelho, com uma águia de prata, picada de negro, partido de azul com uma cruz sôlta de oiro, de pé recurvado a uma e outra parte; o II de prata com quatro faixas requifadas de azul.

Para os *Alves*, escreve:

Cortado: o I de vermelho, com uma águia de prata de duas cabeças coroadas de oiro, partido de azul com uma cruz potenteia cantonada de quatro aneletes de oiro; o II de azul com três bandas ondadas de prata.



II

Armas dos Álvares, segundo a *Armaria Portuguesa*

E tem ainda:

Auço (de Luiz Álvares) (1)

De vermelho, semeado de aneletes e cruzetas de oiro, com contra-chefe ondado de prata, aguado de azul e uma águia de duas cabeças, estendida de negro, armada e coroada de oiro, brocante sôbre o semeado.

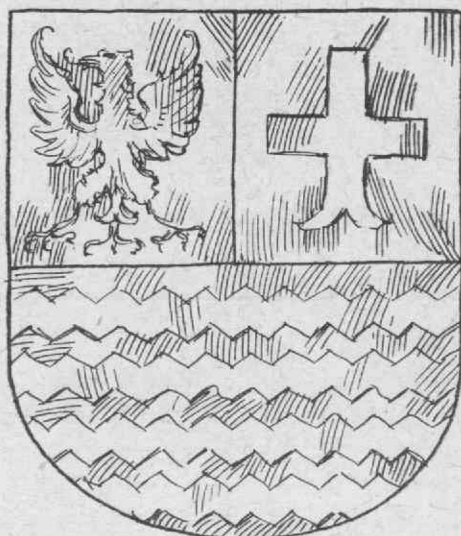
---

(1) Êste apelido também deve andar mal lido. ¿Será *Aueio* (=Aveio)?

Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1) faz-se referência às armas de Luís Álvares de Aveio ou Aveiro, supondo-se que êste indivíduo teve *armas-novas* anteriores a 15 de Agôsto de 1509, isto é, anteriores à conclusão do *Livro do Armeiro Mór*. ¿Mas qual a base para afirmar que eram armas-novas? No entanto chamo a atenção para o facto delas serem semelhantes às que no *Espelho da Nobreza*, de CRASBEECK, aparecem como sendo as dos *Álvares*.

## IV

Até aqui estive apenas a enumerar diversos elementos que vou agora tentar pôr em ordem, de modo que, se não nos deixam concluir nada de positivo, podem ao menos dei-



III

Armas dos Álvares (de Aveiro) segundo o *Armorial Português*

xar-nos supor alguma coisa de novo e de mais aceitável àcêrca dêste problema de heráldica de domínio, do que aquilo que foi oficializado em 1938.

---

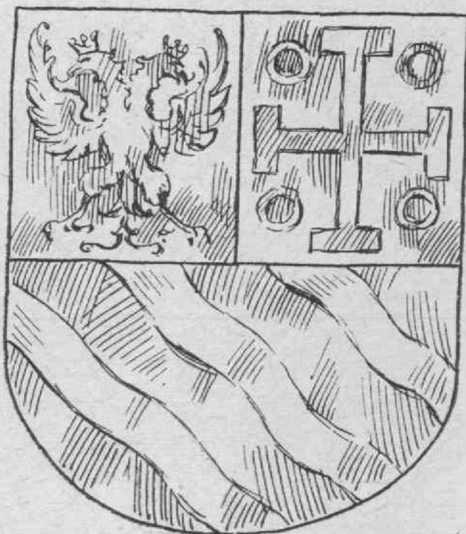
(1) N.º XXXIV.

Tornarei a retroceder à *Armaria Portuguesa*, de Braamcamp Freire, e transcrevo uma nota que, a págs. 45 ali se lê:

«. (1) — A. M. Fls. 134-v. com a designação de «Luiz Álvares d'Aveio». Na última das cartas de Lopo de Almeida a D. Afonso v, datada de 26 de Maio de 1452, fala ele por duas vezes no marido de Sancha de Bairros, ao qual chama primeiro *Mosé Frances*, e logo abaixo *Mossem Daveiro*. Diz que era um bom cavaleiro, o qual crê será feito então Vice-Rei de Sardenha; e que em Nápoles, lhe havia ele dito, e era homem de verdade, que Afonso v de Aragão e Nápoles havia feito, com a estada do Imperador Frederico III e da Imperatriz Leonor, em Nápoles, despezas espantosas, algumas das quais enumera (Provas da H. G da G. R. I, 644).

Este *Mossem Daveiro* terá alguma relação com Luiz Álvares Daveiro?

As armas que no A. M. se lhe pintaram não são, seguramente portuguesas.»



IV

Armas dos Alves, segundo o *Armorial Português*

A hipótese que pode, senão solucionar o caso, ao menos colocá-lo, talvez, no caminho das possibilidades, é de que as armas de Aveiro teriam tido origem nas armas de *Mossem Daveiro*, o misterioso marido daquela importante dama que sabemos chamar-se D. Sancha de Bairros.

Apenas pelo seu tratamento de *Mossem* podemos admitir que fôsse de origem catalã, visto os nobres dêste país

usarem tal designativo. Podia também tratar-se de algum português que ali tivesse ganho suas cartas de nobreza.

De qualquer dos modos o que se sabe de positivo é que em Aveiro teria casa ou grandes haveres, o que lhe traria influência indiscutível, tanto que de *Aveiro* o apelidavam e mesmo talvez assim se chamasse. Que foi pessoa de elevada gerarquia, basta o facto de se falar nêle para Vice-Rei da Sardenha para não termos dúvidas sôbre isso.

Agora outro problema: Luís Álvares de Aveiro, citado no *Livro do Armeiro Mór,* a que se dão armas, tanto no apelido Aveio (= Aveiro?) e sua redução a *Alves* como



V

Armas dos Auços (de Luís Álvares)
segundo o *Armorial Português*

ainda na variante *Auço,* seria descendente de Mossem de *Aveiro?*

Na região de Aveiro há muitas famílias denominadas com o patronímico de Álvares, algumas de ascendência histórica, mas que não sabem, ou não podem, entroncar em Luís Álvares.

Embora Braamcamp não tenha encontrado cartas de brasão com as armas de *Álvares* (de Luís Álvares de Aveiro) o que é certo é que elas se encontram abertas em pedras de armas. No Museu de Machado de Castro existe uma pedra armo-

riada referente ao Dr. Matias Álvares Mourão ([1]), e bem assim se encontram na muito conhecida Casa de Mateus, junto a Vila-Real.

No entanto, a ligação genealógica que neste caso podia resolver o assunto, escapa-se-nos.

Com o apelido Aveiro, encontra-se enterrado numa capela da igreja de Santiago, da cidade de Coimbra, um Afonso Domingos de Aveiro. Desta capela foi administrador, em 1514, seu terceiro neto Pero de Alpoim. ¿Êste Afonso Domingos de Aveiro seria parente de Mossem de Aveiro ou de Luís Álvares de Aveiro?

O exame das armas apontadas leva-me a admitir a possibilidade de relação entre êstes elementos registados aqui.

¿O que pensar dêsse exame?

1.º As armas apresentadas para *Álvares*, que deve ser a forma inicial dêste assunto heráldico, e base das variantes que se encontram em *Alves*, *Aveio*, *Aveiro* e *Auço*, são, indiscutìvelmente, estrangeiras. Já o articulista da *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* reconhece e admite essa origem;

2.º Elementos que se destacam destas armas:

*a)* a águia
*b)* a cruz
*c)* as faixas

a) *A águia:* bifronte e coroada era a águia da casa de Áustria. Assim era a águia das armas de Carlos V. Em diversas concessões de mercês de armas a portugueses, como em Pero Rodrigues do Amaral e António Rodrigues, por exemplo, ela se encontra, além de ser possível achá-la nas armas da família portuguesa do apelido de *Nápoles*, embora a águia bifronte se tenha transformado em duas águias. Nas armas do reino das Duas Sicílias, lá aparecem também duas águias;

b) *A cruz*, com pé recurvado, chã, potenteia, só ou acantonada de outros atributos, sugere-nos a cruz das armas de Jerusalém, que também se vê nas maneiras citadas, figurando, até, no nosso brasonário, na composição das armas do apelido Moniz-de-Lusignan;

---

([1]) V. *A Casa de Mateus*, do autor — Gaia, 1930.

c) *As faixas*, ou bandas, requifadas ou ondadas, eram, possìvelmente, a parte mais identificativa das armas, ou a alusão ao facto basilar justificador da mercê nobiliárquica.

¿Representariam estas faixas ou bandas, o mar, com seu característico ondulado? ¿Essa referência e o facto da sua ligação com Aveiro, pôrto de mar, serão a síntese simbólica que nos poderia interessar? Seriam, ainda, porventura, as armas da família de Mossem de Aveiro, e não estaremos, assim, senão em frente de um acrescentamento?

3.º A constituïção das armas que eu chamo iniciais (*Álvares*, de Aveiro), com um franco-cantão, é absolutamente estrangeira.

Veja-se agora a transição dêste arranjo heráldico de família, para o arranjo heráldico de domínio, respeitante a Aveiro:

1) Reparando nas diversas armas antigas atribuídas por vários autores e documentos à cidade de Aveiro, pondo de parte aquela modalidade constituída pelas armas dos Cirnes, nota-se, sem esfôrço, que são variantes das mesmas armas atrás estudadas.

Lá estão as mesmas figuras e peças: a águia, coroada ou não, sòsinha ou acompanhada, sôbre ondas ou plena no campo.

2) A variante das armas dos *Álvares*, que aparecem sob a rubrica do apelido *Auço*, é, também, atribuída como armas de Aveiro.

3) Embora seja do nosso conhecimento o aparecimento de peças e figuras e, até, de águias, acompanhadas em heráldica de domínio por luas e estrêlas, deve notar-se a semelhança que existe entre essas armas e a variante registada no apelido *Auço*.

Repare-se: sob o mar em ponta, uma águia, sendo bifronte nas armas de apelido *Auço;* nestas, o campo do escudo é semeado de *cruzetas* e *memórias*. Ora, de uma cruzeta surgir uma estrêla, ou um sol radiante; ou de uma *memória* aparecer uma lua ou um crescente, é facílimo de dar-se.

Note-se, no entanto, que admito perfeitamente, neste particular, a influência da tradição popular que tanto usa do sol e da lua nas suas mais variadas manifestações.

Em resumo:

1) Há possibilidade de Luís Álvares de Aveiro ser descendente de Mossem de Aveiro, que esteve ao serviço do rei de Nápoles e das Duas Sicílias, ou de Aragão;
2) As armas de Luís Álvares de Aveiro são de origem estrangeira, possìvelmente italianas;
3) As armas de Aveiro, antigas, confundem-se absolutamente com as de Luís Álvares e suas variantes, se é que não são as mesmas, embora nos escape a causa dêsse facto.

O problema que se encontra, ao ler o relatório referido no início dêste trabalho, continua em aberto, infelizmente. No entanto, está agora pôsto com outras bases, que podem dar maior possibilidade de solução aos investigadores que se resolvam a tentá-lo.

ARMANDO DE MATTOS

# LITERATOS DO DISTRITO

## III

## JOAQUIM DA COSTA CASCAIS

AO manusear, em tempos, várias Histórias da Literatura Portuguesa, deparava-se-nos, entre os cultores do teatro romântico, o nome do general JOAQUIM DA COSTA CASCAIS; mas não suspeitávamos que êsse autor dramático, tão aplaudido das plateias, era natural de Aveiro.

Recentemente, ao estudar certo passo dos *Fastos* de Ovídio, na edição de ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO (1862), encontrámos COSTA CASCAIS entre os anotadores dessa obra, o qual nela escreveu, além doutros, um curioso estudo sôbre *Romarias* (tômo II, págs. 286-291), a que pertencem êstes períodos: — «Todavia, apesar de constantemente nobilitada pelos sagrados cultos da religião, a romaria christã incerra varios costumes menos esmaltados, que ainda mal, a desdoiram: uns, pouco intendidamente autorisados: taes são os individuos em trajo, mais de theatro que d'igreja, figurando em procissões e outros actos religiosos; os aleijões artisticos, sob o nome de santas imagens, que mais provocam riso do que respeito; outros, abusivos, mas que não menos conviria ir successivamente policiando: como os excessos d'intemperança, os desvios na justa applicação das esmolas; e tambem o pouco comedimento nas cantigas; não tanto 'nessas, que chamam *ao divino*, senão correctas, ao menos respeitosas; e ás vezes uma e outra coisa; tal por exemplo, esta, que de pequeno ouvia *em Aveiro, onde nasci*, cantada pelas romeiras do Senhor da Serra:

Divino Senhor da Serra,
Divino Senhor sejais,
Não tenho nada de meu,
Vós, Senhor, tudo me dais.

mas em varias lettras, desde a seguinte, que pode servir de tipo ás menos soltas:

Se fores á Pocariça,
Não passes por Cantanhede,
Que está lá um Deus te livre,
Mettido 'numa parede ([1]);

até muitas outras sem gosto, sem medida; e de todo o ponto ignobeis, e sandias» (pág. 290).

Aguçou-nos a curiosidade o achado, e logo tratámos de estudar essa figura, para dela dar conta, como é justo, nas páginas desta revista.

Uma História da Literatura que consultámos dá-nos Costa Cascais nascido na Capital... Vale, porém, mais do que tudo, o depoïmento do autor, que naquele artigo e noutras produções se confessa aveirense, afirmação corroborada pelo seu amigo Inocêncio Francisco da Silva, ño *Dicionário Bibliográfico*.

*

Joaquim da Costa Cascais nasceu, pois, em Aveiro, no ano de 1815, e faleceu na Capital em 1898.

Seguindo a carreira das armas, ascendeu ao pôsto de general de brigada (1876). Foi lente de desenho, arquitectura e topografia no Real Colégio Militar e, pelos seus méritos, recebeu a condecoração de Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis. Aos seus esforços se deveu, principalmente, a erecção do monumento do Buçaco, comemorativo da derrota do general francês Massena, em Setembro de 1810.

No campo da sua especialidade de professor e de militar, deixou, como trabalhos principais, a *Descrição do Edifício de Mafra e seu valor arquitectónico; Noções de Topografia e de Perspectiva para os Alunos do Colégio Militar; Impressos e Manuscritos relativos à História da Guerra Peninsular e seus Preliminares* (1866); *Mapa das Fôrças dos Corpos da Primeira Linha do Exército Português que combateram nas 280 Acções da Guerra Peninsular, etc.* (1872); e *Mapa da Fôrça que guarnecia as Linhas de Lisboa no dia 29 de Outubro de 1810* (1872).

---

(1) Segundo o seu processo de aproveitar, nas peças que escreveu, costumes e motivos do povo, Costa Cascais reproduziu essa quadra numa cena popular do 2.º acto da comédia *Giraldo sem Sabor* —, que adiante se transcreve.

Deixou também um poema — *Antibarbas* —, dois volumes de *Poesias* [1] e muitos artigos de carácter literário e histórico, outros pròpriamente científicos, dispersos em publicações periódicas.

Aqui, porém, só consideraremos o escritor dramático [2].

*

Na literatura dramática, foi JOAQUIM DA COSTA CASCAIS contemporâneo de ALMEIDA GARRETT — que, como autor dramático, apenas o precedeu com o *Auto de Gil Vicente* (1838) e com a *D. Filipa de Vilhena* (1840) —; de JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL, o introdutor do dramalhão no nosso teatro [3]; de ERNESTO BIESTER, e de MANUEL PINHEIRO CHAGAS [4], de quem foi mestre e amigo [5].

As peças de JOAQUIM DA COSTA CASCAIS foram sempre muito aplaudidas. A crítica admirava nelas a naturalidade e a sobriedade, e frisava a relutância do autor em enfileirar ao lado dos cultores do dramalhão, como era da moda no seu tempo. Os temas escolhidos, quer nas comédias, quer nos dramas, eram sempre lìdimamente nacionais — o povo

---

(1) Entre as poesias, há as de carácter satírico, publicadas sob o título geral de «*Esbocetos de Tipografia Humana*» —, uma, *O Critiqueiro*, no *Panorama* (vol. XII, 1855, págs. 230-231), outras [*O Lâmina*, *O Janota*, *O Alfarrabista*, *O Pedante*] na *Revista Universal Lisbonense.* Um trecho de *O Critiqueiro* mostrará aos leitores como o autor dramático apreciava as críticas teatrais:

«No theatro portuguez,
De que é pessimo freguez,
Dando voto sem criterio:
Já, sentado na platéa,
Desdenhoso, semi-serio,
Soltando chalaça e meia;
Ou no *gratis* camarote,
Contra peça, contra actores;
Se é comédia — é chocarrice,
E se drama — parvoice.

Notando, o que julga falta,
Ao visinho espectador;
Em voz pausada, mais alta,
Porque o ouçam em redor,
E d'ouvil o o conceituem
Em vez d'asno — entendedor.
. . . . . . . . . . .
Quer fanfarrão, quer arteiro,
Mais manhoso ou mais sendeiro,
Figas! figas! — Critiqueiro!»

(2) No próximo número do *Arquivo*, publicaremos uma poesia sua, de costumes aveirenses.

(3) As peças mais notáveis dêste autor foram: *Os Dois Renegados* (1839), *O Homem da Máscara Negra* (1840), *A Pôbre das Ruínas* (1843), *O Pajem de Aljubarrota* (1846), *Maria de Alencastro* (1846), *Homens de Mármore* (1854) e *Homens de Ouro* (1855).

(4) Principais peças dêste autor: *A Judia*, *O Drama do Povo*, *Roca de Hércules* e, sobretudo, a obra-prima do teatro ultra-romântico português — *A Morgadinha de Valflor* (1869), escrita aos vinte e tal anos.

(5) As relações de amizade dos dois homens de letras datavam da época em que PINHEIRO CHAGAS freqüentava o Colégio Militar, instalado no Convento de Mafra desde 1848 a 1859. O futuro autor da *Morgadinha* aí figurou, como actor amador, em representações escolares, dirigidas por COSTA CASCAIS.

aparecia constantemente, a falar com rigor a sua linguagem própria —; e numas e noutras jamais deixavam de se notar intuitos de moralização, e de exaltação do sentimento patriótico dos espectadores.

Exigentíssimo, COSTA CASCAIS só entregava os seus originais ao desempenho dos melhores actores e actrizes; e assim é que, entre os intérpretes das suas obras, vemos perpassar os nomes, ainda hoje recordados, de Tasso, Epifânio, Teodorico, Taborda, Vale, João Rosa, Joaquim de Almeida, Brasão, António Pedro, Joaquim Costa —, e os das grandes actrizes Emília das Neves, Josefa Soler e Virgínia, além de outras de grande categoria.

Vamos agora enumerar as peças que constituem o teatro do desconhecido aveirense [1]:

I — **O Valido** — drama em 5 actos, representado no Teatro da Rua dos Condes em 1841, cujo assunto é um episódio da revolução de 1640.

II — **O Castelo de Faria** — drama em 5 actos, que subiu à cena no mesmo teatro em 1843. Nêle desenvolveu o autor o assunto versado por HERCULANO na narrativa histórica do mesmo título. A reprodução da última cena do 2.° acto da peça mostrará ao leitor a *maneira* de COSTA CASCAIS:

«**Gonçalo** (Nunes) — Portugueses! A vida de todos nós está na coragem com que nos defendermos. Assim no-lo ensina a honra, e só o homem honrado se deve contar por homem vivo. A vida é fôrça, e não é ela para covardes! Fio que nenhum de vós o seja — que nenhum haja de manchar o sangue de seus avós. Erguidos sôbre as lousas do sepulcro vos estão contemplando agora; de lá os ouço bradar: — Àvante! Portugal! Àvante!

**Todos** — Portugal e àvante! *(Gonçalo desce a colocar-se no meio da barbacã. Os clarins, que a pouco e pouco se têm aproximado, cessam).*

**Almocadem Castelhano** *(dentro)* — Moço alcaide, o Almocadem Castelhano, como enviado do muito alto Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado da Galiza, quere salvo-conduto para êle e seus pajens até próximo dos muros do teu castelo.

**Gonçalo** *(para os seus)* — Ninguém ofenda o enviado castelhano e seus pajens. *(O Almocadem e pajens entram pela esquerda do espectador e param defronte de Gonçalo, a quem saúdam. Gonçalo corresponde).*

**Almocadem** — Mandai se retirem os vossos, que só convosco careço de falar.

**Gonçalo** — Seja o que fôr, dizei-o. Para meus companheiros de armas não guardo segredos.

---

[1] O *Teatro de Joaquim da Costa Cascais* foi publicado, em 6 volumes, pela Emprêsa da História de Portugal (1904-1905), com um estudo de MAXIMILIANO DE AZEVEDO, inserto no último volume.

**Almocadem** — Pois bem. Quererás ouvir teu pai, que preso conduzimos, e com êle tratar da entrega dêsse castelo?
**Gonçalo** — Ouvi-lo-ei. Dizei-lhe que de bom grado.
**Almocadem** *(ao bastidor)* — Olá! Conduzam Nuno Gonçalves. *(Ao som dos clarins, entra a tropa castelhana, que guarnece os lados da cena. Nuno Gonçalves fica no meio).*
**Gonçalo** — Não sofre Gonçalo Nunes ver seu pai carregado de ferros, sem morrer ou tirar-lhos.
**Almocadem** *(para os pajens)* — Tirai-lhe os ferros. *(Tiram-lhos).*
**Nuno** *(sustenta em suas falas grande exaltação patriótica)* — Gonçalo Nunes, sabes tu qual é o dever do alcaide de um castelo?
**Gonçalo** — Sim, meu pai.
**Nuno** — Pois sonhei que tu havias lembrança de faltar a êle, e vim em pessoa para te repreender.
**Gonçalo** *(muito baixo)* — Oh, meu pai! Lembrai-vos da vossa morte, que será infalível.
**Nuno** — Como de pronto esqueceste as façanhas de Martim de Freitas, que tão vivas dizias em tua memória! Queres insculpido sôbre a tua e minha sepultura o epitáfio execrando — *Aqui jaz um traidor*? Querê-lo-ás tu, mas nunca teu pai. Aprende com êle a bem servir a pátria, e aprendam êsses portugueses que estão hoje tão esquecidos dela. Cumpre o teu juramento, Gonçalo Nunes, ou maldito por teu pai, se o não cumprires. Maldito de Deus e do mundo, se um castelhano pisar terra do teu castelo, emquanto essa terra não fôr a tua sepultura; se um castelhano respirar no castelo, a não ser o ar do seu último arranco; se... *(Sussurro entre os castelhanos).*
**Almocadem** — Morra o traidor!
**Os castelhanos** — Morra! *(Arrastam Nuno para dentro).*
**Gonçalo** *(grita)* — Vingança! Vingança! *(Êste e os seus acometem os castelhanos, soam tambores, e desce o pano no meio da confusão).»*

III — **Giraldo sem Sabor** ou **Uma Noite de Santo António na Praça da Figueira** — comédia em 3 actos, representada em 1846, mas já no Teatro de D. Maria II. Época de 1843. — Cena XI do acto II:

«**Os precedentes e a súcia de homens e mulheres, com ferrinhos, rebeca, etc.** *(Entram em cena cantando e param junto do proscénio, onde fazem circulo).*
**Tocador de viola** *(canta)*:

Oh que linda tem a crista
O galo, *nêja* a galinha,
E eu tenho na mão canhota
Um dedo que me adivinha.

**Côro:**

Fura, fura, fura, fura,
Na barriga do Ventura.
Truz, truz, truz, truz,
Na barriga do lapuz.

**Uma mulher** *(canta):*

O meu peito é um *relojo,*
Linda *frávica* êle tem;
Ó *Manel,* dá-*le* ó *rezisto,*
Verás como te quer bem.

**Côro:**

Fura, fura, etc.

**Tocador:**

Maria, minha Maria,
Salsa verde na varanda,
Minha caixinha de prata
Onde o meu coração anda.

**Mulher:**

Quem acode à cana verde,
Que se parte aos bocadinhos?
Quem acode aos namorados,
Que se matam com beijinhos?

**Mulher:**

Se fores à Pocariça,
Não passes por Cantanhede,
Que está lá um Deus te livre,
Metido numa parede.

**Côro:**

Fura, fura, etc.

**Tocador:**

Adeus, adeus, Mariquinhas,
Ai, Jesus, não sei que faço!
Por uma noite de escuro,
Não se me nega um abraço.

*(Abraçam-se).»*

IV — **O Alcaide de Faro** — drama em 5 actos. Teatro de D. Maria II, 1848. Decorre na Ribeira de Paderne e em Faro no ano de 1270, em tempos de D. Afonso III, um dos personagens da peça.

V — **O Mineiro de Cascais** — comédia de costumes da classe piscatória, em um acto. Teatro de D. Maria II, 1850.

VI — **O Estranjeirado** — Comédia em 2 actos (1845).

VII — **Nem Russo nem Turco** ou **O Fanatismo Político** — comédia em 2 actos, em verso. Teatro de D. Maria II, 1854.

VIII — **Nem César nem João Fernandes** ou **Os Extremos tocam-se** — comédia em 2 actos, em verso. Teatro do Gimnásio, 1865.

IX — **A Pedra das Carapuças** — drama de costumes, em 4 actos. Teatro de D. Maria II, 1858. Passa-se na época da primeira invasão francesa (1807).

X — **A Lei dos Morgados** — drama em 5 actos (1869).

XI — **A Caridade** — drama em 5 actos (1870). Dela transcrevemos esta admirável cena popular do 4.° acto:

«**Vigário** *(vendo o Alboga)* — Por cá?
**Alboga** — É vardade, sôr vigairo.
**Vigário** — Então os teus amores não vêm êste ano assistir à festa?
**Alboga** — Nân vên?! Chegân daqui a nada, e pelos modos... vên gente coma nunca. Diz que queriam prontas dez camas de alto e outras tantas de chão!
**Vigário** — Já se vê que não é só a família do costume!
**Alboga** — Está de ver.
**Vigário** *(à parte)* — Será para me fazerem maior pirraça.
**Soledade** — *(Designando o altar)* — Estará bem assim?
**Vigário** *(Observando)* — Fica bom.
**Alboga** *(Coçando na cabeça)* — Ora atão... Ê vinha... Comò sôr vigairo disse, vinha atão propor-le um causo.
**Vigário** — Temos alguma demanda?!
**Alboga** — Ele nân dêxa de ser demanda, sôr vigairo! Mas nân cude que é alguma questan co'os escrivões! Dessa te livrarás tu, Zé Alboga, que, mal que êles metem a pena no tintêro, já ê fico a tramer! Quêra-me crer. O causo é oitro. O sôr vigairo nân desconhece... a estimação que eu faço da sôra Solidade... que dera tudo .. dera-le inté a alma, se ma pidisse... p'ra que fôsse *(Decidido)*, p'ra que fôsse minha mulher .. como manda a Santa Igrêja... que nân fica mal a ninguém. Ora... diz ela que nân se acha boa... e ê acardito. Mas aquilo, sôr vigairo, passa-le em casando. Quêra-me crer. É fazer uma exprimentação, e nós varemos! *(Rindo)* E atão ê vinha meter de empenho o sôr vigairo. Nós estemos no Natal... O Entrudo êste ano cai cedo... e, se a causa se demora, ai temos a proïbição das bençoas inté à Páscoa... e o bicho a roer-me cá por drento... e sem le poder ser bom! *(Isto dito olhando, piegas, para Soledade)* É demais... também tênho... com sua licença... um porquito p'ra matar, e calhava, já agora, festejar o casoiro co'a matança...
**Vigário** — Tudo isso assim será, mas... bem vês que nada se pode fazer, sem que haja acôrdo entre os dois contraentes. Ela diz que está doente... que não pensa em casar...
**Soledade** — E é assim. *(Soledade tem continuado junto do altar e vai acendendo as velas).*
**Alboga** *(Desconfiado)* — Mas... estoitro dia, lá em Lisboa, dizia o sôr vigairo: — Tu nân és mau rapaz... Sabes dar ordem à vida... Maria... a sôra Solidade é uma rapariga sesuda... — Pois o que era isto? Nân era estar mêmo dezendo que nós haváramos de casar?!

**Vigário** — Mas querendo ela, já se vê.
**Alboga** — A sôra Solidade nân disse o contrairo!
**Soledade** — Também não disse que sim.
**Alboga** — Quem cala consinte!
**Vigário** *(A Soledade)* — Queres casar com êle?
**Soledade** — Não, senhor. Nem com outro.
**Vigário** *(A Alboga)* — Ouves?
**Alboga** *(Aumentando em desconfiança, e desesperado)* — Graças a Deus, indas tenho ouvidos! Mas... é que um home nân é um cão... Falasse derêto... e acabou-se.. Ê logo vi!.. Demorou-se na cedade, alguma aquela por lá havera de ter! A estas horas, algum palintra que nân tem onde cair morto!...
**Soledade** *(À parte, afligindo-se)* — Nossa Senhora!
**Vigário** — Bem vês que também não quere casar com outro.
**Alboga** — Olha lá!... E o sôr vigairo acardita?! Tôdas elas arregalam o ôlho em se le falando no casoiro! E, se umas nân vân tanto pelo derêto, andân-le de roda! Quêra-me crer. *(Olhando de revés para Soledade)* Cá a mim nân me embaça! Veveu na cedadé... tomou — tanto monta — uns certos ares de quêm puxa às graves... pôs-se de açucre em ponto... e já se l'imbrulha o estâmago vendo uma jáqueta de saloio! Escupa fora! *(Cuspindo)* Assim Deus me salve!..
**Soledade** *(Dá sinais de aflição).*
**Vigário** — Não jures, que é mau costume!
**Alboga** *(Sempre desesperado)* — Digo-le que tem agarração em Lisboa!... Oh!... Algum penetra de chapelinho de assobio... perninhas de arvela... e casaquinha de passar chêas... *(Fechando os punhos)* Com trazentos mel diabos!
**Vigário** — Não praguejes!
**Alboga** — Boa praga foi ela!... *(Olhando, furioso, para Soledade, moderando-se depois)* Mas dêxa lá, Zé, que alguêm te há-de vingar de sê desprêzo! Talvez que o mêmo próprio da cuja... te dê rezão!... que la pregue a ela na manina do ôlho... *(Olhando para ela)* que a chamara a terrêro prós pois a dêtar à marge! *(Fazendo cruzes)* Ê t'a zango, ê t'a zango, ê t'a zango!
**Soledade** *(Sentindo-se mais aflita, à parte)* — Ai! . *(Retira-se para o quarto, à direita baixa, chorando. Volta para a cena, quando começa a harmonia na orquestra, e o vigário recita os versos).*
**Vigário** *(A Alboga)* — Afligiste-a.
**Alboga** — Ah... Doeu-le? Dêxe doer, que também a mim me dói.
**Vigário** — Sabes que mais? Ela está doente. Não tem vontade de casar... acabou-se. É tirar daí o sentido. Raparigas não faltam. O melhor é escolheres alguma criada no campo, robusta... forte como tu, e que te possa ajudar no trabalho.
**Alboga** *(Desesperado e com desconfiança)* — Agardecido pelo conselho... mas vêo tarde!... *(Com arremêsso, à parte).* Que os leve seiscentos a todos! *(Retira-se precipitadamente).»*

Finalmente, escreveu COSTA CASCAIS

XII — **A Inauguração da Estátua Eqüestre** — comédia em 5 actos, da época de 1775, que, com grande desgôsto seu, não chegou a ser representada. Nela figuram, como personagens principais, o Marquês de Pombal; o escultor Joaquim Machado de Castro, autor da estátua de D. José I; e Bartolomeu da Costa, oficial a quem se deve a sua fundição.

Deixou ainda uma «cena dramática», intitulada *O Carnide, ou Um Camarada do Marquês de Sá*, escrita de propósito para o célebre actor António Pedro.

Segundo a afirmação feita por MAXIMILIANO DE AZEVEDO no estudo a que atrás nos referimos, COSTA CASCAIS tencionava escrever, entre outras, uma peça de costumes de Aveiro. Que da sua terra natal guardava as mais gratas recordações prova-o a insistência com que êle se lhe refere em seus escritos. Na última cena do acto II da *Inauguração da Estátua Eqüestre*, há êste diálogo entre o Marquês e a personagem denominada *Beneficiado:*

«**Marquês** *(À parte, ao Beneficiado)* — ...Tome conta. Consta-me que o padre é muito mexilhão [1]; e, se continuar, hei-de fazê-lo sair de Lisboa.
**Beneficiado** *(À parte, ao Marquês)* — Já! Se são êsses os desejos de V. Ex.ª, só peço uma graça.
**Marquês** — Qual?
**Beneficiado** — Como V. Ex.ª me honrou com o barbudo nome de mexilhão, peço que me mande *para Aveiro*, visto ser a terra onde os há melhores...».

A cidade de Aveiro deve, pois, ser grata à memória dêste seu ilustre filho, prestigioso militar e patriota que nunca a esqueceu e sempre a recordou com carinho, o qual, além dos restantes dotes que o impuseram à geral consideração do país, conseguiu brilhar na literatura dramática, não obstante a concorrência de ALMEIDA GARRETT e de JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL.

Janeiro de 1943.

JOSÉ TAVARES

---

(1) Isto é: mexelhão, buliçoso.

# RECORDAÇÕES DO MARNEL

AMPLAS referências mereceu o rio Vouga aos geógrafos antigos, parece que por ser daqueles que contavam directa saída para o mar. Saída que se faria, em modo de prolongamento do mesmo rio, por esteiro que subiria de enseada relativamente larga, e em o qual viriam desaguar também o Águeda e Cértoma, possibilidade lembrada pelo Sr. Dr. AMORIM GIRÃO em *Bacia do Vouga.* E se dos mesmos geógrafos não houveram êstes dois cursos menção, tal facto terá seu fundamento no menor volume das respectivas águas, a honra do estendimento do nome ao Vouga vindo a caber, como de direito. Assim, o itinerário de Antonino da via romana litoral, no trecho de Aeminium a Cale, seja entre Coimbra e Gaia, apenas se refere ao Vouga; e também PLÍNIO, nas suas informações geográficas sôbre a Lusitânia, os não cita na passagem — «A Durio Lusitania incipit. Turduli veter. Pesuri. Flumen Vacca. Oppidum Talabriga. Oppidum et Flumen Aeminium. Oppida Conimbriga, Colippo, etc.».

Consideração de relêvo mereceu, pois, o rio Vouga, seja pelo volume de suas águas ou pela vida que ao tempo nas terras da parte inferior da sua bacia se desenrolou. Onde, todavia, haverá demorado a famosa Talábriga é no que precisamente os mais pertinazes pesquisadores do passado luso-romano por unanimidade ainda não assentaram. Esperemos, assim, que algum fortuito achado nos venha trazer a chave da concórdia.

Deixemos o finado *Oppidum* e deitemos um golpe de vista à volta do Cabeço de Vouga, cujo terraço é excelente miradouro para os amantes dos grandes quadros da Natureza. Olhando para o norte, depara-se-nos o campo do Ouvedo, formado que foi por feracíssimas aluviões carreadas pelas enchentes do Vouga e cuja fertilidade era cada ano conservada, se não aumentada, pelos lodos constituídos por cinzas das queimadas e excrementos do gado de pastoreio nas altas vertentes que no seu curso serrano o ladeiam. Era, porque as suas águas hoje mais se comprazem em arruïnar o lindo

agro pelas areias que nêle espraiam, em virtude do levantamento de seu álveo e de minguarem agora os úberes nateiros, que vai o baldio sendo sistemàticamente florestado, e cada dia mais reduzidos se vêem os gados pelo monte; mas sempre formoso na moldura suave das suas colinas, na resplandecência da fita de prata que a meio o sulca em tôda a extensão do seu comprimento. Para além, o anfiteatro de Macinhata com seu branco casario espreguiçado ao longo da bem lançada encosta rematada pela edificação ampla onde inúmeras crianças vêem ao ensino das primeiras letras. A poente da planície ergue-se o tabuleiro da Mesa, localidade que êste nome obteria em conseqüência de algum dolmen ali existente, e ora desaparecido, ou pela conformação do montículo em que demora, que a do móvel com igual chamadoiro faz recordar. Montículo prolongado em sucessiva maior altura pela colina de Serém, onde ainda podem observar-se restos do antigo convento e alguns poucos dos vetustos vegetais que pertenceram ao povoamento da que foi a grande e pitoresca mata do referido recolhimento; edifício e povoamento hoje substituídos por moderna construção e jardinagem floral e pomareira, limitadas a poente pela estrada n.º 10, que em diagonal rasga a vertente, a meio do dorso ou alto desta mostrando-se elegante estância de repouso de onde se desfruta uma das mais belas perspectivas entre as sem conta que Portugal oferece ao turista.

Para sul, declive menos áspero se desenrola, em cujas largas depressões abundante material tôsco e trabalhado com inúmeros objectos de uso caseiro tem sido recolhido, remanescente atestado das fidalgas moradias dos Senhores do Marnel, e desde o seu sopé atoalham as águas hectométrica planície que o separa da outra banda, onde se ergue o monte do Toural em cuja base perduram ainda minguados restos da velha igreja de Santa Maria do Marnel.

São as águas do rio Marnel. Melhor: do rio do Marnel. Quere dizer: rio que se espraia ou desagua em um marnel, pois rio Marnel não seria cousa de compreender.

De facto, parece não oferecer dúvida que ao tempo ainda do domínio árabe, as águas do mar, por extenso braço, chegariam até Vouga, localidade a poente da qual viriam reünir-se-lhes as marnelinas através de apertado lamaçal ocasionado pelo estôrvo que ao escoamento destas últimas opunha o levantamento do fundo do braço, em conseqüência do assoreamento neste processado pelo caudal do Vouga; levantamento que, embora atenuado pelo afundimento provocado pela subida da costa marítima, que deu lugar ao aparecimento, mais tarde, da pàteira da Boca, no Marnel, e da de Fermentelos, no Cértoma, uma e outra em crescente estendimento, continua em nossos dias, obrigando o Marnel a prolongar

seu leito junto à aba da colina de Pedações até alcançar altura ou nível em que àquêle caudal possa confluir, o que actualmente só consegue a meio caminho da Fontinha, seja a uns dois quilómetros a jusante da primitiva foz.

A pàteira da Boca, ou alagado antes e depois da velha ponte do Marnel, é de formação muito recente, pois reza a tradição, rememorada em PINHO LEAL, ter sido o chão a norte da igreja local de um mercado, e em documento de destrinça dos bens foreiros à Casa de Lafões, sitos na freguesia de Valongo do Vouga, efectuada em 1812, a seguinte passagem se encontra: «E este he o modo como Se achão declaradas e feitas as mediçoens no dito Tombo velho cujas propriedades hoje por cauza das agoas e por confundidas e mistas Se não poderão medir por iço Se conjuntarão debaixo de huma So medição». Os tombos anteriores haviam sido efectuados, respectivamente, em 1530 e 1751, depreendendo-se que à data dêste último ainda se não tinha deslocado a pàteira para onde hoje se encontra, pois eram medíveis e agricultáveis as terras ora alagadas. O antigo paúl situar-se-ia mais a poente, como dissemos.

Conforme memória e comunicação, apresentadas, respectivamente, pelos Srs. A. DE MORAIS e prior MANUEL GOMES DE ANDRADE, ao Instituto Etnológico da Beira, em 1922, é também bastante recente a pàteira de Fermentelos.

A velha vala do Marnel corria junto à falda do Cabeço de Vouga, assim o comprova o seguinte trecho do citado documento: «.... vira a medição para o Sul atraveçando huma vala Larga por onde corre a maior parte da agoa do Rio cuja vala hera antiguamente a estrada e Serventia de Carro que hia do Carvalhal da Porteia pela porta de Maria Adelaide da Boca para o Campo e Ponte do Marnel...» Calçada que a gente de Lamas afirma encontrar-se ainda no fundo da referida vala velha, e representará o restante do primeiro trecho da passada via romana para a Beira, como tivemos oportunidade de enunciar.

*

Falam antigos documentos da desaparecida igreja de Santa Maria do Marnel, outras vezes da mesma igreja mas como de Lamas, e ambas as referências estarão certas. Marnel e Lamas não foram, todavia, uma só vila, porque representam ainda hoje locais diferentes, embora muito aproximados do assento do extinto templo — duzentos e quinhentos metros, respectivamente, mais ou menos. A *Civitas Marnelae* terá demorado na encosta sul do Cabeço de Vouga, que de Marnel conserva o nome; ali se ergueriam os solares

dos nobres senhores, circundados pelo casario das gentes a seu serviço ou em relativa dependência; conjunto em vulto bastante para merecer a denominação de *Civitas*.

Lamas, porque vem quási sempre antecedida nos velhos escritos do designativo *Vila*, tudo leva a crer que agasalharia também alguma família nobre, cujas circunjacentes moradias haverão recebido, possìvelmente, os remanescentes da vetusta *Civitas*, desde seu declínio ao total desaparecimento, por menos apropriada a sua topografia às exigências impostas pela evolução dos costumes e das necessidades da vida. Da grandeza do que terá sido a *Civitas Marnelae* fazem testemunho a amplitude das pedreiras exploradas e a muita cantaria, vária com lavor, que do local foi desviada, de par com a pouca que ainda por lá se encontra.

Desaparecida a *Civitas Marnelae*, e envelhecida e arruïnada a igreja comum, novo templo, no decorrer do último quartel do século XVIII, mandou Lamas edificar, em donairosa eminência levemente sobranceira à povoação, onde brilha hoje na brancura de fina cal, vivo atestado do carinho com que é conservada.

Há informações de que era a velha igreja do Marnel relativamente ampla e majestosa, o que nos é difícil aceitar, porquanto o relêvo do terreno em que assentou não poderia comportar edificação de grandes dimensões. E o resto de uma parede lateral que ainda ali subsiste esta verdade confirma. Assim, para o comprimento, verificámos que teria cinco metros a capela-mor e catorze o corpo principal, perfazendo o total de dezanove, extensão de capela de mediana grandeza na actualidade.

Do recinto do templo restava inaproveitado para a cultura rural apenas o pequeno espaço do que foi a ábside e uma estreita faixa na largura da nave. Ora, nos últimos dias, sofreu tal remanescente a acção da picareta, que todo o revolveu até à profundidade do que era terra, seja até à conjunção desta com o duro arenito que a lastreia, neste havendo sido encontrado um túmulo aberto em feitio do corpo humano, semelhante a outros descobertos em terreno adjacente da parte da elevação do solo; túmulos de que só damos notícia pelo relato que nos foi feito. Mas, além dêstes sepulcros, segundo informe do rendeiro que operou o arroteamento, pode concluir-se que seria mais extensa a ábside, pois um alicerce transverso foi encontrado a pouco mais de um metro abaixo da linha considerada como da parede do arco, a não ser que pertencesse êste alicerce à construção substituída pelo templo sagrado em 1170. O que é possível.

Como espólio colhido na arroteia, um cesto de ossos, vários azulejos de relêvo, hispano-árabes, do século XVI, e pouca cantaria com lavor, representando pertença de cornija

simples. E mais uma lápide tumular já com poucas letras reconhecíveis.

Igreja monacal também se escreveu que foi, o que nos parece de igual modo sem cabimento, porquanto a configuração do solo templo de maiores dimensões não permitiria, como ficou dito, e, ainda menos, agregado de aposentos para grande comunidade.

Dissemos da coexistência dos núcleos povoados — Marnel e Lamas — e acrescentamos agora que não nos repugna admitir que fôsse a *Civitas Marnelae* a filha apenas da nevoenta Talábriga abrigada pelo castro que encimou o Cabeço de Vouga, a êste havendo pertencido os vestígios ùltimamente ali vindos à luz, e bem assim os encontrados no Cabeço da Mina em modo de singular fortificação que daquele castro seria avançado anteparo.

No ano de 981, o conde D. Gonçalo Mendes, filho da condessa Mumadona, fêz donativo da sua vila de Lamas aos monges de Lorvão, e no documento respectivo se diz que partia a dita vila com as de Palaciolo, Padasanes, Belli e Cristovalães, segundo informes publicados. Ora, Padasanes continua a sua vida com o nome hoje de Pedaçães, Cristovalães com o de Crastovães, Belli com o de Vila-Verde, substituindo os naturais o Belli por Verde, por lhes despertar aquêle o de cousa velha, ao que reza a tradição, sendo conservado Belli apenas para designar o local de uma pedreira e encosta a montante, situadas a uns 50 metros a leste da povoação. E Palaciolo onde seria?

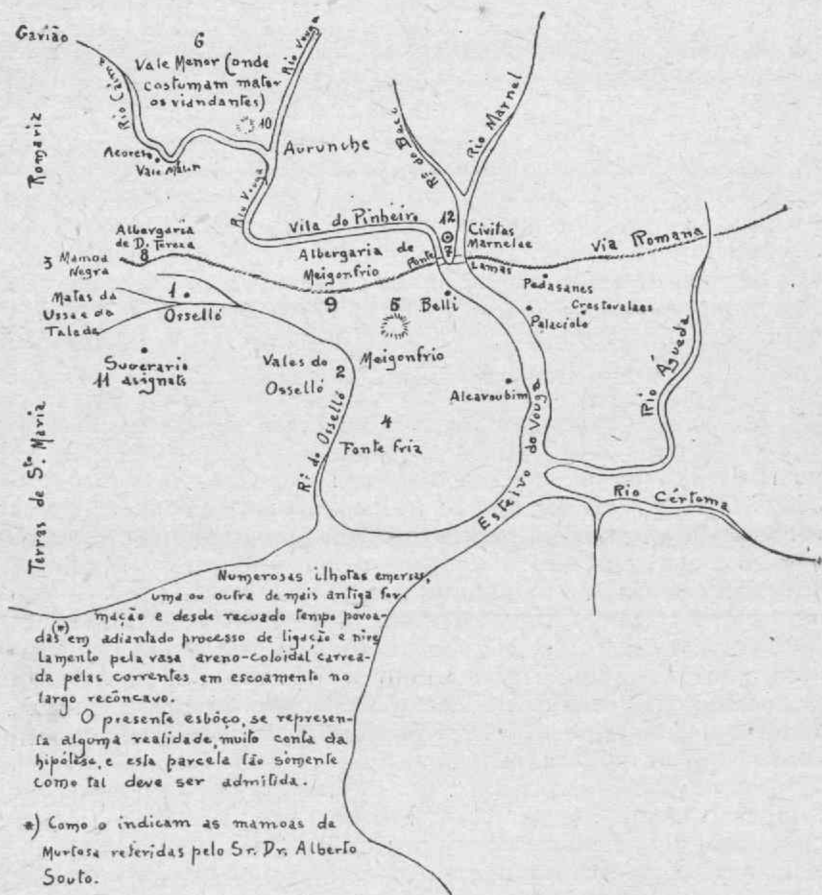
Houve quem identificasse a extinta vila com o lugar do Paço da freguesia de Valongo do Vouga, distante de Lamas uns quatro quilómetros; localidade onde viveu durante algum pouco tempo o conde de Barcelos, filho bastardo de D. Dinis. Terá, porém, fundamento semelhante atribuïção? Nenhuma, como vai ver-se.

Diz a *Memória Paroquial de Valongo*, do ano de 1758, existente no Arquivo da Tôrre do Tombo:

«Paço. Tem vinte, e tres vizinhos com setenta e sette Pessoas, e quatro Azenhas e se chama o Paço por ser este o sitio em que estiveram os Paços de Dom Pedro Affonço Conde de Barcelos filho ilegitimo do Rey Dom Deniz, em que rezidia no ano de mil, e trezentos, e quarenta, e oito, em cujo tempo passava com o nome de quinta do Bronhido, como se refere na Historia Genealogica da Caza Real Portugueza, Tomo primo, livro segundo, paginas cincoenta, e cinco, e duzentas sessenta, e seis» (segundo cópia que mandámos extrair). Quere dizer: a Quinta do Bronhido sòmente tomou a modalidade de povoação e o nome de Paço depois da residência aqui do conde de Barcelos, onde assistia pelo ano de 1348, tendo sido pouco duradoura a sua permanência

na Quinta. Ora, a doação da vila de Lamas pelo conde D. Gonçalo Mendes, onde se faz referência a Palaciolo, é

O BAIXO VOUGA NO ANO 1000




LEGENDA *(Designações actuais)*: 1 — Asilhó. 2 — Ribeira de Asilhó. 3 — Mamoas, a poente da Estrada N.º 10. 4 — Frias de Baixo, e de Cima. 5 — Cabeço de Serém. 6 — Pinhais de Monquim, onde, reza a tradição, eram assaltados os transeuntes. 7 — Vouga. 8 — Albergaria-a-Velha. 9 — Mala-posta. 10 — Monte da Cernada. 11 — Sobreiro de Albergaria. 12 — Mesa (na margem direita).

de 981, como acima se refere, seja de três séculos e meio antes que o lugar do Paço começasse sua existência com tal denominação.

A vila Palaciolo demorou onde hoje chamam as Ramas do Raro, no sopé e a noroeste da colina de Pedaçães. Efectivamente, muitos pedaços de cerâmica antiga ali têem aparecido, e ainda há pouco um proprietário, ao abrir mina em terreno seu, junto à vala do Marnel, deu com duas fortes paredes, que teve de perfurar, remanescentes, certamente, da extinta vila Palaciolo. O mais interessante dos achados foi, todavia, certa lápide com larga inscrição, da qual ninguém conhece o paradeiro, e onde se diz, não sabemos se com verdade, que está escrita a palavra Palaciolo.

Consta do documento de 981 que confinava Lamas com as referidas vilas de Padasanes, Palaciolo, Belli e Cristovalães. Ora, as tres primeiras, quási equidistantes de Lamas, formavam e marcam um arco de sul a noroeste dessa povoação, encontrando-se Cristovalães entre Padasanes e Palaciolo, um pouco afastada da linha do mesmo arco na direcção sudoeste. A distância em recta das três primeiras a Lamas será de uns 800 metros, e a de Cristovalães à mesma, de 1500 metros.

*

Já não é pouca a tinta que tem jorrado, pelas penas de vários e excelentes escritores a dizerem das coisas e passado da *Civitas Marnelae*. Tratando-se, porém, das localidades referidas em velhos documentos, em que aquela representa o capital centro urbano, de maior importância e evidência, a situação que lhes tem sido apontada, a cada qual, sobretudo às notáveis por alguma ocorrência de que reze a história, não nos parece de aceitar sem maior reparo. Pelas transcrições que passamos a fazer e pelo esbôço que por elas e com o recurso das linhas da carta do Estado Maior traçámos, tendo em consideração o que acreditamos identificado, quem acaso nos ler poderá rematar seu juízo, tudo confrontando com as hipóteses aventadas, que levam algumas dessas localidades para distâncias, em razão da semelhança de nomeação, que não podem ser admitidas. É o caso de Ossella, Auranca, Romariz, evidentemente topónimos, cada qual, de mais de um lugar dentro de uma mesma região.

Pinho Leal, vol. xii, transcrito de *Dissertações Chronológicas:*

«*Noverint universis ad quos presens scriptura pervenerit...* — Em vulgar:

«Saibam todos os que virem esta escritura, que, tentando nós D. Egas, bispo de Coimbra, *reformar a velha albergaria de Mesãofrio* D. Mourão da vila de Vouga (de burgo de Vouga) nos mostrou certa carta sem rasuras nem defeito algum, e não cancelada nem abolida,... cujo teor é o seguinte:

«*In nomine Sancte, et Individue Trinitatis...* — Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, amen. Esta é a

*carta de couto* que eu a infanta D. Tereza rainha de Portugal, mandei dar a ti *Gonçalo Eiriz* para a tua *vila de Ossella :*

«Primeiramente dou à mencionada vila os termos seguintes: partirá com as terras de *Santa Maria* (Vila da Feira) por um lado, *f.* — pela direita à Pedra d'Águia e daí pelo meio da *Mata talada;* depois vai à *Mata da Ussa*, que antigamente se denominou *Mata da Brava;* daí à *Mamoa negra*, que também já se denominou Mamoa árida; dali a Romariz, depois vai pelas outras partes, ao termo de *Vouga;* passa o rio Ossela; vai à Jarneca; depois dá volta pelos vales de Ossela e vai direito à *Fonte Fria*, outrora denominada Fontainha de *Mesãofrio (Foctamini de Meigonfrio);* depois segue pela estrada até à *Pedra d'Águia*, onde principiou a demarcação.

«E vos faço este couto na vila de Ossela *(Osselola)* pelas divisões supra, *f.* — da mesma vila até o marco do couto, que mandei pôr ao norte, junto da estrada do Pôrto, e *outro tanto para o poente e sul* na direcção dos vales de Ossela, para além do rio deste nome, dando volta até à *Fonte Fria* e ao *sobreiro marcado (Suverario asignato);* depois atravessa a estrada pública para o nascente e vai direito pelo têrmo de *Val Maior* ao *Val pequeno*, onde *costumam roubar e matar os viandantes;* e dali, da primeira fonte que está a jusante da estrada pública, vai direito ao norte até à sede do couto.

«...

«O 1.º albergueiro será *Gonçalo de Cristo* e por morte dele vós nomeareis outros e lhes dareis para seu sustento e da albergaria *uma parte da mesma herdade*, *f.* — desde a primeira lagoa dos *Sovereiros* pela estrada que vai para Ossella em direcção ao rio dêste nome até o mesmo rio; dali pela lagoa ate à primeira *Mamoa*, que está junto da estrada, até à *Fonte Fria;* depois pela outra parte do têrmo de *Val Maior* eu e tu e nossos sucessores lhes damos o terreno compreendido na linha que vai para o nascente por cima da *Petra Cava* em direcção à primeira fonte a jusante da estrada e dali à *Fonte Fria*, mencionada supra.

«D. Hugo, bispo do Porto, confirma:

«Foi feita esta *carta de couto* na terra (vila) de *Santa Maria*, denominada *Feira*, no mês de Novembro, era MCLV (ano 1117). Eu a infanta D. Teresa, Rainha de Portugal...

«*Regina Dona Tarasia Regina*»

Do mesmo PINHO LEAL, vol. V:

«Alguns varões ilustres nasceram na vila do Marnel e seu têrmo.

«Os principais de que ha notícia são:

«Aires Manuel, eremita. Nasceu na vila do Marnel (então intitulada cidade) pelos anos de 1070, sendo rei de Portugal e Galiza o infeliz D. Garcia...

«Casou com Argira, de quem teve o beato Martinho, do qual abaixo tratarei.

«Morrendo sua mulher, que muito amava, se retirou a um sitio áspero e inhabitável, próximo do Marnel, chamado *monte Aurunche*, e aí terminou seus dias no retiro e com as maiores austeridades.»

A. G. DA ROCHA MADAHIL, in *Estação Luso-Romana do Cabeço do Vouga*, transcreve do *Agiológio Lusitano*, de JORGE CARDOSO:

«Em Auranca, villa banhada do rio Vouga, no territorio da antiga cidade do Marnel, a jornada da terra para o ceo do Eremita

Ayres Manoel, varão mui pio, & devoto, pai que foi d'aquelles dous celebres Priores de Soure, S. Martinho, & Mendo Ayres, em tempo do Conde D. Henrique». .

E do *Elucidário*, de SANTA ROSA DE VITERBO:

... «No *(ano)* de 1170 Pelagio Peariz, e sua mulher Adosinda Dias, doarão a Lorvão a terça parte de huma vinha, no limite de Ceradello, Termo de Esgueira; e declarão que esta herdade está in Civitas, quæ dicitur Serém.» ... «E alli mesmo se acha como o *Famulo de Deos* Zoleima Gonçalves fez Doação de certas propriedades à *Igreja, e Mosteiro de Santo Isidoro de Eixo; pro tolerantia Fratrum, & Monachorum, qui ibidem habitantes fuerint, & Vita Sancta perseveraverint.* Declarando, que esta Igreja d'Eixo ficava *subtus Civitatis Marnelæ, discurrente rivulo Vouga, territorio Colimbriae.* Foi isto no de 1095; porem no de 1121 fizerão Doação *aos Monges e Clerigos de Lorvão* Pedro Paes e Jelvira Nunes de sua Villa de Pinheiro, que elles tinham no territorio de Coimbra: *Et in confinitate Castelli Marnelis, inter fluvium Vougam, & montem qui dicitur Meiçom frio.* Ib.» ... (Tômo 1.º, pag. 277).»

Pelas transcrições feitas é fácil concluir que todos os locais apontados se encontram à margem do rio Vouga, ou muito próximos, e a curta distância da extinta cidade do Marnel, devendo levar-se o êrro cometido por escritores muito conscienciosos à conta da vulgar repetição de topónimos na geografia portuguesa do passado.

*

Escritas as linhas supra, chegou-nos às mãos, por gentileza do seu ilustre autor, o Sr. Dr. ALBERTO Souto, o opúsculo *Romanização no Baixo Vouga.* Ora, participando na primorosa exposição que representa o pequeno trabalho, a seguinte passagem se encontra a páginas 27 e 28: «*A meu ver, ao tempo da invasão romana, já na frente do desaguadouro inferior do Vouga havia formações deltáicas, umas em progresso, outras já velhas e consolidadas e o mar estaria muito afastado.*»

Aceitando o auxílio fluvial para a solidificação do estuário, atribuímos nós, entretanto, principalmente, o desaparecimento gradual dêste a processo tectónico que veio e vai determinando o levantamento lento de tôda a área do recôncavo limitado pelo cordão marinho descendente do extremo norte daquêle, ocasionando a emersão de tratos de terra, ou ilhotas, mais ou menos amplos. Tratos ou ilhotas que a vasa potâmica areno-coloidal, por seu turno, uniu e continua a ligar, completando a extensa superfície que constitui a região do Baixo-Vouga.

O motivo que nos leva a crer na subida vagarosa do leito do estuário é o aparecimento das pàteiras de Fermentelos e Marnel, aquela com início, como dissemos, haverá uns quinhentos anos; a segunda, na sua actual localização, não contando mais de duzentos, tendendo sempre as águas de uma e outra a estender-se para Oriente. E isto significa que o referido levantamento motiva na linha da dobra ou charneira, como muito bem a denominou o mesmo ilustre Sr. Dr. ALBERTO SOUTO, em conversa no Cabeço de Vouga, ao expormos-lhe o nosso modo de ver, crescente profundidade, que a vasa deposta pelas águas em espessura não anula integralmente. Daí, a maior altura destas com o decorrer do tempo e em cada dia a sua mais lata amplitude superficial.

Em 1884, quando em habilitação para o exame de instrução primária em Aveiro, grande prazer era o nosso com tomar o caminho *das Pirâmides* a observar a planura das salinas que se nos revestia de infinita beleza. E lembra-nos de ter visto a meio do trecho do esteiro denominado do Cais, seja entre as referidas pirâmides e a ponte, um veleiro de alto mar, que nos informaram ser um patacho. Quere dizer: havia no canal altura de água suficiente para a subida e estacionamento de um barco de relativo grande calado. Ora no mencionado canal, em determinado ponto, não passa de ano talvez, observámos que o lodo aflorava, fôsse embora por maré vazante; e depois que regressámos à Terra Natal, após prolongada ausência, jamais ali divisámos navio de tal grandeza nem a quem quer que seja ouvimos dizer que ali chegasse. E apenas 59 anos são decorridos!

Em 300 anos, que restará da ria?

J. S. DE SOUSA BAPTISTA



Vol. IX — N.º 33 — 1943 

# FORAIS NOVOS
# DO DISTRITO DE AVEIRO

## OIS, ESPINHEL E FERMENTELOS



Dom manuel Per graça de D*eus* Rey de purtugal *e* dos algarues daaquem *e* daalem mar em africa Senn*h*or de guinee da comquista nauegacam Cõmerçio d*e* ethiopia arabia perssia E da Jmdia A quamtos esta nossa carta de foral dado ao comçelho *e* terra d*e* ooẽs com os casaaes d*e* espinhell *e* formõtello pera sempre virem fazemos saber que per bem das Sen-

tenças detriminaçooes geraaes // e espiçiaaes que foram dadas e feitas per nos e com os do nosso comsselho e leterados açerqua dos foraaes de nossos Regñnos e dos direitos Reaaẽs e tributos que se per elles deviam de arrecadar e pagar ¶ E assy pellas Jmquiriçoões que primcipalmente mandamos tirar e fazer em todollos lugares de nossos Regños e Senhorios Justifficadas primeiro com as pessoas que os ditos direitos Reaaes tinham achamos per Jmquiriçooes particullares que as Remdas e direitos Reaaes se deuem hy de arrecadar e pagar na maneira e forma seguimte: —

MOstra sse que na dita terra foy em outro tempo tirada Jmquiriçam per mingoa de foral amtigo que hy nam avia da maneira em que os direitos se hy aviam de arrecadar per bem do huso e custume que naquelle tempo estauam ¶ O qual por ysso mesmo agora o nam acharmos de todo aprouado. Nos neste nouo foral que na dita terra e comçelho mandamos decrarar e fazer tornamos a mandar fazer originalmente o tombo da dita terra per ofiçiaaes nossos presemtes todollos moradores do dicto cõ ¶ çelho // aJuramentados Os quaaes particullarmente decrararam todallas terras e casaaes foreiros que na dita terra auia Jmtitulladas particullarmente nas pessoas que as agora trazem com os foros e direitos que dellas deuem pagar: — ¶ O qual tombo e Jmquiriçã assy Justificada por ser mujto grande ouuemos por escusada de a mãdar treladar nestes nouos foraaes E por mjlhor aujamento das partes ovuemos por bẽ mãda la emtregar na nossa villa de aueyro a bras de ferreira escudeiro de nosa casa e escripuã do nosso almoxerifado da dita Villa O qual per nosso espiçial mãdado teue cargo de procurador dos pouoos da dita comarca E assy de fazer a dita Jmquiriçã Da maão do qual o dito *Concelho*. podera mandar tirar o trellado do dito tõbo fielmente aprouado e cõçertado cõ elle dito Bras de ferreira E cõ ho moordomo do senhorio e cõ ho escripuã que o ouuer de trelladar O qual trellado mãdamos que faça fee Jmteiramẽte como ho propio original ¶ E damos de espaço ao dito Cõçelho que o mande trelladar na dita maneira Da presentacã deste foral a hum Anno e meo E nã se trelladamdo neste tempo por sua njgligençia do dito Comçelho mandamos ao dito Bras de ferreira que peramte hum taballiam pubrico ho emtregue ao senhorio dos ditos direitos ou a seu procurador A cada hũ dos quaaes mandamos que dem ho trellado em pubrico ao // dito Comçelho ou a cada pessoa delle que o pera sy particullarmente quiser tirar em qualquer tẽpo que o requerjr sem lhe leuarẽ busca nẽ outro njnhũ direito nẽ lhe poerẽ njsso njnhũa delonga nẽ duujda.

E Decraramos que posto que nos ditos tombos vaão outras cousas que pertemçam a padroados e Jurdiçooes e a outras particularidades de Senhorio decraramos que somente os foros e tributos da terra se ham de Julgar pella dita Jmquiriçam e nam outras nhũas cousas aalem das abaixo per nos aquy detriminadas: —

¶ E aalem dos foros tributos e direitos que assy pollo dito tombo sam decrarados se auerem na dita terra de pagar ouuemos por bem de decrarar particularmente aquy neste foral os outros direitos da dita terra com as limitaçooes primeiramente com que os direitos da dita Jmquiriçam e tombo se ham de arrecadar: —

PRimeiramente decraramos que os foreiros sam obrigados de alimpar os celleiros e adegas e leuar o pam e foros ao çelleiro do Senhorio aa sua custa ¶ O quall estara no dito lugar e nam doutra maneira // . *a saber* . as rreçooes e eiradegas leuarão no nouo e as fogaças e capões atee dia de samto esteuam de cada hũu año ¶ E se a este tempo lhas nam quiserem Reçeber da primeira vez que lhas leuarem ¶ Mandamos aos Juizes da terra so pena de pagarem tudo de sua casa que façam as ditas cousas emtregar a hũu homẽ bõo do comçelho que as Reçeba aa custa das ditas Remdas de cuJa maão o Senhorio arreçebera sem serem obrigados os depositarios aa perda que sem sua culpa as ditas cousas guardamdo as Reçeberem: —
¶ Ou as tornarão pera suas casas sem serem a mais obrigados que pagarem

nas a dinheiro assy como emtam vallia na terra geralmemte quamdo lhe nam foram Reçebidas . qual destas duas maneiras os pagadores mais quiserem sem serem a mais obrigados . ¶ E se as dictas cousas nam leuarem aos ditos tempos decraramos que as pagarão dy em diamte aa mayor vallia segundo nossas detriminações em tal caso feictas: —

E Seram diligemtes os mordomos . ou Remdeiros yrem partir as nouidades no dia que pera ysso forem Requeridos // ou ate outro dia aaquellas oras porque nam himdo a esse tempo as partes partiram suas nouidades com duas testemunhas sem serem a mais obrigados nem emcorrerem por ysso em nhũua pena ¶ E a parte do *Senho*rio leuaram ao çelleiro do *Senho*rio segumdo sam obrigados *e* nam lhos Reçebemdo guardar sse a nisso a detriminaçam geral deste foral na semelhamte ẽtrega:

¶ TOMADIAS

E Decraramos os moradores da dicta terra *e* comçelho d*e* ooes nam serem obrigados a darem geiras nem seruiços dos corpos ao *Senho*rio dos ditos d*ire*itos nẽ com seus bois *e* bestas Nem ysso mesmo lhe darem nem lhe tomarem galinhas carneiros pam vinho Palha lenha nem nhũua outra cousa ¶ E quamdo cada hũua destas cousas ouuer mester pera seu mantimento o *Senho*rio estamdo elle na terra os Juizes *e* offiçiaaes della lhos darão pollo preço que emtam geralmente vallerem na terra damdo elle logo o d*inhei*ro dellas

E Quamto aa pousemtaria de casas *e* Roupas ysso mesmo defemdemos aos *Senho*rios presemte *e* vimdoiros que as nam tomem *e* mandamos aos do dicto cõçelho que lha nam dem saluo hũa soo vez no // anno somente por vimte dias *e* mais nam so as pennas deste foral: —

¶ MANINHOS

E Decraramos que os maninhos da dita terra seram dados pelo sesmeiro da terra ou mordomo do *Senho*rio segumdo se comçertar Aos quaaes mandamos que guardem Jmteiramente açerca da dada delles nossas ordenações das sesmarias semdo auisados que se nam dem nem tomem nos casaaes *e* terras aforadas a outrem nem menos nas saydas *e* logramẽtos doutros casaaes:— ¶ E per comseguimte nos casaaes ygleJairos que ouuer na dicta terra

E Decraramos que omde ouuer prazos se guardem as comdiçoões delles em tudo ¶ E nos outros casaaes d*e* erdeiros decraramos que as poderão vemder *e* fazer delles o que lhe bem vier semdo com taaes pessoas que paguem os dictos foros *e* pagarão somente de terradego do dinheiro por que as vemderem outro tamto como a terra for aforada a pagar das nouidades: —

¶ MONTADOS

E Pagam mais todos os casaaes foreiros do comçelho d*e* ooes que sam quatorze Jumtamente Per Repartiçam que per todos ygoalmente sera feita trezemtos // e sasemta rr*eaae*s com as liuras em cada hũu año pollos duzemtos rreaaes que damtes soyam pagar o qual d*ire*ito chamam montado: —
¶ E pagarão na dita maneira os sete casaaes d*e* espinhell ¶ Cemto *e* vimte *e* seis rreaẽs de mõtado per elles Repartidos ygoalmente: —
¶ E nam se leuara outro nhũu montado no dicta terra *e* lugares seus anexos assy dos moradores da terra como dos outros de fora com os quaaes estam em vezinhamça *e* husaram hũus com os outros per suas posturas: —

¶ TABALIAM

O tabaliam pagara a pemssam em aaveiro: —

VEMTO

O Gaado do uemto que he d*irei*to Real quãdo se perder segumdo nossas ordenacooes com decraraçam que a pessoa o cuJo Poder for ter o venha escreuer a dez dias primeiros seguimtes so penna de lhe ser demandado de ffurto: —

¶ ARMA: —

DA pena d*e* arma se leuaram duzemtos rreaaes *e* as armas com estas limitaçooes . *a saber* . que as ditas penas se nam leuarão quamdo apunharem espada ou qualquer outra arma sem a tirar Nem os que sem preposito em Reixa noua tomarem paao ou pedra Posto que com ellas façam mal ¶ Nem // a pagara moço de quimze annos *e* dy pera baixo Nem molher de qualquer hidade Nem os que castigamdo sua molher *e* filhos ou escrauos tirarem samgue Nem os que com bofetada ou punhada tirarem samgue ¶ Nem quẽ em defemdimento de seu corpo ou apartar *e* estremar outros em arroydo tirarem armas Posto que com ellas tirem samgue Nem escrauo de qualquer hidade que sem ferro tirar Samgue: —

¶ PORTAGEM

DEcraramos primeiramente que a portagem que se ouuer de pagar na dita villa ou lugar ha de ser per homẽes de fora della que hy trouxerem cousas de fora a vemder ou as hy comprarem *e* tirarem pera fora da uilla *e* termo A qual portagem se pagara nesta maneira . *a saber*. —

¶ PAM V*INH*O SAL CAL FRUYTA ¶ V*ER*DE *ET CETERA*: —

DE todo trigo çemteo çeuada milho paymço avea ou de farinha de cada hũu delles ou de sal ou de cal ou de linhaça ou de vinho *e* de vinagre *e* de qualquer fruyta verde emtramdo ortaliça *e* mellooes *e* legumes verdes se pagara por carga mayor de cada hũa das ditas cousas . *a saber* . de besta cauallar ou muar hũu rreaal de seis ceptijs o rreall // ¶ E por carga menor que he d*e* asno meo Real . *e* por costal que hũu homem pode trazer aas costas dous çeptijs ¶ E dy pera baixo em q*ua*llquer camtidade em que se vemderem se pagara hũu ceptil ¶ E outro tamto se pagara quando se tirar pera fora Porem quem das ditas cousas ou de cada huũa dellas comprar *e* tirar pera seu huso *e* nom pera vemder cousa que nam chegue pollos ditos preços a meo Real de paga nam pagara da tal portagem Nem o fara saber: —

¶ DECRARAÇAM DAS CARGAS

E Posto que mais se nam decrare adiamte neste foral a carga mayor nem menor decraramos que sempre a primeira adiçam *e* asemto de cada huũa das ditas cousas he de besta mayor sem mais se nomear ¶ E pollo preço que a essa primeira adiçam sera posto se emtemda logo sem se hy mais decrarar que o meo do preço dessa carga sera de besta menor ¶ E o quarto do dito preço per comseguimte sera do dito costal: —

## ⸿ CARROS

E Quamdo as ditas cousas ou outras vierem ou forem em carros ou carretas pagar sse a por cada hũua dellas duas cargas mayores segumdo o preço de que forẽ // ⸿ E quamdo as cargas deste foral se começarem a uemder *e* se nam vemder toda a carga pagara a portagem soldo aa liura do que somemte vemder *e* nam do mais que fica por vemder: —

## ⸿ COUSAS DE *QUE* SE NAM PAGA PORTAGEM

A Qual portagem se nam pagara de todo pam cozido . queiJadas Bizcoito farellos ⸿ Nem bagaço d*e* azeitona ⸿ Nem d*e* ouos Nem de leite ⸿ Nem de cousa delle que seia sem sal Nem de prata laurada ⸿ Nem de vides Nem de canas ⸿ Nem carqueia ToJo ⸿ Palha ⸿ Vassoiras Nem de pedra ⸿ Nem de barro . ⸿ Nem das cousas que se comprarem da uilla pera o termo ⸿ Nem do termo pera a uilla Posto que seiam pera vemder assy vezinhos como nam vezinhos ⸿ Nem das cousas que se trouxerem ou leuarem pera algũa armada nossa ou feita per nosso mandado Nem dos mantimentos que os caminhantes comprarem *e* leuarem pera ssy *e* pera suas bestas

## ⸿ GAADOS DE MONTADO: —

⸿ Nem dos gaados que vierem pastar a algũus lugares pasamdo nem estamdo saluo daquelles que se hy soomente vemderem dos quaaes emtam pagaram pollas leis *e* preços deste foral ⸿ E decraramos que das ditas cousas nam se ha de fazer sab*er* // aa portagem de que assy mandamos que se nam pague dereicto nella: —

## ⸿ CASA MOUIDA: —

A Qual portagem ysso mesmo se nam pagara de casa mouida assy Jmdo como vimdo nem nhũu outro d*ireit*o per qualquer nome que o possam chamar saluo se com a dicta casa mouida leuarem cousas pera vemder porque das taaes pagaram portagem omde as somemte ouuerem de vemder segumdo as cõthias neste foral vam decraradas *e* nã doutra ⸿ maneira.

## ⸿ NOUIDADES TIRADAS PERA FORA: —

NEm pagaram portagem os que leuarem os fruitos de seus bẽes mouẽes ou de Raïz ou doutros bẽes alheos que trouxerem d*e* arremdamento Nem das cousas que a algũuas pessoas forem dadas em pagamento de suas temças casamemtos merçees ou mantimentos Posto que as leuem pera vemder: —

## ⸿ PASAGEM:

E Nam se pagara portagem de nhuũas mercaderias que na dita villa ou lugar vierem ou forem de pasagem pera outra parte assy de noute como de dia *e* a quaãesquer tempos *e* oras Nem seram obrigados de o fazerem saber Nem emcorreram por ysso em nhuũa penna Posto que hy descarreguẽ // *e* pousem ⸿ E se hy mais ouuerem d*e* estar que todo outro dia por algũua causa dy por diamte o faram saber posto que nam aJam de vemder: — ⸿

## ⸿ GAADOS

E Pagar sse a mais por cabeça de boy que se hy vemder pollas dictas pessoas de fora na dicta maneira tres Reaaes ⸿ E da vaca dous rreaaes ⸿ E do carneiro Porco dous çeptijs ⸿ E do bode cabra ouelha hũu çeptil

¶ E nam se pagara portagem de borregos cordeiras cabritos Nem de leitooes saluo se se vemderem ou comprarem de quatro cabeças para çima Jumtamente porque emtam pagarão por cada huũa hũu çeptil ¶ E do touçinho ou marrãa Jmteiro dous çeptijs ¶ E do emçetado nam sse pagara nada Nem de carne de talho ou de emxerca.

¶ CAÇA

¶ E de coelhos lebres perdizes ¶ Nem de nhuũas aves nem caça nam se paga portagem assy pollo vemdedor como pollo . comprador em qualquer camtidade: — ¶

¶ ESCRAUOS

E Do escrauo ou escraua que se vemder aJmda que seia parida se pagara treze rr*eaes* ¶ E da besta cauallar ou muar outros treze rr*eaes* ¶ E da egoa tres rreaaes

¶ BESTAS

¶ E da besta asnal dous rreaaes ¶ E este d*ireit*o das bestas *e* escrauos nã pagarã vassallos *e* escudeiros nossos // *e* da rrainha *e* de nossos filhos ¶ E se trocarem hũus por outros com dinheiro pagaram Jmteiramente E se nam tornarem dinheiro nã pagaram ¶ E a tres dias despois da compra de cada hũua das ditas bestas ou escrauos teram tempo pera o hirẽ escreuer sem pena: —

¶ PANOS

E De toda carga mayor de todollos panos de laã seda *e* de linho *e* algoդam de qualquer sorte assy delgados como grossos *e* da laã *e* linho Ja fiados doze rreaaes: —

¶ COIRAMA *E* COUSAS DELLA

E Outros doze rreaaes se pagaram por toda coirama cortida *e* cousas della E assy dos coiros vacaris cortidos ou por cortir E assy da coirama em cabello ¶ E assy por calçado *e* quaaesquer obras de cada hũ delles ¶ E por coiro vacaril hũu Real ¶ E das outras pelles a dous ceptijs quamdo nam forem p*er* cargas

¶ METAAES

¶ E outros doze rreaaes se pagaram por toda carga de ferro Aço *e* de todollos metaaes ¶ E por quaaesquer obras delles assy grossas como delgadas

¶ MARÇARIA

¶ E outros doze rreaaes se pagaram por carga de todallas marçarias espeçearias *e* boticarias *e* timturas E por todas outras suas semelhamtes: —

¶ AZEITE CERA SEUO *E* SEMELHAMTES

¶ E assy por carga de çera mel azeite seuo / vmto queiJos secos *e* mamteiga salgada pez rrezina breu sabam alcatram outros doze rreaaes

### ℭ FORROS

ℭ E assy por todallas pelles de coelhos cordeiras *e* de qualquer outra pelitaria ℭ E quem das ditas cousas ou de cada huũa dellas leuar pera seu huso *e* nam pera vemder nam pagara portagem nam passamdo de costal que ha de ser de duas arrouas *e* mea de cada hũua dellas de que se ha de pagar tres rreaaes de portagem leuamdo a carga mayor deste foral em dez arrouas destas agora ℭ E a carga menor em çimquo ℭ E o costal nas dictas duas arrouas *e* mea: —

### ℭ FRUITA SECA

E Por carga de castanhas *e* nozes v*er*des *e* secas Ameixias Passadas figos passados E assy huuas . Amendoas Pinhoẽs por britar avellãas boletas mostarda lemtilhas

### LEGUMES SECOS

ℭ E por todollos legumes secos comtamdo alhos secos *e* çebollas a quatro rreaaes por carga mayor

### ℭ CASCA ÇUMAGRE: —

ℭ E outro tamto leuaram de casca *e* çumagre

### ℭ COUSAS D*E* ESPA*R*TO

ℭ E outro tamto se pagara de palma esparto Jũça *e* Junco *e* de todallas obras de cada hũa dellas ou de tabua *e* fumcho . *a saber* . quatro rreaaes por carga mayor

### ℭ LINHO EM CABELLO:

ℭ E per esse rrespeito de quatro rreaaes se pagaram de carga mayor de linho em cabello.

### ℭ MADEIRA

*e* de toda madeira assy laurada . // como por laurar

### ℭ PESCADO

ℭ E assy de carga mayor de pescado do mar *e* marisco se pagara os dictos quatro rreaaes como destoutras cousas quamdo vier pera vemder Porem quamdo se tirar . do dicto lugar se pagara somente hũ rreal de seis çeptijs o rreal ℭ E outro rreal se pagara do pescado do rrio quamdo se vemder somente

### BARRO

ℭ E outros quatro rreaaes se pagara de toda louça *e* obra de barro aJmda que seia vidrada assy do rregñno como de fora delle: —

### ℭ SACADA CARGA POR CARGA

E Decraramos que se daraa sacada carga por carga no dicto lugar *e* tomara o portageiro a mayor dellas qual quiser *e* se for paga a primeira que foy mayor nam pagara de qualquer outra que tirar nada ℭ E se for mais pequena a que pagou leuar lhe am em comta pera a paga da mayor que tirar o q*ue* tiuer pago pella primeira mais pequena que meteo

## ¶ EMTRADA

E Os que trouxerem mercadorias pera vemder se no propio lugar omde quiser vemder ouuer Remdeiro da portagem ou ofiçial della fazer lho a saber ou as leuaram aa praça ou açougue do lugar ou nos Resios delle qual mais quiser sem nhuũa pena ¶ E se hy nam ouuer Remdeiro nẽ praça // descarregaram liuremente omde quiserem sem nhũua penna comtamto que nam vemdam sem o noteficar ao rremdeiro se o hy ouuer ou ao Juiz ou vimtaneiro que hy no lugar possa auer. *e* se hy nhũu delles nam ouuer nem se poder emtam achar notefiquem no a duas testemunhas ou a hũua se hy mais nam ouuer *e* a cada hũu delles pagaram o d*ire*ito da portagem que p*er* este foral mandamos pagar sem nhuũa mais cautela nem pena: —

## ¶ DESCAMINHADO POR EMTRADA

¶ E nam o fazemdo assy descaminharam *e* perderam as mercadorias somente do que assy nam pagarem o dito d*ire*ito de portagem *e* nam outras nhuũas nem as bestas nem carros nem as outras cousas em que as leuarem ou acharem: —

¶ E posto que hy aJa rremdeiro no tal lugar ou praça se chegarem de noute despois do sol posto nam faram saber mais *e* descarregaram omde quiserem comtamto que ao outro dia atee meo dia o noteffiquem aos officiaaes da dita portagem primeiro que vemdam sob a dita pena ¶ E se nam ouuerem de vemder *e* forem de caminho nam seram obrigados a nhũua das ditas Recadaçooes // segumdo no titollo da pasagem fica decrarado: —

## ¶ SAYDA

E Os que comprarem cousas pera tirar pera fora de que se deua pagar portagẽ podel las am comprar liuremente sem nhũua obrigaçam nem diligemçia ¶ E somemte amte que as tirem do tal lugar ou termo arrecadarã com os offiçiaaes a que pertemçer so a dicta pena de descaminhado: —

## ¶ DESCAMINHADO POR SAIDA

E Os priuiligiados da dita portagem. Posto que nam aJam de pagar nam seram escusos destas diligemçias destes dous capitollos atras das emtradas *e* saydas como dicto he sob a dicta Penna: —

## ¶ PR*I*UILIGIADOS

AS pessoas eclesiasticas de todollos moesteiros assy d*e* omẽes como de molheres que fazem voto de profissam ¶ E os creligos d*e* ordees sacras ¶ E assy os beneffiçiados d*e* ordees meores Posto que as nam tenham q*ue* viuem como creligos *e* por taaes foram avidos todollos sobredictos sam ysemtos priuiligiados de portagem nhũua. vsagem custumagem per qualq*ue*r nome que a possam chamar assy das cousas que vemderem de seus beẽs *e* benefficios como das que comprarem trouxerem ou leuarem pera seus husos ou // de seus beneffiçios *e* casas *e* familiares de quallquer calidade que seiam: —

E Assy o seram as çidades villas *e* lugares de nossos Regños que tem priuillegio de nam pagarem. *a saber*. A çidade de lixboa: ¶ E a gaya do porto. ¶ Pouoa de varzim ¶ Guimaraaes ¶ Braga. ¶ Barçellos ¶ Prado ¶ Ponte de lima ¶ Viana de lima ¶ Caminha ¶ Villa noua de çerueira ¶ Valença ¶ Momçam ¶ Crasto leboreiro ¶ Miranda ¶ Bragamca ¶ Ffreixo ¶ O azinhoso ¶ Mogadouro ¶ Amçiaães ¶ Chaues ¶ Momforte de Rio liure ¶ Momte alegre ¶ Crasto viçemte ¶ A cidade da guarda. Jormello ¶ Pinhel ¶ Castel Rodrigo ¶ Almeida ¶ Castel mendo ¶ Villar mayor ¶ Sabugal ¶ Sortelha

¶ Couilhãa ¶ Monsanto ¶ Portalegre Maruã ¶ Arromches Campo mayor ¶ Ffromteira ¶ Momforte ¶ Mõte mor o nouo Monsaraz ¶ BeJa Moura ¶ Noudal ¶ Almodouuar ¶ Odemira ¶ Villa viçosa ¶ Eluas ¶ Oliuemça ¶ A cidade de euora ¶ Os moradores no castello de cezimbra: — ¶ E assy o seram os vezinhos do mesmo // lugar *e* termo no dicto lugar ¶ E assy seram liberdados da dita portagem quaaesq*uer* pessoas ou lugares que nossos priuilegios tiuerem ou mostrarem ou o trellado em pruuica forma aalem dos açima comtheudos: —

E As pessoas dos ditos lugares priuiligiados nam tiraram mais o trelado do priuilegio nem o traram somente tiraram çertidam feita pello escriuam da camara *e* com o sello do comçelho como sam vezinhos daquelle lugar ¶ E posto que aJa duuida nas ditas çertidooes se sam verdadeiras ou daquelles que as apresentam poder lhes am sobre ysso dar Juramento sem os mais deterem Posto que se diga que nam sam verdadeiras ¶ E se despois se prouar que eram falsas perdera o escriuam que a fez o ofiçio *e* degradado dous an*n*os pera çepta *e* a parte perdera em dobro as cousas de que assy emganou *e* sonegou aa portagem a metade pera nossa camara ¶ E a outra pera a dicta portagem ¶ Dos quaaes priuilegios husaram as pessoas nelles comtheudas pellas ditas çertidooes Posto que nam vam com suas mercadorias nem mandem suas pro//curaçooes comtamto que aquellas pessoas q*ue* as leuarem Jurem que a dicta çertidam he verdadeira *e* que as taaes mercadorias Sam daq*ue*lles cuJa he a çertidam que apresemtarem: —

¶ PENA DO FORAL

E Qualq*uer* pessoa que for comtra este nosso foral leuamdo mais d*ire*itos dos aquy nomeados ou leuamdo destes mayores comthias das aquy decraradas ho auemos por degradado por hũu añno fora da uilla *e* termo *e* mais pague da cadea trimta rr*ẽaae*s por hũ de todo o que assy mais leuar pera a parte a que os leuou *e* se a nam quiser leuar seia a metade pera quem o acusar ¶ E a outra metade pera os catiuos *e* damos poder a qualquer Justiça onde acomteçer assy Juizes como vimtaneiros ou quadrilheiros que sem mais proçesso nem ordem de Juizo sumariamente sabida a verdade comdenem os culpados no dicto casso do degredo *e* assy do d*inhei*ro atee comthia de dous mil rr*eae*s sem apellaçam nem agrauo *e* sem disso poder conheçer almuxariffe nem comtador nem outro offiçial nosso nem de nossa fazemda em caso que o hy aJa ¶ E se o Sen*ho*rio dos ditos d*ire*itos o dicto foral quebramtar per sy ou per outrem seia logo sospemsso delles *e* da Jur //dicam do dicto lugar se a tiuer emquamto nossa merçee for ¶ E mais as pessoas que em seu nome ou por elle o fizerem emcorreram nas ditas penas *e* os almuxariffes escriuaaes *e* oficiaaes dos dictos d*ire*itos que o assy nam comprirem perderam logo os ditos ofiçios *e* nam aueram mais outros ¶ E portamto mandamos que todallas cousas comtheudas neste foral que nos poemos por ley sẽ cumpram pera sempre do theor do qual mandamos fazer tres hũu delles pera a camara do dicto ¶ Comcelho ¶ E outro pera o Sen*ho*rio dos dictos d*ire*itos ¶ E outro pera a nossa torre do tombo pera em todo t*em*po se poder tirar qualq*uer* duuida que sobre ysso possa sobrevijr Dada em a nossa muy nobre *e* sempre leal cidade de lixboa aos dous dias do mes de Junho de mil *e* quinhemtos *e* dezaseis an*n*os vai escr*i*pto *e* cõçertado em omze folhas com esta per mym Fernam de pyna: —

el Rey · :–

foral p*era* ooes. //

Vem a seguir o auto de entrega do foral, em duas páginas; nas quatro imediatas, vistos de correição até 1828.

Há ainda um pitoresco protesto que diz: «Snr̃ eu não entendo A letra deste foral porque he munto gregua», e finalmente a conta, que muito interessa registar:

*parafos* — xxiiij$^{o}$ r̃s
*Letras* — xxxij r̃s
*folhas brancas* — C$^{to}$ biij r̃s
*folhas escriptas* — ij$^{c}$x r̃s
*chmcelarya e porteiro* — C$^{to}$ x
*Emcadernaçã* — Cxx
*Guarnjçam* — Cxxx
*Rosto* — Cxx

*Valleram os Custos* biij$^{c}$ iiij$^{a}$ Rs

O exemplar que tivemos presente, outrora pertencente à Câmara Municipal de Ois da Ribeira, encontra-se actualmente na posse do Ex.$^{mo}$ Sr. Dr. Arnaldo Nogueira de Lemos, de Alquerubim, a quem agradecemos o penhorante obséquio da sua cedência para efeito desta publicação.

A. G. DA ROCHA MADAHIL

# DE TALÁBRIGA A LANCÓBRIGA PELA VIA MILITAR ROMANA

O TRAÇADO da via militar romana, no percurso compreendido entre o Mondego e o Douro, era tão mal conhecido dos nossos escritores, que CRISTÓVÃO AIRES, por exemplo, indicou-lhe êste rumo: «De Condeixa a Velha subia para Coimbra *(Eminium)*, de Coimbra a Aveiro, por pontos que seria difficil determinar; de Aveiro *(Talabriga)* á Feira *(Langobriga)* atravessando o Vouga e passando perto de Ovar. Da Feira ia a *(Calem)* hoje Villa Nova de Gaya» *(História do Exército Português*, vol. II, pág. 187).

Foi o Dr. FÉLIX ALVES PEREIRA quem reüniu até hoje maior soma de elementos para a solução do problema, no seu estudo sôbre a *Situação Conjectural de Talábriga*, publicado em 1907. O trabalho dêsse erudito investigador precisa, porém, de ser completado em muitos pormenores. Por isso, o Sr. Dr. ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO, no excelente estudo geográfico da *Bacia do Vouga*, deixou escrito: «Tão poucos são os vestígios actuais dessa via militar ou tão escassas as observações feitas *in loco*, que ainda se não conseguiu determinar com precisão a directriz que ela seguia e localizar com segurança as povoações por onde passava».

Na área do actual concelho de Gaia, adiantou alguns passos o Sr. Dr. ARMANDO DE MATTOS, com o artigo que, em 1937, publicou na *Brotéria*. Desejaríamos fazer o mesmo quanto ao segmento—*iter diei*—compreendido entre as estações de Talábriga e Lancóbriga. Enquanto se não determinar a situação exacta destas estações e se não realizarem pesquisas metódicas dos vestígios da estrada e do espólio dos castros desta região, tudo ficará sujeito a correcções. Ainda assim, partindo da hipótese de que a estrada medieval

era a própria via romana, alguma coisa acrescentaremos ao trabalho de FÉLIX ALVES PEREIRA.

Para o conhecimento dessa via via militar, o primeiro texto que interessa é o do *Itinerário*, chamado de Antonino, mas organizado, segundo se julga, em tempos de Caracala (198-217). Na parte respeitante às estradas de entre o Minho e o Guadiana, apresenta-nos êle um «iter» de Lisboa a Braga, por Jerábrica (Alenquer), Scálabis (Santarém) (1), Conímbriga (Condeixa-a-Velha), Emínio (Coimbra), Talábriga, Langóbriga e Cale. A distância de Emínio a Talábriga é de 40 milhas, de Talábriga a Langóbriga 18, de Langóbriga a Cale 13. Cada milha, segundo os cálculos mais recentes, equivaleria a 1.481$^{m}$,5.

FÉLIX ALVES PEREIRA, em outro estudo, publicado em 1937 nas *Memórias da Academia das Ciências* (Classe de Letras, tomo II, págs. 33-111), diz que «havia três espécies de paragens nas vias militares romanas e é de crer que aquelas paragens, das quais constava a denominação nas listas do *Itinerarium*, fôssem as principais; assim, chamavam-se *mutationes* as destinadas à simples substituïção do tiro hípico; *stationes*, que eram lugares de estalagem, e *mansiones*, que eram pròpriamente estações de dormida, quando não se confundiam com as anteriores».

Como notam vários autores, as principais estradas seguem directrizes determinadas quási necessàriamente por condições geográficas, que se não têem modificado através dos tempos. As vias romanas teriam sucedido a antigos caminhos ibéricos, e algumas das estradas actuais não devem afastar-se muito das da época romana.

À falta de verdadeiros vestígios, como pontes, marcos miliários, trechos de via, etc., guia-nos a toponímia com as designações de *Rua*, *Estrada-Velha*, *Carreira*, *Marco*, *Padrão*, *Geira* e, nos documentos medievicos, *carraria antiqua*, *estrada mourisca*... As *albergarias*, as *vendas*, velhas ermidas e pontes de cantaria, na proximidade de castros ou cividades—eis outros tantos indícios, mais ou menos seguros, da passagem de antigas estradas.

É da combinação de todos êstes elementos, e sobretudo da leitura dos documentos medievais, que pretendemos deduzir o traçado da via romana entre o Vouga e o Douro. Não pode a «viagem», feita apenas sôbre mapas, ter a segurança de uma exploração directa. Parece-nos, todavia, que as notas coligidas terão alguma utilidade, ao menos para desembaraçar os arqueólogos de fastidiosas buscas documentais.

---

(1) Segundo o sr. Tenente-Coronel Costa Veiga, Scálabis seria em Alcanhões ou Vale-de-Figueira.

# MARNEL E SERÉM

Dominavam a passagem do Vouga duas *cividades* fronteiras: a do Marnel e a de Serém. Ficava a primeira à margem esquerda, na freguesia de Santa Maria de Lamas. Ali existiu um *mosteiro* que foi objecto de doações de D. Enderquina Pala, nos anos de 957 e 961: «monasterium de marnelle que uocitant sancta maria de lamas cum suas varzenas» *(Dipl.*, n.° 73 e 84). Com propriedades de D. Pala confinavam as do conde D. Gonçalo Mendes, doadas a Lorvão em 981 *(Dipl.*, n.° 132). E já dali se toma para referência o monte Meison Frido que não tardaremos a encontrar. Da *cividade* ou castro do Marnel falam expressamente alguns documentos: «subtus ciuitas marnele discurrente riuolum Uauga», ficava o mosteiro de Santo Isidoro de Eixo ao qual Zoleima Gonçalves doou várias propriedades em 1095 *(Dipl.*, n.° 819); «et in confinitate Castelli Marnelis, inter fluvium Vougam, et montem qui dicitur Meiçom frio», situava-se a vila do Pinheiro, doada em 1121 a Lorvão por Pedro Pais e Jelvira Nunes *Elucidario*, Cidade III).

Documentos relativos a estas povoações e a outras próximas registam pormenores interessantes: falam em fontes e moínhos, citam uma lagoa e uma ilha onde costumava armar-se uma pesqueira («illa insula ubi illa conbona sollen facere»). Todavia, o mais importante para o nosso estudo é assinalarem o curso da *estrada* a que chamam maior: «de alia parte per estrata maiore» (ano 1050); «et diuide per illa strata maiore et de alia parte diuide per illo termino de sancta maria de lamas» (ano 1077) *(Dipl.*, n.° 378 e 549).

Na margem direita do Vouga, ficava a «Civitas quae dicitur Serém», como reza um documento de 1170 *(Elucidário*, Cidade III). Ligando as duas margens, uma *ponte* cuja conservação se considerava tão indispensável que, no século XIII, era obra de caridade contemplá-la nos testamentos. Gonçalo Gonçalves, chantre das Sés do Pôrto e Coimbra, deixava-lhe 10 libras em 1262 e D. Sancho, bispo do Pôrto, lembrava-a igualmente em 1292 *(Censual*, 405, 408 e 436).

Em importante trabalho, recentemente publicado, se escreveu a propósito o seguinte: «O indispensável cruzamento da estrada com o Vouga em nenhum outro ponto se poderia obter tão vantajosamente como no local onde ao presente se faz; e que esta passagem decalca a da antiga via militar *Aeminium-Calem*, referida no *Itinerário*, chamado de Antonino Pio, demonstra-o à saciedade o extenso trôço de estrada antiga, muito provàvelmente romana, que ainda hoje se vê cortada na rocha viva e fundamente sulcada por

milenário rodado de carros, trepando ao alto de Serém, perfeitamente ao lado da actual, partindo sensìvelmente do mesmo ponto do rio, e à qual, não obstante, nenhum arqueólogo ainda, que eu saiba, fêz referência. Considero também a ponte velha do Marnel, cujas siglas de construção mais de uma vez pessoalmente tenho estudado, sobreposição medieval de uma outra, romana. A meu ver, a via militar *Aeminium-Calem* passava, pois, rigorosamente ali» (António Gomes da Rocha Madahil, *Estação Luso Romana do Cabeço do Vouga*, pág. 9; Coimbra, 1941). Segundo a opinião de um investigador local, referida nesse trabalho, «a *civitas* Serem era a mesma *civitas* ou *castellum Marnelis*, nomeada de diferente modo nos diversos documentos» *(Ibid.*, pág. 71, nota).

## ALBERGARIA-A-VELHA

Em princípios do século XII, era aqui um dos pontos mais perigosos do percurso. Deixadas as povoações da margem do Vouga, entrava-se por uma região selvática, só freqüentada por caçadores de veados, côrças, gamos e ursos, e por salteadores que não raro desciam à estrada a espoliar e assassinar os caminheiros. Para assegurar a defesa da terra e a assistência aos viandantes, a Raínha D. Teresa coutou a Gonçalo Eriz a vila chamada de *Osseloa*, entre os limites da Terra de Santa Maria e os de Vouga, com a condição de êle e seus descendentes proverem à manutenção de uma albergaria.

A carta de couto, lavrada com as solenidades do estilo em Novembro de 1117, «in terra Sancte Marie, ubi vocant Feira», é a certidão de nascimento de Albergaria-a-Velha. Em Abril de 1174, confirmou-a D. Afonso Henriques a Mendo Fernandes, neto de Gonçalo Eriz, e em 1258 o bispo de Coimbra D. Egas mandou-a trasladar em pública-forma, para que se não perdesse (1).

Não vem ao nosso propósito extrair dêsse documento tudo o que interessa à historia de Albergaria (2). Várias são as referências que nêle se fazem à «strada que currit de Portugal in directo de Petra de Aquila», situando-se uns lugares acima e outros abaixo dessa estrada: a albergaria, fundada por colaboração de D. Teresa e Gonçalo Eriz, ficaria num lugar de «super strada». Alguns dos topónimos ainda

---

(1) J. P. Ribeiro, *Diss. Cron.*, tômo 1, doc. n.º 36 do Apêndice.
(2) Ver para tal fim os artigos publicados por Patrício T. Álvares Ferreira, na *Gazeta de Albergaria*, em 1927 e 1928; aproveitamos dêles algumas informações.

subsistem e outros são de fácil identificação. O couto veio a constituir a freguesia, o nome de *Osseloa* revive no lugar de *Assilhó* e um dos padrões chegou até nossos dias no sítio em que primitivamente se erigiu.

A poente, ia o têrmo do couto até à «*Mamoa nigra*, que vocabatur arida», mencionada também em documento de 1298: «Que fossem na mamóa da par da carreira de sobre Anzega, que chamam Mamóa negra» (*Elucidário*, Mamóa). Fica êste local a cêrca de 6 quilómetros de Albergaria e 2 de Angeja, e ainda é conhecido pelos nomes de Mâmoa Negra ou Mâmoa da Areia. Guiado pelo onomástico, um investigador local encontrou restos de outras mâmoas no planalto de Albergaria: a mâmoa das Arrotas, à direita da estrada nacional do Pôrto a Lisboa, perto da povoação de Açôres, e as três mâmoas do Taco, visitadas pelo Dr. Leite de Vasconcelos (1).

Segundo o mesmo investigador, a Pedra de Águia é o actual Bico do Monte, belo miradouro perto do qual se erigiu em 1857 a ermida da Senhora do Socorro. Ali terminam as colinas que vêem desde o Vale de Cambra e acompanham a margem direita do Caima até à foz, uns 400 metros acima da Sernada. Era êsse decerto o monte chamado de *Mesão Frio* nos documentos medievais (2). A própria carta do couto fala na «*Fonte fria*, que antea vocabatur *Fontanini de Meigonfrio*»; ordenando a pública-forma em 1258, o bispo D. Egas declara fazê-lo para utilidade «Albergarie veteris de Meigonfrio».

Qual seria a origem desta designação, inteiramente obliterada na toponímia actual? O notário de um documento de 1183 pretendeu explicá-la pela grandeza do êrmo: «monte qui propter heremi magnitudinem vocatur *mansio frigida*». Sabemos, por documento de 1097, que *mansio* era sinónimo de *albergaria* (*Dipl.*, n.° 847), e vimos que nas estradas romanas havia paragens chamadas *mansiones*. Pode talvez concluir-se pela sobrevivência onomástica de vetusto albergue existente junto à via militar. D. Teresa, porventura sem o saber, fêz uma simples restauração.

Nada resta hoje da obra da Raínha, além da pedra que lembrava o seu nome nas paredes do albergue. Pela descrição que se encontra no «Tombo do Real Hospital de Albergaria-a-Velha» (3), vê-se que era em 1790 uma casa pobríssima de mobiliário e utensílios; a inscrição, gravada em pedra de Ançã na parede do norte, dizia: «Albergaria de

---

(1) *Archeologo Português*, vol. XVII, pág. 771.

(2) Além dos acima citados, ver *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. II, págs. 26 e 27.

(3) Tôrre do Tombo — Sala B, estante 49, n.os 1, 2 e 3.

pobres, e passageiros da Raínha Dona Thereja com quatro camas, dois enxergoens, esteiras, lume, agoa, sal, fogo e cavalgaduras, esmolas, e ovos, ou frangos aos doentes». O *Dicionário Geográfico* do P.ᵉ Luís CARDOSO (1747) esclarecia que «a todo o passageiro pobre, que traz carta de guia, se lhe dá hum vintem de esmola, e sendo Clerigo, ou Frade meyo tostaõ, e vindo doente se cura, e depois de estar saõ, se naõ póde ainda andar, se lhe dá cavalgadura atê à caza de Misericordia mais visinha [...] e a todos os que nelle morrerem se dá mortalha, e enterramento com officio de tres lições, e Missa, e mais tres de Altar privilegiado; e para este Hospital pagaõ os moradores da Freguesia certas pensões».

Albergaria-a-Velha está, assim, ìntimamente relacionada por nome e história com a estrada romana e medieval. Para não esquecer que deve os seus progressos às vias de comunicação, tem agora diante dos olhos o caso da Sernada, «onde actualmente podem admirar-se as grandes e apetrechadíssimas oficinas da Companhia [dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga]—triste e quási recôndito lugarejo de uma ou duas moradas antes de ali passar a via-férrea e de aquelas instalações serem erguidas, no cruzamento da Linha de Aveiro com a de Viseu» ([1]).

## BRANCA

Como adiante se verá, guarda a freguesia da Branca as maiores probabilidades de possuir o jazigo da velha *Talábriga.* Andam na sua onomástica várias lembranças arqueológicas e da passagem da estrada: lugares de Crestelo, Outeiro, Mâmoa, Estrada, Albergaria-a-Nova, etc. Domina o povoado a serra chamada de S. Julião, onde por certo se erguia o *castro de Abranka,* mencionado em documento do ano de 1088 *(Dipl.,* n.º 708). Em 1758, o prior AMARO MANUEL DE SOUSA informava que, segundo a tradição, existira ali a cidade dos mouros chamada *Langóbria* da qual ainda havia restos de muralhas cujas pedras o povo ia aproveitando ([2]). MARQUES GOMES dizia por sua vez: «No alto da serra, há ainda vestígios salientes de uma atalaia, que, ao que parece, ocupava tôda a circunferência do plaino, na extensão de uns trezentos metros de comprido, de norte a sul, e cento e vinte de largo, divisando-se ainda parte da vala, ou cava exterior, e da linha do parapeito em tôda a vala. Do lado do nascente, por detrás

---

(1) *Guias-Dicionários Regionais,* vol. I (Espinho, 1933), pág. 22.
(2) Tôrre do Tombo—*Memórias Paroquiais,* tômo VII, pág. 1187-1193

da serra, há uma saída e estrada larga pela encosta do monte abaixo, com muros ou cortinas laterais de pedra e terraço [1]. Desta serra de S. Julião ou S. Gião recolheu Fr. Bernardo de Brito uma pedra com letras «mal distinctas e muy quebradas», que supôs ser padrão de via romana (*Mon. Lus.*, II, V, p. 3); apesar da desconfiança de HÜBNER, o Dr. FÉLIX ALVES PEREIRA inclinava-se para admitir a autenticidade dêsse marco miliário e declarava-o pelo menos «rehabilitável».

A passagem da estrada pela Branca está assinalada na inquirição de D. Afonso II, em 1220: «quantum laborauerint *sub estrada*». Nesta inquirição, fala-se num lugar chamado Crastelo e noutro com o nome de Albergaria de Castineyra. Parece-nos que êste se poderá identificar com a *uilla castiniaria* dum documento de 1097 (*Dipl.*, n.° 845), e corresponderá ao actual lugar de Albergaria-a-Nova. O que não sabemos é se aqui existiria de facto outro albergue ou se tal designação é apenas uma réplica de Albergaria-a-Velha.

## PINHEIRO-DA-BEMPOSTA

Da passagem da estrada na freguesia do Pinheiro-da--Bemposta, outrora chamada de *Figueiredo*, temos já indício no facto de aí serem assinados documentos públicos. Lembramos, por exemplo, uma convenção entre os bispos D. Gonçalo de Coimbra e D. Hugo do Pôrto, celebrada *apud Fikeiredo*, a 30 de Dezembro de 1114 (*Livro Prêto* da Sé de Coimbra, fl. 240 v.). Nas inquirições de D. Dinis em 1284, encontram-se várias disposições relativas aos géneros que no julgado de Figueiredo se deviam fornecer para sustento da côrte, «quando se veer El Rey dalem Doyro [...] en quanto y stever» (L. II de Inq. de D. Afonso 3.°, fl. 40).

Nos *Anais do Município de Oliveira de Azeméis* (pág. 317), lê-se «que, no lugar de Figueiredo-de-Baixo, próximo da antiga estrada romana, existe uma casa e sítio a que ainda hoje chamam o *Paço*, e a distância de cêrca de 150 metros, outra casa que conserva ainda a designação de *Alcance*, o que junto à circunstância de ser ainda conhecido o lugar por Figueiredo-de-Rei, faz supor que já ali tivesse a sua residência algum rei da antiguidade, árabe». É o vulgar expediente de atribuir tudo aos árabes. Foi nas inquirições de 1288 que encontrámos pela primeira vez «Julgado de Figeyredo del Rey». Como a igreja pertencia ao padroado

---

(1) *O Districto de Aveiro* (Coimbra, 1877), pág. 69.

real e quási tôda a terra era reguenga, talvez se dispensem mais complicadas explicações. E' natural que nesse *Paço* tenham pousado muitos reis e raínhas de Portugal. Na vizinha freguesia de Loureiro, esteve, por exemplo, el-rei D. Afonso III, como consta de uma inquirição *(Livro Prêto de Grijó,* fl. 19). Supomos que os «paços do Curval» em que D. João I esteve uns quinze dias retido por doença, em Julho de 1387, ao regressar da sua peregrinação a Santa Maria da Oliveira, eram precisamente no lugar do Curval, do Pinheiro-da-Bemposta.

## TRAVANCA

Pertenceu ao julgado de Figueiredo a freguesia de S. Martinho de Travanca onde existiu a *honra de Baesteyros* (Besteiros) em que estavam incluídos alguns lugares da vizinha freguesia de Palmaz. Lá encontraram menção de um *castro* os inquiridores de 1274:

«Item disserom que ha y huum crasto que chamam da Damundi em essa honra e trage o El rrey aa ssa maão» *(Livro Prêto de Grijó,* fl. 19).

Existem actualmente os lugares chamados de *Damonde* (de Baixo e de Cima) e outro com o nome de *Cale* que lembra talvez uma via de comunicação, afluente da estrada principal.

## UL

Tem esta freguesia a sorte de apresentar reünidos quási todos os elementos que até aqui nos indiciaram a passagem da via militar romana; os que porventura lhe faltem, são amplamente supridos por achados arqueológicos de especial valia. O onomástico local oferece, entre outras menos claras, as designações de *Rua Direita* e de *Crasto.* Mais uma vez se comprova documentalmente o acôrdo da toponímia e da história.

Tendo visitado esta povoação em 1909, José Fortes escreveu a respeito do *castro:* «Povoação extinta duma cronologia imprecisa, mas circunscrita aos tempos proto-históricos e lusitano-romanos, ainda hoje por ali afloram, nos declives vertiginosos das encostas e nos sedimentos dos *patamares,* bastos restos cerâmicos, pedras afeiçoadas e envasamentos de paredes — a carcassa, emfim, deformada e pulverizada dum antigo *oppido,* que, como os similares difusamente semeados pelas cumieiras das colinas e dos

montes do Norte, foi barreira diüturnamente embaraçosa para a penetração das legiões romanas» (¹).

Arruïnou-se, pelo decurso dos séculos, todo o valor militar dêsse castro, mas ainda no princípio da Monarquia se lhe respeitava o local, propriedade da coroa. Em 1284, el-rei D. Dinis mandou delimitar-lhe os têrmos, para ceder o terreno por aforamento a quem o cultivasse. Transcrevemos a seguir os respectivos documentos:

*Carta daueença antre Steuam Lourenço e Martim Esteuez clerigo del Rey sobrelos termhos de Crasto de Ul.*

Conhoscam todos os que este strumento uirem que em presença de mim Steuam Pirez tabelliom del Rey em termho de terra de Sancta Maria. Steuam Lourenço clerigo del Rey e Martim Steues Abade de Sancta Maria de Ul aueeron sse soblos termhos do Crasto de Ul em D.º Paez que foy Juiz da Ffeyra e em P.º Paez Cidacos que eles partissem os termhos do dicto Crasto per u eles entendessem que seeria guisado e o dicto Abade e Steuam Lurenço prometerom a boa fe a atender e aa estar ao que eles dissessem. E eles derom por termho do Crasto toda a carcaua ou grata de lo Ryo de Bitoàà hu sta huma aueleeira e uem sse a huma morouça que esta em dereito dessa grata como ssę uay pela spiga dessa grata ou carcaua per a par da herdade da Eigreia e uay ferir pela spiga e pelo dereito dessa carcaua e uay aà carreyra que uem da Eigreia e da vila pera esse Crasto sempre pela spiga ata o Ryo de Ul e dereito dela dicta spiga... termho do dicto Crasto com todas sas pertenças e o dicto Abade e Steuam Lourenço outorgaron no e puge lhis com aquele partimento que os dictos omens fezeron e outorgaron no outrossi Aquesto foy dous dias de Julho da E.ª M.ª C C C.ª XXIj.ª —. Testemunhas Martim Uiuas Martim Iohannis Scudeiro. Martim Domingues de Ul e outros muytos. Eu Tabelliom de ssuso dicto a estas cousas presente foy e a rrogo de Steuam Lourenço este stromento com mha mão propria screui e meu sinal y pugi que tal he. (*Chancelaria de D. Dinis*, liv. 1.º, fl. 103).

*Carta de foro de .IIJ. casaaes que iazem en Crasto dal.*

Dionisius dei gratia Rex Portugaliae et Algarbij vniuerssis presentem cartam inspecturis notum facio quod ego concedo Martino Dominici de Ul quod ipse faciat tria casalia in crasto dul et ipse et sui successores habeant ipsa casalia pro ad senper et populent et laborent et fructificent ea et debent mihi dare et omnibus meis successoribus quintam partem de pane et de uino et de lino et de omnibus alijs frutibus que Deus ibi dederit et debent ibi facere vineam et postquam vinea dederit IIJ modios uinj debet dare unam quintam pro direitura et debent dare pro direitura de dictis tribus casalibus unum quartarium tritici et unum quintarium milij et unum quintarium de messe et quinque galinas et unum cabritum et decem et outo denarios pro caseo et debent tenere dicta casalia bene populata per IIJ annos cum vacis et cum ganatis et com bobos et com manutenencia de casa et cum bonis tribus uigarijs et debet ibi facere domos et dare quindecim solidos de renda et cum morj contigerit aliquis de ditis jugarijs debent dare

(¹) *Anais do Municipio de Oliveira de Azemèis*, pág. 384.

pro luitosa pro quolibet uigaria quinquaginta solidos. Et ad omnia predicta et singula faciendum et complendum ditus Martinus Dominici obligauit corpus et honorem Et ipse nec sui sucessores non debent vendere nec donare nec enprazare. nec cambiare nec aliquo modo alienare dicta casalia ordini nec militi nec clerico nec domne nec scutifero nec alii persone potenti. sed tali omini qui mihi et meis sucessoribus predictos foros et direituras faciat annuatim. In cujus rey testimonium do inde sibi istam cartam Datam Ulixboñ. XVIIJ.º dias Julij Rege mandante per Cancellarium D.º Guillelmj notuit E.ª M.ª CCC.ª XXIJª. (*Chancelaria de D. Dinis,* liv. 1.º, fl. 106 v.).

Da época romana, apareceram em Ul várias inscrições lapidares. A mais importante é a que se encontrou num cipo, exumado em 1790 dos alicerces da antiga igreja paroquial e conservado agora em Oliveira-de-Azeméis. «Trata-se, escreveu JOSÉ FORTES, nada menos do que de um miliário inédito, seguramente da via militar romana de *Aeminium* (Coimbra) a *Cale* (Gaia)»... «Ele constitui o primeiro documento autêntico, a primária prova material de que a *via* militar descia de *Cale* para *Aeminium* cortando pelo interior a servir os numerosos *castros* da região».

A leitura, segundo o ilustre epigrafista, é a seguinte:

TIB. CAESAR. DIVI. AVG.
FILIVS. AVGVSTVS
PONTIFEX. MAXVM
TRIB. POTESTAT. XXV
XII

«É, pois, o marco da milha XII da estrada: a contar de *Langobriga* ou de *Talabriga?* Infelizmente, o miliário, como muitos, é mudo a êste respeito. Conjecturamos, entanto, que media a distância para a primeira daquelas estações, mencionadas no *Itinerário* como intermediárias entre Coimbra e Gaia» (*Anais* cit., págs. 349-350).

## OLIVEIRA-DE-AZEMÉIS

O actual concelho de Oliveira-de-Azeméis é região privilegiada de *castros*. Apesar de nunca se terem feito explorações em forma, abundam os achados arqueológicos. E a toponímia não engana. Limitamo-nos, todavia, a atentar nos povoados mais próximos da velha estrada.

A nascente da vila, a capela de N. Senhora de La-Salette coroa agora o outeiro que se chamava do Crasto. No lugar de Lações, há memória de antigo edifício chamado o Castelo, e haveria em meados do século XVIII outros vestígios de remoto povoado, que levaram o abade Dr. MANUEL DE

OLIVEIRA FERREIRA a escrever um trabalho, hoje desconhecido, intitulado: «Verdadeira antiga Lancobriga no lugar de Laçoens da Freguesia de Oliveira de Azemeis» (D. B. MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, vol. III, 2.ª ed., pág. 324).

Na vizinha freguesia de *Madail*, existe um monte do Castro, no sítio de Vila-Cova. E, mais para Ocidente, na freguesia de *S. Martinho-da-Gandra*, temos os lugares do Crasto e do Troncal onde se recolheram tégulas e mós da época romana, de que se guardam alguns exemplares no museu de Cucujães.

Surge agora um problema de solução difícil: o da situação do *Castrum Recaredi*, tomado como ponto de referência em muitos documentos medievais. Difícil, porque se obliterou o topónimo Recarei e porque os documentos lhe referem povoações algo distantes, como Fermelã (*Dipl.*, n.º 557), Loureiro (n.ºs 167 e 845), Válega (n.º 187), Ovar (n.º 261). Parece, contudo, que deverá procurar-se no monte que, segundo elucida o rev. P.e JOÃO DOMINGUES AREDE, começa no lugar do Castro em S. Martinho-da-Gandra e vai acabar na Mâmoa onde foi construída em 1367 a ermida de Santo Estêvão, próximo de Adoufe na Arrifana, atravessando todo o centro da freguesia de Cucujães e parte de S. João-da-Madeira (J. D. AREDE, *Cucujães e Mosteiro com seu Couto nos Tempos Medievais e Modernos*, pág. 2). São dominadas por êste monte a maior parte das povoações referidas ao *Castrum Recaredi* em numerosos documentos não incluídos na colecção *Dipl. et Ch.* Citaremos, entre outros, os seguintes: carta de couto, dada ao mosteiro de Cucujães a 7 de Julho de 1139, em que se diz que êle é situado «in loco qui vocatur Cucugianes sub monte castro Recharei»; contrato de propriedades em Souto, S. Vicente-de-Pereira e S. Martinho, situadas «sub montem qui dicitur Castrum Recaredi» (*Livro Prêto da Sé de Coimbra*, fl. 206); na Agoncida (Mosteirô) «subtus monte castro recarei» (*Baio Ferrado*, fls. 104 v., 105 e 105 v.); em Maçada (S. Martinho) «sub monte castro recarei» (*Ms. 736* da B. N. de Lisboa, Fundo geral, fls. 322 v. e 323; *Tombo do Mosteiro de Grijó*, 6, fl. 312 v.); na Insua (S. Martinho) «subtus monte castro recarei discurrente riuulo ualega» (*Baio Ferrado*, fl. 79 v.); em Azevedo (S. Vicente) «subtus castro recarei» (*Baio Ferrado*, fl. 100). Êste mesmo lugar de Azevedo, em documento do ano de 1145, é referido à estrada, embora lhe ficasse um pouco distante: «in uilla dicta azeuedo subtus illam stratam mauriscam» (*Baio Ferrado*, fl. 99 v.). Em face de tôda a documentação, parece-nos que não andam longe da verdade os que identificam o *Castrum Recaredi* com o próprio Castro de S. Martinho-da-Gandra.

## COUTO-DE-CUCUJÃES

No monte a que acima nos referimos e que forma, por assim dizer, a espinha dorsal da freguesia de Cucujães, o rev. P.e Arede assinalou, só dentro desta freguesia, a existência de quatro mâmoas. Na vizinha freguesia de *S. Tiago-de-Riba-Ul*, há também um lugar denominado do Crasto. O mais importante, porém, é o encontrarem-se ali, próximo da povoação de Bráfemes, vestígios da antiqüíssima estrada. Assim o afirma o mesmo ilustre investigador que nos dá, para mais, o traçado conjectural até à Arrifana. Vinda de S. Tiago, a estrada atravessava em Cucujães o lugar da Pica, seguia ao de Faria-de-Cima, avançava por S. João-da-Madeira e continuava em direcção à capela de Santo António da Arrifana, a nascente da actual igreja matriz desta freguesia (*Cucujães e Mosteiro* cit., pág. 145). No lugar da Pica, transpunha o rio Ul em ponte romana (?) que ainda existe e cuja gravura pode ver-se em outro trabalho do mesmo autor (*Museu Arqueológico e Etnológico de Cucujães*, pág. 2).

## S. JOÃO-DA-MADEIRA

A propósito do lugar de Azevedo (S. Vicente-de-Pereira), deparou-se-nos a primeira menção de «estrada mourisca» em documento de Grijó. Como iremos agora encontrar freqüentes alusões a essa estrada, convém precisar o sentido de tal designação.

E' bem conhecida a explicação dada por VITERBO: — «Chamou-se *Estrada Mourisca*, porque os Mouros a romperam, deixando, talvez já por invadiável naquele tempo, a *Estrada Romana*, ou *Via Militar*...» ...«Com o rodar dos anos a costa se entupiu, e alteou por causa das areias, e os rios estagnados não só esterilizaram os campos, mas também fecharam a passagem dos caminhos. Daqui se fêz indispensável a presente *Estrada Mourisca*...»

Ninguém sabe onde o autor do *Elucidário* colheu notícia de semelhante catástrofe, mas é fora de dúvida que êle se equivocou distinguindo o traçado da via romana do da estrada mourisca. Por um lado, não consta que os Mouros se ocupassem em trabalhos dêste género e, por outro, não se compreende que se abalançassem a obra tão arrojada sem terem ao norte o domínio de um núcleo importante de população sua, com o qual fôsse indispensável manter ligações. Ainda que pudesse relacionar-se com êles uma «porta mou-

risca» em Coimbra (RUI DE AZEVEDO, *Documentos falsos de Santa Cruz de Coimbra*, pág. 78), dificilmente se lhes poderia atribuir uma «carraria maurisca» que um documento de 953 nos dá para os lados de Vila-do-Conde, em território onde se não exerceu por muito tempo a ocupação muçulmana (*Dipl.*, n.° 67). Qualquer que seja a explicação do nome, a estrada que nesta região se chamava mourisca era a própria via romana.

Passava essa estrada junto à antiga igreja de S. João-da-Madeira, pois um documento de 1088 fala num casal «quomodo conclude per illa strata de iusta illa ecclesia de sancti ioanni a parte ur» (*Dipl.*, n.° 704); dá-lhe a designação de *mourisca* um documento de 1142 que situa uma herdade na mesma freguesia desde «illa strada mourisca ata illo ueneiro» (T. do T., *Col. especial*, c. 52, m. 5, n.° 79).

## ARRIFANA

Aparece esta freguesia com o nome de *parochia de Manoci* nas inquirições de D. Afonso III. O topónimo sobrevive no lugar de Manhouce, que sucedeu a uma antiga vila *maniozi* mencionada com *scapanes* (Escapães) em documento de 1053 (*Dipl.*, n.° 385). O lugar da *Rua* dá-nos a sugestão do agrupamento de casas à margem de uma estrada. A tradição oral e escrita leva-nos para a via romana. Deixaram memória da sua passagem pela Arrifana, a caminho de Compostela, a raínha Santa Isabel e o rei D. Manuel I.

Lê-se no *Dicionário Geográfico* do P.e LUÍS CARDOSO, art. *Arrifana de Santa Maria*: «As cousas notaveis da terra são o passar por ella em romaria a Santiago de Galliza a Rainha Santa Isabel; e estando em huma casa, que servia de estalagem, dar vista a huma cega, e de huma laranja azeda que comeo cahindo huma pevide no chão, de que nasceo huma larangeira, e nas laranjas que dava, se divisava no mesmo pomo junto ao pé a fórma das cinco quinas das Armas de Portugal, e conservaõ hoje em huma folha na mesma larangeira».

D. Manuel fêz a romagem de Compostela em 1502. À ida, esteve no castelo da Feira, a 25 de Outubro (T. do T., Gaveta 10, m. 12, n.° 16); no regresso, deteve-se na Arrifana onde assinou, a 5 de Dezembro, uma carta relativa à construção da igreja matriz de Vila-do-Conde (extrato do doc. em *Vila do Conde e seu Alfós*, por Monsenhor J. AUGUSTO FERREIRA).

A casa que, em tempo de Santa Isabel, «servia de estalagem», era naturalmente uma *albergaria*. Nos séculos XVII

e XVIII ainda se fala em um hospital-albergue com sua capela, então existentes na Rua. Tudo isso desapareceu, mas bem perto ergue-se hoje a capela de N. Senhora do Ó, quási em frente da casa onde viveu a chamada Santinha da Arrifana (*Terras da Feira — Notícias e Memórias da Freguesia da Arrifana de Santa Maria*, por SAÚL EDUARDO REBÊLO VALENTE, págs. 41 e segs.).

## SOUTO-REDONDO. — S. JOÃO-DE-VER

Da Arrifana a estrada actual dirige-se para Souto-Redondo, sem tocar na Vila-da-Feira. Era êste também o traçado do século XVIII, como sabemos pelos roteiros. Devia, porém, existir, desde velhos tempos, qualquer desvio para servir a cividade, castro ou ópido, que antecedeu o castelo, e a feira já estabelecida em princípios do século XII e que deu o nome à vila. Seria até essa via de comunicação, em cruzamento com outras, que determinaria a escolha dos subúrbios do castelo para o encontro comercial dos povos de Santa Maria. Os topónimos *Estrada-Velha* e *Rua* postulam essas antigas artérias na Vila-da-Feira; por lhe passar desviada a nascente a estrada principal, é que tão pouco se tem desenvolvido a sede de tão importante concelho.

*Souto-Redondo* é lugar pertencente às freguesias de S. Jorge de Caldelas e S. João-de-Ver. Em documentos medievais, aparece um monte dêste nome a servir de referência para diversas propriedades: «subtus mons sauto rodondo» ficavam, além de outras, as vilas de S. João-de-Ver (*Dipl.*, n.º 1; *Doc. Med. Port.*, pág. 359), Caldelas (*Dipl.*, n.º 851) e Lourosa (*Elucidário*, v. Tempreiros). Não se nos depara aqui alusão a castro ou estrada mourisca, mas convém fixar desde já êste local pelo motivo que adiante se dirá.

A estrada volta a aparecer-nos ainda em *S. João-de-Ver*. Um documento datado de 23 de Junho de 1101 situa uma vila chamada Casal de Taulfo «inter Gueifar et Casal de Patre et de alia parte inter Lauandeira et illa strata maurisca sub illas mamolas de Uillela» (*Doc. Med. Port.*, pág. 25). Os organizadores da colecção em que se encontra êste documento, identificaram Casal de Taulfo com Adoufe. Todavia, Gueifar e Lavandeira são lugares de S. João-de-Ver, onde aliás existe o de Gondufe (com o mesmo elemento *ufe*) e o de *Albergaria* a assinalar a estrada.

## FIÃES. — LOUROSA. — MOZELOS

Prosseguindo viagem, tocamos em Fiães, freguesia possuïdora de um castro onde se têem feito achados arqueológicos de certa importância. Informa o rev. P.e MANUEL F. DE SÁ, na sua monografia *Santa Maria de Fiães*, que a estrada romana, de que restam alguns troços, passava pelos actuais lugares de Ferradal e Vendas-Novas, chamado também êste vulgarmente Estrada-Velha.

O Dr. FÉLIX ALVES PEREIRA previu a localização de *Lancóbriga* em qualquer dos castros situados por esta zona, sem se decidir positivamente pelo de Santa Maria de Fiães. O espólio até agora encontrado permite, no entanto, aos investigadores desta freguesia alimentarem boas esperanças.

Os documentos são mudos a respeito da estrada, tanto aqui como na vizinha Lourosa onde, por sua vez, se nos deparam os lugares de Vendas-Novas e Vendas-de-Baixo.

Mozelos é mais feliz. Já em documento de 1097 se fala numa herdade situada «in uilla dicta moazelus... subtus monte saitella discurrente strata ad portum asinarium riuulo maior» *(Dipl.*, n.º 867). Em documento de 1155, aparece-nos outra herdade compreendida «infra hos terminus»: «ad horientem strata maurisca, ad occidentem moazelus et sagitella, ad aquilonem luiuanes et clauiano, ad affricum laurusela... subtus monte auturelo, discurrente riu maior, prope castellum sancte marie» *(Baio Ferrado*, fl. 86 v.). Quem conhecer bem a topografia local, ainda hoje poderá identificar a propriedade. Murado e Seitela são lugares de Mozelos; Lourosela é de Lourosa. No monte Seitela ou no Murado, aparecem também despojos castrenses.

## ARGONCILHE

A última freguesia do concelho da Feira que nos interessa ao caso, é S. Martinho de Argoncilhe. Muito ligada a Grijó, tem no cartório dêste mosteiro, hoje na Tôrre do Tombo, importantíssimo espólio, à espera da devoção de algum bairrista. Com referências à estrada, podem apontar-se, entre outros, os seguintes passos documentais:

Ano de 1091 — propriedades «in uilla draguncelli subtus monte de pena discurrente riuulo feuerus territorio portugal super illam stratam» *(Dipl.*, n.º 756).

Ano de 1096 — «in uilla dicta eldiriz subtus monturelo... in terra ciuitatis sancte marie super stratam» *(Dipl.*, n.º 842).

Ano de 1101 — «in Resmaa subtus monte Ordoni... et est super illam stratam» *(Doc. Med. Port.*, pág. 42).

Ano de 1102 — «in uilla Dragoncelli subtus monte Saxo Albo... super illam stratam» *(Doc. Med. Port.*, pág. 66).

Ano de 1109 — «in uilla Ramiri et Ordoni et in Petri et in casal d Aluella subtus monte Ordoni... super illa strada» *(Doc. Med. Port.*, pág. 303).

Ano de 1141 — «in uilla ramir subtus monte rotundo discurrente riuulo feuerus super illam stratam et subtus eamdem stratam mauriscam prope littus marinus sub castello sancte marie» *(Baio Ferrado*, fl. 68 v.).

Temos aqui mencionados, ao lado de topónimos que se obliteraram, os lugares de Aldriz, Ramil e Ordonhe, ainda existentes; e não faltam agora os costumados indiciadores: Vendas-de-Grijó e Vendas-de-Pereira.

## CONCELHO DE GAIA

Ao entrarmos por Seixezelo no concelho de Vila-Nova-de-Gaia, já devemos ter ultrapassado o limite da possível localização de Lancóbriga. Daqui por diante, está o assunto estudado modernamente pelo sr. Dr. ARMANDO DE MATOS, em artigo publicado no vol. XXIV da *Brotéria*, com o título de «As estradas romanas no concelho de Gaia». O recurso aos documentos só confirma as conclusões daquêle distinto investigador, pois indica a existência de várias estradas antigas que os notários, às vezes, distinguiam da *estrada maior* ou *mourisca*, que temos seguido.

Referidas a Grijó, encontramos algumas menções interessantes. Um documento do ano de 995 fala numa herdade «in uilla cereseto... quomo se leua de riu que discurrit de eglesiola et figet se in strata ueredaria que discurrit de portugal et torna pro alia carrale que discuret ad eglesiola» *(Dipl.*, n.° 174; cf. *ibid.*, n.° 328).

E' bem conhecido o documento de 1148, citado por VITERBO, sôbre uma herdade «in uilla buruntanes et in sancto felice subter illam stratam mauriscam discurrente riuulo cerzedo» *(Baio Ferrado*, fl. 18). Vários outros se lhe podem juntar; por ex.: «subtus monte petroso castro discurrente riuulo cerzedo qui descendit ad mare territorio portugalensi in terra de sancta maria de ciuitate sub illa strata in uilla brito» (ano 1112; *Baio Ferrado*, fl. 94); «in ecclesiola in loco qui dicitur casal de arias subtus monte outurelo... territorio portugalensi in terra sancte marie ciuitatis sub illa strata» (ano 1117; *Baio Ferrado*, fl. 61 v.). A «uilla billanes... discurrente riuulo cerzedo» ficava também «sub illa strata» *(Dipl.*, n.° 675).

Em Pedroso, aparece-nos para exemplo uma propriedade na vila Paradela, «et deuidit ipsa uilla qum sexo aluuo a parte mare strata maiore et alia parte inter acisterio petroso» (ano 1078; *Dipl.*, n.º 563). A doação feita em 1098 ao mosteiro por Gonçalo Viegas e sua mulher Adosinda abrangia herdades «siue super strada comodo subtus illa strada» (*Dipl.*, n.º 870).

Enfim... Desde o rio Vouga até à vista do Douro, pudemos fazer quási todo o percurso da velha estrada, guiados por documentos. Bem merecem aquêles Romanos, que a construíram, a justa homenagem de não os confundirmos com os Mouros. Mas quantos outros caminhos não teriam êles aberto ou aplanado entre essa estrada e o mar!

Porque interessa à história das vias de comunicação, terminemos esta jornada com mais um documento curioso. Encontra-se no *Livro Prêto de Grijó*, fl. 4 v., com a rubrica «Sobre o camjnho deffeso de Egrijoo pera o Porto», e reza assim:

«Dom Fernando pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarue A uos Jujzes de Gaya e a todalas outras nossas Justiças que esta carta virdes saude sabede que o priol e conuento do Moesteiro de Egrijoo nos enviarom dizer que aas vezes aconteçe que chegam alguuns fidalgos e outros poderosos e outras pessoas per o dicto seu Moesteiro per ahi auer de comer e que chegam a tempos que no dicto moesteiro nom ha o que lhes compre pera o mantjmento que cada huum ha dauer e que enuyam ao Porto por esso que lhe pera ello compre E que porque ha do dicto moesteiro pera a dicta cidade do Porto huum camjnho que vay sahir a ujlla noua dapar desse logar. que he majs preto que o que uay per esse logar de Gaya o qual camjnho he deffeso. que enuiam per o dicto camjnho esses que aa dicta Cidade enuyam por aquello que lhes assy compre. por hirem e vijrem por el mais asjnha. E enuyam ao dicto logar de Gaya pagar a portagem e outros dereitos dalgũas cousas se as aa dicta Cidade leuam esses que assy enuyam a ella polo que lhes compre E esso meesmo dessas cousas que da dicta Cidade tragem pera o dicto Moesteiro. E que nom embargando que desso que assy leuam e tragem pera o dicto moesteiro pagam ou mandom pagar ao dicto logar de Gaya os dereitos que sse dello am de pagar que uos e os portageiros e alcaydes cooymades esses que do dicto Moesteiro uaão e ueem pera el da dicta Cidade pello dicto caminho defeso E lhes fazedes perder esso que assy per elle leuam ou tragem e os prendem e leuam deles cooymas E enujaron nos pedir sobrello merçee E nos

veendo o que nos sobrello pedir enuyarom e querendo lhe fazer graça e merçee. Teemos por bem e mandamos que quallquer que do dicto Moesteiro for enuyado aa dicta Cidade por cousa que pera o dicto Moesteiro e mantijmento del e dos que per el chegam for compridoyro que possa hir e vijnr per o dicto camjnho deffeso sem embargo de nenhũa deffesa que sobrelo seja facta. com tanto que do que leuar ou trouuer o que do dicto Moesteiro for de que ouuer de pagar alguum dereito no dicto logo de Gaya que o pague logo em esse logo ou mande pagar aaquel ou aaquelles que esses dereitos ouuerem de ueer e rrecadar E em outra gujsa mandamos que lhe nom seja facto nenhum desagujsado. Hunde al nom façades dante em Sintra xxij dias dagosto Ell rrey o mandou per aluaro gllz seu vassalo e corregedor em sua corte Affonsso pirez a fez Era de Mill e quatrocentos e xbij anos» (22 Ag. 1379).

## TALÁBRIGA E LANCÓBRIGA

A conclusão lógica dêste breve estudo seria a fixação das estações de Talábriga e Lancóbriga. Mas quem se atreverá a fazê-lo?

Tomando como base a contagem das milhas pelo Itinerário de Antonino, iríamos procurar Talábriga nas proximidades de Albergaria-a-Nova, no extrêmo do planalto que começa em Albergaria-a-Velha, onde se atinge a cota 154; e Lancóbriga precisamente em Souto-Redondo, onde hoje se cruza com a nacional a estrada que vai da Vila-da-Feira para as Caldas de S. Jorge. Não vale a pena desenvolver os cálculos que levam a êste resultado, tão falíveis êles se nos afiguram. É preferível considerar o problema no estado em que o deixou o autor da *Situação Conjectural de Talabriga* e aguardar o veredicto dos arqueólogos.

Da história de ambas as povoações não se sabe absolutamente nada. É verdade que, ao descrever as campanhas de Décimo Júnio Bruto no Ocidente peninsular, APIANO ALEXANDRINO refere um episódio ocorrido no ópido de Talábriga. Julgaram bons autores, e entre êles F. ALVES PEREIRA, que se tratava da Talábriga do Vouga. Pareceu-nos, porém, que êsse episódio devia deslocar-se para um ópido de igual nome nas margens de Lima, onde aliás apareceu uma ara romana ofertada por uma «talabrigense» (*Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. IV, pág. 117-120). Concordaram com êste parecer os srs. Drs. ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO E ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL.

Quanto a Lancóbriga, escreveu o Dr. AGUIAR CARDOSO que seria «de fundação céltica, engrandecida pelos roma-

nos..., e depois arrasada pelos bárbaros do norte», e que lhe teria sucedido a «*Civitas Sanctae Mariae* de fundação gótica, depois assolada pelos mouros, e mais tarde reconstituída pelos neo-godos; por fim *Vila da Feira*» (*Terra de Santa Maria — Civitas Sanctae Mariae*, pág. 22, Coimbra, 1929).

Nada disto pertence ao domínio da história, porque não pode provar-se documentalmente. De positivo, sabe-se apenas o nome da estação, registado no Itinerário e na chamada *Tabula Peutingeriana*, agora reproduzida na *Historia de España* dirigida por R. MENENDEZ PIDAL (tomo II, Madrid 1935).

Se nos apraz fantasiar um pouco, mais vale reconstituir os sucessos que se terão desenrolado por essa estrada desde que ela veio substituir um antigo caminho ibérico ladeado de santuários pagãos; imaginar como ela serviu para a difusão do Evangelho, para a conquista dos Suevos, para as incursões muçulmanas, para o avanço da Reconquista, para as peregrinações a Santiago, para as invasões francesas...

Sem a estrada romana, seria decerto muito diferente o curso da história nesta faixa ocidental da Península em que se talhou o território de Portugal.

*

Depois de escrito êste trabalho, vemos nos jornais o sumário de uma comunicação apresentada pelo Sr. Tenente-Coronel COSTA VEIGA, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, «sôbre o problema da localização de Langóbriga e Talábriga, estações da via romana de Emínio (Coimbra) a Cale ou Cálem (Pôrto ou Gaia)». Importa arquivar aqui as conclusões a que chegou êsse ilustre investigador, justamente considerado um dos nossos mais eruditos medievalistas. E apraz-nos verificar que não se afastam muito do que expusemos.

«Começando por manifestar discordância com o método seguido em 1907 pelo falecido Dr. ALVES PEREIRA, aliás distintíssimo arqueólogo, na determinação geográfica das referidas estações, salientou depois os seguintes pontos:

1.° — Que a extensão da citada via romana nunca pode ter sido a de 71 milhas ou sejam 105 km., indicada no *Itinerarium* de Antonino, e isso pela simples razão de que a própria distância em linha recta, e no plano horizontal, entre os observatórios de Coimbra e da Serra do Pilar, atinge 104,5 km.

2.° — Que sendo, por outro lado, de 115 km. a distância do Pôrto a Coimbra pela estrada nacional n.° 10, o percurso pela via romana regularia, provàvelmente, por 110 km., isto é, mais 3 milhas que as referidas no *Itinerarium*.

3.° — Que o êrro, *por defeito*, de 8 milhas, que o *Itinerarium* certamente tem, se deve imputar a um lapso de cópia — XIII milhas por XVI milhas — no trôço de Cálem a Langóbriga, lapso êsse vulgar em apógrafos medievais, pela facilidade da troca de II por V.

4.° — Que, correndo com o curvímetro pelo traçado provável da via romana — Coimbra, Fornos, Sargento-Mor, Mealhada, Aguim, Mogofores, Avelãs-do-Caminho, Aguada-de-Baixo, Sardão, A'gueda, Vouga, Albergaria-a-Velha, Albergaria-a-Nova, Pinheiro, Ul, Oliveira-de-Azemeis, Arrifana, Souto-Redondo, Vendas-de-Grijó, Richosa, Serpente e Gaia — se vê que as estações de Talábriga (40 milhas ou 59 km. de Coimbra) e Langóbriga (18 milhas ou 27 km. de Talábriga) se devem ter localizado, respectivamente, no sopé do Monte da Senhora do Socorro, sobranceiro ao Caima, e 1 a 2 km. a S. de Souto Redondo. Quanto à estação de Cale ou Cálem, a 16 milhas ou 24 km. de Langóbriga, parece impossível defini-la *precisamente* no Pôrto ou em Gaia; todavia, certa referência de EDRICI à alcaria *nova* de Gaia reforça a hipótese do sr. Professor MENDES CORREIA, de que a mesma estação se localizaria na margem direita do Douro».

## TERRA DE SANTA MARIA

Grande parte da região que nós agora percorremos, foi chamada desde antigos tempos Terra de *Santa Maria*. Ainda constitui problema histórico o saber-se de onde lhe veio esta designação. «Seria da invocação de um templo? Seria da devoção de um conquistador? Seria da doação de terras a algum instituto dedicado à Virgem? Estaria êsse nome ligado especialmente a algum povoado?» (Cf. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, VII, 66-68).

Como lhe veio provàvelmente pela velha estrada, justifica-se talvez êste excurso. Demais, o problema não é tão insignificante como parece. Quem sabe se não procedeu daqui, por devota ampliação, a idéia de chamar a Portugal inteiro «Terra de Santa Maria»? E também não é tão fácil como pode afigurar-se a quem aceite sem reserva o que escreveram antigos cronistas, ou tome por aquisição definitiva qualquer devaneio de fantasia.

Conhecendo regularmente a documentação medieval publicada, e boa parte da inédita, sôbre a Terra de Santa Maria, nela temos procurado, sempre em vão, a solução dêsse problema. Não é com a pretensão de a ter encontrado agora, mas só com o intuito de atalhar alguma apressada conclusão, que vamos sugerir nova hipótese, baseada na aproximação de factos, datas e nomes.

Segundo as Crónicas da Reconquista, os cristãos das Astúrias reconheceram-se especialmente protegidos pela Virgem Maria, logo desde Covadonga. Pelágio ter-se-ia refugiado na Cova de Santa Maria, no monte Auseva, e o lugar da primeira batalha ficaria assinalado com um santuário em honra da Mãe de Deus. Essa devoção desenvolveu-se pelo decurso do tempo, com a atribuïção de novas vitórias ao favor da Virgem.

Firmada a posse das Astúrias, pensaram os monarcas em libertar de sarracenos a Galiza. No ano de 753, Afonso I, ajudado por seu irmão Fruela, percorreu em sentido inverso o itinerário seguido por Abdelaziz em 716 e desceu até Viseu e A'gueda *(Chronicon Sebastiani*, n.° 13). Não pôde, todavia, consolidar a posse de tão largo território; a linha fronteiriça ficou pelo rio Minho. Só no reinado de Afonso III, pelo ano de 876, o domínio dos cristãos se estendeu para sul do Douro, sendo por êles repovoadas as cidades de Braga, Pôrto, Coimbra, Viseu e Lamego *(Chronicon Albeldense*, n.° 62). E' depois dessa data que aparecem documentos da nossa região, com referências a mosteiros e igrejas.

Uma das principais emprêsas de Afonso I foi a tomada e repovoamento da cidade de Lugo, pelo ano de 745. Nela colaborou activamente o bispo Odoário, que tomou a seu cargo a organização da vida civil e religiosa do território libertado. O primeiro cuidado dêste bispo foi restaurar a catedral, sob a invocação de Santa Maria, mas logo providenciou ao estabelecimento de núcleos cristãos em redor da cidade, distribuindo terras pelos seus familiares.

Os testamentos de Odoário fazem-nos assistir ao nascimento de vários povoados. A um sobrinho chamado Marcos doou êle uma vila que ficou com o nome de *Villamarci;* Avezano deu nome à *villa Avezani*, Guntino à *villa Guntini*, Provecendo à *villa Provecendi*, Sendo à *villa Sendoni*, etc. O povoamento foi-se alargando, e em breve estavam estabelecidas vilas com suas igrejas por um grande território em que se incluíam, com nomes de particular interêsse para nós, *Riva Uliae* e *Valle Uriae*.

Nas doações de terras e na fundação de igrejas, costumava o bispo reservar para a Catedral e para *Santa Maria* os direitos que lhe pertencessem e, num dos documentos, fazia esta consagração de pessoa e bens à Virgem Santíssima: «O Gloriosa Virgo Dei Maria, in cujus [honore?] Sancta nitet Ecclesia, intercede pro me ad Dominum Deum tuum... et hec munera jubeas tibi acceptari digne, una cum quantum tentaverit ganare, et aplicare de undique partibus in omni vitae meae» *(España Sagrada*, XL, págs. 364-367).

Atribui-se ao mesmo bispo Odoário uma tentativa semelhante de restauração em Braga, mas os documentos são

pouco seguros [1]. O certo é que, em 27 de Março de 832, Afonso II veio a anexar à diocese de Lugo as cidades de Braga e Orense, que estavam destruídas, e as províncias delas dependentes, impondo-lhes um censo para a igreja de *Santa Maria* de Lugo: «Has itaque Urbes seu sibi subditas Provincias... concedo Virginis Mariae Lucense Sedis, ut Pontificalem ab ipsa accipiant ordinem... et reddant debitum censum secundum Decreta Canonum eidem Ecclesiae, id est, tertiam partem» *(E. S.,* ibid., págs. 369-373).

O pagamento do censo supõe, evidentemente, a existência de cristãos no território das antigas dioceses, embora as cidades continuassem destruídas. Quanto ao caso particular de Braga, sabemos que foi administrada pelos bispos de Lugo, mesmo depois da reconquista definitiva, até que se restaurou a sua catedral em 1070.

A nossa região, depois da reconquista de Afonso III, ficou com certeza na dependência de Coimbra cuja sé, dedicada também a Santa Maria *(Dipl.,* n.º 4), se manteve até à invasão de Almançor. Só depois dêste período (876-997) até à data da restauração da catedral de Coimbra (1080) é que poderia ter estado sujeita ao bispo lucense.

Os historiadores modernos põem em dúvida a autenticidade de muitos dos privilégios concedidos à sé de Lugo. No entanto, o facto que principalmente nos interessa, parece bem assente: catedral dedicada a Santa Maria, terras colocadas sob o patrocínio de Santa Maria, pagamento de censo a Santa Maria.

No documento acima referido, Afonso II não tem mais que exaltar do que a basílica de *Santa Maria,* construída «miro opere» na cidade de Lugo, e diz que ia lá com o exército invocar a protecção da Mãe de Deus contra os seus inimigos. Em 867, Sabarico, bispo de Dume, refugiado na Galiza, promete visitar todos os anos a catedral de Lugo, no dia da festa da Assunção de Maria, e levar-lhe com o seu clero e fiéis o tributo de cem congros *(E. S.,* XL, 121-122). Em 988, Bermudo II oferece a Santa Maria, titular da igreja de Lugo, um castelo que reconstruíra; em 991, dôa-lhe três quartas partes do território de Mera e faz uma devota oração à Virgem Santíssima, implorando o seu auxílio na vida e na morte *(E. S.,* ibid., 149-150).

Enfim, reis, bispos e fiéis competem na devoção à Virgem Santa Maria «in cujus honore sancta nitet Ecclesia in Civitate Lucensi territorio Galleciae», como reza uma escritura de 1089 *(E. S.,* ibid., 185-186). Ainda em 1130 o conde

---

(1) Veja-se, no entanto, o documento publicado pelo Prof. Torquato de Sousa Soares, em *Revista Portuguesa de História,* I, 151 e seg.

Guterre fazia uma doacão à catedral de Lugo e prestava, com sua mulher, reconhecida homenagem «omnipotenti Deo, ejusque gloriosae Almae Virgini Mariae, cujus Sacras Reliquias manifestum est proculdubio in Lucensi Ecclesia a compluribus venerari, adorari et coli» (*E. S.*, XLI, 304).

Entre os muitos santuários consagrados à Mãe de Deus no território libertado, nenhum há mais célebre, desde o século VIII, do que a igreja catedral de Lugo. A sua fama não chegou a ser inteiramente eclipsada nem pelo esplendor de Santiago de Compostela.

Ora, cremos que foram homens da Galiza, assim devotos de Santa Maria, quem veio repovoar o território que, entre nós, de Santa Maria tomou o nome (1). E, pelo tempo em que começa a aparecer esta designação, não consta da existência de nenhum templo dedicado a Nossa Senhora entre Douro e Vouga, que localmente pudesse exercer especial influência.

A história do repovoamento demanda, por si só, não pequeno esfôrço. Será preciso estudar bem todos os nomes pessoais que aparecem nos nossos documentos chamados neo-góticos e confrontá-los com os da Galiza. Talvez se possam seguir os passos de muitas famílias na sua migração para o sul e talvez se conclua que algumas deram à terra em que se fixaram o nome daquela de onde vinham. É isto simples sugestão para um trabalho que levará alguns anos a fazer, mas que parece basilar até para o estudo da toponímia, não vá acontecer procurarem-se explicações locais para nomes que nos vieram de muito longe.

Há, pelo menos, curiosas coincidências. Assinalámos acima *Riva Ulliae* e *Valle Uriae*. Já em alguns exemplares das supostas actas do concílio de Lugo (569) aparece um condado chamado de *Ulia*, que começava no monte de *Spino* e ia até *Paramio (E. S.*, XL, 344 e 348). Na doação feita por Afonso III a Santiago de Compostela em 899, é citada entre várias vilas uma que se situa *in ripa Ulliae (E. S.*, XIX, 340). Outros documentos mencionam vilas *in ripa Umiae (E. S.*, XX, 188). Temos, pois, na Galiza os rios *Ulia*, *Uria* e *Umia*, e na Terra de Santa Maria os rios *Ul* ou *Ur* e *Uima*, dando-se para mais a coincidência do locativo *Riba-Ul*.

Naquela doação de Afonso III a Santiago, feita no dia da sagração da igreja (6 maio 899), vem também incluída «uillam *Valliga*, que est iuxta sedem hiriensem cum terminis et adiacentiis suis (López Ferreiro, *Historia... de San-*

---

(1) A *Crónica Albeldense* diz que D. Afonso III «Conimbriam ab inimicis possessam eremavit, et Gallaecis postea populavit» (*E. S.*, XIII, 454, n.º 61).

*tiago de Compostella*, II, pág. 47 dos Apêndices) ou, segundo a transcrição da *E. S.*, «Villam Vallaga». Existe ainda na Galiza, na margem esquerda do rio Ulla, o município de *Valga*, que tem por cabeça Puente Valga, na paróquia de S. Miguel de Valga. E temos nós, no concelho de Ovar, a freguesia de Santa Maria de *Válega*. Outra simples coincidência.

Mais. Entre as doações feitas a Santiago e referidas na *Historia Compostellana*, aparece em ano impreciso a seguinte verba: «In Salinensi vero confinio Oduarius Didacides [1] Villam *Ovar (E. S.*, XX, 71). Êste território, dito *Salinense* na Idade Média, era o vale que actualmente se chama de Salnés, formado pelo rio Umia na província de Pontevedra. Nas tais actas do concílio de Lugo de 569, já se atribuem à sé de Iria as terras *Salinense* e de *Pestomarcos*. Em 886, o rei Afonso III deu a Santiago «Salinas in Cõmissò qui dicitur *Saliniense*», que tinham pertencido a Ermegildo e a sua mulher Hiberia e das quais os privou por crime de rebelião *(E. S.*, XIX, 340). Pois, muito bem. No ano de 922, o rei Ordonho II veio ao mosteiro de Crestuma *(Castrumia)* visitar o bispo Gomado, resignatário de Coimbra, com os condes Lucídio Guimarães e Rodrigo Luci, e o primeiro dêstes fêz ao bispo larga doação em que se incluíam muitas propriedades na Terra de Santa Maria, entre elas algumas igrejas situadas *in ripa de ul* e uma *in porto de Obal*—Ovar *(Dipl.*, n.º 25). E quem era êste conde Lucídio Guimarães, mencionado aliás em outros documentos nossos e tão rico em bens nesta região? Nada menos que o senhor da Comenda ou Condado de Pistomarcos, na Galiza, pois no ano de 934 Ramiro II doou a Santiago de Compostela «Commissum Pistomarcos ab integro secundum illud obtinuit Lucidus Vimarani, de Ulia in Tamare», entre os rios Ulla e Tambre *(E. S.*, XIX,, 364). Temos, pois, Ovar na Galiza e Ovar na Terra de Santa Maria, e em ambas as regiões bens pertencentes ao mesmo proprietário.

Percorrendo os preciosos volumes da *España Sagrada* e outras colecções documentais, podem colher-se muitos outros elementos para elucidação do tema que me limito a indicar. Apontaremos apenas mais uma curiosidade.

Na referida doação do conde Lucídio Guimarães ao mosteiro de Crestuma, fala-se na «uilla mahamudi», a conhecida Mafamude junto de Gaia. O topónimo é claramente árabe, o que é raro nesta região, e derivado de nome pessoal. Mas quem seria o sujeito? Será difícil identificá-lo. Todavia,

(1) Houve um *Odoario Didaci*, sobrinho do rei Ramiro II, que morreu assassinado (Doc. de 937, em *E. S.*, XXXIV, 248).

Afonso II, no já citado documento de 27 de Março de 832, conta um episódio algo interessante. Apareceu-lhe um árabe chamado *Mahamud*, que se dizia fugido de Mérida ao rei Abderramen e vinha pedir acolhimento na Galiza. D. Afonso recebeu-o muito bem, mas em breve o muçulmano o atraiçoava, reünindo gente da sua seita para usurpar a Galiza ao rei cristão. Foi êste à catedral de Lugo implorar para as suas armas o patrocínio da Virgem Maria e, no dia seguinte, atacou Mahamud, venceu-o e matou-o. Grato à protecção da Virgem, fêz-lhe generosa doação de bens naquele documento em que lhe exalta a glória (*E. S.*, XL, 111 e 369; Cf. *Chronicon Albeldense*, n.º 58, *Chron. Sebastiani*, n.º 22, *Silense*, n.º 30). Não sobreviverá em Mafamude o Mahamud?

Para uma conclusão segura sôbre as orígens da designação de Santa Maria, requere-se evidentemente maior soma de elementos. Mas destas aproximações e coincidências resultará ao menos uma hipótese. A origem dos nomes *Cesar* e *Ovar*, que alguém relacionou etimològicamente com o rio *Ul*, terá antes de buscar-se nos genitivos *Cesarii* e *Odvarii*, lembrados por J. LEITE DE VASCONCELOS (*Opúsculos*, III, 319-320). A identificação topográfica e a sucessão histórica de *Lancobriga*, *Civitas Sanctae Mariae* e *Vila-da-Feira*, longe de se abonarem, são contraditadas pelos documentos, como notámos num estudo sôbre a vila de Ovar (*Arquivo do Distrito de Aveiro*, VIII, 66-68).

P.e MIGUEL DE OLIVEIRA

# IMPRENSA PERIÓDICA DO DISTRITO DE AVEIRO

*Um dia levou-nos a curiosidade a saber quantos periódicos houve em Ovar e a que ranchos políticos pagaram o fôro dos seus entusiasmos.*

*Metemo-nos, para tanto, a catar bibliotecas, dicionários, livros da especialidade. Topámos, então, com velhos conhecimentos, e principalmente, com um formidável lote de muitos e respeitáveis nomes, quási todos esquecidos pela culpa dos anos, que os afogam no pó dos arquivos.*

*Fizemos gôsto na empreitada de ressuscitar tanta gente, e a páginas tantas, desparticularizámos as investigações e catalogámos quantos cabeçalhos de jornal nos foram surgindo no redondel do distrito.*

*Acabado êsse primeiro trabalho, por não termos mais que consultar, lembrámo-nos de bater ao ferrôlho dos amigos, dos conhecidos e dos desconhecidos, de todos quantos, por tôdas as terras em causa, julgámos poderem elucidar-nos. E foi assim possível, com tantas ajudas obsequiosas, apresentar esta Relação.*

*Não está aqui a história miúda do periodismo distrital. Seria meter a foice em seara alheia e bem nos basta a nossa... para a remição dos nossos pecados. Cada qual na sua terra, com paciência e independência, que talhe a casaca à medida do seu gôsto.*

*Aqui está, apenas, a relação, o mais completa possível, de quantos jornais políticos, noticiosos, literários, humorísticos, científicos e de classes, se têem publicado desde a remota era de 21 de Dezembro de 1846. Nêste ano, apareceu em Aveiro* O Boletim de Notícias, *defensor da ideologia setembrista e avô de todos os periódicos distritais.*

*Também amontoámos dados para um possível estudo do aparecimento e desenvolvimento da tipografia no distrito. Mas não temos vergonha de confessar, nêste parti-*

*cular, que as dificuldades são enormes, pois os dados obtidos foram minguados e confusos.*

*Temos a consciência do restrito alcance e valor das nossas canseiras, mas por bem pagos nos damos se elas interessarem a alguém.*

## ÁGUEDA

ÁGUEDA Semanário republicano do Partido Republicano Português. Começou a publicar-se em 1 de Outubro de 1928 e foi suspenso pela censura em 10 de Julho de 1937. Foi seu director o Sr. Dr. Elísio Sucena, e compunha-se e imprimia-se na tipografia do mesmo jornal, em Águeda.

O AGUEDENSE Começou a sua publicação em 21 de Abril de 1888. Ainda existia em 1889. Era uma fôlha política e defendia os interêsses locais.

BRADOS Comecou a publicar-se em 1887. Teve vida efémera.

CORREIO DE ALBERGARIA Começou a publicar-se em 14 de Março de 1901.

DOZE DE AGÔSTO Número único publicado em 12 de Agôsto de 1889 à memória do eminente parlamentar José Estêvão Coelho de Magalhães.

ESCOLA POPULAR Semanário literário, instrutivo e noticioso. Viveu de 7 de Maio de 1870 a 25 de Maio de 1871, publicando-se 52 números.

O FOGO VERMELHO Satírico e humorístico. Teve dois únicos números. Publicou-se de 29 de Dezembro de 1887 a 3 de Janeiro de 1885.

FÔLHA CONSTITUINTE Começou a publicar-se em Dezembro de 1884 e ainda vivia em 1889.

INDEPENDÊNCIA DE ÁGUEDA O primeiro número, sob a direcção de Eugénio Ribeiro, apareceu em 4 de Janeiro de 1904.

JORNAL DE ÁGUEDA Fôlha republicana dirigida por Augusto Neves de Almeida, que se publicou de 4 de Novembro a 31 de Dezembro de 1910.

JORNAL CONSTITUINTE Serviu a política do grupo Dias Ferreira, na localidade. Publicou-se em 1889.

O PETIZ BULIÇOSO Dizendo-se semanário jovial, recreativo e noticioso, saiu pela primeira vez em 8 de Fevereiro de 1885.

O POVO DE ÁGUEDA Semanário, pela República e pela ordem. Director e Editor o Sr. Dr. Abílio Nápoles. Adm. Alexandre O. Coelho. Red. e Adm. Praça da República — Águeda — Saíram o primeiro número em 4 de Fevereiro de 1912, e o último em 7 de Fevereiro de 1919.

A RAPIOCA Começou a publicar-se em 1 de Janeiro de 1896.

REACÇÃO Conhecemos duas séries. Na primeira, foi semanário integralista, caracterìsticamente doutrinário e combativo. Saíu de Janeiro de 1920 a Abril de 1922, com grande regularidade.

Foi impresso, nos primeiros números, na Tip. Silva, de Albergaria-a-Velha, e os restantes em tipografia própria, em Águeda. Porque não era de feição local ou regional, teve larga venda em todo o país, chegando a sua tiragem a atingir de 900 a 1050 exemplares. Fundaram-no José Bernardino Duarte, Hernani Guerra de Aguiar e Padre Óscar de Aguiar. Foi seu redactor principal, até à sua morte, em 1921, Hernani Guerra de Aguiar e depois o Padre Abel Matias Condesso.

Aqui colaboraram todos os doutrinários do Integralismo Lusitano.

Na segunda fase, apareceu como semanário nacional-sindicalista, e foi igualmente combativo e doutrinário. Começou em 2 de Abril de 1932 e terminou em 24 de Junho de 1933. Como na primeira série, circulou por todo o país, atingindo uma tiragem de 900 exemplares. Os primeiros números foram impressos na Tip. Aguedense e os restantes na do Jornal de Albergaria, em Albergaria-a-Velha.

Foram seus fundadores: o Padre Óscar de Aguiar e José Bernardino Duarte, sendo êste o seu redactor. Nos primeiros meses, foi seu administrador Telmo Guerra e depois Fernando Cândido Guerra.

REFORMADOR Bi-semanário. Parece que começou a sua publicação nos fins do ano de 1893.

A ROÇA Começou a publicar-se em 24 de Maio de 1885.

A SOBERANIA DO POVO Começou em 1 de Janeiro de 1879. Jornal político-literário e noticioso, ao serviço do partido progressista. Foi seu director o Conselheiro Albano de Melo e continua ainda sob a direcção do Sr. Conde de Águeda. Agora, defende a República.

O TIMBRE Semanário. Viveu de 4 de Outubro de 1891 a 28 de Fevereiro de 1892.

O TRINTA DIABOS Fôlha independente, jocosa e noticiosa. Apareceu o primeiro número em 6 de Janeiro de 1886.

VOZ DE ÁGUEDA Semanário republicano-democrático. Começou em 8 de Julho de 1922 e viveu até 1927. Composto e impresso na Tipografia do mesmo jornal em Águeda, era dirigido pelo Dr. João Elísio Ferreira Sucena.

A VOZ DO POVO Dizia-se semanário republicano. Começou a sua vida em 23 de Fevereiro de 1918 e terminou em 1 de Junho do mesmo ano. Dirigiu-o o Dr. João Elisiário Gomes da Costa.

## ALBERGARIA-A-VELHA

O ALBERGARIENSE Semanário das sextas-feiras, imparcial, literário e noticioso. Saíu o primeiro número em 3 de Junho de 1892 e findou com o n.º 152 em 1 de Junho de 1895. Publicou-se sob a direcção de José Augusto Henriques Pinheiro, que era também administrador. Tipografia própria. No suplemento ao último número, deu a razão do seu termo: — O Juiz da comarca, que era o Dr. António de Oliveira Guimarães, não permitia a publicação dos anúncios dos inventários orfanológicos. — Morreu de inanição. Formato: $0,24 \times 0,38$.

O ANUNCIADOR Saíu apenas um número, em 31 de Março de 1920. Director e editor António P. Gomes e administrador sua Espôsa Maria Vitória Gomes. O Gomes era dentista, natural da ilha da Madeira. Formato: $0,23 \times 0,38$.

O ARTISTA Jornal humorístico, literário e noticioso. Dentro da República, conservador. Saíu em 29 de Setembro de 1915 e terminou, oito números depois, em 19 de Janeiro de 1916. O seu director e editor, José Henriques de Almeida, fê-lo um jornal de combate e nêle a má-língua armou arraiais. Formato: 0,19×0,30.

O BINÓCULO Quinzenário noticioso, literário e humorístico. Principiou em 1 de Abril de 1917 e findou, publicados 46 números, em 1 de Abril de 1919. Director — Francisco Ferreira da Silva; Redactor — João de Matos; Secretários — Mário Pinheiro e Gualberto Lemos; Administrador — Alfredo Campos, e Gerente — Guilherme Pedro. Editor — João Moreira. Foi o jornal da rapaziada de então. Formato: 0,21×0,31.

BOUQUET DE ANGEJA Semanário literário, impresso na Imprensa Real, da P. de S.ta Teresa, no Pôrto. Redacção na Rua dos Caldeireiros, 250, da mesma cidade. Teve início em 8 de Maio de 1887 e terminou em 15 de Fevereiro de 1888, com o n.º 58. Quando apareceu o n.º 20, passou a chamar-se *Gazeta de Angeja* — (20 de Julho de 1887) e com êsse título findou. Foi seu director e redactor o então terceiranista de medicina, Ricardo M. Nogueira Souto. Teve muito boa colaboração. Formato: 0,17×0,39.

O CAFETEIRO Publicou-se em 20 de Maio de 1925 — número único, apenas com duas páginas, saído da Tipografia Silva. Era uma troça a António Silva, proprietário, então, de um café local. Formato 0,23×0,32.

O CLAMOR Semanário, orgão político-noticioso. Apareceu em 8 de Agôsto de 1891 e findou em 27 de Fevereiro de 1892, com o n.º 30. Impresso na Tipografia local. No primeiro número, não indicava quem era o redactor e apenas na 4.ª página, ao fundo, Napoleão Luís Ferreira se inculcava seu editor.

Já no segundo número, como director e proprietário se anunciava que era João Luís de Resende. Formato: 0,26×0,40.

CONCELHO DE ALBERGARIA Semanário literário-noticioso, defendendo o partido democrático local e de Alquerubim. Apareceu em 28 de Outubro de 1911 e até ao n.º 13 (20 de Janeiro de 1912) conservou o mesmo nome.

Dirigiu-o o Dr. José Nogueira Lemos, sendo redactores José Dias Aidos e Vitorino P. Tavares. No n.º 3, declarou-se republicano radical e no n.º 7 António Augusto de Miranda substituiu o primeiro director.

Impresso na Minerva Central, Aveiro. Formato: 0,28×0,46.

Reapareceu em 5 de Julho de 1917 e terminou, com o n.º 193, em 21 de Junho de 1919. Foi seu director e editor, até ao n.º 51, o Sr. António Augusto de Miranda, daí até ao n.º 80, António Lebre e depois José Dias Aidos, sendo redactores Vicente Faca e António José Pereira.

Teve Tipografia própria, nas Cruzes, que mudou depois para a Rua de Gonçalo Eriz e depois ainda para o Largo da República.

Era semanário republicano. Formato: 0,31 × 0,46.

O CONDOR Gazeta humorística, que não indicava redactores, editor nem tipografia.

Era impresso na Tipografia do Correio de Albergaria e os seus redactores, que assinavam com pseudónimos, foram Daniel de Pinho, Eugénio Ribeiro e Cassiano Barreto. Saíu apenas um número, em 7 de Abril de 1901. Formato: 0,15×0,22.

CORREIO DE ALBERGARIA Semanário independente, impresso em tipografia própria. Começou em 3 de Dezembro de 1896 e suspendeu em 13 de Abril de 1899, com o n.º 122. Foram seus redactores o Dr. Eduardo Silva e João de Pinho.

Reapareceu em 14 de Março de 1901 sob a direcção do Dr. António de Pinho e assim se manteve até 30 de Janeiro de 1908, findando com o n.º 356 desta série ou 478 da numeção geral.

Vendida a tipografia para Angeja, ali continuou até 18 de Maio de 1911, tendo como redactores Camilo Rodrigues e Eugénio Ribeiro. Formato: 0,35 × 0,32 — 0,40 × 0,57.

CORREIO DE ANGEJA E ALBERGARIA Semanário, que defendia os interêsses do concelho. Êste jornal foi a fusão de dois: *Correio de Albergaria* e *Voz de Angeja*. Principiou em 3 de Junho de 1911, com o n.º 458 do *Correio*, e findou em 24 de Abril de 1915, com o n.º 705. Proprietário, director e Redactor — Camilo Rodrigues. Tipografia própria. Formato 0,39 × 0,58.

A DEMOCRACIA DO VOUGA Semanário democrático, que apareceu em 11 de Junho de 1915 e terminou em 1 de Junho de 1917 com o n.º 104.

Director, editor e proprietário — João Luís de Resende. O n.º 72 apareceu com o nome de Maria Emília de Resende, como redactora.

Em virtude de um conflito de que resultou a morte de Carlos Leandro, com o processo crime, que foi dos mais célebres da comarca, terminou êste jornal. Formato: 0,30×0,48.

O DESPERTAR DE ANGEJA Semanário independente, noticioso e literário, impresso na Tipografia Progresso, de Aveiro. Começou em 4 de Janeiro de 1924 e terminou com o n.º 50 em 11 de Janeiro de 1925. Direcção, editores e proprietários, Dr. Ricardo Souto — A. M. Nogueira — Camilo Rodrigues — Manuel Araújo e Adelino Bastos. Formato: 0,27×0,40.

Mais tarde, com o fim de atacar o Dr. Santos Reis, apareceu com o mesmo nome um quinzenário, que se dizia independente e defensor dos interêsses de Angeja. Foram seu redactor, proprietário e editor Arménio Martins e secretário da redacção C. Meneses Leite.

Saíu o 1.º número em 27 de Março de 1927 e terminou em 29 de Maio do mesmo ano (N.º 5).

Impresso na Tip. Progresso, de Aveiro, sendo a redacção na rua do Guedes, 5, 3.º, em Coimbra. Formato: 0,29×0,46.

FÔLHA DE ALBERGARIA Semanário imparcial, noticioso e comercial, impresso na Imprensa Aveirense. Saíu em 19 de Julho de 1888 e terminou em 14 de Outubro do mesmo ano, havendo-se publicado apenas 12 números.

Redactor e proprietário — João Luís de Resende. Formato: 0,25×0,36.

GAZETA DE ALBERGARIA Semanário republicano-democrático, impresso, primeiramente, na Tip. Cirne, de Estarreja, e depois com o n.º 14, na Tip. Vouga, de Albergaria. Saíu o primeiro número em 19 de Dezembro de 1925 e terminou em 3 de Janeiro de 1931, publicando-se 220 números.

Foi seu primeiro director Delfim Álvares Ferreira, redactor Leandro Ferreira e secretário Manuel Mourisca. Um ano depois, foi seu director Álvaro Faca e depois apareceram Fernando Tinoco e Leandro Ferreira.

JORNAL DE ALBERGARIA Semanário independente, impresso em tipografia própria. Começou em 13 de Maio de 1911 e ainda continua. Director, primeiro, Domingos Guimarães, redactor Eugénio Ribeiro e secretário e editor Albérico Ribeiro.

Domingos Guimarães, porque o jornal se envolveu em negócios políticos, abandonou o lugar no n.º 11, sendo substituído no n.º 12 por Eugénio Ribeiro; Albérico passou a redactor e editor e Manuel Silva tomou conta da administração.

Quando o n.º 140 apareceu, trouxe Albérico como director, editor e proprietário, e Mário I. Ferreira como secretário. Retirando-se o director para Lisboa, em 1919, Eugénio Ribeiro tomou-lhe o lugar, o que aconteceu com o n.º 410, que apresentou cabeçalho novo. Novamente reassumiu Albérico o seu lugar com o n.º 488, passando o jornal a ser «defensor dos interêsses do concelho».

No n.º 754, dizia-se: «periódico independente, fora e acima dos partidos, defensor dos interesses do concelho e da região da Beira — Vouga». Teve como secretários António da Maia Mendonça e A. A. de Carvalho.

Nos primeiros tempos, aparecia às vezes com 6 e 8 páginas; mais tarde, aparecia muitas vezes apenas com duas. Formato: 0,28 × 0,44.

O MEXERIQUEIRO Semanário e fôlha humorística ao preço avulso de dez reis. Impresso na Tip. do Correio de Albergaria, não indicava nomes de redactores, editores, nem o local da redacção. Trabalho dos rapazes de então, saíram apenas três números. O primeiro publicou-se em 14 de Março de 1897, e o último em 19 de Setembro do mesmo ano. Formato: 0,14 × 0,19.

A MOCIDADE Fôlha literária, que iniciou a sua publicação em 1 de Junho de 1883.

MORALIZADOR Saíu apenas o primeiro número, em 30 de Agôsto de 1928, impresso na Tip. Luso, de Aveiro, e sendo seu proprietário o Dr. Santos Reis e director e editor Manuel José da Costa Guimarães. Substituiu o «Povo de Angeja».

Parece que de moralizador teve apenas o nome. Formato: 0,28 × 0,42.

O MOVIMENTO Bi-semanário, impresso em Tip. própria de José Matias Marques de Lemos, da casa que era dêle e hoje é o Clube.

Publicava-se às 4.as e sábados, começando em 1 de Dezembro de 1888 e terminando com o número 133 em 2 de Abril de 1890. Redactores foram, até ao número 26, Patrício Teodoro A. Ferreira e Francisco António de Miranda, administrando-o Manuel de Oliveira Campos Júnior. Formato: 0,25 × 0,39.

A SITUAÇÃO Semanário independente, tratando a política, letras e factos e que se publicava aos domingos. Era impresso em Lisboa e começou em 11 de Outubro de 1892 e terminou em 30 do mesmo mês e ano, com o n.º 3. Directores foram: Domingos Guimarães (João Azul) e Monteiro de Barros. Editor — Napoleão Luís Ferreira Leão. A redacção era na rua do Arco do Bandeira, 70, Lisboa. Jornal bem redigido. Formato: 0,25×0,40.

O TIMBRE Semanário independente, que saía aos domingos, aparecendo o primeiro número em 4 de Outubro de 1891. Era impresso na Tipografia Gutenberg, de Águeda.

Com o n.º 23, apareceu como sendo de Águeda e lá continuou até ao n.º 50, de 11 de Setembro de 1892, com que terminou.

Foi seu administrador — Luís José Rodrigues de Almeida. José Maria dos Santos Trinta foi o editor. Formato: 0,24×0,38.

O TRAQUINAS Quinzenário noticioso, literário e humorístico, que se imprimia na Tip. Silva. Apareceu em 4 de Abril de 1920 e findou com o n.º 17, em 2 de Fevereiro de 1922. Director — Álvaro Faca; redactor — Viriato da Costa Vidal; secretário — Evaristo Ferreira; administrador — Mário Pinheiro e editor Filipe Geraldo. Com o n.º 4, houve mudança no pessoal e assim Geraldo passou a director e editor, Evaristo Ferreira foi promovido a redactor e na administração ficou o mesmo. Dois números depois, nova alteração se deu no pessoal e ficaram assim os papéis: na direcção — Álvaro Faca; Viriato Vidal — na redacção, e Geraldo, editor. Formato: 0,29×0,44.

O VESICATÓRIO Decano dos periódicos locais, político verrinoso. Publicaram-se 12 números mensais, tendo o primeiro a data de 1 de Maio de 1864.

Saía de um velho prelo de madeira, no Convento de Serém, sendo gratuita a sua distribuïção, que era clandestina e de noite.

Veio a saber-se, depois, quem eram os redactores, compositores e impressores: — António Augusto Henriques Ferreira; Padre Manuel Ferreira Varela; Manuel Joaquim Santiago, de Sagadães, e Augusto Avelino Pinto Vítor.

O seu formato era igual ao de uma fôlha de papel almasso: 0,31×21.

A VOZ DE ANGEJA Semanário, órgão dos interêsses de Angeja e do concelho. Saíu

em 29 de Julho de 1906 e terminou em 20 de Maio de 1911, com o n.° 250. Formato: 0,28×0,45.

Director e redactor principal: Camilo Rodrigues — Administrador L. Pádua e editor Tomás de Pinho Ravara. Tipografia do Largo do Espírito Santo, Aveiro.

Do n.° 20 em diante, passou a administrador A. S. Pouco depois, desapareceu o nome do editor, que só aparece com o número 224, figurando então Guilherme Dias Capela no cargo.

*Nota:* Devemos êstes apontamentos, que quási *ipsis verbis* copiámos, à gentileza do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. António de Pinho, de Albergaria, curioso, também, destas antiqualhas.

Seguindo os seus apontamentos, damos aqui — O Vesicatorio — como de Albergaria, fôlha que encontrámos como de Águeda no *Jornalismo Português* de A. X. da Silva Pereira. Também aqui mencionamos, embora da lista em referência não conste, *A Mocidade*, porque a vimos no referido livro.

## ANADIA

ACÇÃO NACIONAL Direcção da Comissão Municipal da União Nacional. Em publicação.

A BAIRRADA Começou em 16 de Janeiro de 1890. Em 1908 apareceu na Mealhada outro com igual nome.

BAIRRADA LIVRE Director, Dr. José Rodrigues dos Anjos e editor Cipriano Simões Alegre.

O CAIXEIRO Direcção do Dr. Luciano Correia, sendo editor Adelino Mamede.

O CÁUSTICO Quinzenário sob a direcção de Aníbal Cruz e administração de Paulo F. Bonito. Impresso na Tip. Minerva Central, de Aveiro. Publicou-se de 15 de Março a 15 de Abril de 1913.

O CLARIM Semanário liberal, político, independente e noticioso. Publicou-se de 7 de Agôsto a 18 de Setembro de 1910, sob a direcção de António Fernandes e Joaquim Urbano e Joaquim de Oliveira Maia. Impresso na Tip. Minerva Ilhavense, propriedade de Horácio R. Seabra.

CORREIO DA BAIRRADA Publicou-se de 1 de Janeiro de 1892 a...

DEFESA DA ANADIA Director e editor Armando de Magalhães.

O DESPORTIVO Semanário. Apareceu em Junho de 1933, sob a direcção de Américo Matos, defendendo o despôrto local.

ECOS DA ANADIA Director e editor, Augusto Alves de Seabra.

O IDEAL DA BAIRRADA Semanário independente, agrícola-literário-noticioso e defensor do concelho. Direcção de Albano Simões Ferreira e editor Joaquim Ferreira Bonito. Publicou-se de 26 de Setembro de 1899 a 6 de Outubro do mesmo ano. Tip. Minerva, de Famalicão.

IDEIA LIVRE Semanário republicano, defensor dos interêsses da Bairrada. Director o Dr. Carlos Pereira, editor e adm. o Dr. Álvaro Silva. Publica-se desde 1929. Impresso na Tip. Comercial de Anadia.

JORNAL DE ANADIA O jornal mais antigo da Anadia. Semanário, cuja propriedade era de José Martins Tavares. Literário e noticioso. Saíu o primeiro número em 21 de Maio de 1888.

LUAR DO OCIDENTE Publicou-se em 1899.

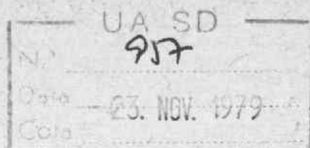
NOTÍCIAS DA ANADIA Nada mais sabemos.

POVO DA ANADIA Direcção e edição de António Martins Tavares.

A VOZ DA BAIRRADA Começou em 3 de Janeiro de 1901, sob a direcção de António Calheiros, Dr. António Cerveira de Melo e Joaquim Lino Ferreira.

*(Continua).*

ANTÓNIO ZAGALO DOS SANTOS




# BIBLIOGRAFIA

O *ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

---

*GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*

Com o volume 9.º desta prestimosa publicação iniciou a Emprêsa uma distribuïção mais amiudada, dando um fascículo de vinte em vinte dias, o que representa notável avanço para a conclusão da obra, necessàriamente demorada.

O público aceitou com interêsse a nova modalidade, e nós registamos a louvável atitude da Emprêsa, que se tem esforçado, desde o início, por bem servir, cumprindo o seu elevado programa cultural.

João de Almeida. — *Roteiro dos monumentos de arquitectura militar do concelho da Guarda.* Coimbra, 1942.

Georges Zbyszewski.— *Considération sur l'étude des sédiments sableux, son but et ses résultats.* (Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Pôrto).

*

*A Grã-Bretanha de Hoje* — N.ºs 58 e 59. Oxford.

*Altitude* — Último número recebido, n.º 3, ano III, 1943.

*Boletim da Casa das Beiras* — Revista trimestral, n.º 1, III série, ano IX. Lisboa.

*Boletim de Trabalhos Históricos* — Arquivo Municipal de Guimarães. N.º 2, vol. VII.

*Clínica, Higiene e Hidrologia* — Último número recebido, n.º 2, ano IX. Lisboa, 1943.

*Estudos* — Revista de cultura e formação católica. Órgão do C. A. D. C. N.ºs 1 a 3. Coimbra, 1943.

*Extremadura* — Boletim da Junta da Província, n.º 1, serie II. Lisboa, 1943.

*Portucale* — Revista ilustrada de cultura literária, cientifica e artística. Último número recebido, n.º 91. Pôrto.

*Revista de Guimarães* — N.ºs 3-4, vol. LII. Guimarães.





# INQUIRIÇÃO NA «TERRA DE VOUGA» EM 1282

PUBLICOU o ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO no seu volume oitavo uma inquirição da terra de Vouga atribuída a 1290 ou a 1328 [1], e o comentário que a acompanhava aludia à existência de outra, mais extensa, e inédita ainda.

Correspondendo aos desejos, ali manifestados, da sua publicação, a seguir a apresentamos, servindo-nos para isso da cópia que possuímos, feita perante o próprio original, na Tôrre do Tombo, pelo falecido historiador Pedro de Azevedo, e revista agora obsequiosamente pelo ilustre diplomatista Sr. Dr. Rui de Azevedo.

*(A El Rey. Imquiriçam que se tirou em terra de Vouga sobre os Regemgos e direitos e foros e cousas que o dito senhor hy tem e est.)* [2]

Ao muito alto e muito exaltado senor Don Deniz pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue. Ho nosso Juiz e o nosso Tabelliõ e Domĩgos gõsaluit dA de Fernãdo mãdam humildosamẽte bęigar as uossas maaos e os uossos pees e a Terra dante uos asi coma a senor natural ho qual Deus faça reinar muito e por bẽ. Senor nos recebemos hũa uossa Carta per que soubessemos bẽ e dereitamẽte os uossos regaegos e os uossos foreiros per todo Termo de Vouga os quaes sõn ascõdudos e aleados e mal parados asi in como est cõtehudo in na nossa Carta cõ todalas outras cossas que ella son cõtehudas. E ssenhor por que ho juyz era doẽte deu nos ĩ seu logo pora fasser mãdado da uossa Carta seu filo Ermigo meẽdis. E ssenor eu Martĩ Vicẽte uosso homẽ e uossa merçee

---

(1) A. G. DA ROCHA MADAHIL, *O Rol das «Cavalarias» do Vouga*; págs. 153 a 159.
(2) Êste título entre parêntesis é posterior ao original.

e uosso Tabelliõ in Terra de Vouga . cõ no dito Ermigo meendis filo do juyz e cõ no dito Domĩgos gõsaluit dA de Fernãdo fomos ĩquerer per cada freighysia ĩ no termho de Vouga bẽ e dereitamẽte ho melor que nos soubemos cada huũ daqueles que espregũtamos ĩ puridade forum espregũtados sobre os santos auẽyelos. Primeiramẽte comesçamos ĩ na freighisia Dalcarouuĩ. Pedro gõsaluit disse que nõ sabia rẽ ĩ na dita freyghisia que fosse maa perãca del Rey. Item Steuã iohannes de Caluaes disse que ouuiu disser ĩ outro tẽpo a Dominguit que era uelo que delo rego da Eygreĩa Dalcarouuĩ cõtra Bidoydo que era del Rey. Item disse que ouuiu disser que o tereo da Pedraghosa que era del Rey. Item Johã Martĩ de Fontes disse que ouuiu disser que delo rego da dita eygreĩa cõtra Bidohido que era del Rey. Item Joham martĩs do Ameal disse que ouuiu disser que delo souereiro que steue alẽ do rego da dita eygreĩa que era del Rey cõtra Bidoydo. Item Pedro Gõsaluit ho uelo de Bydoido disse que ouuiu disser que Don Gomez da Ribeyra demandou ya a Pedragosa a Martĩ piriz dAlcarouuĩ e que saueo cõ elle. Item da freighisia de Santa Maria de Lamas Domĩgos Gonsaluit de Vila uerde dise que nõ sabia rẽ de mhaa parãsa del Rey e asi disse Martin neto de Lamas coma Domĩgõs Gõsaluit. Item Martim uilao do Burgo de Vouga disse que a uinha dEstevã iohannes da par da põte e a que aduba Pay galego da par da põte que son de qarta. Item disse Pedro das Chabras que as uinhas da par da ponte de Vouga as quaes laura Steuã Johannes e Pay ghalego e Ffernã Johannes que son de quarta. Item Da freyghesia de Val Mayor Giral Gonsaluit priol disse que a meiadade da vila de Valmayor que est del Rey. Item Pedro piriz disse que ouuiu diser a omes boõs que a meiadade do Tereo dAlchaualar que est del Rey e trayem no os de Caruoeyro por sa erdade e asi disse Giral gõsaluit ho priol. Item Joham Martis disse que a quinthaa ĩ que mora Pedro piriz e o quinõ que hy a Nicolao steuayz e o quinõ que hy cõparou Steuã rudrigit que ouuiu disser que est caualaria e disse do tereo dAlcaualar asi como Pedro piriz. Item Pedro iohannes disse dAlcaualar asi como diserõ estes de suso. Item Johã domĩgit disse que ouuiu diseer que a quinthaa ĩ que mora Pedro piriz que est caualaria e disse do tereo dAlcaualar asi como diserũ os de suso. Item da freighisia de Maçiata Domĩgos garçia disse que a erdade que foi de Pai *dE*ixo ĩ Serẽ que est Caualaria e que a tẽ Pedrafonço ribeiro e fez hy chasa. Item disse que tẽ Pedreanes priol dẼyxo ĩ Maçiata hũa mõtaria del Rey. Item dise duũ casal de Soutelo que est de Pedroso que est mõtaria del Rey. Item Soeyro da Choua disse asy como disse Domĩgos garçia. Item Martĩ steuayz de Soutelo disse asi como disserõ estes de suso desta freyghisia e mays disse que ouuiu diser do chasal ĩ que mora Giraldo de Maçiata que

est mõtaria. Item Durã steuays disse que ouuio diser asi ĩ como disserõ os outros. Item disserõ estes que a hy huũ quarto de Chasal del Rey de que nõ dam foro. Item Domĩgos sanchyo disse asi como disserõ estes. Item Pay Carualal disse assi como disserõ todos estes desta freyghisia. Item da freyghisia de Valõgo Pedro Martĩs da Chadaueira disse que duas leyras que laurã ĩ Bronido que sõ regaego. Item Domĩgos piriz de Valõgo disse que a ĩ na Arãchada hũa caualaria que tem Donna Maria moleer que foi de Steuã mẽendis da Costa. Item disse que ouuiu diser que auia el Rey torto do Uequo. Item disse que ouuiu diser que auia ĩ Bronido huũ Casal del Rey. Item Martĩ durã da Arãchada disse que auia hũa Caualaria ĩ Bronido e dise que auia el Rey hi huum casal. Item disse que huũ tereo do ribeiro de Megauales Da Arãchada que est ĩde ho meio del Rey. Item Joham de Biadi disse que uiu laurar in no Poluoral do Feal por de Crastelo e ora arõperõ mays qua o Poluoral. Item disse que ouuiu disser que auia el Rey reghaego ĩ Meghauales. Item Pedro migheys do Ribeiro disse que duas leyras que a ĩ Bronido que son ĩde a meyadade del Rey. Item Da freighisia dAuelaas de susaas Pedro domĩgit disse que ouuiu chamar que auia duas caualarias esta uila as quaes tẽ Moreirol. Item Pedro fis disse como disse Pedro Domĩgit. Item Don Agusto do Pereiro disse como diserõ estes dAuelaas. E asi disse don Caluo. Item do julyado de Ualdaui e de Ffereiros. Domĩgos Migheys que ĩde est Juyz disse que todo ho del Rey que est bẽ parado e que nõ a y rẽ aleado nẽ mal parado. Martĩ domĩgit e Pedro iohannes e Domingos piriz disserõ asi como disse ho Juyz. Item Da freyghisia Da Mouta. Domingos Martĩs e domĩgos piriz e outro Domĩgos Martĩs e Lourẽso domĩgit e Pay iohannes e Joanne mẽẽdis disserõ que nõ sabiã nehũa cousa mal parada A el Rey esta freyghisia. Item da freyghisia dArcos Johã Johannes disse que a ĩ Alfeherlas duas Caualarias e tẽ hũa santa ✠ e otra tẽ a see de Coĩbra. Item disse que tẽ Pay de Moles e doña sancha de Mogofores huũ Casal de Gruaria ĩ Arcos e disse que auia huũ Casal de Gruaria ĩ Mogofores. Item Domĩgos Martĩs e Pedro steuays disserõ asi como Johã iohannes. Item Da freyghisia Do Barõ dOoes Domingos martĩs pardo dissẽ que ouuiu diseer que auia hy duas Caualarias e disse que tẽ inde hũa Ffernã Martĩs de Cuya e outra ho Bispo de Coynbra. Item Domĩgos Migheyz e Pedro iohannes disserõ asi como disse Domingos Martĩs. Item Da freyghisia de San Lourẽço do Barõ Pasqual paaes e Pedro paaes disserõ que a ĩ Hoees do Barõ duas Caualarias e que tẽ hũa Ffernã Martĩs e outra ho bispo de Coinbra E disse este Pedro paees que duas roteas de Paredes que ouuiu diser que son de reghaego e que uiu os de San Lourẽço hy ir a uegia e que as uiu in mõte e ĩ mato. E disse que ĩ San

Mateus que a y regaego Ca asi ouuio diser. Item Don Marcos de San Lourenço disse que aldeia de San Lourẽço que nõ est aleado rem do reghaego. Item Soeyro piriz disse que ouuiu diser que San Mateus que est reghaego saluo hũu casal e disse que ouuio diseer que hũa Cabecada dũa Leyra de raghaego que a teẽ aleada hos homees de Mogofores. Item dArỹos Johã domĩgit e Martin Migheis e don Tome diserõ que a hy iij Caualarias e que tem ĩde Sancha Martis ij casaes que son duas caualarias e foi esta Sancha Martĩs fila de Martĩ lourẽço de Coya e diserõ que tẽ Rudrigafonso ribeyro ho houtro casal e que est hũa Caualaria. Item Da freyghisia dAnqas Steuã piriz disse que ouuiu diser que auia reghaego ĩ San Mateus e disse que o reghaego dAnqas que nõ est ĩde rem aleado. Item Don Giraldo disse que o reghaego dÃqas que non est ĩde rem mal parado Item Gonçalo disse que ouuiu diseer que a ĩ San Mateus reghaego e dise que nõ est rem aleado do reghaego dAnqas. Item Martĩ mẽdis de Moreira disse que tem Soza reghaego ĩ Mamoa Rasa e que deuerõ inde a faseer albergaria e nõ na feserõ. Item Don Johanne de San Mateus disse que ouuiu disseer que a ĩ Mogofoes hũa gruaria. Item Da freighisia de Sanghalos Pedro domĩgit disse que nõ sabe rem que seya mal parado do del Rey esta freyghisia ergo duas terras que Laura a eygreia e da inde a raçõ. Item Abril martiz disse asi ĩ como dise Pedro domĩgit Martĩ piriz de Samha disse que nõ sabe rem mal parado deste regaego esta freyghisia. Domĩgos piriz bordõ disse assi ĩ como diserõ estes ergo duas teras que tẽ A eygreĩa e da inde a raçõ. Item Da freyghisia e do Juyghado dIlhauo e de Vaghoos e de Vila de Milo. Domingos iohannes juyz destes loghares disse que a duas Caualarias ĩ Hilhauo. Item outro Domĩgos iohannes disse que ouuiu dizer que a duas Caualarias in Hilauo. Item Goncalo paes disse que uiu demmandar a Pedro sen uino ij Caualarias ĩ Hylauo. Item de Vila de Milo Domĩgos piriz disse que a y hũa Caualaria e que foi de Migheel migheys e tẽ na santa ✠ Domĩgos martĩs disse que uiu ho Porteyro de Vouga demãdar esta Caualaria, Domingos Ghyoo disse que non sabe inde rem. Item de Santa Maria de Saa disse Domĩgos mighaeyz que a y iiij casaes e que os dous deu El rey a santa Maria De Uaagos por hobrada e os outros ij som reghaegoos e disse que a y hũa Caualaria e foi De Queuina e disse que todas as erdades que tẽ a eygreĩa de redor que son da chaualaria. Item Domĩgos piriz disse asi como disse Domĩgos Migheyz que a y hũa Caualaria, e disse que a y dous Chasaes de Reghaegos. E disse que esta Eygreĩa que see ĩ na erdade da chaualaria. Item in Aueyro nõ quyserõ por nos iurar E asuou sse ho cõcelo e disse nos tal rechado que el rey nõ a y ergo hũa Coleyta, e que todalas outras coussas que hy a que son de Don Pedreanes e que iij

Caualarias que hy a que nũqua uirõ nẽ ouuirõ inde fáseer foro ergo a dõ Pedreanes. Item ĩ Isgheyra nõ queserõ por nos iurar e diserõ nos que a y iij Caualarias e que nũqua inde uirõ faser foro, ergo A Loruaoo. Item diserõ nos que a ĩ Vilario hũa Caualaria. Item Da freyghisia dEyxo Giral piriz disse que a y hũa Caualaria e que foi de Don Domĩgos conucuda E disse que ouuyo diseer que auia y duas Caualarias ĩ eyxete a que foi de Dõ Domĩgos. Item Steuã steuays disse que ouuiu dizer que auia iij Caualarias ĩ Eyxo e que teem hũa os filos de dõ Domĩgos e que tẽ outra El cõde que foi de Meẽ iohannis e que outra tẽ Eygregoo. Item ho Juyz dEyxo disse que auia hy iij caualarias. Item Da freighizia de Saniohanne de Louri Johanne Afonço disse que ĩ Louri auia hũa caularia que foi de don Beyto e disse que a tẽ ho bispo de Coinbra e ij . caualeyros eygregoo e disse que tẽ steuã rudrigit ho reghaego que chamã Salimas. Item Don Pasqual pola Caualaria asi ĩ como disse Johanne Afonço E disse que ouuiu dizer que auia reghaego ĩ nas Salimas. Item Don Beĩto dise da chaualaria asi ĩ como diserõ estes. Item Domĩgos frade disse que uiu laurar a huũ homẽ del Rey que sia ĩ seu casal del Rey ĩ nas Salinas ĩ na Testeyra hu laura Pedro Martis que see ĩ no Casal de santa ✠. Item Johã soaris dise que est Caualaria aquela ĩ que mora dõ Beỹto que asi ouuiu dizer. Item disse que ouuiu dizer das Salimas que era Testeyra de Toda a uila. Item da freighisia de Requeyxo Johã paez disse auia hy huã caualaria que foi dAlueyra e tẽ na Martĩ buual qua asi ouuiu dizer. Item Dõ Giraldo disse que nõ sabe rem mal parado do del Rey. Item Dõ Lourẽço do Caregal disse que nõ sabe rem mal parado do del Rey, Ergo que diserõ estes que arõperõ desta Eygreĩa ĩ no mõte e valarõ no huũ loghar que nũqua uirõ aroto e nõ sabẽ cuga erdade est. E o priol fes hy baçelo. Item dOyrol Johã lourenço dise que a y hũa Caualaria e que a tem Eygregoo qua dise que asi ouuiu dizer. Item Domĩgos paes disse que nõ sabe rem mal parado a el rey. Item Johã Domĩgit dOrta disse que ouuiu dizer que a ĩ Orta hũa caualaria e que mora Sancha piriz ĩ na Cabeça della. Item Joham Migheis dOrta disse que a hũa Caualaria ĩ Eyrol e que a deu Dona Maria de Pineyro por sa Capela A Eygregoo e dise que a hũa Caualaria ĩ Orta ĩ que mora Sancha piriz. Item dAlmeara Domĩgos domĩgit disse que ouuyu diser que a ĩ Sagadaes . iij . caualarias e que as tẽ os erdadores. Item disse que teẽ in Saghadaes os erdadores duas cabecadas de regaego. Item disse que parte Couelas cõ no reghaego de Crastouaes pelo rego que uay per antre ambos ca asi ouuiu diseer esta a eyreĩa contra Crastouaees e disse que Almeara que est bẽ parada. Item disse Martĩ Johannis que Almeara que est bẽ parada. Item Mighael iohannes de Saghadaes disse que ouuiu diseer que

a y .iij. caualarias que teẽ os erdadores, e dise que ouuiu diseer que parte Couelas cõ no reghaego de Crastouaes pelo rego que uay per ãtre estas uilas e que est a eygreia da parte de Crastouaes e disse que Almeara est bẽ parada. Item disse Pedro iohannis *neto* que a ĩ Saghadaes .iij. caualarias e tẽ nas os erdadores. Item Da uila de Trauaçoo nõ achamos rem mal parado do regaego. Item dOees de riba dAgada Martĩ piriz disse ĩ que mora donna Justa que est chamada por caualaria. E disse que a y duas teras e hũa est por a pã e outra est vinha e que forõ cãbhadas e que nõ est prol del Rey. E disse que trage esta Eygreia hũa Tera de regaego. Item Pedro gõsaluit disse que ouuiu disseer que trage esta Eygreĩa hũa tera de regaego. Item disse que cãbarõ do casal do regaego ĩ que el mora hũa Tera por outra derdade est melor aquela que leuarõ do regaego. Item Pedro iohannes ĩproa disse que ouuiu disseer que o Chasal de Domĩgos ioannes e o Casal de Paaçoo del Conde e o Casal de Donna Fruhyli que sohyam a dar vida de *moordomo* E disse que ouuiu disseer que *a y* meio duũ logar que chamã Valboo que est inde ho meio regaego. Item disse que trage esta eygreĩa reghaego. Item disse que est cãbada hũa vinã do regaego por outra terra. Item Martĩ iohannes de Loureyro disse que ouuiu diseer que soya a dar vida de moordomo ho chasal del Conde. Item da freyghisia dEspiel Steuã paees disse que nõ sabe rem mal parado do del Rey. Item Joham martĩs disse que ouuiu disseer que a Erdade de Pedro sem sabor que sõ duas Caualarias e mea. Item disse pola erdade que foi de Viçẽte ghudis que est Caualaria mais nom sabe se est mays de hũa. Item disse que ouuiu diser A Soeyro meola pola sa erdade que est Caualaria mais nõ [sabe]? quantas. Item disse por ij Casaes de Santo Tixo que tẽ el Cõde que sõ caualaria. Item Joham domĩgit de Casal dAluaro disse que a ĩ no Termho de Uouga. Lxij. caualarias e meia per todo cõto estas caualarias son inde ĩ Espiel .vij. mea e tẽ inde as duas Martĩ afonço alcoforado que est casado con a fila que foy de Viçẽte de ghudis. Item dise Martĩ piriz dOronĩ que foy juys disse que ĩ Orta do Baro a hũa caualaria. Item vij. in Espiel e in Horonĩ .ij. E ĩ no Casayo de Jusano .ij. E ĩn Oees de riba dAghada hũa caualaria e hũa mõtaria e ĩ Paradela hũa caualaria. E in Requardaes .v. caualarias E ĩ Asequis .ij. caualarias. E ĩ na Borala .ij. caualarias. Da Freighysia dAgada Joanio dAsequis disse que a y .ij. caualarias e dise que tẽ a eygreĩa duas teras destas caualarias que mãdarõ aqueles que as tiã por sas almas. Item disse Gonçalo domĩgit que a ĩ Asequis duas caualarias e que a ĩ na Borala ij. e dise que tẽ a eygreĩa duas teras das caualarias dAsequis e que tẽ duas teras das da Borala que derõ os homes que as tiã por sas almas. Item Martĩ Viçẽte dAsequis dise que a ĩ Asequis ij. caualarias. Domĩgos Martis dise que ouuiu diseer a Gõsalo

galego que de la Careira que se uay dAsequis pora ho Gamoal cõtra ho mõte que est reghaẽgo. Item Da freighisia De Reregardaes Johanne Aluo disse que a ĩ Regardaes .v. caualarias e dis que tem inde duas peças a eygreia dAgada que li mãdarõ da Caualaria de Joanne aluo e dise que tẽ a eygreĩa de Reqardaes hũa peça desta caualaria e dise que tem a eygreỹa dEspiel outra peça e dise que tẽ outra peça a eigreĩa de Recardaes da Caualaria que foi de Pedro budel e dise que tem a eygreia de Requardaes outra peça de caualaria que foi de Steuã piriz. Item Pedro guiaes disse que a ĩ Requardaes .v. caualarias. Item ĩ Ooqua Martin Johannes Pedro piriz Martin Migheeys disserõ que a y xij. Casaes e sõ inde de Soza .vij. e de San Cristouã iij. e os filos de Goysalo steuays ij. e deuẽ estes xij. casaes diserõ estes homees que son hũa Caualaria com .iiij. que tẽ os erdadores e todos estes homẽes boos que de suso son scriptos que nos sprũtamos son os mays ansiaoos que nos achamos e todos forõ pregũtados escõjurados sobrelos santos auãyelos e cada hũ deles diserõ a nos ĩ puridade aquilo que sabiã destas coussas de suso ditas. Item sabe Senor que fesemos apregoar per iij. concellos asi ĩ como est contehudo ĩ na nosa Carta Todolos uossos regaegos e roteas se queriã *inde* alghũ ou alghuus fasseer maor foro ou foros ou dereytos a uos ĩ nos reghaegos ou roteas e que nos li dariamos nosa carta dos dereitos que mays prometessem e que uo los mãdariamos e que uos ly daryades nosa carta por todo senpre. E sabede senor que non quisserõ *e de mais i de mais lançar e* a diserõ *que non queriam mais dar nem* prometer polo aleoo ĩ que seus uisios despẽderõ os aueres ĩ arõper e ĩ faseer estes regaegoos estas roteas. Item sabede senor que non quis nẽ hũu fasser nenhũu dos uossos pardeeyros de Vouga. Item sabede senor que nos mãdamos ao uosso porteyro *traser em pregam pubricamente* todas estas *sobreditas segundo per uos he mandado* asy ĩ como est cõtehudo ĩ na uossa Carta. Eu Tabelliõ de suso dito que este ĩquerimẽto ressebi cõ nos ditos, Ermigo mẽedis e Domĩgos gõsaluit este ĩquerimẽto com mĩa maoo propia scriui este meu sinal *(sinal do notário)* aqui pugi *in testemoyo* destas cousas de suso ditas estes feitos forõ inquerudos e feitos e scriptos pelo Termo de Vouga ĩ no Mes daGusto . so Era M.ª CCC.ª XX.ª

*

O original do valioso documento, que aqui se estampa agora pela primeira vez, tão interessante para a história medieval da metade S. do distrito de Aveiro, acha-se arquivado na Tôrre do Tombo, gav. 8, maço 2, n.º 9 (donde foi copiado na Leitura Nova do séc. XVI para o Livro 2.º dos Direitos reais, fl. 151, col. 2.ª).

Fazemos a sua transcrição com inteiro respeito pela grafia do respectivo escriba, apesar de irregularíssima,—salvo que, quanto aos prenomes pessoais e topónimos, os pomos todos uniformemente com inicial maiúscula, de acôrdo com o uso moderno, apesar de muitos se acharem com minúscula no original; e, conseqüentemente, nos casos de fusão da preposição *de* com um nome próprio começado por vogal, em que o documento tem *D* maiúsculo, pomos nós *d* minúsculo, passando a maiúscula para a inicial dêsse nome. Assim, em vez de *Dagada, Dancas,* imprimimos *dAgada, dAncas,* etc., por nos parecer que desta forma, sem alterar o processo do redactor, que também escreve *daGusto* por *d'agosto,* evitamos equívocos e dificuldades para o comum dos leitores.

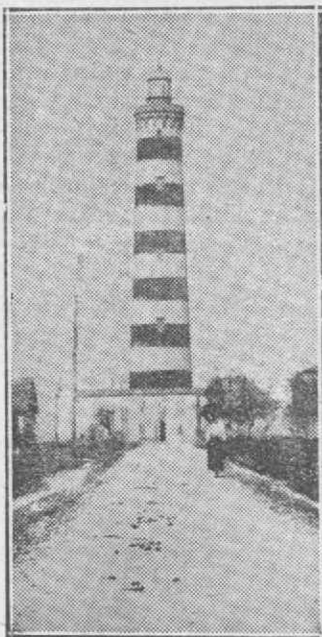
As palavras que no texto vão em itálico correspondem a lacunas provenientes de destruïção parcial do pergaminho; foram reconstituídas pela *leitura nova* do documento.

*(Cont.).*

JOAQUIM DA SILVEIRA

# O FAROL DA BARRA DE AVEIRO

A SINALIZAÇÃO luminosa das costas marítimas para orientação dos navios durante a noite era feita dantes por meio de fachos. Esta sinalização era insuficiente e por isso se recorreu aos faróis cuja luz podia ser vista do mar a grandes distâncias. Em 1 de Fevereiro de 1758 foi publicada uma lei para se construírem seis faróis nas costas portuguesas:



Um aspecto do farol da Barra de Aveiro

«Um nas Ilhas Berlengas, outro no sítio de Nossa Senhora da Guia, ou no mesmo lugar, onde antes o houve, ou em qualquer outro que mais acomodado seja; outro na fortaleza de S. Lourenço; outro na de S. Julião da Barra; outro na costa adjacente à Barra da Cidade do Pôrto, onde mais útil for; outro emfim na altura da Vila de Viana.»

A iluminação da costa entre o sítio da Senhora da Guia e a cidade do Pôrto continuou a ser feita por fachos, um dos quais existia numa pequena elevação de areia situada algumas dezenas de metros ao sul da actual barra de Aveiro.

A segurança da navegação exigia, porém, um farol situado entre o rio Douro e o cabo Mondego, e assim se pensou na construção de um junto à barra de Aveiro, na margem sul.

Acêrca da construção do farol de Aveiro existe num anexo dêste o seguinte documento manuscrito, feito pouco depois da conclusão do farol:

«O projecto dêste farol foi elaborado em 5 de Abril de 1884 sob a direcção do Ex.$^{mo}$ Engenheiro Benjamim Cabral, sendo esta importantíssima construção começada pelo Ex.$^{mo}$ Snr. Engenheiro Silvério, continuada pelo snr. Figueiredo e Silva e concluída pelo snr. José Maria de Melo e Matos.

As obras foram começadas na primeira quinzena de Março de 1885 e terminadas na segunda quinzena de Junho de 1893, sendo o seu custo 51.265$75.

Está o farol montado em uma bela tôrre, tendo o centro da luz a 58 metros acima do nível médio do oceano, com grupo de quatro clarões brancos, de 24 em 24 segundos.

É um farol de primeira ordem, com alcance de 20 milhas. Inaugurado em fins de 1893. Tem um sector de 180 graus, alumiando todo o horizonte.

Para caso de nevoeiro tem um aparelho de sinal sonoro, que produz um som de 15 em 15 segundos.

Os anexos servem de habitação aos empregados e de depósitos.

A fundação da tôrre consiste em um macisso de beton com seis metros de espessura, assentando sôbre estacaria com grade de madeira à altura das mais baixas águas. Foram cravadas 97 estacas com 8,$^{m}$5 de comprimento e 0,$^{m}$26 de diâmetro na cabeça, serrada a 2,$^{m}$05 abaixo do nível médio do mar, sendo as cabeças das estacas envolvidas em beton de argamassa de pozzolana. Nas alvenarias foi empregado o grês de Eirol e alguns granitos.

A obra tem-se comportado muito bem, exigindo sempre atentos cuidados com a sua conservação, como deve ser. Presta, porém, à navegação serviços importantes, que bem compensam os cuidados que exige.»

Nada mais nos diz o documento em questão. Acrescentaremos, no entanto, que ainda hoje a referida obra não apresenta o menor sinal de alteração da sua primitiva solidez.

Aveiro, 2 de Março de 1943

F. FERREIRA NEVES

# A NOVA IGREJA DE LAMAS

NA memória das gentes da freguesia de Lamas do Vouga, por tradição ou por escrito, não anda bem determinada a data da construção da sua nova igreja, em substituïção da que foi a de Santa Maria do Marnel. Ora, o acaso fêz que às nossas mãos chegasse uma planta que será a do retábulo primeiramente projectado para a capela-mór; sòmente o seu autor, se teve o cuidado de a assinar, esqueceu-se de pôr-lhe a data; e, assim, quanto ao ano ou anos do levantamento do bem lançado templo, apenas nos resta a investigação efectuada pelo arcipreste João Gomes dos Santos, que a deixou arquivada no livro das pastorais da mesma igreja.

Reza assim:

## «BREVE NOTICIA E DESCRIÇÃO DA EGREJA DE LAMAS

«Nestes tempos, em que tudo se investiga, em que tudo se procura saber e averiguar, jamais o que é de longa data, não será fora de proposito escrever duas linhas acerca da egreja de Lamas, neste concelho e diocese.

«O pouco que achamos sobre a antiguidade d'esta egreja, quasi que nos foi ministrado pelo Reverendo Reitor de Valle-Maior, Manuel Ferreira Varella, parocho illustrado e muito versado em antiguidades.

Estava situada esta egreja, célebre pela sua antiguidade, não longe das pontes do Marnel, dentro da area do passal (desamortisado em 1873), juncto da casa-celleiro alli ha pouco mandada construir pelo Ex.^mo^ conego Homem de Macedo. Não ha muitos annos que ainda alli se vião os restos d'aquelle templo, cuja fundação data do começo da monarchia. Era humilde a sua fabrica a julgar pelo melhor dos materiaes q. d'alli sahiram e se teem empregado em algumas obras da nova

egreja. Nesta se conserva ainda o sacrario antigo, todo doirado e de muito valor artistico pela sua talha e pela perfeita symetria em que está acabado. Pode ver-se tambem ainda alli a antiga imagem do orago d'essa freguezia da qual tracta largamente o Sanctuario Mariano, hoje retirada do culto pelos estragos que nella tem feito a mão do tempo. Lê-se neste livro que parece ter havido juncto da antiga egreja um convento de freiras, de que não ha memoria. O que nos parece todavia é que houve alli solar de familia illustre, que tivesse o senhorio d'aquelias terras; pois que a historia conserva ainda os nomes d'alguns d'esses senhorios, e entre elles o de D. Fernão Gonçalves do Marnel, que viveu pouco antes de 1079. O que é certo porem é que aquella egreja foi



Aspecto exterior da actual igreja de Lamas

sagrada no anno de 1170, como afirma o licenciado Jorge Cardoso, o qual diz que juncto á porta travessa da egreja existia um letreiro gothico da parte de dentro, o qual trasladado fielmente diz assim: *Dedicata fuit haec ecclesiae de S. Maria de Lamas ab episcopo Dom Michaele colimbricenci et per manus Vermundi ecclesiae præsbyteriæ sub æra 1208 idus Maii in festivitate sanctorum Gordiani et Epimachi in honorem S. Mariæ Virginis anno ab Incarnatione Dño 1170, regnante apud Portugale Alphonso comitis Henrici et regina Tarejæ filio, multorum sanctorum reliquiæ in profatas ecclesiæ altaribus habentur de sepulchro B. Mariæ Virginis et reliquiæ sanctorum Felicissimi et Agapiti, S. Sebastiani et S. Marinæ et sepul-*

*chro Doñ.: et qui scripsit, vivat in æternum.* Que vale o mesmo que dizer: que o Bispo de Coimbra D. Miguel sagrara aquella egreja no anno da encarnação de 1170 a 10 de maio no dia dos sanctos Martyres Gordiano e Epimacho a instancias de Vermundo presbytero, o qual depositou em seos altares varias reliquias, entre as quais se especificão as dos gloriosos martyres Felicissimo e Agapito e de S. Sebastião e de S. Marina e dos gloriosos sepulchros de Christo e de Nossa Senhora, reinando em Portugal Affonso, filho do conde D. Henrique e D. Tereza.

O Bispo que fez a sagração foi um dos doze varões apostolicos, que deram principio ao real convento de Sancta Cruz de Coimbra, de onde foi tirado por eleição do clero, como refere o licenciado Jorge Cardoso, para a mitra de Coimbra, cerca do anno de 1160. A lapide onde o dito letreiro se acha lavrado está agora na sacristia da nova egreja, para, em occasião opportuna, ser convenientemente collocada junctamente com outra, que indique a epocha da sua fundação. A antiga egreja tinha o titulo de basilica, pois em todas as dispensas matrimoniais que vinhão de Roma, pertencentes aos parochianos d'ella, os pontifices a nomeavão a sua basilica de sancta Maria de Lamas. Juncto d'esta egreja havia tambem a casa de residencia que se inutilisou no tempo em que alli foi parocho o prior Antonio Rodrigues de Mello, de Vouga. Actualmente não ha nesta freguezia casa de residencia; o que é uma falta bem sensivel. Isto pelo que diz respeito á egreja antiga. Emquanto á nova, não sabemos de documento algum que d'ella tracte. Se os ha, como é de presumir, devem de existir na Camara ecclesiastica de Coimbra, a cujo bispado esta freguezia ainda então pertencia. Nada consta nos livros antigos da parochia ácerca da epocha da sua fundação. O que podemos porem asseverar com certeza é que no anno de 1766 ainda esta egreja não estava fundada; porquanto no livro de registo dos obitos se acha que o prior Mattos de Miranda fora sepultado na capella-mor da egreja matriz aos onze d'agosto d'aquelle anno e a capella--mor da nova egreja ainda então não existia, pois que só foi feita em 1870 a instancias e pelos cuidados do Reverendo Encommendado João Gomes da Fonseca, cujo zelo religioso é assaz conhecido. Á falta pois de documentos soccorremo-nos da tradição e aventuramos que esta tem apenas 103 annos; pois corre aqui, como certo, que os primeiros cadaveres, que n'ella se deram á sepultura, foram os de dois moços, que no mesmo dia morreram afogados no rio Vouga juncto ao Marnel. E folheando nós os livros do registo os obitos d'aquelles tempos, achamos efectivamente que no dia 13 do mez de julho do anno de 1777 foram sepultados na egreja matriz dois individuos do sexo masculino por nomes Victo-

rino e Manuel, que alli pereceram afogados no tempo do Prior José Rodrigues da Cruz Tigre. Julgamos portanto fora de toda a duvida, que foi no anno do reinado de D. José que esta egreja foi acabada. Sabe-se que foi construida pela quantia de 400$000 reis. Teem-se ultimamente feito nella algumas obras importantes. Entre elas importa mencionar a torre e o côro, que foram construidos em 1862; a capella-mor de que já fallamos construida á custa do cofre da bulla; o throno que o qual nenhum por estas visinhanças ha mais bem acabado e que muito acredita os artistas José Vidal, d'Albergaria, que o fez, e José Antonio dos Santos, do Béco, que o dourou, concluido em 1875; e finalmente o sino maior offerecido a esta egreja pelo cidadão Antonio Gomes Vidal em 1877. Tambem por este tempo foram acabadas de reedificar a a sacristia e a casa da fabrica. Está justo para ser feito de novo o antigo altar-mor do sacramento á custa do cidadão Manuel Joaquim Francisco Corga. Tracta-se finalmente da construção do cemiterio por conta da Camara municipal do Concelho, que esperamos em breve ver acabado; pois assim o exige a saude publica. Lamas do Vouga, 10 de julho de 1880.

«O Prior — João Gomes dos Santos.

«P. S. O conego Manuel Homem de Macedo da Camara Motta deu para o douramento da tribuna da capella-mor e throno a quantia de 200$000 rs. Esta egreja tinha tres cruzes de prata, um thuribulo e uma naveta do mesmo metal, utensilios que em 1808 foram *desamortisados* pelo general Junot: estas pratas tinham de peso 19 marcos (4, kg. 3605) no valor bruto de 106:409 rs.

«O dizimeiro na freguezia de Lamas (de que era directo senhorio o duque de Aveiro) era obrigado a dar annualmente para a festança na noite do Natal — Um carro de cepa bem carregado — dois alqueires de tremoço — dois de castanhas e dois almudes de vinho.

## DIREITOS PAROCHIAIS EM LAMAS

«Pertence ao parocho a quantia de 2:640 rs. d'officios grandes. Actualmente não tem o parocho nesta freguezia e visinhas obrigação de destribuir mais que nove missas pela alma de qualquer individuo que falleça com officios grandes, segundo a dispensa ha pouco alcançada de Roma. Tem direito de amentar por espaço de dois annos as pessoas que fallecerem percebendo em cada anno um alqueire de milho (16. l. 45).

«De cada Baptismo pertence-lhe uma garrafa de vinho (quartilho e meio), um bolo de pão de trigo e uma gallinha — Idem a respeito dos obitos até á idade de 12 a 14 annos. No baptismo os padrinhos dão o que querem. Tem 65:000 rs. de congrua e 81:000 rs. de rendimento d'inscripções. Tem tambem o direito de levantar o folar (meio tostão em dinheiro) e mais o que lhe quizerem por.

J. G. Santos»

Pode pois concluir-se que a planta a que esta narrativa se refere deve ter sido desenhada muito antes de edificada a capela-mor, pois esta só ficou terminada em 1870. E se a tôrre e côro foram construídos em 1862 e o trono concluído em 1875, aproximadamente durante 90 anos a nova igreja de Lamas pouco mais contaria que as quatro paredes da nave e alguns dos altares dêste corpo.

Assim deve ter sido, visto que o novo templo só muito posteriormente ao levantamento das paredes da nave e respectiva cobertura recebeu o sacrário, que ainda por largos anos se conservou na velha igreja, conforme tradição.

J. S. DE SOUSA BAPTISTA

# COSTUMES AVEIRENSES DE OUTRORA, DESCRITOS NUMA COMPOSIÇÃO POÉTICA DE JOAQUIM DA COSTA CASCAIS

PUBLICAMOS neste número, como prometemos, a seguinte composição de Joaquim da Costa Cascais, relativa a costumes de Aveiro. O autor datou-a de Mafra — em cujo convento funcionava então o Colégio Militar —, no dia 31 de Março de 1855. Numa nota, declara êle que havia vinte e oito anos não tornara a Aveiro. Tendo nascido nesta cidade em 1815, conclue-se que dela saíu com doze anos de idade. — Extraímo-la, sem qualquer modificação, do vol. XII do *Panorama* (Págs. 113-118).

J. T.

## «UM JUDAS HERMAPHRODITO

I

É Pedro um rapaz,
D'alcunha o *Fragata*,
Mancebo capaz,
Que dá sóta e az
Nas cousas do mar.
Um peixe a nadar,
Que faz e concerta
Tarráfas, chinchôrros;
E tem mão tão certa,
Co'a fisga ao candeio,
Que os peixes, sem vel-os,
Espéta-os ao meio!
E barco, ou bateira,
Que vá de carreira,
Que á vela, que á vara,
(A remos, não digo,
Que é lá cousa rara):
Governa o *Fragata*
Melhor, do que *Alboni*
Um trilo, ou volata.
Honrado, valente;
Um bom coração...
E a Deus, mais temente
Do que elle, — isso não.
Se, o padre vigario
Lhe põe penitencia

Resar uma c'rôa,
Resou um rosario.
Esbelta figura...
D'idade na flor...
Bizarro, — perfeito...
Não ha mais que pôr.
Airoso barrete,
Mourisco gabão;
As bragas de neve...
Simpleza, mais não;
Seu todo compunham
De tal perfeição;
Que a vel-o — senhoras...
Rainhas, talvez,
Não uma olhadella,
Deitavam-lhe tres.
— Perdido d'amor,
O bom pescador,
Só via Rosinha,
Galante mocinha
Mui bem concertada,
Que o padre vigario
Chamava — afilhada;
E bôcas do mundo...
Ai! bôcas nefandas,
Que tudo em bolandas
Remechem, revolvem...
Que a muitos envolvem
Com falsos enredos;
Descobrem segredos!...
Diziam... não digo.
Mas digo, e direi:
Cachopa de lei,
Maior perfeição,
Até'li, mais não.
Se mouro, ou judeu,
De tantos agrados
Um só fôra seu,
Daria... eu sei lá!
Korans, e talmuds,
Imperios d'Allah!
— Mas, se elle, — o *Fragata*
Por ella morria,
Mais sol, nem mais lua,
Rosinha não via.
Amavam-se, é certo,
Mas, muito em segredo,
Que o padre o soubesse,
Os dous tinham medo.
Não, que elle não fosse
Bondoso pastor,
Dos pobres, amparo,
Maior defensor.
Mas, Pedro era pobre,
Rosinha estimada;
Que em casa de padre
Jamais faltou nada.
— Havia um maluco
Na terra, — em Aveiro,
Sobrinho direito
D'um mestre barbeiro;
Se reles navalha,
Má lingua, o primeiro;
Que a linda Rosinha,
Tambem pretendia.
Nem elle sabia
*Nanaia* — o maluco
Se amava, se não.
Quem diz, que patétas
Tem lá coração!
Mas fez taes promessas,
Conselhos taes deu,
Que pôz d'as avessas
O tio, ao sandeu.
E, se este era parvo
Sem ser namorado,
Tornára-se agora
Um parvo quadrado.
— O tal *Cóspe-fóra...*
Ao rápa-cabello
Assim lhe chamavam,
E a alcunha fundavam,
Na grão demasia,
Com que elle cuspia;
Um diz, que era vicio,
Est'outro, que azia.
E vicio, ou molestia,
Que ao caso não vem;
E' certo, porém,
Que o tal *Cóspe-fóra,*
Já vendo o desdem
Com que ella — Rosinha,
*Nanaia* tratava;
Na cóla lh'andava.
E tanto espreitou,
E tanto indagou,



Vol. IX — N.º 34 — 1943

Que soube... pudéra!
Quem viu mexerico,
De pobre, ou de rico,
Occulto a barbeiro?
Ha tal, que dá novas
Colhidas a cheiro!
— De Pedro e Rosinha
Amores soubera;
E a bôca em cratéra
D'immundo volcão,
D'injurias, e cuspo
Se fez erupção!
Alfim concluindo
Com este sermão:
«Oh vós, que m'ouvides
Rebôlo, navalhas,
Cortinas, toalhas,
Panninhos da barba,
E banha, e sabão:
Se d'esse *Cuécas*,
Se d'esse *Pé-fresco*,
Se o *Pesca-alforrécas*,
M'as não pagar bem,
Chamae-me tambem,
Gigante na lingua,
Em obras ninguem.
Dizei... sim, fallae;
Toalhas, cortinas
A pelle m'esfregae.
E vós, meu rebôlo,
Meu rosto amollae.
E vós — oh navalhas!
Viris instrumentos,
Que barbas, *a fio*
Rapastes aos centos;
Meu sceptro flammante,
Que ao buço primeiro,
Que eu fiz, inda a medo;
Gritastes: — ávante!
Serás um barbeiro!...
Se Pedro, o *Fragata*,
Ruim pescador,
Logrado não fôr,
Qual roda, tornae-vos,
De Santa Catharina,
E d'este pescoço,
Não fique nem osso,
Na tal dirandina!

II

Porque seu melhor adorno
Agora o templo não tem?
Nem Senhor crucificado,
Nem santos vejo tambem!
Porque, o sol d'essas imagens
Alegral-o hoje não vem?
Tristes, rôxos véus, só vejo
Pendentes, aqui, além.
Incensos, festivos cantos,
Som de magua hoje os detem;
E' que dôr maior não houve
O mundo p'ra maior bem.
Hora fatal s'aproxima,
Pranteia Jerusalem,
Vae nas trevas submergir-se
Pura estrella de Bethlem.

III

Já tocam matracas,
Já maços aprompta m
Rapazes, que contam
Á noute, na igreja,
As *trevas* bater,
A mais não poder.
Lá vejo o barbeiro,
Chamando, o primeiro
*Gaiato* d'Aveiro,
Fallar-lhe em segredo,
E dar-lhe dinheiro!
— E ranchos de povo
Já prestes caminham
Caminho da igreja,
Que as horas já vinham.
E os mais precavidos
De ha muito eram idos;
Que em dias de festa,
P'ra ter bom logar,
Convem madrugar.
Rosinha, e Fragata,
Na igreja tambem,
Pertinho, um do outro,
Em ledo entretem,
De ha muito se olhavam.

IV

É noute. No templo patente,
Que mal se allumia, de luzes
[só quinze,
Há cantos sentidos — innu-
[mera gente.
Da conta, que vae decrescente
Das luzes, — só brilha no meio
[a mais alta.
Sumiu-se. — Eil-o o templo,
[que é trevas sómente!

V

E em chusma, os rapazes
Estrondo fazendo,
As trevas batendo.
E luz já traziam,
Inda elles batiam.
E os padres no côro,
De cannas armados,
Seus *cóques* vão dando
Nos mais descarados,
E a bulha findando.
— Officio acabado,
A mó se despeja,
Do povo, sem canto,
Que estava na igreja.
Eis, junto ao degrau,
Não sei de que altar,
O povo a cercar...
Zumzum, borborinho...
Sorrisos de mófa,
Com seu escarrinho!
Risadas no templo,
Murmurio tamanho...
O caso era estranho!
Se riso fazia,
A Pedro, e Rosinha,
Causava arrelia.
E foi, que ambos indo,
Officio já findo,
A pôr-se de pé,
Não houve de quê;
Que saia, e gabão
Pregados estão!
E puxa, que puxa,
E tão bem pregados,
Que, nem um nem outra,
Se dão despegados!
E puxa, que puxa,
E puxa a rasgar,
E saia, e gabão,
Rasgados lá vão,
De tanto puxar.
E Pedro, e Rosinha
Saíram corridos;
Elle ía raivando,
Rosinha, essa quasi
Perdêra os sentidos.
— O caso contado,
Vae sendo augmentado;
Pois diz o dictado:
«Quem conta seu conto
Augmenta-lhe um ponto.»
E conta d'aqui,
E conta d'ali;
Que certo, que vário,
O caso contaram
Ao padre vigario.
Oh bôca damnada,
Que foste dizer!
Rosinha, coitada,
Cuidava morrer;
Não, que elle — o vigario
De leve tocasse,
No caso falasse;
Nem era preciso:
Pessoa de sizo,
Que viva comnosco,
Por dentro, e por fóra,
N'um dito, n'um gesto,
Nos lê, sem demora.
— O *Rapa-bigodes*
O caso assoalhava,
Que em mal commentava;
Dizendo-o, — ser obra,
Castigo de Deus,
Exemplo a judeus,
Que em santo logar,
Em vez d'adorar,
Vem só namorar. —
E baixos os olhos,

Em ar supplicante,
Por fóra mentia,
O tal meliante,
Por dentro sorria;
E a quem o ouvia,
Melhor persuadia.

VI

O relógio não dá horas,
Os sinos emmudeceram;
Té as aves, em seus ninhos,
Seus cantares esqueceram.

Junta a igreja, gala a gala,
Já, seu throno guarneceram
Lindas jarras, flores, luzes,
E que todas s'accenderam.

Aromatica alcatifa
Pelo chão, vel-a estenderam,
E se mais pizada fôra,
Mais aromas recenderam.

Se mil annos, d'um tal dia,
Um a um se succederam,
Que de corações perdidos
A Jesus se não renderam!

—

As igrejas visitando
Anda gente, hoje, sem fim.
Quem viu quinta feira santa,
Que a não visse andar assim?

E já noute, infindo povo
Vel-o junto, sem motim.
Descoberto, de joelhos...
E' pasmar! Mas não p'ra mim;

Que no seu andor, lá vejo,
Com seu manto carmezim,
Veneranda imagem, feita
D'um só tronco d'alecrim.

É do Senhor — *Ecce-homo* (1)
—E eu por vel-a tambem vim—
Procissão,—e a mais solemne,
Té mouros dirão, que sim.

VII

Em erma viéla
Dous vultos, mais não,
Agora lá são.
Um posto, á janella,
Est'outro, no chão,
Que vultos serão?
Os dous, — elle e ella,
Rosinha, que a Pedro,
Por fina cordinha,
As mãos lhe passava
Gentil condecinha;
Que *amendoas* levava,
Não digo a ninguem.

Que o padre as pagava,
Não digo tambem.

*Pedro*

Ah *sôra* Rosinha,
Canté, se eu soubera
O méco, quem era,
Que os prégos pregou;
A' fé de quem sou,
Que — sem mais barulho,
Lhe dava um *margulho*,
Baldeava-lhe o coiro,
Com'a quem, no rio,
Vasa o vertedoiro!

---

(1) Assim chamam em Aveiro ao Senhor da Canna Verde. — É imagem de grande devoção, e construida d'um só tronco de alecrim. O povo assim o affirma, e a Chorografia do padre Carvalho, se bem me lembro, confirma-o.

*Rosinha*

Não ha de assim ser,
Meu Pedro: não ha de,
Sou d'outro par'cer.
Metter'st'em trabalhos,
Por quatro negalhos...

*Pedro*

Negalhos!—Pois cuida...

*Rosinha*

Eu cuido o que cuidas.
Que fôra mal feito,
Lá vir um sujeito,
Quem quer que elle seja,
Fazer-se atrevido;
E o que é mais, na igreja;
Merece castigo.

*Pedro*

É o mesmo que eu digo,

*Rosinha*

Mas vaes muito além.
Lição, que o escarmente,
E a nós, nos contente,
Dar mal, ficar bem...
Eis tudo.

*Pedro*

Será.
Sua bôca o disse,
Calado estou já.

*Rosinha*

Sei tudo. O *Nanaia*
Fallei-lhe inda agora,
Caíu, sem demora.
Foi elle...

*Pedro*

O maluco!

*Rosinha*

Não, o *Cóspe-fóra.*
Peitára um gaiato,
Que ao bater das trevas,
Nos pregasse o fato...
Mas, deixa tu 'star,
Que as ha de pagar.

*Pedro*

Como?

*Rosinha*

Eu t'o digo.
—O Pedro, se o sabe,
Dizia eu commigo,
Alguma desgraça,
Quem diz, que não faça?
E á conta dos medos,
Forjei meus enredos...
—Caluda!... Vem gente...
Ámanhã... Adeusinho...
Mas vem mais cedinho.

VIII

Já se ouviu—*Gloria in excelsis*,
Alleluia já soou;
E nem sino, nem garrida,
Nem um só d'elles tocou!

Pois se as trevas já findaram,
Se luz nova já raiou,
Nem um toque d'alegria,
Em Aveiro resoou!

Inda não; que ao signal dado
Da *Matriz* tudo ficou;

E n'um tempo, agora tudo,
Tudo em cheio repicou ([1])
D'essa alegre hora festiva
Olvidado inda não sou.
Commoções, que o berço dera
Inda o tempo as não levou.

Grossa pedra d'Alleluia,
Com que o lorpa carregou,
Ajoujado — de tão longe...
A vel-o cuido que estou!

IX

E um Judas pendente,
Na corda dansava;
Ao som d'algazarra,
Que a plebe soltava.
E povo, e mais povo,
Se o caso era novo!
Que a *Judas*, Aveiro
Não era vezeiro ([2]).
— E o Judas bailando,
Um, já perguntando,
Aquelle explicando,
Em terras do reino
A usança ter visto.
— E juntas, dispersas,
Mil vozes diversas.
«Pois Judas é isto!»
— E a plebe, que ríra!
Se ao Judas, agora,
Deu tal vira-vira,
Que, quasi, o despira!

*Vozes*

Caíram-lhe as calças!
«É Judas, sem alças»
— Espera — traz saia!
«Mas Judas é macho!...»
— Este é d'outra laia;
«Será macha-femea!»
— E n'isto, um gaiato
Doutor no pião,
Em péla e bilharda,
Lhe chega um tição.
E o fogo s'ateia,
E o Judas rabeia:
Já bichas sibilam,
E se alto ribomba
O estoiro da bomba,
Tambem dão seus baques
Alguns trique-traques.

—

— E o Judas então,
Caído é no chão.

*Gaiato*

— Caluda, rapazes!
Prestae-me attenção.
— E vel-o, que abrira
Pequena caixinha,
Que o Judas continha;
E d'ella, que tira
Papel, onde escriptos
Estão estes ditos:
— Come pão de milho e sêmea,
Este Judas macha-femea,
De marido, e mulher tem
Seu fato: — de mais ninguem.
E quaes são sabêde agora:
Ella, e o mestre Cóspe-fóra! —

Geral gargalhada,
O povo soltava,

---

(1) Lembro-me que, quando eu era pequeno, assim se praticava em Aveiro. Hoje não sei se a usança ainda subsiste, por que ha 28 annos que lá não vou. Aquillo, sim, que era uma verdadeira *Alleluia*, de que ainda me recordo com saudade infantil, de todas a mais grata.

(2) Assim era, na minha meninice. A usança do Judas, em sabbado d'Alleluia, era ali desconhecida; ou pelo menos o povo não a punha em pratica.

E o mestre fitava;
Que já d'abalada,
Veloz se *raspava*,
Ao som d'apupada.
*Fragata* sorria,
Rosinha tambem;
E já lhe dizia:
— Vingámo-nos bem.

—

O mestre fez queixas
Ao padre vigario.
Ouvida Rosinha,
Não disse o contrario;
E só, que o barbeiro
Zombára primeiro.
O padre zangou-se,
Primeiro ralhou,
Por fim perdoou;
Depois perguntou:

*Padre*

Que idéa de Judas
Foi esta? — Onde a viste?
Que fóra d'Aveiro
Diriam saíste!

*Rosinha*

Contou-me a visinha,
Que a festa, em Lisboa,
Seus Judas lá tinha:
De como os vestiam...
Do que lhes faziam...
E agora — padrinho,
Que sabe a verdade...
Negar-me, não ha de...
Pois elle... o Pedrinho...
Riquezas... não tem...
Bem sabe, o padrinho,
Se as tenho... também...
E depois...

*Padre*

Depois?
Morreram as vaccas,
Ficaram os bois.
— O que Deus quizer
Só isso ha de ser. —
E seja! — Que as paschoas
Alegres nos venham,
E taes se mantenham...

*Rosinha*

Padrinho d'esta alma!
Que abrazo de calma!...

*Padre*

«Silencio! — O *folar*,
Que este anno receba...
E' teu... e... casar!
E Deus te abençoe...»
— E o padre a chorar!

—

Em autos conclusos,
Os casos confusos,
Eis claros estão.
Só falta dizer-vos,
Que o parvo *Nanaia*,
Que as calças, e saia,
Levára, — coitado,
Depois de ralhado,
Cuspido, tosado
P'lo mestre barbeiro,
Foi quem mais perdeu.
Em toda a questão,
Ou perde o vilão,
Ou perde o sandeu.»

# FORAIS NOVOS
# DO DISTRITO DE AVEIRO

## PAOS



Dom manuel Per graça de d*eus* Rey de purtugal *e* dos algarues daaquem *e* daalem mar em africa Sen*h*or de guinee da comquista nauegaçam Com*m*erçio d*e* ethiopia arabia perssia E da Jmdia A quamtos esta nossa carta de foral dado aa uilla *e* comçelho de paaos pera sempre virem fazemos saber que per bem das Semtemças detriminacõoes geraaes *e* espiçiaaes

que foram // dadas *e* feitas per nos *e* com os do nosso comsselho *e* leterados açerca dos foraaes de nossos Reg*n*nos *e* dos d*irei*tos Reaaes *e* tributos que se per elles deuiam d*e* arrecadar *e* pagar ℂ E assy pellas Imquiricoes q*ue* primçipalm*en*:e mandamos tirar *e* fazer em todollos lugares de nossos Regnnos *e* Sen*ho*rios Justifficadas primeiro com as pessoas que os ditos d*irei*tos rreaaes tinham achamos per Jmquirições particullares que as Remdas *e* d*irei*tos Reaaes se deuem hy d*e* arrecadar *e* pagar Na maneira *e* forma Seguimte: —

MOstra sse que na dita terra foy em outro tempo tirada Jmquiriçam Per mingoa de foral amtigo que hy nam auya da maneira em que os d*irei*tos se hy deuiam d*e* arrecadar per bem do huso *e* custume que aaquelle tempo estauam ℂ O qual por ysso mesmo agora o nam acharmos de todo aprouado Nos neste nouo foral que na dita terra *e* comçelho mandamos decrarar *e* fazer tornamos a mandar fazer originalmente o tombo da dita terra Per oficiaaes nossos presemtes todollos moradores do dito comçelho aJuramentados ℂ Os quaaes particullarmente decrarará todallas terras *e* casaaes foreiros que na dita terra avia Jmti // tulladas particularmente nas pessoas que as agora trazem com os foros *e* d*irei*tos que dellas deuem pagar. ℂ O qual tombo *e* Jmquiriçam assy Justificada por ser mujto grande ovuemos por escusada de a mãdar trelladar nestes nouos foraaes E por mjlhor aujamẽto das partes ovuemos por bem manda la emtregar na nossa villa d*e* aueyro A Bras de ferreyra escudeiro de nossa casa *e* esc*r*ipuam do nosso almoxeriffado da dita villa O qual per nosso espeçial mãdado teue cargo de procurador dos pouoos da dita comarca E assi de faz*er* a dita Jmq*u*iriçã Da maão do q*ua*L o dito C*oncelh*o . podera mãdar tirar o trellado do dito tombo fielm*ent*e . aprouado *e* cõçertado cõ elle dito Bras de ferreira E cõ ho moordomo do senhorio *e* cõ ho escripuã que o ovuer de trelladar O q*ua*l trellado mãdamos q*ue* faça fee Jmteiram*ent*e . como ho proprio original E damos d*e* espaço ao dito cõçelho que o mãde trelladar na dita maneira Da presentaçã deste foral a hũ Anno *e* meo E nã se trelladãdo neste tẽpo por sua njgligẽçia do dito cõçelho mãdamos ao dito Bras de ferreira q*ue* peramte hũ taballiã pubrico ho emtregue ao senhorio dos ditos d*irei*tos ou a seu procurador . A cada hũ dos quaaes mandamos que dem ho trellado em pubrico ao dito Comçelho ou a cada pessoa delle que o pera sy particullarmẽte qujser // tirar em qualquer tempo que o requeryr sem lhe leuarem busca nẽ outro njnhũ dereito nem lhe poerem njsso njnhũa delonga nem duujda.

E Decraramos que posto que nos ditos tombos vãao outras cousas que pertemçam a padroados *e* Jurdiçooes *e* a outras particullaridades de Sen*ho*rio decraramos que somente os foros *e* tributos da terra se ham de Julgar pella dita Jmquiriçam *e* nam outras nhuũas cousas aalem das abaixo per nos aquy detriminadas: —

ℂ E aalem dos foros tributos *e* d*irei*tos que assy pollo dito tombo sam decrarados se auerem na dita terra de pagar ouuemos por bem de decrarar particullarmente aquy neste foral os outros d*irei*tos da dita terra com as limitacooes primeiramente com que os d*irei*tos da dita Jmquiriçam *e* tombo se ham d*e* arrecadar: —

PRimeiramente decraramos que os foreiros sam obrigados de alĩpar os çelleiros *e* adegas *e* leuar o pam *e* foros ao celleiro do Sen*ho*rio aa sua custa O qual estara no dito lugar *e* nam doutra maneira. *a saber* . as Reçoões *e* eiradegas leuarão // no nouo E as fogaças *e* capooes atee dia de samtesteuam de cada hũu anno ℂ E se a este tempo lhas nam quiserem Reçeber da primeira vez que lhas leuarem Mandamos ao Juizes da terra so pena de pagarem tudo de sua casa que façam as ditas cousas entregar a hũu homem bõo do comçelho que as Reçeba aa custa das dictas Remdas de cuJa maão o Sen*ho*rio a Reçebera sem serem obrigados os depositarios aa perda que sem sua culpa as ditas cousas guardãdo as rreçeberẽ: — ℂ Ou as tornarão pera suas casas sem serem a mais obri-

gados que pagarem nas a dinheiro assy como emtam vallia na terra geralmente quamdo lhe nam foram Reçebidas qual destas duas maneiras os pagadores mais quiserem sem serem a mais obrigados. ❡ E se as ditas cousas nam leuarem aos ditos tempos Decraramos que as pagarão dy em diamte aa mayor vallia segumdo nossas detriminaçoões em tal caso ffeictas: —

E Seram diligemtes os mordomos ou Remdeiros hirem partir as nouidades no dia que pera ysso forem Requeridos ou atee outro dia aaquellas oras porque nam himdo a esse tempo as partes partiram // suas nouidades com duas testemunhas sem serem a mais obrigados nem emcorrerẽ por ysso em nhũua pena E a parte do *Senho*rio leuarão ao çelleiro do *Senho*rio segumdo sam obrigados *e* nam lhos Reçebemdo guardar sse a nisso a detriminaçam geral deste foral na semelhamte emtrega: —

## ❡ TOMADIAS

E Decraramos os moradores da dita terra *e* comçelho de paos nam serem obrigados a darem geiras nẽ seruiços dos corpos ao *Senho*rio dos dictos d*ire*itos nem com seus boys *e* bestas Nem ysso mesmo lhe darem Nem lhe tomarem galinhas carneiros Pam Vinho Palha lenha Nem nhũa óntra cousa ❡ E quamdo cada hũa destas cousas ouuer mester pera seu mantimẽto o *Senho*rio estamdo elle na terra os Juizes *e* offiçiaaes della lhos darem pollo preço que emtam geralmente vallerem na terra damdo elle logo o dinheiro dellas: —

E Quamto aa pousemtaria de casas *e* rroupas ysso mesmo defemdemos aos *Senho*rios presemte *e* vimdouros que as nam tomem *e* mandamos aos do dicto comçelho que lha nam dem saluo hũa // so vez no aňno somente por vimte dias *e* mais nam sob as penas deste foral: —

## ❡ MANINHOS

E Decraramos que os maninhos da dita terra seram dados pello sesmeiro da terra ou mordomo do *Senn*h*o*rio segumdo se comçertar Aos quaaes mandamos que guardem Jmteiramente açerca da dada dellas nossas ordenações das sesmarias semdo auisados que se nam dem nem tomem nos casaaes *e* terras aforadas a outrem nem menos nas saydas *e* logramentos doutros casaaes ❡ E per comseguimte nos casaaes ygleJairos que ouuer na dita terra: —

E Decraramos que omde ouuer prazos se guardem as comdiçooes delles em tudo E nos outros casaaes d*e* erdeiros decraramos que as poderam Vemder *e* fazer delles o que lhe bem vier semdo com taaes pessoas que paguem os dictos foros *e* pagaram soomente de terradego do dinheiro por que as vemderem outro tamto como a terra for aforada a pagar das nouidades: —

## ❡ PENAS DOS JUIZES

E Decraramos que nam leuara o *Senho*rio nhũuas Pẽnas das que sam postas pellos Juizes *e* almotaçees Nem per outros offiçiaaes do comçelho: — //

## ❡ COUTADAS

❡ E assy decraramos nam se fazer na dita terra *e* termo nhuũas coutadas de nhuũa caça nem pescaria: —

## ¶ MONTADOS

¶ E nos montados se nam fara agora nem em nhũu tempo mudamca da maneira em que se agora husa assy com os moradores da terra como com os de fora: —

## ¶ TABALIAM

¶ O taballiam paga em aueiro: —

## ¶ VEMTO

O Gaado do vemto que he d*ire*ito Reall quamdo se perder segumdo nossas ordenaçoões com decraraçam que a pessoa a cuJo poder for ter o venha screuer a dez dias primeiros seguimtes so pena de lhe ser demãdado de furto: —

## ¶ ARMA

DA pena d*e* arma se leuaram duzemtos rreaaes *e* as armas com estas limitacooes . *a saber* . que as ditas p*e*nas se nam leuaram qũado apunharem espada ou qualquer outra arma sem a tirar Nem os que sem preposito em rreixa noua tomarem paao ou pedra posto que com ellas façam mal ¶ Nem a pagara moço de quimze anos *e* dy pera baixo Nem molher de qualq*uer* hidade Nem os que castigamdo sua molher *e* filhos ou escrauos tirarem samgue Nem os que com bofetada // ou punhada tirarem samgue ¶ Nem quem em defemdimento de seu corpo ou apartar *e* estremar outros em arroydo tirarem armas Posto que com ellas tirem samgue ¶ Nem escrauo de qualquer hidade que sem ferro tirar samgue: —

## ¶ PORTAGEM

DEcraramos primeiramente que a portagem que se ouuer de pagar na dita villa ou lugar ha de ser per homẽes de fora della que hy trouxerem cousas de fora a vemder ou as hy comprarem *e* tirarem pera fora da uilla *e* termo A qual portagem se pagara nesta maneira: —

## ¶ PAM V*INH*O SAL CAL FRUITA ¶ V*ER*DE *ET* C*ETERA*: —

DE todo trigo cemteo çeuada milho paymço avea ou de farinha de cada hũu delles ou de sal ou de cal ou de linhaça ou de vinho *e* de vinagre *e* de qualquer fruyta verde emtramdo ortaliça *e* mellooes *e* legumes verdes se pagara por carga mayor de cada huũa das ditas cousas . *a saber* . de besta cauallar ou muar hũu Real de seis çeptijs o rreal ¶ E por carga menor que he d*e* asno . meo rreal ¶ E por costal que hũu homem pode trazer aas costas dous çeptijs *e* dy pera baixo em qualquer camtidade em que se vemderem se pagara hũu çeptill // ¶ E outro tamto se pagara quamdo se tirar pera fora Porem quem das ditas cousas ou de cada hũua dellas comprar *e* tirar pera seu huso *e* nam pera vemder cousa que nam chegue pollos ditos preços a meo Real de paga nam pagara da tal portagem nem o fara saber: —

## ¶ DECRARAÇAM DAS CARGAS

E Posto que mais se nam decrare adiamte neste foral a carga mayor nem menor decraramos que sempre a primeira adiçam *e* asemto de cada huũa das dictas cousas he de besta mayor sem mais se nomear. *e* pollo preço que a essa primeira adiçam sera. Posto se emtemda logo sem se hy mais decrarar que o meo do preço dessa carga sera de besta menor ¶ E o quarto do dicto preço Per comseguimte sera do dito costal: —

## ¶ CARROS

E Quamdo as ditas cousas ou outras vierem ou forem em carros ou carretas pagar sse a por cada hũua dellas duas cargas mayores segumdo o preço de que forem ¶ E quamdo as cargas deste foral se começarem a vemder *e* se nam vemder toda a carga pagara a portagem soldo aa liura do que somente vemder *e* nam do mais que fica por Vemder: — //

## ¶ COUSAS DE QUE SE NÃ PA ¶ GA PORTAGẼ

A Quall portagem se nam pagara de todo pam cozido queiJadas Bizcoito Farellos Nem bagaço d*e* azeitona nem d*e* ouos Nem de leite Nem de cousa delle que seia sem sal Nem de prata laurada Nem de vides Nem de canas Nem carqueia Tojo Palha Vasoiras Nem de pedra nem de barro nẽ de lenha Nem erua Nem das cousas que se comprarem da uilla pera o termo Nẽ do termo pera uilla Posto que seiam Pera vemder assy vezinhos como nam vezinhos ¶ Nem das cousas que se trouxerem ou leuarem pera algũua armada nossa ou feita per nosso mandado Nem dos mantimentos que os caminhamtes comprarem *e* leuarem Pera ssy *e* Pera suas bestas:

## ¶ GAADOS DE MONTADO

¶ Nem dos gaados que vierem pastar a algũus lugares pasamdo nem estamdo saluo daquelles que se hy somente vemderẽ dos quaaes emtam pagarão pollas leis *e* preços deste foral ¶ E decraramos que das ditas cousas nam se ha de fazer saber aa portagem de que assy mandamos que se nam pague d*ire*ito nella: —

## ¶ CASA MOUIDA

A Qual portagem ysso mesmo se nam // pagara de casa mouida assy himdo como vimdo nemhũu outro d*ire*ito per qualq*ue*r nome que o possam chamar saluo se com a dita casa mouida leuarem cousas pera vemder porque das taaes pagaram portagem omde as somente ouuerem de vemder segumdo as comthias neste forall vam decraradas *e* nam doutra maneira: —

## ¶ NOUIDADES TIRADAS PERA FORA: —

NEm pagarão portagem os que leuarẽ os fruytos de seus bẽes moueẽs ou de Raîz ou doutros bẽes alheos que trouxerem d*e* arremdamento nem das cousas que a algũas pessoas forem dadas em pagamento de suas temças casamentos merçees ou mantimentos Posto que as leuem pera vemder: —

## ¶ PASAGEM:

E Nam se pagara portagem de nhuũas mercaderias que na dita villa ou lugar vierem ou forem de pasagem pera outra parte assy de noute como de dia *e* a quaaesq*ue*r tempos *e* oras Nem seram obrigados de o fazerem saber ¶ Nem emcorreram por hisso em nhũua penna Posto que hy descarreguem *e* pousem ¶ E sse hy mais ouuerem d*e* estar que todo outro dia por algũa causa dy por diamte o foram sab*e*r Posto que nam aJam de vemder: —

## ¶ CARNE GADOS

E Pagar sse a mais por cabeça de boy // que se hy vemder pollas ditas pessoas de fora na dita maneira tres rreaaes ¶ E da vaca dous rreães ¶ E do carneiro porco dous çeptijs ¶ E do bode cabra ouelha hũu çeptil ¶ E nam se pagara portagẽ de borregos cordeiras cabritos Nem de leitõoes saluo se

se vemderem ou comprarem de quatro cabeças pera çima Jumtamente porque emtam pagaram por cada huũa hũu çeptil E do touçinho ou marrãa Jmteiro dous çeptijs ⸿ E do emçetado nam se pagara nada Nem de carne de talho ou de emxerca.

⸿ CAÇA

⸿ E de coelhos lebres perdizes nem de nhũuas aves nem caça nã se paga portagem assy pollo vemdedor como pollo comprador em quallquer camtidade:

⸿ ESCRAUOS

E Do escrauo ou escraua que se vemder aJmda que seia parida se pagara treze rreaaes

BESTAS

E da besta cauallar ou muar outros treze rreaaes ⸿ E da egoa tres rreaaes ⸿ E da besta asnal dous Reaaes E este direito das bestas e escrauos nam pagarão vassallos e escudeiros nossos e da rraynha e de nossos filhos ⸿ E se trocarem hũus por outros com dinheiro pagaram Jmteiramente E se nam tornarem dinheiro nam pagaram ⸿ E a tres dias despois da compra de cada hũua das ditas // bestas ou escrauos teram tempo pera o hirem escreuer sem penna: —

⸿ PANOS

E De toda carga mayor de todollos pannos de llaã seda e de linho e algodam de qualquer sorte assy delgados como grossos e da lãa e linho Ja fiados doze rreaaes: —

⸿ COIRAMA *E* COUSAS DELLA

E Outros doze rreaaes se pagaram por toda coirama cortida e cousas della e assy dos coiros vacarijs cortidos ou por cortir ⸿ E assy da coirama em cabello ⸿ E assy por calçado e quaaesquer obras de cada hũu delles ⸿ E por coiro vacaril hũu rreal ⸿ E das outras pelles a dous çeptijs quamdo nam forem per cargas

⸿ METAAES

⸿ E outros doze rreaaes se pagarã por toda carga de ferro. aço. e de todollos metaaes ⸿ E por quaaesquer obras delles assy grossas como delgadas

⸿ MARÇARIA

⸿ E outros doze rreaaes se pagaram por carga de todallas marçarias espeçearias e boticarias e timturas e por todas outras suas semelhamtes: —

⸿ AZEITE ÇERA SEUO *E* SEMELHAMTES:

E Assy por carga de çera mel azeite seuo vmto queiJos secos e mãteiga salgada Pez rrezina breu sabam alcatram outros doze rreaaes

⸿ FORROS

⸿ E assy por todallas pelles de coelhos cordeiras e de qualquer outra // pelitaria ⸿ E quem das dictas cousas ou de cada huũa dellas leuar pera seu huso e nã pera vemder nam pagara portagem nam passamdo de costal que ha de ser de duas arrouas e mea de cada hũua dellas de que se ha de pagar tres rreaaes de portagem leuamdo a carga mayor deste foral em dez arrouas destas agora ⸿ E a carga menor em çimquo ⸿ E o costal nas ditas duas arrouas e mea: —

## ℂ FRUITA SECA

E Por carga de castanhas *e* nozes v*er*des *e* secas Ameixias passadas figos passados ℂ E assy vuas Amendoas pinhoes por britar avellãs bolletas mostarda lemtilhas

## ℂ LEGUMES SECOS

ℂ E por todollos legumes secos comtãdo alhos secos *e* cebollas a quatro rr*eaae*s por carga mayor

## ℂ CASCA CUMAGRE:—

ℂ E outro tamto leuaram de casca *e* cumagre

## ℂ COUSAS D*E* ESPARTO:—

ℂ E outro tamto se pagara . de palma esparto Jũca *e* Jũq*uo* *e* de todallas obras de cada hũua dellas ou de tabua *e* fumcho: *a saber* . quatro rreaaes por carga mayor

## ℂ LINHO EM CABELLO

E Per esse Respeicto de quatro rreaaes se pagaram de carga mayor de linho em cabello

## ℂ MADEIRA

ℂ E de toda madeira assy laurada como por laurar:—

## ℂ PESCADO

ℂ E assy de carga maior de pescado do mar *e* marisco se pagara os dictos quatro como // destoutras cousas quamdo vier pera vemder. Porem quamdo se tirar do dito lugar se pagara somente hũu rreall de seis ceptijs o rreal ℂ E outro rreal se pagara do pescado do Rio quamdo se vender somente

## ℂ BARRO

E outros quatro rreaaes se pagara de toda louça *e* obra de barro aJmda que seia vidrada assy do rregnno como de fora delle:—

## ℂ SACADA CA*R*GA POR CARGA

E Decraramos que se dara sacada carga por carga no dito lugar *e* tomara o portageiro a mayor dellas qual quiser E se for paga a primeira que foy mayor nam pagara de qualquer outra que tirar nada ℂ E se for mais pequena a que pagou leuar lhe am em comta pera a paga da mayor que tirar o que tiuer pago pella primeira mais pequena que meteo:—

## ℂ EMTRADA

E Os que trouxerem mercadorias pera vemder se no propio lugar omde quiser vemder ouuer Remdeiro da portagem ou oficial della fazer lho a saber ou as leuaram aa praça ou acougue do lugar ou nos Resios delle qual mais quiser sem nhuũa Pena E se hy nam ouuer Remdeiro Nem praça descarreguem liuremente omde quiserem sem nhuũa pena comtamto que nam vemdam sem o noteficar ao rremdeiro se o hy ouuer ou ao Juiz ou vĩta // neiro que hy no lugar possa auuer ℂ E se hy nhũu delles nam ouuer nem se poder

emtam achar notefiquem no a duas testemunhas ou a hũua se hy mais nam ouuer ¶ E a cada hũu delles pagaram o direito da portagem que per este forall. mandamos pagar sem nhuũa mais cautella nẽ pena

¶ DESCAMINH ¶ ADO POR EMTRADA: —

E Nam o fazemdo assy descaminharam *e* perderam as mercadorias somente do que assy nam pagarem o dicto direito de portagem *e* nam outras nhuũas nem as bestas nem carros nem as outras cousas em que as leuarem ou acharem: —

E Posto que hy aJa rremdeiro no tal lugar ou praça se chegarem de noute despois do sol posto nam faram saber mais *e* descarregaram omde quiserem comtamto q*ue* ao outro dia atee meo dia o notefiquem aos ofiçiaes da dita portagem primeiro que vemdam sob a dita pena ¶ E se nam ouuerem de vemder *e* forem de caminho nam seram obrigados a nhũua das dictas Recadaçoões segumdo no titollo da pasagem fica decrarado: —

¶ SAYDA

E Os que comprarem cousas pera tirar pera fora de que se deua pagar portagem podel las am comprar liuremente // sem nhũua obrigaçam nem diligemçia *e* somente amte que as tirem do tal lugar ou termo arrecadaram com os offiçiaaes a que pertemçer sob a dicta penna de descaminhado: —

¶ DESCAMINHADO POR SAYDA: —

E Os priuiligiados da dita portagem posto que nam aJam de pagar nam seram escusos destas diligemçias destes dous capitollos atras das emtradas *e* saydas como dicto he sob a dicta penna: —

¶ P*RI*UILIGIADOS

As pessoas eclesiasticas de todollos moesteiros assy d*e* omẽes como de molheres que fazem voto de profissam ¶ E os creligos d*e* ordes sacras ¶ E assy os beneficiados d*e* ordees meores Posto que as nam tenham que viuem como creligos ¶ E por taaes foram auydos todollos sobredictos sam Ysemtos priuiligiados de portagem nhuũa. vsagem custumagem per qualquer nome que a possam chamar assy das cousas que vemderem de seus bẽes *e* benefiçios como das que comprarem trouxerem ou leuarem pera seus husos ou de seus beneffiçios *e* casas *e* familiares de qualq*ue*r calidade que seiam: —

E Assy o seram as çidades villas *e* lugares de nossos Reynos que tem // priuillegio de nam pagarem . *a saber*. A cidade de lixboa ¶ E a gaya do porto ¶ Pouoa de varzim ¶ Guimaraaes ¶ Braga. ¶ Barçellos ¶ P*r*ado ¶ Pomte de lima ¶ Viana de lima ¶ Caminha ¶ Villa noua de çerueira ¶ Vallemça ¶ Momçam ¶ Crasto leboreiro ¶ Miramda ¶ Bragamça ¶ Ffreixo ¶ O azinhoso ¶ Mogadouro ¶ Amçiaães ¶ Chaues ¶ Momforte de rrio liure ¶ Momte alegre ¶ Crasto vicemte ¶ A cidade da guarda ¶ Jormello ¶ Pinhei ¶ Castel rrodrigo ¶ Almeida ¶ Castel mendo ¶ Villar mayor ¶ Sabugal ¶ Sortelha ¶ Couilham ¶ Momsamto. ¶ Portalegre ¶ Maruam ¶ Arromches Cãpo mayor ¶ Ffromteira ¶ Monforte ¶ Montemor o nouo Monsaraz ¶ BeJa ¶ Moura ¶ Noudal ¶ Almodouuar ¶ Odemira ¶ Villa viçosa ¶ Eluas ¶ Oliuemça ¶ A çidade d*e* euora ¶ Os moradores no Castello de çezimbra: — ¶ E assy o seram os vezinhos do mesmo lugar *e* termo no dito lugar ¶ E assy seram liberdados da dita portagem quaaesq*ue*r pessoas ou lugares que nossos p*ri*uilegios tiuerem ou mostrarem ou o trellado em p*u*p*li*ca // forma aalem dos açima comtheudos: —

E As pessoas dos dictos lugares priuiligiados nam tiraram mais o trelado do priuilegio nem o traram somente tiraram certidam feita pello escriuam da camara *e* com o sello do comçelho como sam vezinhos daquelle lugar ¶ E posto que aJa duuida nas ditas çertidooes se sam verdadeiras ou daquelles que as apresemtam poder lhes am sobre ysso dar Juramento sem os mais deterem Posto que se diga que nam sam verdadeiras ¶ E se despois se prouar que eram falsas perdera o escriuam que a fez o offiçio *e* degradado dous annos pera çepta ¶ E a parte perdera em dobro as cousas de que assy emganou *e* sonegou aa portagem a metade pera nossa camara ¶ E a outra pera a dicta portagem Dos quaaes priuilegios vsaram as pessoas nelles comteudas pellas dictas çertidooes Posto que nam vam com suas mercadorias nem mandem suas procuracooes comtamto que aquellas pessoas que as leuarem Jurem que a dicta çertidam he verdadeira *e* que as taaes mercadorias sam daquelles cuja he a çertidam que apresemtarem: — /

¶ P*E*NA DO FORAL

E Qualquer pessoa que for comtra este nosso foral leuamdo mais d*irei*tos dos aquy nomeados ou leuamdo destes mayores comthias das aquy decraradas ho auemos por degradado por hũu anño fora da uilla *e* termo *e* mais pague da cadea trimta rreaaes por hũu de todo o que assy mais leuar Pera a parte a que os leuou *e* se a nam quiser leuar seia a metade pera quem o acusar ¶ E a outra metade pera os catiuos ¶ E damos poder a qualquer Justiça omde acomteçer assy Juizes como vimtaneiros ou quadrilheiros que sem mais proçesso nem ordem de Juizo sumariamẽte sabida a verdade comdenem os culpados no dicto caso do degredo *e* assy do dinheiro ate comtia de dous mil rreaaes sem apellacam nem agrauo *e* sem disso poder conheçer almuxariffe nem comtador nem outro offiçial nosso nem de nossa fazemda em caso que o hy aJa ¶ E se o Sen*ho*rio dos dictos d*irei*tos o dicto foral quebramtar per ssy ou per outrem seia logo sospemsso delles *e* da Jurdicam do dicto lugar se a tiuer emquamto nossa merçee for . *e* mais as pessoas que em seu nome ou por elle o fizerem emcorreram nas dictas Penas // *e* os almuxariffes escriuaaes *e* offiçiaaes dos ditos d*irei*tos que o assy nam comprirem perderam logo os dictos offiçios *e* nam averam mais outros ¶ E portamto mandamos que todallas cousas comtheudas neste foral q*ue* nos poemos por ley se cumpram pera sempre do theor do qual mandamos fazer tres hũu delles pera o dicto comcelho E outro pera o Sen*ho*rio dos ditos d*irei*tos ¶ E outro pera nossa torre do tombo pera em todo tempo se poder tirar qualq*ue*r duuida que sobre ysso possa sobrevir Dada em a nossa muy nobre *e* sempre leal cidade de lixboa aos dous dias do mes de Junho de mil *e* quinhemtos *e* dezaseis : vay per ¶ mỹ ferna de pyna cõçertado em omze folhas —

el Rey · :—

foral p*er*a paoos. R[cos] //

Segue-se o auto de entrega do foral e *vistos* de correição.

O exemplar que utilizámos para esta impressão foi-nos obsequiosamente facultado pelo Ex.[mo] Sr. Dr. Arnaldo Nogueira de Lemos. Pertencera à Câmara Municipal do extinto concelho de Paos.

A. G. DA ROCHA MADAHIL

# VELHOS COSTUMES DOS POVOS DA REGIÃO DE VOUGA

ALÉM de algumas velhas usanças já publicadas no meu livro *Travassô e Alquerubim*, outras aqui registo, que dizem respeito a esta região:

## TIRAR O FOLAR

— Já se ouve a campainha?

— Ainda não, mas já se ouvem os foguetes.

E, assim, com campainha e foguetes, que o rapazio alegremente ia tocando à frente do Sr. Prior, percorria o páröco da freguesia tôda a aldeia, entrando em tôdas as casas, das mais modestas às mais abastadas.

Os foguetes iam além, como guarda avançada; mais perto do padre a campainha. Com mais foguetes ou menos foguetes êste tradicional costume ainda hoje se mantém.

Juncam-se, com flôres e ervas cheirosas, as portas das residências, como indicação ao Sr. Prior por onde deve entrar. É um dia de festa. Tôda a gente da casa está vestida à moda dos domingos. É uma alegria, porque se vai receber o Senhor.

A comitiva chegou, enfim, à porta de um paroquiano. À frente entra o homem que leva a cruz de Cristo; a seguir o Sr. Prior; depois outros membros da comitiva, o que recebe as bulas atrasadas, etc.

O homem que leva a cruz e que veste, como os outros, opa vermelha, dá o Senhor a beijar às pessoas da casa, que ajoelham.

Fora fica o rapazio, aglomerado, à espera das amêndoas; e com o rapazio um carro, transformado em gaiola, com muitas e gordas galinhas, e há rapazes com chapéus cheios de ovos. É o folar com que os paroquianos presenteiam o Sr. Prior.



Vol. IX — N.º 34 — 1943 8

Em casas mais ricas e de pessoas categorizadas da terra, era e ainda é costume, entre algumas, pôr-se boa moeda de prata em cima de vistosa laranja, na sala de visitas, onde há mesa apropriada e onde o Sr. Prior, por especial deferência, se senta com a comitiva durante uns minutos para meter à boca uma amêndoa, um biscoito, ou refrescar a garganta com um cálice do Pôrto ou licôr, que senhoras da casa a todos servem em bandejas de bom metal.

Estas casas, em cima de uma mesa, a um dos cantos da sala, costumam ter uma pequena almofada de seda bordada, e é sôbre esta almofada que o homem da cruz coloca o Senhor enquanto o pároco distingue a família com dois dedos de cerimoniosa conversa sôbre o calor que faz ou o tempo que corre mal para a nascença do vinho...

Enquanto isto, os garotos, na rua, andam aos trambulhões, uns por cima dos outros, por causa das amêndoas que lhes atiram.

Dia de Páscoa na aldeia, por esta região, é um simpático e lindo dia!

Anda no ar uma alegria de festa, jantar melhorado com galinha ou leitão, aletria e arroz-doce, às vezes leite creme, com canela, e roupas domingueiras...

## A PROCISSÃO VAI PASSAR

Lá vem, lá vem a procissão!

E os que ainda não juncaram as frentes das suas casas, a correr o fazem, que tudo já ali está em cêstos de vime, à espera:

São junquilhos, raminhos de alecrim, madre-silva, erva cidreira, fôlhas e flôres de japoneira, glicínias, pétalas de rosas... Ai que bom cheirinho, ai que bom!...

E agora todos, todos depressa, para as janelas das salas, depressa, que já ali vem...

— Ó sr.ª Rosa, venha mesmo assim, olhe que já ali vem, alma do Senhor!...

— As salas, nesses dias, são lavadinhas, e tira-se o pó das cadeiras. A um lado da sala uma mesa com retratos, velhos e novos, desde os avós desbotados aos netos tirados *à-la-minuta*. E também estão os primos e as primas, e o tio Joaquim, que andam longe, em terras do Brasil, da África ou da América do Norte. Pelo meio, aqui e ali, umas conchinhas do mar, dois buzios arrebitados, um retrato de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral cortado de uma revista, uma caneca das Caldas (de asa quebrada) com o busto do rei D. Manuel II, e uma litografia do Coração de Jesus, benzida, com um grande coração em chamas.

Numa outra mesa, em outro lado da sala, um oratório ou, simplesmente, um Cristo pregado na cruz, e, aos lados, dois vasinhos de louça vidrada ou solitários com flôres, pousados sôbre paninhos rendados. Tudo muito enternecedor...

À frente do cortejo vem grande pendão, com guias e borlas onde seguram homens, muito compenetrados, que vestem opas vermelhas e calçam luvas brancas de algodão. Depois outros, e mais outros pendões e bandeiras com imagens pintadas, e bordadas, e letreiros: São João Baptista, Coração de Jesus, Santo António, Senhora da Soledade, Santa Rita.

Também vẽem andores: A Virgem Nossa Senhora, São Francisco, São Sebastião, e o Senhor dos Passos, com pesadíssima cruz de madeira. E muitos, muitos anjinhos, com túnicas azúis, brancas, amarelo-ouro, rosa, os cabelos penteadinhos, e asas nas costas.

Tôda a gente ajoelha à passagem do pálio, e homens de opas vermelhas e também de luvas brancas de algodão seguram às varas. Sob o pálio vão três padres paramentados, e o do centro leva a Custódia, que tem lampejos de um brilho místico.

Segue-se a umbela, aos ombros de pessoa categorizada... que já deu mil escudos para o douramento do altar-mor e tem na terra casa nova de sobrado, com jardim e portão de ferro, e peixinhos vermelhos num lago minúsculo.

Depois da umbela e do cavalheiro dos peixinhos, a música, de farda nova. A seguir, aglomerado, o povo — homens, mulheres de chaile e lenço, e senhoras... muita gente!

E passou a procissão. Os anjinhos, muito lindos; a garotada a correr atrás das canas dos foguetes, que dão uma nota alegre; e na rua juncada onde os namorados, contentes, esperançosos e floridos, ficam a passear horas a fio as suas ilusões, rescende e perdura um cheirinho bom de erva cidreira e madre-silvas pisadas — cheirinho a festa, aromatizando as almas e romantizando os corações.

## O HOMEM DO BOI, E AS VACAS<br>A MULHER DO PORCO, E AS PORCAS<br>O VINHO E A ECONOMIA DO LAVRADOR

Por tôda esta região, salvo raras excepções, os lavradores tẽem, para os trabalhos agrícolas, vacas e não bois. Uma junta, duas juntas de vacas, conforme a casa do lavrador e o muito ou pouco pasto que tẽem para lhes dar.

Mas, via de regra há, em cada localidade ou na localidade próxima, um homem que tem um boi, não castrado, para cobertura das vacas dêsses lavradores que pagam ao homem do boi a sua avença anual em milho, mais ou menos milho conforme o número de vacas *a cobrir* pelo boi reprodutor.

Assim, pela longa prática, quando o lavrador percebe que uma das vacas do seu curral *quere ir ao boi*, porque anda *montadeira*, logo lá a conduz, que *aquilo* rende um bezerro, e um bezerro rende na feira, hoje em dia, quatrocentos ou quinhentos escudos, e há um ano passado, em princípio de 1942, quando o gado atingiu alto preço, um bezerro, a desmamar, vendia-se por oitocentos e mil escudos. As bezerras dão sempre menos dinheiro, cinqüenta, cem escudos de diferença.

Depois de ter vindo do boi, o lavrador fica à espera o tempo preciso, com certos cuidados com a vaca, que anda no seu estado...

Quando, finalmente, chega a *boa horinha da vaca*, o lavrador, bom enfermeiro, está atento...

O bezerrinho nasceu e lá está no curral, encolhido, ao lado da *mamã* vaca, que o lambe enternecidamente. Mais tarde já anda, pelo curral e pelo pátio, aos pulos. E, três meses crescidos, a desmamar, lá vai o *coitadito* à feira, prêso por um cabresto ao pescoço da mãe vaca.

É vendido, em geral para ser abatido em talhos de venda de carne ao público. O lavrador mete as *notas* ao bôlso, e a mãe vaca volta para o curral a berrar desesperadamente de angústia por aquêle filho que não voltou com ela, e, a berrar, quási a não comer, assim fica o pobre animal, a curtir a sua dôr, por noites e dias...

Com as porcas do nosso lavrador as coisas já se passam um pouco diferentes. Não são as porcas que vão ao porco, mas sim o porco que vem até elas, ali, à mornidão dos seus currais.

E pela mesma razão que há um homem que tem um boi para reprodução da espécie, também nestas localidades há uma mulher que tem um porco, não castrado, para o mesmo fim, e, como ao homem do boi, também é costume muitos lavradores estarem *avençados* com a mulher do porco. Contudo, alguns há que pagam *as visitas* a dinheiro, na mesma ocasião, regulando *cada visita* 7$50, nestes tempos de guerra.

E assim como o lavrador costuma *assistir* às vacas e suas crias, a mulher do lavrador é que *assiste* a todos os actos que se passam com as porcas desde a visita do porco reprodutor até à venda dos leitões. Êstes, que ainda há seis meses atrás (princípio de 1943) se vendiam a 250$00 e 300$00,

a desmamar, vendem-se agora entre 40$00 e 70$00, cada leitão.

Nesta mesma altura, meado de 1943, o vinho nesta região vale, o almude de 20 litros, entre 25$00 e 35$00, conforme a qualidade.

Ora, os bezerros, os leitões, e o vinho, são as únicas *receitas* que socorrem a economia do lavrador desta região de Vouga, via de regra remediado ou pequeno lavrador. Com aquelas minguadas receitas é que êle atende ao pagamento das contribuïções prediais, às doenças da mulher e dos filhos, ao vestir e calçar, ao pagamento das avenças ao homem do boi, à mulher do porco, ao alveitar, e bulas ao Sr. Prior, com quem também anda avençado, *prò môr* das missas, da *desobriga* e da sua rica alminha que êle (a-pesar-de certa maldade de ignorante), muito quere que vá para o Céu, para perto de Nosso Senhor e para o regaço da Virgem Maria.

## PADRINHOS E AFILHADOS

É velho hábito, nestas terras, darem os padrinhos, pela Páscoa, folares aos afilhados. Êstes folares compõem-se de massa de farinha de trigo preparada com gemas de ovos e manteiga, mais ou menos doce e saborosa. Depois, numa panela, cosem ovos inteiros com cascas de cebola, para que os ovos tomem uma côr avermelhada. A seguir colocam os ovos, por cima, na massa dos folares, e prendem-nos com tiras da mesma massa, depois de haverem dado aos folares a forma desejada: redondos uns, outros com bicos, etc.

Quando tudo está prontinho, folares ao forno, que, de antemão aquecido para êsse fim, ali aguarda, vermelho em brasa, de bocarra aberta...

Mas o mais interessante é o costume que perdura em algumas destas terras, de nunca deixarem os padrinhos de dar o folar aos afilhados enquanto êstes não casarem, mesmo que os ditos afilhados já sejam *madurinhos*. E só quando casam deixam de receber o folar de seus padrinhos.

## OS REIS MAGOS

Noite de 5 de Janeiro, chuvisquenta e fria. Véspera do dia de Reis. Ainda, sôbre as mesas das casas aldeãs, há restos da ceia que foi regada com vinho novo. Há gente à roda das lareiras, de lume farto, e por entre agulhas (caruma) estalam as cascas resinentas das achas dos pinheiros...

E, ao longe, lá para o princípio da povoação, mas sempre a aproximar-se, ouvem-se os acordes de alguns instru-

mentos. Depois os sons aproximam-se mais e mais. Já se distinguem perfeitamente uma flauta, um violino, e as vozes dos rapazes a cantarem os *Reis Magos* às portarias dos moradores do lugar para que lhes dêem chouriças ou outras coisas. E cantam com êstes versos, feitos por êles, música apropriada:

Oh de casa nobre gente
Escutai e ouvireis
As novas que vos trazemos
Estão chegados os santos Reis

Santos Reis, santos c'roados
Vinde ver quem vos c'roou
Foi o anjo da Glória
Que a êste mundo chegou

Os três Reis do Oriente
Partiram com mil cuidados
A' procura do Messias
Por uma estrêla guiados

São José, Santa Maria
Partiram para Betlém
A adorar o Deus Menino
Nos braços da Virgem-Mãe,

Oh Patrão que está lá dentro
Venha cá não tenha preguiça
Deite os olhos pró fumeiro
Venha-nos dar uma chouriça

Depois, colhida a oferta, retiram-se a cantar na mesma toada:

Muito temos a agradecer
O favor que nos fizestes
De retirar do fumeiro
A oferta que nos destes

É natural que a cultura do leitor encontre falta de métrica e anomalias nestas quadras, mas são pelos rapazes assim feitas e cantadas. Copiei-as de um original, textualmente, onde não havia pontuação.

Julho de 1943.

LAUDELINO DE MIRANDA MELO

# A PROPÓSITO DOS FORAIS MANUELINOS DO DISTRITO

DESDE o seu primeiro número tem o *Arquivo do Distrito de Aveiro* reproduzido na íntegra quantos forais, outorgados a antigos concelhos da área do actual Distrito pela reforma de D. Manuel I, lhe tem sido possível encontrar, demonstrando, por essa forma, a elevada importância que a essas preciosas fontes documentais atribui, como elementos fundamentais que são da história local.

Dessa inestimável colecção de antiga legislação regional, dispersaram-se em grande parte os textos oficiais, muitos dos quais a diligência do *Arquivo* foi agora descobrir em poder de particulares, encontrando também razoável número de outros cuidadosamente arrecadados nos arquivos dos municípios que sucederam aos concelhos quinhentistas respectivos.

Todos êles foram obsequiosamente postos à nossa disposição, para efeito de cópia, tanto por particulares como pelas Câmaras municipais, o que sempre no lugar adequado se registou.

A êsses textos originais demos sempre preferência, por compreensível escrúpulo diplomatista, e só após repetidas mas infrutíferas diligências para encontrar os de Aveiro e Mogofores, que, a dentro do nosso plano, urgia publicar, adoptámos as cópias autenticadas que são do conhecimento dos nossos leitores.

Esgotadas presentemente, como parece estarem, as fontes presumíveis de textos originais, forçoso nos será, dòravante, recorrer a cópias antigas dos forais que falta publicar, se nos fôr dado alcançar algumas dignas de confiança, o que nem sempre será fácil.

Há ainda, evidentemente, o recurso geral aos livros da *Leitura Nova*, no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo; mas, ao contrário do que geralmente se imagina, essas cópias, conquanto coevas, não são integrais e dão lugar a confusões graves, como no 1.° volume da nossa revista ficou esclarecido com o valioso estudo dedicado ao foral de Esgueira

pelo Sr. Dr. João Martins da Silva Marques, erudito conservador daquele Arquivo e eminente paleógrafo e diplomatista. Para êsse estudo remetemos o leitor curioso de pormenor.

Dos três exemplares que sempre se declara haverem sido feitos, falta invariàvelmente o destinado à Tôrre do Tombo, não sendo o texto da *Leitura Nova* senão registo abreviado, com remissão de umas localidades para outras onde se providenciara já por igual forma.

Recorreremos pois, para o prosseguimento desta secção, que reputamos de real interêsse distrital, a cópias antigas que procuraremos em tombos locais.

*

Ao passo, porém, que da maioria dos antigos forais manuelinos do Distrito não conseguimos descobrir o paradeiro actual — e de muitos dêles nem cópias integrais se conhecem — tivemos a satisfação de encontrar, entre os vinte antigos concelhos cujos forais já publicámos, três de que se conservam os dois exemplares originais, isto é, o destinado à Câmara Municipal, e o que o donatário recebia.

São êles os concelhos de Esgueira, Figueiredo e Bemposta, e Vila Nova de Monssarros.

O foral da Câmara de Esgueira, que se supunha perdido, apareceu em conseqüência da publicação que o *Arquivo* fêz do exemplar pertencente ao donatário — o Mosteiro do Lorvão — encorporado na Tôrre do Tombo; foi posteriormente entregue à Câmara Municipal de Aveiro; é um exemplar perfeito, com sêlo pendente e *vistos* de correição.

O da Câmara de Figueiredo e Bemposta existe no Museu de Arte de Aveiro; o *Arquivo* publicara o exemplar do donatário.

O da Câmara de Vila Nova de Monssarros guarda-se no arquivo municipal de Anadia, tendo nós utilizado para a publicação o que pertenceu ao donatário, que era o Cabido da Sé de Coimbra, como então se disse.

Seria interessante, paleogràficamente, proceder-se ao confronto minucioso dos dois exemplares de cada um dêstes forais; são inúmeras as variantes de grafia que apresentam entre si, como pessoalmente verificámos; as diferenças substanciais dos textos, no entanto, são mínimas e não justificam a sua publicação paralela neste *Arquivo*, atenta a sua índole de revista não especializada, razão pela qual nos contentamos em registar — jubilosamente, aliás — o aparecimento dos dois exemplares dos referidos forais, facto invulgar na história dêstes diplomas e que supomos não ter sido ainda assinalado em nenhum outro concelho.

A. G. DA ROCHA MADAHIL

# IMPRENSA PERIÓDICA
# DO DISTRITO DE AVEIRO

*(Continuado do vol. IX, pág. 79).*

## AROUCA

A AURORA Em Cabeçais, vila que foi sede do extinto concelho de Fermêdo e hoje é lugar desta freguesia, do concelho de Arouca, publicou-se êste quinzenário, defensor dos interêsses daquela terra.

Noticioso e literário, saíu o primeiro número em 15 de Abril de 1921, publicando-se 44 números.

O seu director foi o sr. professor Álvaro Fernandes. Administrador e editores foram os srs. António de Castro e Sousa, Agostinho Francisco da Silva e Dr. Mário de Castro e Sousa, então estudante e hoje distinto médico em Fiãis.

Foi impresso, sucessivamente, nas tipografias do «Correio da Feira», «Democrata Feirense», e do «Nauta», de Ílhavo.

Nos primeiros números media $0^m,35 \times 0^m,25,5$; passou, depois a medir $0^m,51 \times 0^m,35$ e finalmente, $0^m,48 \times 0^m,33$.

Colaboradores foram, entre outros, Celestino Gomes, Arménio Dolivais, Rui Fernandes Martins, Júlio de Freitas, D. Maria Isabel Ferreira, Custódio Alves Ferreira da Silva, Ferreira Mendes.

O AROUQUENSE Jornal político-noticioso. Saíu sob a direcção do Sr. P.^e^ António Brandão, sendo a propriedade da Emprêsa Arouquense.

Pouco tempo viveu, visto que apenas saíram números de 28 de Janeiro de 1912 a 23 de Março de 1913. Foi seu editor José Luís de Sousa.

O COMÉRCIO DE AROUCA Foi o primeiro jornal publicado em Arouca. Começou a publicar-se em 19 de Abril de 1882. E nada mais conseguimos apurar.

DEFESA DE AROUCA Saíu o primeiro número, dirigido e editado por Alberto de Almeida e administrado por Henrique de Almeida, em 1 de Janeiro de 1925. Com êste pessoal responsável, foi até ao n.º 592, de 22 de Maio de 1937. Desde então até ao presente, passou a ser dirigido por Henrique de Almeida e editado por Amadeu de Almeida.

Semanário nacionalista, é composto e impresso na Praça Brandão de Vasconcelos, Arouca.

GAZETA DE AROUCA Defensor da República. Até ao n.º 1.080, de 22 de Setembro de 1934, foi seu director, proprietário e editor o Dr. Angelo de Miranda. Em 29 do mesmo mês, passou a ter a numeração 1080/1 e a ser dirigido por António Soares de Sousa. Até 26 de Junho de 1936, foi composto e impresso no Largo de Santa Mafalda e daí por diante e até ao 1080/79 passou a sê-lo na Rua do Burgo.

Desde o n.º 1.080/101, de 11 de Dezembro de 1936, ostenta a divisa: *Pelo bem do Município — A Bem da Nação*. Passou, então, para a direcção do Sr. Tavares de Almeida. Terminou com o n.º 1.080/149, em 31 de Dezembro de 1937.

VOZ DE PORTUGAL Saíu o primeiro número em 4 de Junho de 1904 e terminou em 22 de Outubro de 1910, com o n.º 279. Foi seu director e proprietário António de Oliveira e seu editor, até Maio de 1907, Alexandre José de Oliveira.

## AVEIRO

O ACADÉMICO Semanário literário, ilustrado e noticioso. Publicou-se sob a direcção de A. D. Costa. Redacção e Adm., Rua do Vento, 29 A. — Comp. e Imp. na Tip. Silva (a vapor). Rua de Luís de Camões, Aveiro. Saíu o 1.º número em 1 de novembro de 1916.

O ALCAIDE Publicação semanal. Redactores, Tomás Gasparinho, José Azevedo e Henrique Pereira. Saíu o 1.º número em 27 de Abril de 1884.

O ALDEÃO Quinzenário literário e noticioso. Director, José de Almeida Santos Costa. Administrador, Francisco Nunes Ferreira. Propriedade da Emprêsa — «O Aldeão». Tip. Minerva Central, Aveiro. Publicou-se na Costa do Valado, de 1 a 15 de Março de 1914.

ALMA ACADÉMICA Quinzenário da Academia de Aveiro. Iniciou a publicação em 11 de Novembro de 1923. Comp. e Imp. na Minerva Central. Corpo redactorial: Alípio Antunes, Beja do Souto e Miguel Peres. Continuou com o mesmo título, mas com redactores diferentes, até 1931 — 26 de Janeiro de 1931 — 4.ª série, n.º 4.

ALVORADA Propriedade dos alunos do Liceu de Aveiro. Saíu o 1.º número em 1 de Dezembro de 1932 e o último em 4 de Junho de 1933. Director — Aires Martins — Redactor principal — Arnaldo Coelho. Comp. e Imp. Tip. Lusitânia. Rua de Eça de Queiroz, 3, em Aveiro.

O ANUNCIADOR Publicação semanal. Proprietário, Direc. e Editor João Alves Ribeiro. Red. Rua de Eça de Queiroz, 3, Aveiro. Tip. Lusitânia, 1.º número: 6 de Dezembro de 1927.

ARAUTO ESCOLAR Revista de e para professores. Defensor dos interêsses da classe. Director, J. G. Queiroz. Secretário, R. J. D. Geraldes. Tip. Minerva Central, Aveiro. Publicou-se de 5 de Janeiro a 20 de Julho de 1913.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO Revista trimestral para publicação de documentos relativos ao Distrito. Apareceu o 1.º tômo em Março de 1935. Direcção de António Gomes da Rocha Madahil, Francisco Ferreira Neves e José Pereira Tavares. Tip. Popular (Figueira da Foz) até o n.º 14; do n.º 15 ao n.º 32, na Gráfica de Coimbra (Coimbra); o n.º 33 e 34 na Coimbra-Editora (Coimbra).

ARQUIVO FOTOGRÁFICO Publicaram-se apenas oito números em 1884. Direcção de Marques Gomes e Marques Abreu. Até ao n.º 6 foi impresso na Imprensa Aveirense, de Aveiro; daí por diante, na Imprensa Civilização, do Pôrto.

O ARTISTA Jornal semanal, da propriedade de Francisco Dias Moura. Saíu o primeiro número em 29 de Maio de 1892.

À ASSOCIAÇÃO Número único. Publicou-o no 1.º de Maio de 1899, comemorando esta data, a Associação dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas.

AURORA Jornal religioso e literário, que se publicou de 1 de Março a 1 de Setembro de 1855.

O AVEIRENSE No 1.° período, publicou-se de 9 a 23 de Agôsto de 1854. Intitulava-se político-histórico-progressista. Como semanário independente, na segunda fase da sua existência, publicou-se em 17 de Novembro de 1907, sendo seu director e adm. Ernesto de Freitas — Redactor e proprietário, António Simões Cruz. A Red. e Adm. na Rua do Tenente Resende.

AVEIRO SPORTIVO Quinzenário defensor do Sport e dos interêsses da cidade. Saíu o 1.° número em 28 de Fevereiro de 1923. Dir., Luís da Rocha Leonardo — Red. e Comp., Praça do Peixe, 5 — Tip. de Procópio de Oliveira, Ilhavo — Editor, João Cruz Moreira.

A BATINA Fôlha académica. Publicação quinzenal. Não trazia a indicação de direcção e redacção. Comp. e imp. na Tip. do Campeão das Províncias. Saíu o 1.° número em 1 de Dezembro de 1908.

A BEIRA-MAR Jornal progressista, sendo seu director político e responsável Fernando de Vilhena. Saíu o 1.° número em 3 de Julho de 1890.

Na segunda fase da sua vida, apareceu em 21 de Dezembro de 1908 e viveu até 7 de Setembro de 1910 e sob a direcção do Sr. Dr. Jaime Duarte Silva. Político, noticioso e monárquico. Propriedade da Emprêsa Beira-Mar. Impresso na Tip. Minerva Central, Aveiro. Redacção e Administração, Rua do Sol.

O BOÉMIO Viveu de 15 de Março a Abril de 1888.

BOLETIM DE NOTÍCIAS Decano dos jornais de Aveiro e do Distrito. Seguiu a política setembrista. Publicou-se de 10 de Outubro a 21 de Dezembro de 1846.

A BRIOSA Jornal académico. Director — Manuel dos Santos Pato; redactor, António Gomes da Rocha Madahil, e outros estudantes. Principiou, com o n.° 51, em 15 de Novembro de 1911, tendo sucedido ao jornal *A Verdade*.

CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS Jornal político e noticioso sob a direcção do Redactor principal J. E. de Almeida Vilhena, e sendo pro-

priedade de Manuel Firmino de Almeida Maia, publicou-se de 1859 a 1871 e era impresso na Imprensa Aveirense.

Sob a direcção de Firmino de Vilhena, passou a ser bi-semanário e publicou-se assim, de 2 de Janeiro de 1900 a 8 de Outubro de 1913.

O CAMPEÃO DO VOUGA Jornal que se publicou de 14 de Fevereiro de 1856 (ou 1851?) a 6 de Outubro de 1859, seguindo-se-lhe o antecedente. Inculcava-se político-literário-comercial e regenerador.

A CARGA Miscelânia semanal, da qual era director O. Pestana. A redacção era na Rua do Norte, 19. O primeiro número publicou-se em 22 de Novembro de 1896. O número 2 tem o seguinte título: — *O Torneio* — Ex-carga —.

O CHICOTE Jornal político republicano. Saíu o primeiro número em 8 de Maio de 1886.

O CINCO DE OUTUBRO Com êste nome, saíu apenas o primeiro número, em 5 de Outubro de 1911, sob a direcção e propriedade de Alberto Fonseca, sendo editor Manuel Bernardes Cruz. Era impresso na Tip. do seu editor, na Rua do Tenente Resende. A partir do segundo número, tomou o nome de — *Povo Livre*, jornal político e noticioso.

O CLAMOR Quinzenário da Corporação Telégrafo-Postal. Redactor, Generoso Rocha — Plácido Pereira. Comp. e imp. na Tip. Silva (a vapor), Largo Luís de Camões. O primeiro número saíu em 1 de Setembro de 1913.

A CONCÓRDIA Vide, adiante, O PATRIOTA.

CORREIO DE AVEIRO Saíu o primeiro número em 1 de Novembro de 1886. Sob a direcção de José Maria Barbosa, sendo administrador Andrade Cadete e propriedade da Emprêsa Tipográfica da Rua do Passeio. Apareceu em 10 de Dezembro de 1909, para terminar em 15 de Julho de 1910.

CORREIO DO VOUGA Direcção do Padre Alírio de Melo e do Sr. Dr. Querubim do Vale Guimarães. Publica-se presentemente tendo sido,

durante muitos anos, impresso na Tip. Gráfica — Coimbra. Apareceu em 1930.

O CORREIO DO VOUGA Jornal político e noticioso, publicando-se tôdas as semanas em Eixo, sob a direcção do Sr. Dr. Alfredo Roiz Coelho de Magalhães. Era propriedade do mesmo e impresso no Pôrto. 2.º ano, 2 de Fevereiro de 1908 — 31 de Julho de 1910. O número 11 do 3.º ano saíu em 6 de Março de 1910.

A CORRESPONDÊNCIA Órgão da Corporação Telégrafo-Postal. — Impresso em Aveiro, na Minerva Económica. Nada mais conseguimos saber.

O DEBATE Órgão do Partido Democrático no Distrito de Aveiro. Director José Barata e redactor principal o Dr. Manuel das Neves. Comp. e imp. na Tip. Lusitânia — Rua Direita, 75-B. O primeiro número saíu em 2 de Março de 1922. Terminou há já alguns anos.

O DEMOCRATA Órgão semanal do Partido Republicano do Distrito de Aveiro. Director e Redactor. o Sr. Dr. André dos Reis. Redactores, Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Samuel Maia. Adm., Bernardo Tôrres. — Redacção, Rua Direita, 40. Começou a publicar-se em 1908 e o seu número 6 é de 6 de Março dêsse mesmo ano. Está em publicação como jornal republicano, sob a direcção do sr. Arnaldo Ribeiro.

O DISTRITO DE AVEIRO Jornal do partido histórico-progressista, que começou a publicar-se em 2 de Julho de 1861 e ainda se publicava em 1910. Saía, normalmente, às 3.as e 6.as feiras. Respondia pelo jornal M. A. L. de Mesquita. Em 1880, era seu proprietário e redactor António Augusto de Sousa Maia. Em 13 de Setembro, saía o n.º 892 da Tip. Comercial. — Rua de José Estêvão — Aveiro. De 1 de Agôsto a 28 de Outubro de 1907, sob a direcção de Mário Duarte, e administrado pelo Sr. Belarmino Maia, saíu o jornal da Tip. da Rua dos Santos Mártires. Órgão do Partido Evolucionista do Distrito, sob a direcção do Dr. Luís Mesquita de Carvalho, sendo editor Ernesto António Ferreira e administrador o Sr. Albino Pinto de Miranda, saíu o primeiro número em 12 de Março de 1916. A redacção era na Rua do Cais, (sede do Centro). Comp. e Imp. na Tip. a vapor, de António C. Rocha — Rua de Arnelas, 69.

ECOS DE CACIA Publica-se actualmente sob a direcção do Sr. José Marques Damião—Cacia, sendo seu fundador F. F. Nunes da Silva. A redacção é na Quinta do Loureiro. Estava no 7.º ano em 1937.

A ÉPOCA Memorial dos acontecimentos da semana. Começou a publicar-se em 5 de Fevereiro de 1885 e durou até fins de 1888. Proprietários Melo Freitas e Melo Guimarães — Redactor literário, Melo Freitas.

ESCOLA MODERNA Fôlha quinzenal. Director, A. Rocha—Adm., F. Soares de Andrade Cadete— Editor, J. Casimiro. Secretário da Redacção Augusto Soares de Andrade Cadete. — Comp. e imp. na Tip. «A Liberdade». Saíu o primeiro número em 13 de Outubro de 1914.

O FILATÉLICO AVEIRENSE Revista mensal dedicada aos coleccionadores portugueses, sendo seu Director Baptista Moreira e redactor António Gomes da Rocha Madahil. Saíu o primeiro número em Janeiro de 1910. —Red. e adm., Rua de José Luciano, Aveiro.

A FLOR DA RIA Director, A. Alberto dos Santos; Red. e ed., Antero Aguilar — Redacção e adm. em S. Jacinto (Aveiro). Saíu o 1.º número na Praia de S. Jacinto, em 30 de Novembro de 1923. Comp. e imp. na Tip. Social—Rua de Camões — Ilhavo.

A FLOR DO VOUGA Começou a publicar-se, tendo curta vida, em 20 de Setembro de 1896. Prop. e red., José M. Pereira Júnior.

A FÔLHA ACADÉMICA Jornal dos estudantes de Aveiro. Saíu o primeiro número em 26 de Abril de 1883, e era impresso na Imprensa Aveirense — Aveiro.

FÔLHA NOVA Semanário republicano, sendo redactor responsável o Sr. Arnaldo Ribeiro. Apareceu em 1904 e foi impresso nas Oficinas do Campeão das Províncias.

O GALITO Jornal que apareceu em 1905, impresso nas Oficinas do Campeão das Províncias, sob a direcção de F. Encarnação, sendo seu redactor Alfredo Gaspar e redactor literário o Sr. Alberto Souto Ratola. Redacção

e Adm. no Largo do Espírito Santo. Ed. Ernesto António Freitas.

O GAROTO Órgão Académico de Humorismo, Literatura, Despôrto, Cinema, Teatro e Crítica. Saíu o primeiro número em 11 de Novembro de 1933 e o último em 9 de Dezembro do mesmo ano. Director — A. Nunes da Silva. Comp. e imp. na Tip. Minerva Central, Aveiro.

GAZETA AVEIRENSE Começou a publicar-se em 10 de Março de 1892. Administrador e responsável José Pereira Campos Júnior. Tip. do Espírito Santo.

O GRITO SOCIAL Quinzenário de educação e defesa da causa social, que se publicou em Arada (Aveiro), de 21 de Setembro de 1913 a 8 de Fevereiro de 1914. Director, Manuel Ferreira Lavrador — Proprietário, Abílio Ferreira Júnior, e editor, Manuel F. Borralho. Tip. Social de Procópio de Oliveira (Ilhavo).

O IMPARCIAL Publicou-se de 1 de Janeiro de 1856 a 6 de Outubro de 58.

A IMPRENSA Bi-semanal, administrado por J. B. R. C. Brito. Tip. da Imprensa, na Rua Nova de Santo António (Aveiro). Publicou-se de Janeiro de 1857 a 22 de Abril de 1858.

JORNAL ACADÉMICO Começou a publicar-se em 1883.

JORNAL DE AVEIRO Semanário republicano, que começou a publicar-se em 27 de Fevereiro de 1898. Redacção, Rua do Sol — Aveiro.

JORNAL DE CACIA Publica-se presentemente em Cacia sob a direcção do Sr. Manuel de Oliveira Santos.

JUSTIÇA Publicou-se de 15 a 22 de Fevereiro de 1911 (dois números), sob a direcção de António F. Duarte Silva, administrando-o Joaquim Ferreira Félix.

DIE KERMESSE A Administração da Imprensa Aveirense à Associação das Creches de Lisboa — Aveiro, 19 de Abril de 1884, na Tip. Imprensa Aveirense.

LABOR Revista de educação e ensino e extensão cultural, sob a direcção dos Professores do Liceu de Aveiro, Srs. Drs. José Pereira Tavares e Álvaro Sampaio. Saíu o primeiro número em Janeiro de 1926 e publicou-se até Junho de 1940 (110 números — 14 anos).

A LIBERDADE Jornal republicano, dirigido pelo Sr. Dr. Alberto Souto. Secretário da Red., Rui da Cunha e Costa. Editor e Adm., Máximo Júnior. Red. e Ad., Rua de José Estêvão. Saíu o primeiro número em 12 de Fevereiro de 1911.

A LIRA Publicação quinzenal. Propriedade de Francisco Dias de Moura. Saíu o primeiro número em 11 de Maio de 1884. Imp. Aveirense.

A LOCOMOTIVA Órgão dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses. Começou a publicar-se em 15 de Maio de 1883. Proprietário e director, Carlos Faria. Imprensa Aveirense — Largo da Vera Cruz — Aveiro.

LUZ E VIDA Quinzenário educativo, literário e recreativo, dirigido pelo Sr. Anacleto Pires. Publicou-se de 1 de Fevereiro a 11 de Abril de 1915, sendo administrador Cesário Cruz Férrer Antunes, e editor J. Ribau. — Tip. Minerva Central, Aveiro. Propriedade de Um grupo de Estudantes.

O MAFARRICO Quinzenário noticioso, literário e charadístico, com pretensões a humorístico. Comp. e imp. na Tip. de Joaquim Cadete. Publicou-se de 8 de Novembro a 6 de Dezembro de 1908 Foi seu director João Teles. Administrou-o Manuel Bernardes Cruz.

A MOCIDADE Sendo seus fundadores Marques Tavares, J. M P. Júnior e J. E. O. Vinagre, saíu o primeiro número em 23 de Julho de 1896.

O NEÓFITO Jornal dos académicos da Nova Reforma. Director, Dr. Heitor. Publicou-se nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. O primeiro número saíu a 20 de Abril de 1899.

OS NOVOS Redactores, Vidal Oudinot e J. Vasconcelos. Revista quinzenal de literatura. Saíu o primeiro número em 1 de Junho de 1896.

O OPORTUNISTA Saíu o primeiro número em 15 de Novembro de 1896. Editor, J. S.?

OVOS MOLES E MEXILHÕES Publicaram-se apenas 2 números, em 1893.

O PAPAGAIO Saíu em 23 de Agôsto de 1896, sob a direcção de Aires Luís Pereira, sendo Redactor António Rodrigues da Cruz e Administrador António Nunes da Cruz. — Red. e Adm., Arada (Aveiro).

O PARLAMENTO Jornal independente do partido progressista. Começou a publicar-se em 22 de Novembro de 1885 e ainda existia em 1888.

PASSATEMPO Semanário charadístico e literário. A correspondência era dirigida para Guilherme Augusto Dias Rebêlo, Aveiro. Saíu o primeiro número em 5 de Fevereiro de 1899.

O PATRIOTA Quinzenário humorístico, noticioso, defensor dos trabalhadores. Foram seu director, Roque Ferreira Júnior; redact. Manuel Lavrador Júnior e editor Manuel Lopes Gamelas. Publicou-se de 1 de Outubro de 1911 a 28 de Janeiro de 1912. Comp. e Imp. na Tip. Minerva Central. — Aveiro. ... Seguiu-lhe

A CONCÓRDIA Semanário republicano evolucionista, dirigida por M. Ferreira Lavrador, sendo edit. e adm. Firmino Soares. Tip. da Concórdia. Imp. na Minerva Central. Saíu o primeiro n.° em 9 de Novembro de 1918. Antes, *O Patriota*, sob a direcção do Dr. Joaquim Peixinho, sendo redactor principal António C. Rocha; Secr., M. Ferreira Lavrador e seguindo a política Evolucionista, saira em 1918. Em 15 de Agôsto, publicou-se o N.° 11.

O PINTASSILGO Publicação quinzenal, sob a direcção da sua proprietária O' Tavares, sendo a redacção no Largo de Luís de Camões. Comp. e Imp. na Tip. Progresso, Aveiro. Saíu o 1.° número em 12 de Novembro de 1921. Assinatura: Ano 2$50.

PORTUGAL FILATÉLICO Revista mensal dedicada aos coleccionadores de selos. Director e proprietário, Baptista Moreira; redactor e editor, Francisco S. Maia. Aveiro, na oficina do «Campeão das Províncias»; publicou o 1.° número em Março de 1911.

LE PORTUGAL PHILATÉLIQUE Sendo seu redactor Mário Duarte, publicou-se em Janeiro de 1895. Impresso na Tip. Económica de Francisco A. Meireles.

O PORTUGUÊS Órgão da mocidade aveirense. Quinzenário literário, charadístico e defensor da rapaziada. Director e administrador, M. R. Vilhena. Publicou-se em 1911.

A PORTUGUESA Jornal republicano independente e depois evolucionista. Director, César Amadeu da Costa Cabral. Adm., João Roiz Coelho. — Impresso na Tip. Silva, Aveiro. Publicou-se de 11 de Agôsto de 1912 a 11 de Agôsto de 1913.

O POVO DE AVEIRO Jornal fundado e mantido por Francisco Manuel Homem Cristo. Teve dois períodos distintos de publicação. Apareceu em 29 de Janeiro de 1882 e viveu até fins de 1892. Apareceu, depois, em 28 de Agôsto de 1899 e continuou a sua publicação até há poucos anos. Jornal de doutrina e crítica. As conveniências do momento político, levaram-no a ser, durante algum tempo, simplesmente *O D'Aveiro*, e também *Povo d'Aveiro*.

O POVO LIVRE Semanário socialista, do qual foi director e proprietário Alberto Fonseca e editor Manuel Bernardo Cruz. Red. e adm., Rua da Sé, 14. — Saíu o primeiro número em 12 de Outubro de 1911.

O POVO OPERÁRIO Número único, saído dos prelos de «A Vitalidade», em 11 de Agôsto de 1901.

PROGRESSO DE AVEIRO Apareceu em 24 de Outubro de 1900, sendo o órgão do partido progressista no distrito de Aveiro. Editor, Alexandre Gonçalves Bilelo. —Tip., Rua de S. Sebastião, Vagos.

O PROGRESSO SOCIAL Director e proprietário João Ferreira Félix; Adm., Carlos Tavares Barbosa, e Editor, Manuel L. Tavares Barbosa. Red. e adm., Rua Direita, 21, Aveiro. Tip. Silva (a vapor), Aveiro. Saíu o número 17 em 26 de Maio de 1913.

O PROLETÁRIO Quinzenário político, noticioso e defensor da classe trabalhadora e dos interêsses da cidade de Aveiro. Director, Manuel Soares de Almeida Cadete; Propriet. Luís Augusto dos Santos. Tip., Rua Direita, 107, Aveiro. Publicou-se de Maio de 1907 a 14 de Julho seguinte. Publicou-se, depois, com o mesmo título, sob a direcção e propriedade de A. Rocha, sendo editor Manuel Soares A. Cadete. Red., Largo de Eça de Queiroz, 2. — Saíu o 1.º número em 13/10/1913.

A RAZÃO Órgão do Partido Republicano Português, em Aveiro, sob a direcção do Sr. Dr. Alberto Ruela. Red. e adm., Rua de Mendonça Barreto, 3 — Aveiro (Sede do Centro). Comp. e imp. na Tip. a vapor, de A. Rocha, Rua de Arnelas, 69. — Saíu o primeiro n.º em 16/3/1916.

REVISTA FLORESTAL Publicou-se em 1894.

REVISTA NACIONAL Política-científica e literária, sendo seu proprietário e único redactor, Lourenço de Almeida Medeiros (Dr.). Saíu o primeiro n.º em 1 de Abril de 1881. Publicava-se todos os dias 1 e 15 de cada mês. Conhecemos apenas 9 números. Era impressa no Pôrto.

A REVOLUÇÃO Número único, publicado em 31 de Janeiro de 1898. Homenagem de um Grupo de Estudantes do Liceu de Aveiro.

O RISO DO VOUGA Semanário independente, ilustrado e noticioso. Director, propriet., editor e adm., Francisco do Nascimento Correia. Colaboradores artísticos: J. Romão Júnior e Carlos da Silva Ribeiro. Comp. e imp. na Tip. Silva (a vapor), Aveiro. Saíu o 1.º número em 12 de Novembro de 1914.

SALUS Revista da Alma Cristã, do Espírito Português. — Publicação quinzenal. Director, editor, proprietário, José Bernardino Duarte. Redacção e adm., Rua de Eça de Queiroz, 12 — Aveiro. Saíu o primeiro número em 18 de Novembro de 1924.

O SANTO Órgão académico de humorismo, literatura, despôrto, ciência, teatro e crítica. Comp. e imp. na Tip. Minerva Central (Aveiro). Publicaram-se quatro números, saindo o 1.º em 11 de Novembro de 1933.

O SATÍRICO Jornal político e noticioso, extra-partidário. Direcção de João Domingues de Lima Peres. Adm., José Maria Pereira. Imp. Moderna, Aveiro. Publicou-se de 5 a 17 de Setembro de 1910.

OS SIMPLES Publicação quinzenal, literária, pedagógica, etc. Direcção de Arménio Santos e propriedade dos alunos da Escola Normal. Comp. e imp. na Tip. Progresso, Aveiro. Saíu o primeiro número em 8 de Maio de 1920.

O SPORTIVO Saíu o 1.º número em 16 de Setembro de 1923. Quinzenário dedicado ao Sport e defesa dos interêsses do Distrito. Director, editor e propriet., José V. C. Meireles. Red. e adm., Rua 31 de Janeiro, 10 — Tip. Lusitânia, Aveiro.

OS SUCESSOS Jornal político, religioso, literário e noticioso, sob a direcção de António Maria Marques Vilar. Redacção e Tip., Rua da Fábrica — Começou a publicar-se em 13 de Julho de 1899.

TALÁBRIGA Revista de Arte e Acção Regional. Lema: *Pro terra mea, meo pro sanguine.* Director — António da Cértima. Só saiu um número, datado de Fevereiro de 1921, com 28 páginas. Comp. e impresso na Tip. Progresso, Aveiro.

A TERRA Propriedade da União dos Sindicatos Operários de Aveiro. Redactor principal, Augusto S. Cadete — Edit., Luís Pereira de Campos — Secret. da Redac., F. da Costa Leite — Adm., M. Valente da Fonseca — Redac. e adm., Rua do Tenente Resende — Sede da União. Comp. e imp. na Minerva Central, Aveiro — Saíu o 1.º número em 1 de Maio de 1919.

O TIROCÍNIO Revista literária, que começou a publicar-se em 1 de Abril de 1876.

O TORNEIO Publicou-se em Novembro de 1896. Vida efémera. Veja-se «A Carga».

O TRINTA Publicou-se em 1892.

O TROCISTA Jornal semanal, da direcção de R. J. Couceiro da Costa. Redactores H. Cristo e A. A. Lemos. Impresso nas Oficinas do «Campeão das Províncias», Aveiro — O 1.º número saíu em 4/5/1913.

O VARINO Saíu o 1.° número em 7 de Março de 1897, sob a direcção de Renato Franco.

A VERDADE Semanário académico, dirigido por Manuel dos Santos Pato. Composto e impr. na Minerva de Procópio de Oliveira, Ílhavo. Emprêsa — A Verdade. Publicou-se de 26 de Junho de 1910 a 23 de Agôsto de 1911, passando a intitular-se *A Briosa*.

Com o mesmo título, sendo seu proprietário e director Firmino Cadete e ad. Francisco Soares de Andrade, publicou-se com o quinzenário de 19 de Outubro de 1913 a 8 de Março de 1914. Independente e noticioso.

A VIOLETA Redactor, Costa Mendes. O número de 17 de Fevereiro de 1901, foi o primeiro que saíu.

A VITALIDADE Hebdomadário independente, sob a direcção do Sr. Acácio Rosa. Propriedade de Francisco A. Meireles. Saíu o primeiro número em 5 de Agôsto de 1894.

Em 12 de Março de 1896, apareceu o segundo número, que se dizia semanário independente, e órgão dos interêsses do Concelho e do Distrito.

A VOZ ACADÉMICA Iniciou a sua publicação em 18 de Março de 1935. Direcção de Mário Emílio de Morais Sacramento. Propriedade da Associação Escolar do Liceu de José Estevão. Publicou até o dia 15 de Janeiro de 1936, 24 números.

A VOZ DO POVO Semanário defensor dos interêsses do trabalho, sob a direcção de Firmino Cadete. Adm. Constantino Silva e propriedade de A Emprêsa — Voz do Povo. Editor, Manuel Lopes Gamelas.

Tip. Minerva Central. Publicou-se de 4 de Fevereiro a 10 de Março de 1912.

Em 4 de Novembro de 1917, saíu como quinzenário indep., literário e noticioso, sendo a sua direcção a cargo do mesmo Cadete, sendo editor Soares dos Reis e a redacção e adm. na Rua da Fonte Nova. — Comp. e imp. na Imprensa PÁTRIA-OVAR.

Em 13 de Novembro de 1920, N.° 39, publicou-se como semanário independente, sendo director, editor e proprietário o mesmo Firmino Soares Andrade Cadete, e com a sua redacção na Rua Direita n.º 45 B. Suspendeu há alguns anos.

A VOZ DO POVO Em Oliveirinha publica-se presentemente sob a direcção do Sr. Manuel Figueira Maio.

O VIGILANTE Semanário republicano regionalista. Apareceu em Maio de 1935. Suspendeu em Novembro de 1936. Director e proprietário, Manuel Oliveira Santos. Impresso na Tip. Universal, Aveiro.

---

## *«ADITAMENTO À LETRA A»*

## ÁGUEDA

Posteriormente à publicação nas páginas do *Arquivo*, n.º 33, da relação dos periódicos de alguns concelhos, chegou ao nosso conhecimento, por intermédio do nosso amigo Amadeu Lopes, aguedense muito respeitável, mais um semanário, cujo nome não publicámos. É

A FÉ CATÓLICA Semanário de vida efémera e propriedade de José Alves de Oliveira. A sua tipografia serviu, depois, para a impressão de O TRINTA DIABOS.

Referindo-nos ao satírico e humorístico «O FOGO VERMELHO», demos-lhe apenas alguns dias de vida. Não foi assim. Ainda se publicava em 1886.

A SOBERANIA DO POVO O Ex.mo Senhor Conde de Águeda deseja que se rectifique a indicação feita àcêrca da orientação política do seu jornal, a pág. 72, do vol. 33, do *Arquivo*. Sua excelência tem razão e nada custa dar o seu a seu dono. A Soberania do Povo defende a monarquia, que sempre defendeu. Isto nos confirmou pessoa de todo o crédito também, e muito prazer há, quem serve a verdade, dizê-la desassombradamente— Não fomos bem informados.

---

## CASTELO DE PAIVA

DEFENSOR Semanário republicano, de que foi director o Dr. João Salema, redactor principal Adelino Gomes Moreira e administrador, e editor, Manuel Duarte

Florim (?). Saíu o primeiro número em 20 de junho de 1921 e publicou-se ininterruptamente até ao fim de 1927. Defendia os interêsses da região e era impresso na Emprêsa de Publicidade do Marco de Canavezes.

GAZETA DE PAIVA Contam-se-lhe três séries, a saber: 1.ª — Semanário republicano, fundado por Júlio Strecht de Vasconcelos. Foi impresso na Tip. Literária, da R. de D. Pedro-Pôrto. Apareceu o seu primeiro número em 1 de outubro de 1894.

Pouco tempo depois, passou a ser dirigido por José Moreira Fonseca e outros.

2.ª — Apareceu novamente em 1919, defendendo a política do partido Republicano Português. Foram seus director e editor Aureliano Ribeiro, administrador Manuel Duarte Amorim. Era impresso na Tip. Marcoense, do Marco de Canavezes.

3.ª — Ainda defendendo o mesmo partido que anteriormente, apareceu novamente em 1923, agora sob a direcção de José Ferreira Pinheiro, sendo editor Martinho Pinto Sales. Era impresso na Tip. Social, de Ilhavo.

O GRANDE PAIVENSE Número único, de homenagem ao Conde de Castelo de Paiva, publicado por iniciativa da Comissão Pro-Estátua. Foram redactor Augusto Moreira Roma e editor António Mendes da Costa. Impresso nas Oficinas do Comércio do Pôrto. Publicou-se em 23 de setembro de 1928.

O PAIVENSE Órgão republicano, que apareceu em 1923 e foi impresso, primeiramente, na Tip. do Bolhão, de Rua Fernandes Tomás, 322, Pôrto e, depois, na Tip. Marcoense, do Marco de Canavezes. Foram seus director Joaquim de Carvalho Moreira, administrador Joaquim Moreira Crave, e editor Joaquim Alves.

PROGRESSO DE PAIVA Defensor da política progressista. Começou a publicar-se em 1895. Impresso na Tip. de A. T. da Silva Teixeira, Cancela Velha, 70 — Pôrto.

## ESPINHO

BEIRA MAR Jornal político e noticioso, que foi dirigido por Paiva Manso e Montenegro dos Santos. Nada mais sabemos.

O DEFENSOR DE ESPINHO — Publicava-se em 1901, mas não sabemos a data do seu aparecimento. Datará de quando se iniciou o movimento para a criação do concelho?

O DEFENSOR — Jornal político e noticioso, sob a direcção de Augusto Ribeiro da Silva, primeiro, e depois, de Leandro de Mesquita Vaz de Oliveira. Publicou-se de 28 de abril de 1907 a 14 de março de 1908.

DEFESA DE ESPINHO — Julgamos que o seu primeiro número saíu em 26 de março de 1932. Dirige-o o Sr. Benjamim Costa Dias. É impresso na Tip. Lopes & Valente, do Pôrto. Semanário regionalista independente.

ESPINHO ILUSTRADO — Jornal fundado por José Martins da Silva, mais conhecido por João do Norte, empregado superior que foi de Brandão Gomes & C.ª Ignoramos as datas de início e têrmo.

GAZETA DE ESPINHO — Jornal que se publicou em 1901. Foi suspenso em 1910. Publicou-se nesta data para garantia do título.

O INDEPENDENTE DE ESPINHO — Semanário noticioso, independente, defensor dos interêsses locais. Dirigiu-o Leandro de Mesquita Vaz de Oliveira, que era seu proprietário, também. Publicou-se de 11 de Julho de 1909 a 27 de Março de 1910. Impresso na Tip. Artes e Letras, do Pôrto.

JORNAL DE ESPINHO — Sob a direcção de J. Ferraz e impresso na Tipografia Silva, de Aveiro, saíu de 1 de Setembro a 27 de Outubro de 1910. Depois, fundado por José Martins da Silva, Dr. Côrte Real e Alfredo Figueiredo, foi suspenso por ordens superiores. Quando?

O OCEANO — Político e noticioso, publicou-se em 1917. Foi seu director Carlos Morais.

A RAZÃO — Político e noticioso, também, publicou-se de 11 de Março de 1909 a 27 de Junho de 1910, sendo seu director João de Lima Ferreira. Era impresso na Tip. do Largo da Graciosa, em Espinho, n.º 14.

REFORMADOR Com as mesmas características do antecedente, foi o que lhe sucedeu, sendo seu Editor Pedro Marques.

TRETAS DE MORRER Número único, publicado em setembro de 1896.

## ESTARREJA

O CONCELHO DE ESTARREJA Jornal semanário, fundado em 10 de Outubro de 1901 pelo Sr. Dr. Egas Moniz, que foi seu director político durante os longos anos que nela esteve. O seu primeiro editor foi José Maria Valente de Almeida, e a impressão era no Pôrto. Foi órgão do partido progressista, e da dissidência, depois. A partir de 1 de Março, assumiu a sua direcção João Manuel Saavedra Guedes e passou a ser impresso em Pardilhó. Foram, sucessivamente, seus directores as seguintes pessoas: José Ruela A. Ramos—Dr. Armando de Abreu Freire—José Maria Tavares—Agostinho Ferreira de Matos e Dr. Joaquim Manuel Ruela Cirne.

O seu último número saíu em 8 de Janeiro de 1927. Substitue-o o POVO DE PARDILHÓ.

ECOS DO ANTUÃ Publicou-se em Salreu. Saíram poucos números dêste jornal independente.

O ESTARREJENSE José Mortágua fê-lo sair em Janeiro de 1888 e existia ainda em 1889. Sucedeu ao «Gafanhoto».

Defendendo os interêsses locais, era impresso numa tipografia que hoje é propriedade do Sr. Carlos Alberto da Costa, director do «Jornal de Estarreja».

O FUTURO DE ESTARREJA Fôlha republicana de vida efémera, aparecido depois da proclamação da República. Fundou-o e dirigiu-o Manuel Rodrigues Gomes.

GAFANHOTO José Mortágua fundou êste jornal satírico em 10 de Abril de 1887 e deu-lhe vida até Dezembro do mesmo ano.

JORNAL DE ESTARREJA Caetano Ferreira, que era progressista, fundou êste jornal para defesa dos interêsses do seu partido em Março

de 1883, mantendo-o até 1887. Teve largas polémicas com o antagonista político — (VOZ DE ESTARREJA) e deixou-o por ter também abandonado a vila. Mais tarde, por 1890, terminado «O Estarrejense», José Mortágua, que não podia viver sem fazer jornais, fê-lo sair novamente, agora fadado para longa vida em suas mãos e nas do seu sucessor, o Sr. Carlos Alberto da Costa, que em 10 de Abril de 1937 festejou galhardamente as suas bodas de ouro.

Foi também progressista e é agora independente. Entre os seus colaboradores, conta-se o já falecido Dr. Lourenço de Almeida e Medeiros, que disputou na imprensa a Soares de Passos a paternidade do *Noivado do Sepulcro* e do *Firmamento*, as melhores daquele famoso vate.

E' impresso em Tipografia do Jornal de Estarreja, na Rua das Amoreiras, antigamente assim chamada.

O PARDILHOENSE — Jornal semanário. Iniciou a sua publicação em 1929, mas a sua vida foi curta: pouco mais de um ano.

Foi seu proprietário e editor o Sr. António Joaquim de Resende e dirigiu-o o jornalista Sr. Raúl Martins. Foi impresso em Lisboa, primeiramente, e depois em Estarreja, na tipografia Cirne.

A redacção veio, então, de Lisboa para a residência do proprietário, quinta do Salgueiro, Pardilhó.

PIRILAMPO — Sabemos apenas que se publicou.

O POVO DE PARDILHÓ — É o sucessor do concelho de Estarreja. Mudou de título pela anexação da freguesia ao concelho de Ovar. O primeiro número saíu em 15 de Janeiro de 1927. Dirigiu-o, até à sua morte, em Outubro de 1938, o Dr. Joaquim Manuel Ruela Cirne.

Sendo seu proprietário, editor e administrador o Sr. Vitorino José de Almeida e Sousa, dirige-o presentemente o Sr. Ismael Ferreira de Almeida e Matos, a quem devemos êstes esclarecimentos, que agradecemos.

Redacção e tipografia, em Pardilhó.

Semanário nacionalista e defensor dos interêsses do seu concelho e da região ribeirinha.

O POVO DE VEIROS — Jornal republicano que viveu de 1 de Janeiro de 1912 a 31 de Março do mesmo ano. Dirigiu-o Carlos Freire.

O PROGRESSO DE ESTARREJA — Jornal que saíu posteriormente à proclamação da República. Teve uma vida efémera.

REVISTA DA TORREIRA — Independente, defendendo os interêsses da Torreira. Apareceram os primeiros números sob a direcção do Sr. Alexandre de Almeida Casimiro. Depois substituiu-o o Sr. Avelino da Silva Tavares.

Red. e Adm., Avenida Hintze Ribeiro, Torreira—Comp. e Imp. na Tip. de Jornal de Estarreja.

VOZ DE ESTARREJA — Defensor do partido regenerador local. Viveu de 1 de Janeiro de 1885 a 1888.

Outro apareceu em 1915, que se publicou até 1917. Era impresso em Tipografia própria, em Estarreja.

## ÍLHAVO

BEIRA-MAR — Em Junho de 1920, fundou-o João Celestino Gomes. Teve outros directores, cujos nomes ignoramos. Foi suspenso em Janeiro de 1934.

O BRADO — Ulisses Nação e Manuel de Oliveira da Velha, êste professor primário e aquêle proprietário da Tip. onde era impresso o jornal, fizeram sair 426 números, desde 23 de Novembro de 1910 a 1921.

A CARIDADE — Número único, que Ulisses Nação fêz publicar a 4 de Abril de 1915.

GLÓRIAS DE ÍLHAVO — Numero único publicado pela «Pleiade Ilhavense», em 26 de Outubro de 1914.

O ILHAVENSE — Saíu o primeiro número, que supomos único, em 6 de Setembro de 1908, sendo seus directores José Pereira Teles, Manuel Marques Damas e Manuel Simões Chuva.

O ILHAVENSE — Em 20 de Novembro de 1921, José Pereira Teles, professor primário, fê-lo sair e ainda hoje é sua propriedade. Defende a política do Estado Novo.

O JORNAL DE ÍLHAVO — Sob a direcção do falecido Dr. Samuel Maia e do Sr. Dinis Gomes, publicaram-se, de 13 de Março de 1904 a 16 de Setembro de 1906, 132 números dêste jornal.

JORNAL DE ÍLHAVO Sob a direcção do Sr. Dr. Manuel Marques Damas, publicou-se desde 29 de Abril de 1934.

MISERICÓRDIA DE ÍLHAVO Em 1 de Maio de 1920, o Sr. J. Celestino Gomes fêz sair êste jornal.

O NAUTA Procópio de Oliveira é seu director e proprietário. Impresso na sua Tip. Social, em Ílhavo, publica-se desde 22 de Setembro de 1904.

É, presentemente, o decano dos jornais de Ílhavo.

O PETIZ Jornal de pequeno formato, que sabemos ser impresso em Ilhavo antes de 1910, mas do qual, presentemente, não possuímos outros elementos.

A PIADA Publicado em 7 de Março de 1910 sob a direcção de João Celestino Gomes.

PLÉIADE DE ÍLHAVO Sob a direcção de David Rocha, apareceu em 12 de Julho de 1919.

SIRENE Saíu em 1908, sob a direcção de José Pereira Teles e Simões Chuva.

OS SUCESSOS António Maria Marques Vilar, que fundara êste jornal em Aveiro em 13 de Julho de 1899, como já se disse, a certa altura da sua vida foi viver para Ilhavo e aí continuou a publicacão durante muitos anos.

Sabemos onde residiu (Corgo Comum), mas não sabemos a data em que ali fixou a sua vida.

TERRA DOS ÍLHAVOS Revista ilustrada. Saíu o primeiro número em 31 de Janeiro de 1920 e terminou em 6 de Agôsto seguinte, publicando-se apenas seis números. Direcção, Américo Teles — Cesário da Cruz — David Rocha — Guilhermino Ramalheira — Teodoro Craveiro.

O VISTA ALEGRE Quinzenário que se publicou a partir de 27 de Janeiro de 1924, sob a direcção de Pedro Cachapuz. Saíram apenas 15 números.

## MEALHADA

O ALVORECER — Publicou-se em 1920. No segundo número, começou a chamar-se: — MEALHADENSE.

BAIRRADA ELEGANTE — Publica-se êste jornal na Vacariça, sob a direcção do seu proprietário, Sr. Adelino de Melo. E' composto e impresso na Tip. Emprêsa Publicidade, de Marco de Canavezes. E' folha independente, noticiosa e literária. Em 1935, era a única publicação em todo o concelho da Mealhada.

O BUÇACO — Semanário independente, político e noticioso, defendendo os interêsses da Mealhada e mais particularmente e mais galhardamente os de Luso. Foi seu director o Sr. Ernesto Navarro. Administrado por Guilherme Baptista e impresso em Lisboa, na Tip. da Travessa da Glória, publicou-se de 28 de Abril de 1907 a 2 de Outubro de 1910.

BUÇACO-LUSO — Quinzenário politico e noticioso, publicou-se primeiro sob a direcção de Benjamim S. Carvalho e depois de Henrique Cerveira, sendo a propriedade de A. Rodrigues Pinheiro.

Primeira fase, de 18 de Maio de 1911 a 17 de Outubro de 1911; segunda fase, de Dezembro de 1911 a Abril de 1912. Impresso na Tip. Buçaco-Luso.

CAMPEÃO REGIONAL — Êste jornal, como os três antecedentes, publicou-se em Luso em 1915 e viveu 4 anos, sob a direcção do Sr. Dr. José Troncho de Melo.

CURIOSO — Publicou-se em Luso, manuscrito, em 1893, tendo, como não podia deixar de ser, uma vida efémera.

A DEFEZA — Publicou-se em Luso em 1912, com pouca duração.

A DEFEZA — Publicou-se na Pampilhosa em 1924, sob a direcção de João Iria.

OS FACTOS Apareceu na Pampilhosa em 1917, vivendo seis anos, sob a direcção política de Joaquim Cruz, importante industrial ali domiciliado.

JORNAL DA BAIRRADA Folha política e noticiosa, fundada por Júlio Stretch de Vasconcelos, em 1 de Janeiro de 1888. Terminou em 15 de Novembro de 1888.

Foi impresso na Tip. de Artur José de Sousa, do Pôrto. *Decano dos jornais do concelho.*

A LIBERDADE Com vida efémera, publicou-se o primeiro número em 1906.

MADRUGADA Propriedade dos Srs. Joaquim Cruz e Dr. Eugénio Couceiro, sob a direcção do primeiro e impresso na Imprensa Moderna, publicou-se êste jornal de 10 de Abril de 1911 a 1 de Outubro de 1912.

Foi trimensal e defendia os interêsses da Mealhada, publicando-se na Pampilhosa.

A MEALHADA Publicou-se em 1903 e durou 3 anos.

A MOCIDADE ACADÉMICA Sob a direcção do Senhor Dr. António Antunes Breda, apareceu em 1917.

PROGRESSO REGIONAL Sob a direcção do Sr. Dr. José Troncho de Melo, apareceu em Luso em 1925.

REVISTA DE LUSO O Sr. Adelino de Melo, da Vacariça, depois de ter litografado dois números, fêz publicar êste jornal, impresso, em 17 de Outubro de 1901. Viveu até igual data de 1902.

Seguiu-se-lhe imediatamente o BUÇACO, em 8 de Dezembro de 1902 até 2 de Março de 1905. Passou êste jornal a outra direcção e mais tarde à do Sr. Ernesto Navarro, como já referimos.

Ainda sob a direcção do Sr. A. Melo, em 30 de Agôsto de 1905 apareceu a BAIRRADA, seguida pela BAIRRADA ILUSTRADA, depois pelo BUÇACO e finalmente pela BAIRRADA ELEGANTE, como já se disse.

TOMÈZINHO Número único, aparecido em 1913.

TRIUNFO Semanário republicano evolucionista. Defensor dos interêsses da Mealhada, sob a direcção de Evaristo de Sousa e impresso na Tip. Democrática, em Mortágua. Viveu de 15 de Junho a 13 de Agôsto de 1913.

TURISMO REGIONAL Número único, publicado em Luso em 1913 pelo Sr. Dr. José Troncho de Melo.

VERDADE Publicou-se em 1925, sob a direcção do Senhor Dr. José de Melo Cardoso.

A VOZ DO POVO Êste jornal apareceu na Mealhada em 1906, mas teve vida efémera.

Em 17 de Julho de 1910, apareceu como semarário, sob a direcção de Adelino A. Cerveira. Era semanário de propaganda democrática.

## MURTOSA

BOLETIM DA TORREIRA Direcção do Dr. José Luciano de Castro. Jornal literário que se começou a publicar em 1854.

O CONCELHO DA MURTOSA Semanário, que se dedica aos interêsses do concelho e defende a política do Estado Novo.

Começou em 12 de Dezembro de 1926 e existe ainda.

Fundou-o e foi seu primeiro director Miguel Portugal e agora dirige-o o Sr. João Rico.

O JORNAL DA MURTOSA Semanário que defendia o partido regenerador local, foi fundado em 1 de Janeiro de 1901 e terminou em Dezembro de 1904.

Foram sucessivamente seus directores: Manuel Lopes Pereira (Fundador), Padre Rodrigo Luiz Tavares, Padre Francisco António da Silva Valente.

A MURTOSA Semanário que apareceu em Agôsto de 1903 e poucos meses viveu. Não tinha política partidária e defendia os interêsses da Murtosa e do concelho de Estarreja, ao qual então pertencia.

Foi seu director o professor de ensino primário particular, Humberto Beça.

O POVO DA MURTOSA Semanário que apareceu em 5 de Agôsto de 1905 e logrou viver até 1914.

Fundou-o a Emprêsa Tipográfica da Murtosa e era composto e impresso em oficina própria, estabelecida em Pardelhas.

Independentemente, advogava os interêsses da região e especialmente os da Murtosa.

Sucessivamente, dirigiram-no: Dr. Carlos Alberto Barbosa, Dr. Joaquim Ruela Cirne, Dr. João Carlos Tavares de Sousa e Manuel Valente de Almeida e Silva.

PROGRESSO DA MURTOSA Semanário que apareceu em 1929 sob a direcção do Sr. Dr. Francisco Rendeiro. Pertence agora a sua direcção ao Sr. Mário Silva. É jornal interessante, vivo.

REVISTA DA TORREIRA Quinzenário, que apareceu em 1 de Janeiro de 1923 e terminou em 1925, foi independente e defensor dos interêsses da região.

Dirigiram-no: Manuel Maria de Oliveira Valente, Avelino da Silva Tavares e Alexandre Casimiro, professor da Escola Móvel.

Há vagas notícias de ter havido ainda um outro jornal--avô incontestado dos actuais. Fundou-o Domingos da Conceição. E' quanto consegui saber, ou melhor, quanto sabe a pessoa melhor informada na terra sôbre êste assunto.

## OLIVEIRA DE AZEMÉIS

O ALFINÊTE Apareceu em 16 de Junho de 1889. Foi um quinzenário humorístico.

A ALVORADA Apareceu em 1893. Era escrito por estudantes e de feição literária.

O CARÍSSIMO Revista crítico-humorístico-charadista e noticiosa. Viveu de 7 de Setembro a 5 de Outubro de 1882.

O CORREIO Apareceu em 1891. Nada mais conseguimos apurar.

CORREIO DE AZEMÉIS Semanário em publicação, sob a direcção do Sr. Dr. Aníbal P. Peixoto Beleza, sendo a propriedade do Sr. Bento Landureza.

Comp. e imp. na Tip. Landureza, de Oliveira de Azeméis. Publica-se desde 1922.

Com o mesmo título e defendendo os interêsses locais, publicou-se um outro jornal, saindo o 1.º número em 12 de Maio de 1887. Não sabemos até quando viveu.

CRUZADA MISSIONÁRIA Orgão das Missões Portuguesas, publica-se mensalmente no Seminário do Couto de Cucujães, sendo seu director o Sr. Bispo D. João Evangelista de Lima Vidal, actual administrador do bispado de Aveiro. Saíu em 1932 e em 1938 era seu editor o Padre M. da Costa e Silva.

AS FARPAS Publicou-se em 1889. Nada mais conseguimos apurar.

FILANTROPIA Número único em favor das vítimas do terramoto da Andaluzia (Março de 1885).

Imp. em Aveiro

O JORNAL DO POVO Jornal político e noticioso, orgão do partido progressista local. Apareceu o seu primeiro número em 2 de Agôsto de 1880 e terminou em 1910, com a proclamação da República. Foram seus redactores, sucessivamente, os Drs. António Simões dos Reis, José Lopes Godinho de Figueiredo e Manuel F. C. Amador Valente.

Era impresso em Tip. própria, de Oliveira de Azeméis.

O OLIVEIRENSE Fôlha política e noticiosa, apareceu em 1881 sob a direcção do Dr. Bento Guimarãis. Só conseguimos ver números a partir de 1883, referentes ao 2.º ano. Ainda se publicava em 1889.

A OPINIÃO Em 1892, publicava-se um jornal com êste nome.

Presentemente, publica-se sob a direcção do Sr. Augusto de Barros, sendo o órgão local do Estado Novo.

O PINGALIM Jornal satírico, que se publicou em 17 e 24 de Julho de 1887.

O RABECÃO Fôlha quinzenal, satírico-humorística e progressista. Saíu em 2 de Junho de 1889.

A SENTINELA Semanário independente e noticioso, dedicado aos interêsses da escola e professorado. Redactor responsável, José Lopes Coelho. Tip.

Gutenberg. Publicou-se de 4 de Agôsto a 27 de Outubro de 1904.

A VERDADE Publicou-se de 8 de Outubro de 1879 a 21 de abril de 1880. Seguiu-se-lhe «O Oliveirense» e a êste o «Correio de Azeméis».

## OLIVEIRA DO BAIRRO

ALMA POPULAR Publicava-se até há poucos anos, sob a direcção dos Srs. Dr. Manuel dos Santos Pato e Tiago Augusto Ribeiro. Impresso na Tip. de Oliveira do Bairro. Editor, Mário da Silva Briosa. Saíu o primeiro número em 5 de Outubro de 1918.

CORREIO DE CÉRTIMA Fôlha regionalista, dirigida pelo Sr. Dr. Miguel da França, sendo editor António Vicente. O primeiro número saíu em 15 de Maio de 1930. Composto e impresso na Tip. Bizarro, Rua da Moeda, Coimbra.

ECOS DO VOUGA Semanário católico. O primeiro número foi publicado em Águeda no dia 10 de Outubro de 1908. Foi seu director António Augusto de Miranda. A correspondência era enviada para Henrique Mendes Pires, de Águeda.

O número 104, do 3.º ano, publicou-se em Oiã, em 1 de Outubro de 1910. Foi seu director o Padre Abel Gomes da Conceição e Silva, que assinava, simplesmente, Padre Abel da Conceição. O último número — 154 — saíu no dia 30 de Setembro de 1911. Foi seu editor o Padre Serafim Dias Ferreira.

O FAROL DA LIBERDADE Desta fôlha conseguimos apenas saber que foi propriedade do Sr. Augusto Costa, da Quinta Nova.

GENTE NOVA Semanário regionalista e literário, que procurava educar dentro desta virtude — o civismo — e desta perfeição — a moralidade. Foram seus director Albano Ferreira da Cruz; redactores: António de Cértima e Manuel Correia da Silva, e editor Luís de Almeida Santos. Impresso em Oliveira do Bairro.

Saíu o primeiro número em 12 de Março de 1919.

O IDEAL Semanário que, há aproximadamente 27 anos, saíu em Oliveira do Bairro, independente e noticioso, mas defendendo os interêsses do concelho. Diri-

giu-o José Ferreira Diogo e administrou-o Arnaldo Tavares de Castro. Foi composto e impresso na Tip. de O IDEAL em Oliveira do Bairro.

A MÁQUINA DO MUNDO Jornal científico. Publicou-se apenas um número em 1 de Maio de 1913. Editor, Evaristo Martins de Oliveira. Impresso na Tip. Central, de Aveiro.

O ZABUMBA Semanário jocoso. Saíu o primeiro número em 20 de Maio de 1910, vivendo poucos meses. Propriedade da Emprêsa do Zabumba, foi composto e impresso na Tip. de «O Ideal», em Oliveira do Bairro. Director, José Ferreira Diogo.

## OVAR

A. D. O. (Associação Desportiva Ovarense). Em dias de festas assinaladas publicou esta colectividade dois números especiais. O primeiro saíu em 19 de Dezembro de 1926 e o segundo em 19 de Dezembro de 1939.

ALMANAQUE DE OVAR Dois vareiros, os Srs. Padre Manuel Rodrigues Lírio e António Augusto Resende, publicaram o primeiro Almanaque de Ovar ilustrado, que saíu em 1911.

Saíu o segundo número em 1913, declarando que a sua fundação era devida a dois vareiros, levando os restantes números a mesma indicação. Publicaram-se, seguidamente, os números respeitantes aos anos de 1914 até 1918.

Os dois últimos números foram organizados pelos Srs. Padres Lírio e José Ribeiro Araújo, natural de Perosinho, mas curando esta freguesia de Ovar há muitos anos.

O principal colaborador foi o Sr. P. Lírio, do qual todos os números contêem basta e excelente prosa e alguns versos.

Quem se interessar pelo passado desta terra topa nêstes Almanaques muitas indicações.

O ARRÔCHO Jornal anónimo que saíu em 13 de Fevereiro de 1887.

O CHARADISTA Humorístico-charadístico-literário. Publicava-se de quinze em quinze dias. Apareceu em 2 de Junho de 1908 e terminou em 21 de Janeiro de 1909. Dirigiu-o António Veiga, tipógrafo, então. Comp. e imp. na Tipografia de «O Ovarense».

O CORREIO DE OVAR — Orgão dos interêsses do concelho sob a direcção de Virgílio A. Ribeiro. Cmp. e imp. na Tipografia Liberal (em Ovar). Publicou-se de 25 de Dezembro de 1912 a 5 de janeiro de 1913.

O CRISTIANISMO — Fôlha religiosa, sob a direcção nominal de Manuel Lopes Guilherme. Saíu em 6 de Março de 1910.

A DEFEZA — Orgão do Partido Republicano Liberal. Publicou-se primeiramente sob a direcção do Sr. Dr. João Baptista Nunes da Silva, sendo seu editor o Sr. José Plácido Ramos. Saíu o primeiro número em 16 de Novembro de 1919.

Mais tarde apareceu sendo seu Director e Editor António Ferreira Coelho. O seu último número saíu em 19 de Junho de 1921.

A DISCUSSÃO — Orgão do Partido Regenerador, que se publicava aos domingos. Saíu em 7 de Julho de 1895. O seu primeiro editor e proprietário foi José Marques da Silva e Costa, amanuense da Administração do concelho, sendo Administrador José Barbosa de Quadros.

Foi muitos anos dirigido pelo Dr. António dos Santos Sobreira, advogado e notário. Terminou em 1913 sob a direcção de Isaac Júlio Fonseca da Silveira.

E. M. O. — (Escola Modêlo de Ovar) — Aproveitando a data da 2.ª Festa da Criança, em 17 de Junho de 1934, a Associação Desportiva Ovarense fêz publicar este número único, que se subintitulava órgão da Propaganda das Comissões Prò Construção da Escola Modêlo de Ovar.

ESTRÊLA F. C. — Em 1 de Janeiro de 1938 êste popular Clube, festejando o seu 2.º aniversário, fêz sair um número único, composto e impresso na Imprensa Pátria, Ovar — Direcção, Edição e Propriedade do Clube.

A FÔLHA DE OVAR — Fôlha literária e noticiosa, órgão do Partido Regenerador, publicando-se sob a direcção de Manuel Gomes Dias. Saíu o primeiro número em 18 de Fevereiro de 1892 e terminou em Junho de 1895. Seguiu-se-lhe «A Discussão». Saía às quintas feiras.

GAZETA DE OVAR — Jornal literário, crítico, noticioso e desportivo. Director, Guilherme O. Santos e Augusto Luís de Sousa. Editor, Januário Garcia.

Jornal de rapazes, teve a vida que o seu entusiasmo e bôlsa lhe puderam dar. Saíu o primeiro número em 1 de Janeiro de 1919.

O IDEAL VAREIRO Quinzenário literário e bairrista, que apareceu em 1 de Junho de 1919 sob a direcção do Sr. Alfredo Fonseca Santos, que era também o editor. A partir de 1 de Novembro assumiu a direcção o Sr. Dr. António Gonçalves Santiago. Em 15 de Janeiro de 1917 passou a direcção a ser constituída pelos dois citados nomes, ficando a ser editor o Sr. José Augusto Lopes Fidalgo.

Em 28 de Fevereiro passou a publicar-se às quartas feiras. Em 23 de Janeiro de 1918 passou a direcção do jornal a ser exclusivamente do Sr. Dr. Santiago que a conservou até 5 de Junho, que foi quando cessou a publicação.

O IDEAL VAREIRO Em 1 de Janeiro de 1933 reapareceu êste jornal, agora tendo como directores os Srs. Dr. Rasgado Rodrigues e Mário Brandão e como redactores os Srs. Dr. António Fragoso, Fernando Novais, Bernardino Silva e Mário Almeida, repórter fotográfico. Editor, Manuel Gomes Pinto Júnior. Terminou em 16 de Abril de 1916. Era semanário.

JOÃO SEMANA Jornal católico do qual foi seu primeiro director o Padre José Maria Maia de Resende e proprietário e editor o Sr. M. Ferreira Regalado.

Teve a benção do rev. Bispo do Pôrto, Sr. D. António Barroso. Saíu o primeiro número em 1 de Janeiro de 1914 e publicava-se de quinze em quinze dias. Do n.º 7 por diante passou a ser semanário, como continua.

Do n.º 18 para cá assumiu a direcção o rev. Sr. Padre Manuel Rodrigues Lírio.

Foi suspenso em 24 de Dezembro de 1918, mas substituíu-se logo pelo MENSAGEIRO: Reapareceu em 14 de Janeiro de 1927 e ainda se publica.

JORNAL DE CORTEGAÇA Semanário defensor dos interêsses locais, publicou-se de 1914 a 1915, sob a direcção do Sr. Francisco M. de Oliveira Reis, sendo seu Administrador Jovelino F. Costa e Editor Manuel Alves Fardilha.

JORNAL DE OVAR Foi o órgão do Partido Progressista do concelho, que orientou o Dr. Joaquim Soares Pinto, advogado e notário, chefe local. Director, Editor e Proprietário era o Sr. Augusto da Costa e Pinho. Saíu o primeiro número em 13 de Maio de 1906.

Por motivos políticos esteve prêso o Sr. Pinho e conseqüentemente suspenso o jornal, desde 28 de Outubro de 1911 a 21 de Janeiro de 1912. Continuou a sua publicação, depois, até 21 de Julho dêsse ano. Era impresso na Tip. Peninsular, da Rua de S. Crispim—Pôrto. Foi o único periódico vareiro, que, proclamada a República, manteve a defesa dos princípios monárquicos.

A LIBERDADE Semanário independente, da direcção do Padre José Maria Maia de Resende. Publicaram-se apenas dois números, em 18 e 25 de Maio de 1911.

O MALUCO DA PROVÍNCIA Órgão oficial de um doutor maluco com pretensões a déspota e a deputado. Impresso em Aveiro, publicando-se em 1886.

O ORFEÓNICO O Grupo Coral, que então existia, publicou em 6 de Janeiro de 1912 um número único, comemorando desta maneira a inauguração do Orfeão. Director da Fôlha, o Sr. Adolfo Eurico Pinto do Amaral.

O OVARENSE Decano dos periódicos vareiros. Jornal noticioso, comercial e agrícola, foi seu editor responsável Manuel Soares dos Reis, proprietário da Tipografia aonde se imprimia. E' de 22 de Julho de 1883 o primeiro número. Dirigiu-o por muito tempo o advogado José Lopes Godinho, natural de S. Martinho da Gândara e que veio a falecer em Oliveira de Azemeis. Em breve o jornal era político e órgão do Partido Progressista local, batendo-se rijamente contra o Partido Regenerador, ou melhor, contra o Dr. Manuel Arala. Foi seu director, abandonado o «Povo de Ovar», o Dr. Fragateiro; e por fim, quando êste abandonou o jornalismo, foi seu director o então proprietário da Tipografia Ovarense, Plácido Augusto Veiga. Findou o jornal com a sua vida.

A PÁTRIA O primeiro jornal republicano local. Foi seu director o Sr. António Valente de Almeida. Era propriedade da Emprêsa do Jornal «A Pátria», tendo a sua Redacção no Centro Republicano, na Rua de Santa Ana. Foi administrador o Sr. Fernando Artur Pereira e imprimia-se na Imprensa Civilização, Pôrto. Publicou-se de 30 de Abril de 1908 a 15 de Abril de 1928. Depois da constituïção do Partido Republicano Português (Democrático) foi aqui o seu órgão. Teve, depois, vários directores: Srs. Manuel Augusto

Nunes Branco, Dr. Alberto Augusto Tavares, Coronel Manuel Rodrigues Leite e Belmiro Adelino Duarte Silva. Defendeu sempre, com interêsse e brilho, os interêsses locais.

A PENEIRA Vagas referências temos apenas.

A PÉROLA Jornal literário. Teve como director o Sr. Francisco de Oliveira Belo, redactor o Sr. Francisco de Oliveira Gomes e administrador o Sr. Manuel Alves Correia. Era seu proprietário o Sr. António Augusto Veiga. Tip. Ovarense, de Plácido Veiga. Publicou-se de 4 de Fevereiro de 1909 a 12 de Maio de 1910.

O POVO DE OVAR Jornal que sob a direcção do Dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, advogado e notário, impresso em Aveiro, saíu pela primeira vez em 25 de Junho de 1886. Viveu até 1893 ou 1894. Defendeu os pontos de vista pessoais do seu director, que foi um belo temperamento de jornalista.

O POVO DE OVAR Publica-se presentemente. Foi seu fundador o proprietário da Tipografia Pátria, Sr. Manuel Augusto Nunes Branco. Agora seu filho, o Sr. Manuel Dias Nunes Branco, é que é o director. Intitula-se defensor dos interêsses locais e independente. Saíu o seu primeiro número em 30 de Maio de 1929.

REFLORIR Jornalzinho manuscrito, sob a direcção de Augusto Luís de Sousa. Literário, artístico e noticioso. Saíu o 1.º número em 1 de Abril de 1920.

O REGENERADOR LIBERAL Semanário monárquico, órgão daquele Partido local. Saíu o primeiro número em 16 de Setembro de 1909 sob a direcção de Amadeu Peixoto Pinto Leite.

REVISTA DE OVAR Saíu o primeiro número em 17 de Novembro de 1910 e suspendeu a publicação em 19 de Abril de 1911. Defendia a política monárquica.

A SEMANA DE OVAR Direcção de... Saíu o primeiro número em 27 de Abril de 1911.

*NOTA* — Dêstes dois jornais não conseguimos ver qualquer exemplar.

## S. JOÃO DA MADEIRA

A DEFESA LOCAL Quinzenário político-independente e noticioso. Tratava assuntos de interêsse local, mas criticava com mordacidade e bom humor. Foi seu Director do 1.° ao 20.° número Domingos José de Oliveira, e nos três números mais que sé publicaram, Manuel Quintans Lima Braga. Publicou-se de 31 de Janeiro de 1915 a 6 de Feveiro de 1916, irregularmente.

O GRILO Como panfleto, anteriormente a 1900, publicou-se com êste nome, noticioso, mas de forte feição humorística, que pouco viveu. Nada mais apurámos sôbre êle.

PEQUENO SANJOANENSE Orgão dos alunos de uma escola de instrução primária de S. João da Madeira, publicou-se em Janeiro de 1932.

POLÍTICA NOVA Sendo propriedade da Emprêsa da Política Nova, saíu êste jornal em 11 de Outubro de 1934 para terminar, publicados apenas 10 números, em 17 de Fevereiro do ano seguinte.

A sua orientação, acentuadamente liberal, sem harmonizar interêsses, abriu largo fôsso entre a comunidade patronal e a operária e por isso a sua vida foi efémera.

O REGIONAL Defensor dos interêsses locais, publica-se desde o dia um de Janeiro de 1922. Fundou-o o Sr. António de Lima Correia. Em 3 de Julho de 1927, passou a ser dirigido pelo Sr. Manuel Luís Leite Júnior e em 3 de Fevereiro de 1938 pelo Sr. José Soares da Silva.

Está integrado nos princípios do Estado Novo. Em publicação no ano de 1939 (Maio).

O TRABALHO Vergílio Apenseler Ribeiro, que fêz também saír um jornal na Vila da Feira, foi o proprietário e director dêste. Segundo informações amàvelmente prestadas por pessoa de S. João da Madeira, apareceu o *Trabalho* pouco mais ou menos em 1900, com tendências avançadas, pretendendo conjugar os interêsses dos patrões com os dos operários. Segundo outra fonte, que nos parece mais segura, salvo o devido respeito, o primeiro número saíu em 1904.

Parece que não viveu o primeiro semestre.

## SEVER DO VOUGA

ALMA POPULAR  Semanário republicano democrático, que se publicou de 1 de Agôsto a 19 de Dezembro de 1915. Direcção de Generoso Rocha — Editor, Albino Rocha—Adm., Carlos Barbosa. Composição e Imp. na Tipografia Silva — Aveiro — Red. na Praça do Município... Sever do Vouga.

O CAMINHO  Fôlha essencialmente religiosa, e como tal se inculca como «Pregoeiro Cristão das Aldeias». Não tem assinantes e vive de donativos, o que se pode considerar único no género. Principiou a publicar-se em 1917 e tem continuado com diversos intervalos. O fundador, director e proprietário é o Sr. M. Marques Pereira, sendo seu editor, no começo, Joaquim de Jesus e no presente é Jaime de Jesus.

A sua redacção é no Braçal, Sever do Vouga.

A LUZ  . Semanário de combate, do partido regenerador em Sever do Vouga. Publicou-se em 1889.

Foi o primeiro jornal local.

O SEVERENSE  Semanário da política democrática em Sever, publicou-se a partir de 1911. Director, Eduardo Arvins; editor, Alexandre Nunes, e adm., Firmino de Araújo. Redacção e Adm., no Largo do Município, em Sever.

Comp. e Imp. na Tip. Industrial Portuguesa de F. Luís de Abreu — Rua de Cândido dos Reis, 88 — Pôrto.

TRIBUNA LIVRE  Fôlha democrática, que apareceu em Novembro de 1913. Era propriedade da Emprêsa da Tribuna Livre sendo: Director e editor, Eduardo Arvins; redactor, Bernardino Pereira de Almeida e adm. Daniel de Bastos.

Redacção, no Largo do Município, mas composto e impresso na Tip. do «Jornal de Albergaria»—R. de Santo António, Albergaria-a-Velha.

O VIGILANTE  Jornal que defendeu a política progressista, dirigido pelo Conde de Beirós, combatendo os regeneradores chefiados pelo comendador António Monteiro Henriques.

# VAGOS

A COMARCA O Dr. Vasco Rocha, em 1291, publicou dois ou três números.

CONCELHO DE VAGOS Defendendo a política republicana, apareceu em 1919, sendo um dos seus directores Manuel Brito Pereira de Resende. Saíu da Tipografia Social, de Ilhavo. Manuel de Almeida Teixeira também o dirigiu.

CORREIO DE VAGOS Para combater a política progressista do «Jornal de Vagos», começou a sua publicação em 1907, saindo da tip. local de João Pereira, natural de Aveiro. Mais tarde, passou a ser impresso na de Augusto Maia, que era de Vagos.

Entre os seus directores, falaremos do farmacêutico Edmundo Rosa. Sob a sua direcção defendeu a política regeneradora. Na República, defendeu primeiro a política do partido do Dr. António José de Almeida (evolucionista) e a de Sidónio Pais, durante a sua curta ditadura. Foi também paladino da religião católica e teve larga influência na política local.

ECO DE VAGOS Começou a sua publicação em 1899, mudando pouco depois, para JORNAL DE VAGOS, e com êste cabeçalho viveu até 1915 ou 16. Durante a Monarquia, serviu a política progressista e, na vigência da República, o partido democrático. (Partido Republicano Português).

No primeiro período, vários directores o orientaram, podendo mencionar-se o Dr. Machado, de Ilhavo; o Dr. Aurélio Marques Mano e António Carlos Vidal.

No segundo período, foram seus directores os Drs. Vasco Rocha e Raúl Antero Corrêa e António Vidal (filho) e como adm. João António de Morais Sarmento. Foi o jornal que primeiro apareceu em Vagos e o que mais larga influência teve.

Foi impresso, primeiramente, na tipografia local de José Maia, depois na de seu sobrinho Augusto Maia.

Mais tarde, saíu de uma tipografia que era propriedade do, ao tempo, Conservador do Registo Predial, Dr. José Rodrigues Sobreiro, e por fim de uma tipógrafia, em Aveiro, do Largo do Espírito Santo.

ECO DE VAGOS Foi seu director Fernando Silva e por fim Duarte da Rocha Vidal. Defendeu a política republicana-regionalista. Era quinzenário.

Por causa das Festas da Senhora de Vagos, abriu-se conflito entre os párocos de Cantanhede e o de Vagos, sendo êste jornal a favor do primeiro.

Como a campanha fôsse rude, o prelado da diocese, para pôr ponto final na conversa, transferiu o segundo.

Foi primeiramente impresso na Tipografia Universal de Aveiro e por último na «Beira Mar» de Ilhavo.

Não sabemos a data do seu aparecimento.

JORNAL DE VAGOS Em fins de 1898 ou princípios de 99 começou o combate pelos progressistas do concelho e viveu até à proclamação da República.

Nessa data, orientadores e colaboradores abandonaram a política e mataram o jornal.

O LÁ Julgamos que, com êste título, se publicou quando o «Jornal de Vagos», um semanário independente dirigido pelo seu proprietário A. M. Marques Vidal.

Teve vida curta.

A ORDEM Jornal republicano-democrático, que o Dr. Vasco Rocha dirigiu. Foi seu editor Artur Trindade. Publicou-se de 22 de Junho a 5 de Julho de 1914.

Tip. «Social» de Procópio de Oliveira — Ilhavo.

Temos vaga notícia de que em Soza, do concelho de Vagos, se publicaram, nos fins do séc. 19, três números de um jornal — «Pirilampo».

Em 1939 não se publicava qualquer jornal no concelho.

Das duas tipografias que se mencionaram, já nenhuma existe.

O POVO DE VAGOS Semanário republicano, que o Dr. Vasco Rocha dirigiu de 15 de Maio a 24 de Julho de 1915.

Tip. a vapor «Silva» — de Aveiro.

## VALE DE CAMBRA

JORNAL DE CAMBRA O primeiro número dêste jornal, sob a direcção de Manuel de Almeida Martins, saíu em 1 de Janeiro de 1908, tendo a sua

sede em Gândara de Cambra, que era, como então se chamava a Vila de Cambra. Editor foi António Aires Martins, e era impresso em tipografia própria, pertencente ao Director e a Camilo Tavares de Matos.

Em 14 de Maio de 1911, passou para a Emprêsa Tipografia Cambrense, passando a direcção a Luís Marques de Castro, que era também editor. Deve ter terminado em 1917.

JORNAL DE CAMBRA A partir de 1932, sob a direcção do Sr. Carlos Alberto da Costa, publica-se novamente, saindo de 15 em 15 dias e sendo seu editor Adalberto Costa. Sai da Tip. do «Jornal de Estarreja», onde tem a sua redacção. Ambos independentes e regionalistas.

POVO DE CAMBRA Em Janeiro de 1914, saíu sob a direcção do Dr. Augusto Corrêa do Amaral, sendo seu proprietário, director e editor, o Sr. António Corrêa Vaz de Aguiar.

Tinha a sua séde em Macieira de Cambra, ao tempo ainda cabeça do concelho. Terminou pouco depois de 1917 e defendeu a política democrática.

Foi impresso na Tip. Silva, de Aveiro.

## VILA DA FEIRA

O ARRIFANENSE Quinzenário republicano regionalista, fundado pelo farmacêutico Manuel José Pereira, que foi assassinado na sua farmácia na noite de 2 para 3 de Setembro de 1935. É seu actual director Vicente Rebêlo de Sousa Reis. Comp. e imp. na Tip. Minerva Comercial. Publica-se na freguesia da Arrifana.

CAMPEÃO DA FEIRA Semanário político-noticioso e literário. Publicou-se em 2 de Março de 1885.

COMÉRCIO DA FEIRA Regenerador franquista sob a direcção do Dr. Eduardo Vaz de Oliveira. Tip., Rua Direita (Feira). Publicou-se nos anos de 1907-1908.

CORREIO DA FEIRA Jornal regenerador, fundado por José Soares de Sá, seu proprietário e director. Apareceu em 11 de Abril de 1897.

Presentemente, é semanário republicano independente e regionalista. Tip., Praça da República (Feira).

DEMOCRATA FEIRENSE  Jornal fundado em 1905 pelo Dr. Vitorino de Sá. Já foi seu director o Dr. Joaquim Santiago e presentemente é seu director interino Ernesto José Correia. Semanário republicano.

O FEIRENSE  Jornal progressista primeiro e depois republicano. Direcção de José João Ferreira. Saíu o 1.º número em 23 de Março de 1883.

GAZETA FEIRENSE  Fundador, Dr. Vaz Ferreira. Proprietário e director, Joaquim Pinto Valente. Ignoramos o mais.

O INFORMADOR  Quinzenário, primeiro; semanário, depois; noticioso. Director, Virgilio Apenselar Ribeiro. Propriedade da Agência Elucidativa. Publicou-se de 9 de Agôsto de 1907 a 12 de Fevereiro de 1909.

JORNAL DA FEIRA  Fôlha progressiva, de Manuel J. Silva Ribeiro. Publicou-se em 1881. É muito possível que êste seja o decano dos jornais do concelho.

MISCELÂNIA MUSICAL  Quinzenário de revista musical e peças escolhidas para piano. Direcção do Dr. Aguiar Cardoso. Saíu em 15/4/1883.

NOTÍCIAS DA FEIRA  Propriedade de José Cândido Marques de Azevedo. Ignoramos o mais.

PROGRESSO DA FEIRA  Propriedade do Dr. João de Magalhães. Ignoramos o mais.

TRADIÇÃO  Actualidade. Direcção de Júlio César Alves Moreira. Semanário nacionalista, fundado em 1932. Composto e impresso na Escola Tipográfica (Cucujães). Administrador e proprietário, Alfredo de Oliveira.

ANTÓNIO ZAGALO DOS SANTOS

# BIBLIOGRAFIA

O *ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

---

*GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*

Aproxima-se o final da letra E dêste magnífico repositório de informação, que prossegue com segurança na sua carreira editorial, despertando crescente interêsse da parte do Público, mercê da escolhida colaboração em que tem primado, e da modelar organização dos seus serviços.

A actualização cuidada dos artigos da ***Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira***, e a ilustração que os acompanha, constituem garantia da sua indispensável consulta.

Engenheiro Mendes da Costa. — *O Ensino Elementar de Minas em Portugal.*—Memória apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Engenharia; Pôrto.

O autor propõe e justifica plenamente no seu trabalho a criação de escolas para a formação de capatazes de minas, fazendo notar que êstes desempenham funções de grande responsabilidade e não têem a menor preparação científica, sendo até quási todos analfabetos.

Paul Monfort.—*Les progrès de l'enseignement du dessin au Portugal;* Pôrto, 1943.

Trata-se de uma comunicação, feita pelo autor em Bruxelas, à Sociedade Nacional Belga dos Professores de Desenho àcêrca da obra *«Livro de Desenho» — Texto de Ad. Faria de Castro e desenhos de Rodrigo de Castro.*

P. Monfort descreve e faz um justo elogio desta obra didáctica, já aprovada pelo Ministério da Educação Nacional para o ensino do desenho geométrico e ornamental nos liceus portugueses.

João Frade Correia.—*Ausência;* Coimbra, 1942.—Obra interessante, que contém as seguintes partes: I — Poemas da nossa angústia; melodias. II — Poemas do silêncio; sonetos. III — Da tristeza dos meus olhos; sonetilhos. IV — As andorinhas voltaram, e outros poemas.

*

*A Grã-Bretanha de hoje* — Último número recebido, n.º 65.

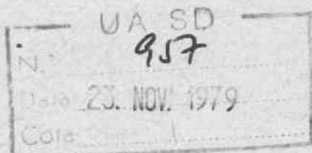
*Altitude* — Boletim mensal da Federação de Municípios da Beira Serra. N.os 5-6. Guarda, 1943.

*Clinica, Higiene e Hidrologia* — Último número recebido, n.º 5, ano IX. Lisboa.

*Estudos* — Revista de cultura e formação católica. Órgão do C. A. D. C. N.os 4 e 5. Coimbra, 1943.

*Extremadura* — Boletim da Junta da Provincia, n.º 2, serie II. Lisboa, 1943.

*Portucale* — Revista ilustrada de cultura literária, científica e artística. N.os 92-93. Pôrto, 1943.



# MAURÍCIO DE ALMEIDA

## ESCULTOR

## (1897-1923)

HÁ dias, revendo papéis antigos que juntei para folhear em melhor ocasião, encontrei notas e apontamentos referentes a um artista português, Maurício de Almeida (fig. 1), que não chegou à sua fase decisiva e independente, porque a morte o levou quando ia desferir os definitivos vôos. Deixou, apesar disso, obra notável, que podemos documentar, embora, infelizmente, o tempo, a incúria e o abandôno a desgastassem na sua maior parte.

O que resta, porém, da sua actividade, é suficiente para exalçar a sua memória e marcar o lugar a que tem jus entre os artistas modernos mais distintos do nosso distrito.

Maurício de Almeida nasceu em Pardilhó (concelho de Estarreja) em 1 de Agôsto de 1897. Seu pai, José Maria Valente de Almeida, era apreciado executante da filarmónica pardilhoense e mais tarde fiscal dos impostos em Arouca, para onde deslocou a família, que ali vive ainda, representada pelos irmãos do artista. Dedicaram-se à arte gráfica tendo fundado naquela vila a *Gazeta de Arouca*. Sua mãe era filha do professor primário do Bunheiro, António Joaquim Valente de Almeida que, ao tempo, residia em Pardilhó, donde era natural, e de uma senhora de Gonde, de Avanca.

Logo na escola das primeiras letras, como ao tempo soía dizer-se, manifestou Maurício de Almeida decidida vocação para o desenho. O seu mestre, Saavedra Guedes, professor livre e jornalista de grandes qualidades combativas, fundador do jornal *Concelho de Estarreja*, que entrou em Outubro último no seu 43.º ano de existência, dizia-me repetidas vezes:

— O Maurício, se pudesse ser ajudado, devia dar um

grande artista. É inteligente e tem rara vocação para o desenho.

Passados os seus primeiros exames, seguiu para o Pôrto, onde, com um pequeno auxílio que António Resende e eu lhe instituímos, entrou na Escola das Belas Artes no ano lectivo de 1913. Em 1914 fêz os seus exames com distinção e num concurso de desenho com alunos do 4.° e 5.° anos ganhou um prémio pecuniário.

Em 1915, continuou a freqüentar a Escola, com distinção, ganhando, em novo concurso, o primeiro prémio de desenho.

As aulas de arquitectura e escultura eram incompatíveis, o que levou o nosso estudante, sempre muito aplicado e estimado pelos seus mestres, a enveredar para a escultura, sendo discípulo dilecto de Teixeira Lopes. Em 1916, terminou, com o maior brilho, o curso das Belas Artes e o da Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis.

Terminados os estudos, Maurício de Almeida, num desejo salutar de emancipação, e por não haver concursos para pensionistas do Estado, montou em Gaia a sua modesta *Emprêsa de Laboração Artística* para fabricação de estatuetas, bustos, etc., em *terre cuite*, onde foi um incansável trabalhador até 1921.

Um dia, preguntámos-lhe porque não assinava os seus trabalhos, alguns de incontestável valor.

Trazem o nome da Emprêsa. Quando muito, têm o meu monograma (M.A.) dentro de uma circunferência, à laia de marca de Fábrica. É uma pequena indústria em que trabalho ao sabor dos outros. O que vier a produzir há-de ser bem diferente, quero que seja só obra minha e, então, o meu nome tomará a responsabilidade do que produzir.

Não insistimos. Serviu-me a resposta para bem aquilatar da altitude a que elevava a sua arte.

Deu-me algumas peças do seu labor industrial, como êle aborrecidamente o designava. Na frente donde escrevo, sôbre uma estante de livros, olham-me: de um lado, HERCULANO [1], de rosto grave e solene (fig. 2), como compete ao grande historiador, e do outro, EÇA DE QUEIROZ (fig. 3) esboçando um sorriso sarcástico que o monóculo sublinha. Duas terras cozidas bronzeadas, que convivem comigo de há muito, e me recordam o artista na fase em que levava às costas a cruz do seu destino utilitário. Sôbre outra estante, está um busto de CAMILO (fig. 4), velho e alquebrado, lembrando-o na última fase, quando tôdas as ilusões lhe desapareciam sob a tortura da tabes que o arrastava, inexoràvelmente, para a cegueira,

---

1 O Sr. Dr. JOSÉ PEREIRA TAVARES possui um dêstes exemplares.

antecâmara do suïcídio. É aquêle velho «alcachinado e encornicado» a que RICARDO JORGE se refere em sugestiva evocação.

Existe um exemplar dêste busto no Liceu de Aveiro, muito apreciado pelo seu distintíssimo reitor, Sr. Dr. JOSÉ PEREIRA TAVARES.

Do outro lado, o busto perscrutador de VICTOR HUGO (fig. 5), tal como é conhecido das gravuras, lembra o pensamento francês numa das suas mais altas manifestações. Também o Liceu de Aveiro possui um dêstes exemplares: preito do artista à França do seu sonho, onde aspirava ir acabar a sua educação.

Além dêstes bustos, possuo um grupo de pescadores em atitude de puxar uma rêde, que se termina na base por uma concha. A fig. 6 mostra a atitude das três figuras, em que há movimento e esfôrço. Rostos típicos dos trabalhadores do mar e da Ria que o artista conhecia de perto, por ter com êles acamaradado quando vivia em Pardilhó.

Em lugar de maior distinção, tenho o busto de VOLTAIRE, que Maurício copiou, no último ano da Escola, e que protege a estante onde enfileiram os 95 volumes das suas obras completas. Êsse busto do velho enciclopedista mostra a modelação de um futuro artista. É uma cópia do VOLTAIRE que todos conhecem, em idade provecta, quando o Génio que o iluminou foi fixado no sorriso sardónico da sua superioridade. Já se nota qualquer coisa de pessoal naquela máscara. Não parece que o busto seja tirado da estátua de Houdon que muitas vezes contemplei em Paris, junto à *Comédie*. Maurício delineara-o e modelara-o com grande sobriedade e segurança.

Tanto êste trabalho como os bustos e alegorias esculturais em série, já denunciavam o artista.

Com a sua modesta indústria ia provendo ao seu sustento e amealhando alguns vinténs, como êle se expressava. O seu espírito pairava, porém, acima dessas fantasias artísticas a que o forçavam as necessidades da existência. Não passava de um meio, nunca podia ser uma finalidade. Voavam mais alto as suas aspirações. Todo êsse labor foi uma tortura moral a pesar como chumbo sôbre os seus desígnios, esmagados pela fôrça das circunstâncias.

Dizia:

— Mal me ficava, se não soubesse tirar algum proveito material do meu curso. Mas isto é apenas um passo na vida. Há-de chegar um dia em que darei expansão à minha sentimentalidade artística.

Em certa altura procurou-me para me informar das suas intenções.

— Resolvi ir estudar para Paris, trabalhar, lutar, fazer boa Arte. Sem isso não saïrei do pouco que sei. Já tenho dinheiro para me agüentar por lá algum tempo. Careço de espraiar a vista por novos horizontes, conhecer o que os grandes mestres produzem. É necessário vibrar em outros diapasões. A escultura, especialmente, não se pode apreender em álbuns, e as cópias são raras e nem sempre perfeitas. Mesmo na pintura, as reproduções, por melhor que sejam, não mostram os autores na sua verdadeira expressão. Falta-lhes em grande parte a alma que lhes deu vida e os pequenos nadas que se contorcem na curva e ascendem na tonalidade. A profundidade da tela só se sente na contemplação das obras originais que ninguém consegue imitar com absoluta fidelidade.

Maurício amava as artes plásticas. A pintura atraía-o. Fêz felizes tentativas nessa orientação. Possuo da sua autoria uma interessante natureza morta. Mas essa arte não conseguia dominá-lo. A escultura atraía-o de preferência.

— Há mais vigor numa estátua, comentava, do que num quadro, por primoroso que seja. A vida, a acção, o movimento, o esfôrço, as grandes expressões da luta da existência, vibram mais nas esculturas. Pelo menos, resplandecem mais ao meu espírito nas formas, nas atitudes e na mímica; nas crispações da dor e nos sorrisos misteriosos; na expressão sombria do crime e na claridade dos êxtases das santas.

Quando lhe falava na côr, a alma viva da pintura, objectava:

— É a superioridade da escultura. Nem dela precisa. Basta o mármore ou o bronze. A curva dos seios, as saliências de um dorso em esfôrço, os recôncavos das faces famintas, a contractura dos músculos em acção, falam mais à minha sensibilidade. A escultura está mais perto da vida do que o quadro. Olhe o *Desterrado* de Soares dos Reis. Passo horas a observá-lo. Comunica-me as suas mágoas e preocupações. Não está ali um bloco de mármore, mas a infinita tristeza a que o génio deu o sôpro da dor. Fala-me diferentemente, segundo o quadrante em que o observo. Aureola-o uma grande serenidade. Não há actividade nos músculos da face. Apenas um ligeiro relaxamento deixa cair levemente as comissuras dos lábios e, na testa, tão sòmente se esboça o rito da íntima tortura. É a dor em lausperene!

E noutro tom:

— A estátua prende-me mais, exerce sôbre mim a sedução de uma arte em que se pode pôr a alma mais a descoberto. Nem todos têm a mesma visão, a mesma impressionabilidade, o mesmo padrão de predilecções artísticas.

E Maurício de Almeida perdia-se em considerações sôbre as razões da sua preferência que, de há muito, criara vincos

fundos no seu espírito. A escultura subia às maiores alturas nas suas apreciações. Por vezes detinha-se silencioso, como enlevado em sonho, fixando-se em obra que idealizara e havia de realizar...

Maurício de Almeida visitava-me a miúde. Por vezes deliciavamo-nos com a visão calma dos lindos poentes da minha aldeia em que a luz irisante que se desprende do mar, tinge o céu de sangüínea e dá tons de esmeralda para as bandas do levante. Quando as nuvens se encastelam na orla do horizonte, formam-se cordilheiras aladas em que se projectam imprevistos cambiantes de luz, esmorecendo suavemente na penumbra que se adensa. As brisas do norte movimentam-nas às vezes, e divisam-se então recortes de figuras, aspectos valquirianos que a fantasia anima e contorce em vibrações audazes, perdendo-se por fim nos últimos revérberos crepusculares.

Era nessas tardes de Setembro que as nossas palestras prosseguiam, no sossêgo reconfortante da aldeia adormecida no langor das almas e na imobilidade dos campos desertos. Hora propícia para espraiar o pensamento em divagações artísticas. As suas confidências sôbre programas futuros e inclinações esculturais, davam-me crescentes esperanças do seu triunfo.

Em 1921 fêz para a exposição da Sociedade de Belas Artes de Lisboa, o seu belo trabalho «Arrependimento» (fig. 7) que mereceu justos louvores [1]. É um adolescente sentado, em cuja mímica pairam sombras e remorsos. A estátua, bem delineada, mostra uma posição curiosa, no apoio que dá ao tronco no braço esquerdo, enquanto a mão direita, que apoia a cabeça com o cabelo em desalinho, completa a síntese do desgôsto e inquietação quê o atormenta. O dorso (fig. 8) é perfeito de modelação.

No conjunto é um pouco inspirado na obra prima de Soares dos Reis. Encostou-se a bom mestre ao fazer a sua estreia pública.

Antes de partir para Paris, deu o seu concurso a uma pequena récita de aldeia, festa sem pretensões, em que colaborou a gente môça que, ao tempo, abundava em Avanca. Incumbiu-se do cenário, realizado em poucos dias, com grande sabor caricatural. Os jovens actores tiveram ocasião de estar em contacto com o artista e admirar as suas excelentes qualidades. Todos se louvaram no seu convívio.

Em fins de Setembro aparece com uma surpresa artística: uma estatueta que fugia às regras da série em que trabalhava na sua Emprêsa Industrial. É uma cabeça de mulher, de tamanho natural (fig. 9), símbolo de sofrimento, que se

(1) Foi adquirido pelo Sr. Moser.

encosta a um espaldar com reminiscências de cruz. No rosto há uma tristeza íntima que se traduz na imobilidade flácida da mímica. As mãos, meio cruzadas, enterram-se no cabelo. Envolve-a uma poalha de religiosidade.

Foi Maurício quem a colocou sôbre um velho contador árabe donde foi removido um pequeno bronze, figura de pedinte, tipo de Teniers, assinado por Crozalier, que Maurício apreciava. Não foi sem o seu protesto que se operou a troca. Submeteu-se à minha decisão, por ser o melhor local que podia destinar à linda cabeça que me oferecera, em que a dor e a beleza se entrelaçam como os dedos das suas mãos.

Maurício não era só religioso, tinha tendências místicas; por isso lhe preguntei se êle quis representar no seu trabalho a cabeça da Virgem depois da tragédia do calvário.

— Quis apenas exprimir a dor sem pretensão a personificá-la. Dor de mãe, dor de noiva, dor de filha... não sei. A dor que anda à espreita por tôda a parte e que aparece quando menos esperamos.

Referi-me ao modêlo que reproduziu com inteira verdade e era do meu conhecimento. E, como se admirasse da minha observação, falei-lhe de uma interessante rapariga de Rossas (Arouca), por sinal de boa e laboriosa gente, filha de um antigo caseiro da casa de meus tios.

— É exacto. Casou e foram morar para Gaia. Foi ligado a êsse casal que montei a minha pequena Emprêsa de laboração artística que acabo de liquidar. Foi ela o modêlo.

E, mudando de rumo:

— Tenho uns 30 contos que arranjei à custa do meu trabalho. Já posso seguir para Paris, sem ser pesado aos meus protectores...

E, como insistisse que recebesse a remuneração que lhe devia pela sua bela obra, quási se indignou.

— Não. Essa estatueta fica para avaliar a diferença, antes e depois, da minha aprendizagem em Paris.

Voltou no dia seguinte. Pediu-me para colocar uma legenda no seu trabalho:

«Depois da tragédia»

E partiu.

— Até breve! — lhe disse. Lá irei ver os teus progressos. Escreve.

Esmorecia a tarde; e, ao despedir-me, agourei-lhe o mais largo futuro. Contudo, ao voltar para a sala onde me prendia a mágoa daquele rosto de mulher, em cuja contemplação me demorei — como, ainda hoje, tantas vezes me sucede — deixei cair os olhos sôbre a legenda e fixou-se no meu cérebro, não sei por que íntimos desígnios, aquela palavra sinistra — *tragédia*.

Em 30 de Setembro foi de abalada para Paris com a devoção de um crente que sobe a escarpa em busca da ermida da sua devoção. Viagem em combóios morosos que o deixaram em 2 de Outubro de 1921, no Quai d'Orsay.

Conservo bastantes cartas de Maurício. Desejo incluí-las neste relato, sem amputações. É o que fica, a valer, neste artigo, pois dá o romance de uma alma ansiada de arroubos e atormentada de realidades cruéis. Mais do que isso, é um comentário sôbre arte, numa época de transformação que êle viveu e a que se ia adaptando.

Em Dezembro dêsse mesmo ano escreveu-me a falar da sua instalação provisória na Rue Vandamme, 45.

«Paris, 20 de dezembro de 1921.

«Meu Ex° Protector e Amigo:

«Fiquei contente com as boas palavras de V. Ex.ª Depois de muitas semanas de intensa procura, consegui, enfim, alugar um *atelier*. Caríssimo, custa por mês 500 francos, mas é completamente mobilado e tem belos *appartements:* cosinha, sala de jantar e quarto. Será para mim e para o meu camarada do Porto [1], pintor de quem há tempos falei a V. Ex.ª e que é um bom rapaz com quem sempre me dei bem. Fica-nos assim mais barato e nós podemos, juntos, fazer o *ménage*, o que evitará grandes despesas.

O *atelier* é a casa onde viviam um engenheiro e sua esposa, artista de teatro, que agora vão ausentar-se para o estrangeiro. Calcula-se, pois, como a tenham mobilada, e o interessante, é que eles se safaram deixando-nos tudo, tudo que dentro da sua casa tinham mesmo até coisas íntimas, sem fazerem apontamento do que possuíam. Disseram que depositavam toda a confiança em nós e essa declaração foi o documento que fizeram! Espantoso! Só gente de Paris. — Temos o aluguer seguro por três mêses, depois veremos no que param as modas. Tratamos agora de dispor as coisas a nosso gosto, anda tudo aqui hoje numa revolução. Não nos faltam estofos e ornamentos de toda a espécie; temos uma explêndida livraria e até um magnífico piano para nos distrairmos nas horas mais amargas [2]. Nestas con-

---

(1) Henrique Medina.
(2) Maurício era músico, como seu pai.

dições podemos receber quem quer que seja e dar o nosso chá. V. Exª, um dia que venha a Paris, não deixará de nos honrar com a sua visita.

É muito caro, é certo, mas se fossemos a alugar um *atelier* despido e tivessemos de comprar tudo, mais caro, muitíssimo mais caro nos ficaria. Sem bom dinheiro, enfim, nada aqui se faz. Mas deixá-lo! Não me importa gastar os últimos vintens para poder trabalhar à vontade! Até Abril próximo quero ver se me preparo para as exposições de Lisboa, Porto e talvez do Salon de Paris. Nessa cidade já peço a V. Ex.ª para outra vez me auxiliar, pois seria bom que eu vendesse muita coisa. Precisava conservar-me aqui durante alguns anos... —Tenho visitado no Mr. Bourdelle, o velho discípulo de Rodin que actualmente é tido como um dos primeiros escultores. A sua obra é sugestiva e enérgica, embora, por vezes, demasiado «cubista». São os tempos.

O «*Salon* de Outono» dêste ano, parecia mesmo o outono da Arte! Quási um dia de finados. Raras obras de valor. Que tristeza!

«Apresento os meus cumprimentos e com êles os meus serviços...

*Maurício de Almeida.*

Quanta esperança, quanta fé, quanta mocidade, ajuntadas a um exagerado optimismo, transluzem desta carta!

Respondia-lhe com assiduïdade. Um dia comuniquei-lhe que estávamos na intenção de auxiliar a construção de uma capela que a gente do lugar da Areia (Avanca) ia erigir. Lembrara-me dêle para o incumbir da escultura da padroeira. Desejava que a sua arte deixasse perdurável vestígio na nossa terra. Na resposta vê-se como o ascetismo lhe dominava o espírito.

«Paris 18 de Janeiro de 1922. 45, Rue Vandamme.

«Meu Ex.º Protector e Amigo:

«Extremamente carinhosa e simpática a ideia de construir uma ermidinha em Avanca, berço de V. Ex.ª e que eu adopto também como o principal torrão do meu comêço. Eu dou a essa iniciativa tôda a minha adesão, e pena tenho de não ser rico para poder contribuir largamente para a realização de tão bela obra. Hoje, mais do que nunca, nós precisamos de elevar o pensamento para regiões mais divinas e puras que esta malfadada



Fig. 1

MAURÍCIO DE ALMEIDA



Fig. 2 — Alexandre Herculano



Fig. 3 — Eça de Queiroz

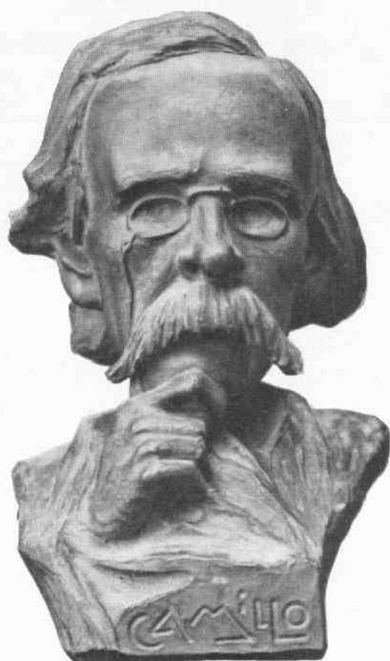



Fig. 4 — Camilo Castelo Branco

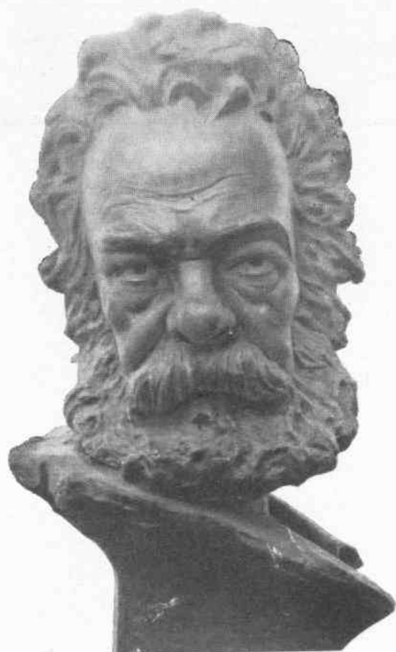


Fig. 5 — Victor Hugo



Fig. 6 — Pescadores (puxando a rêde)

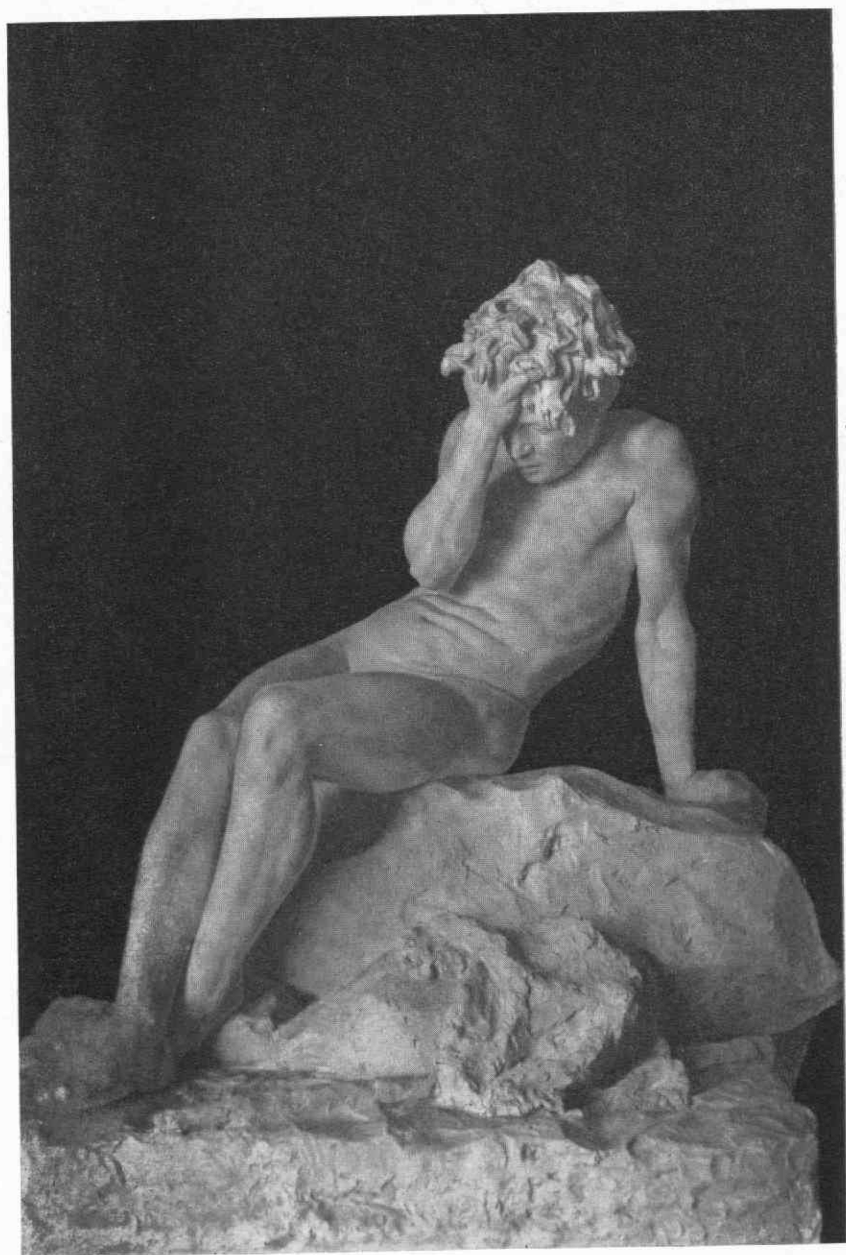


Fig. 7 — Arrependimento

terra, pois nela não encontramos actualmente um só canto onde o espírito não embata com a dura e fria materialidade, nata da crueldade, dos ódios e das ambições humanas. Assim, a ermidinha de Avanca ficará sendo o fito da nossa religião, o tabernáculo santo onde se concentrará toda a nossa alma em adoração a Deus, único refúgio das penas que nos rodeiam. Abraço comovidamente, pois, essa ideia, e para ela concorrerei com tudo que esteja dentro das minhas fôrças.

Vim para Paris numa época terrível, tendo de lutar imenso para aqui me conservar. E eu precisava de aqui viver bastante tempo, e eu queria aqui viver por muito tempo... Nossa Senhora de Avanca, eu lhe prometo fazer gratuitamente a Sua Imagem para a ermidinha nova, com toda a minha inspiração religiosa, se a vida me correr bem por êste ano e se for bem sucedido nos meus trabalhos. Mais ainda, o meu companheiro de *atèlier*, jovem pintor de talento extraordinário [1] e muito conhecido já em Portugal, fará uma tela para o altar, se igualmente a vida lhe correr bem para poder aqui sustentar-se. — Nossa Senhora seja connosco!...

«Vou começar àmanhã o meu trabalho destinado ao «Salon», um grupo dumas 25 figuras ocupando um espaço de 2 metros. Tenho já pronto o estudo, que tem agradado bastante. No entanto a sua execução, em grande, é difícil e para ela terei que gastar as minhas economias, principalmente se tiver de comprar o franco, como ainda ontem, a onze tostões. *Mais ça ne fait rien.* Eu confio no destino e o que quero é apresentar alguma coisa que se veja. Já que sou pequeno de corpo queria ver, ao menos, se conseguia ser grande nas minhas obras...

«Tenho tomado por aqui boas relações, tanto no meio português como no estrangeiro. Freqüento a Associação Internacional dos Estudantes, grémio interessantíssimo e de grande alcance para mim sob todos os pontos de vista.

«No dia de Ano Novo almocei no Hotel do Louvre com os Srs. Viscondes da Pesqueira, que tiveram a gentileza de me convidar para êsse fim.

«Agradeço do coração as boas palavras de V. Ex.ª e...

*Maurício de Almeida.*

---

(1) Henrique Medina.

Esta carta é o retrato de uma alma em prece!

Autobiografia em poucas linhas. Confiava-se todo em confidências íntimas à amizade de quem o compreendia. No fundo talvez houvesse um propósito discreto de apostolado...

A sua religiosidade era estrutural, dominadora. Tinha, porém, a suavidade da adoração do Jesus-Menino, acompanhando a Virgem, num cenário de Guido Reni. Não conhecia nem a intransigência, nem a obcecação.

Maurício era acima de tudo a personificação da bondade. Não me furto a relatar um episódio da sua vida, pois tenho a opinião de que os artistas devem ser estudados na sua obra e nas fôrças íntimas que os orientam e dominam.

Contou-nos um seu companheiro que, às vezes, iam com êle aos *dancings* do *Quartier*. Todos procuravam divertir-se tentando relacionar-se com as mais esbeltas e desenvoltas raparigas. Maurício ficava um pouco à banda, e só aparecia a dançar com as menos dotadas de encantos. Alguém lhe preguntou a razão dêste procedimento.

—É que, coitadas, ninguém as tira para dançar.

Quanta delicadeza de sentimento brilha neste procedimento! Quanta doçura estrutural de são altruismo se reflecte nesta conduta!

Anuncia-me, em carta de 18 de Janeiro de 1922, o arrojado intento da realização da obra que havia de abrir-lhe as portas do *Salon: Par la Route de la Vie.* Um título que é ao mesmo tempo uma nota de psicologia pessoal, como dá a entender na carta que a seguir publicamos. Quanta ansiedade, quanto nervosismo se adivinha através dessas páginas: confidência amiga dum espírito torturado pela dúvida!

«Paris, 7 de Abril de 1922.

«Meu Ex.$^{mo}$ Protector e Amigo:

«Uma tão longa carta para um homem de tantos afazeres, obrigado a ser limitado em tôdas as suas ocupações, é efectivamente a comprovação de uma grande amizade que eu tenho de distinguir no amontoado dos meus reconhecimentos para V. Ex.$^a$.

«Acabei o meu trabalho. Está actualmente nas mãos do moldador. Não sei a sorte que me espera, estou bem receoso, devido à ingratidão do meio e à incerteza da época, onde nos é difícil adivinhar o que é que agrada ao público e—sôbre tudo—o que agrada à severidade de um júri, tão numeroso e portanto tão diverso na sua maneira de julgar. Meu Deus! Quanta ingenuidade em

mim, quanta imprudência em dizer que fazia um trabalho com destino ao *Salon!* Os maiores mestres de hoje foram muitas vezes recusados, e demais quando aparece um estrangeiro, desconhecido, será de uma enorme dificuldade acordar a complacência dos austeros peritos. Todos o sabem, todos o confessam. V. Ex.ª também conhece muito bem o meio e faz um cálculo. É realmente uma grande audácia da minha parte, mas deixá-lo! Se for recusado adeus «viola», e isso fica cá entre nós sem se dizer nada a ninguém. Depois a inteligência do meu Ilustre Protector está bem ao par de compreender as coisas, felizmente.

«É agora que eu começo a pensar no meu arrojo: novato na arte, novato em Paris, sem conhecer ninguém; empreender uma obra de tão complicada execução e idealização, com um grande sacrifício do meu parco capital, para a apresentar num certamen onde concorrem os artistas do mundo, é fantástico! — Mas bem, a aventura está feita, esperemos pelo resultado de cabeça erguida. De uma ou de outra maneira nunca será caso de morte...

«Na «Imprensa da Manhã» do dia 3 último foi publicada uma descrição do meu trabalho, e feita com muita inteligência. Se V. Ex.ª se der ao incómodo de a procurar dispensa-me de fazer aqui outro relato, que se tornaria longo. Depois as fotografias irão completar a idea desse trabalho. — O que é de certo alcance para mim é o final da crónica, gentileza que tenho a agradecer ao jornalista que teve a indiscrição de vir saber o que eu fazia. Se acaso o Governo olhasse para aquilo e se «comovesse»... O que eu precisava, efectivamente, era de vender a minha obra, e ela não é apropriada para ser comprada por particulares. Se essa sorte — se essa sorte grande! — não estiver comigo o que é de contar, lá se vão as esperanças de continuar a minha vida em Paris... É o diabo, isto dos artistas também precisarem de dinheiro!

«O Snr. Dr. Afonso Costa disse que queria ver o meu trabalho depois de pronto. Na próxima semana convidá-lo-hei a vir ao meu atelier e talvez na mesma ocasião convide o Snr. João Chagas, que sei interessar-se por estas coisas. Quando aqui se encontrava, de passagem, o nosso ministro em Viena, Snr. Dr. Veiga Simões, visitou-me, inesperadamente, com sua gentil esposa, para ver também *Par la Route de la Vie*, em que lhe tinha falado o redactor correspondente da «Imprensa da Manhã». Ainda me deram a honra da sua visita os Snrs. Conde de Monsaraz e Visconde da Pesqueira, etc. Todos mostraram ficar agradados da minha

obra e disseram colocar-se à minha disposição para o que podessem ser prestáveis. Ora se todos estes ilustres cavalheiros pudessem, fora da política, empurrar-me o bloco para a venda juntamente com o auxílio valiosíssimo de V. Ex.ª que, estou certo, mais uma vez se poria em campo, a meu favor, — seria isso uma ideia altamente luminosa para o pobre artista que dizem ter *um largo futuro,* mas que vê um caminho demasiado estreito para poder passar... E é a estreiteza desse caminho, justamente, que me inspira assuntos como «Pela Estrada da Vida», que afinal é bem sentida, embora não tenha outras qualidades.

«Agradecerei muito a V. Ex.ª a recomendação para o Snr. Homem Cristo, que me pode ser útil para qualquer coisa. Sei que ele está aqui muito relacionado, sobretudo no meio literário, e que faz parte da conhecida casa *Chez Fast,* onde actualmente está uma pequena exposição de esculpturas de Ernesto do Canto. Para fazer a vida de Paris são indispensáveis muitas relações.

«A minha obra será apresentada em gesso e, graças ao Senhor, já não é pouco. Para fazer a mesma coisa em mármore teria que gastar alguns 20.000 francos e a execução demoraria mais de um ano. E por cima de tudo, sujeito a perder dinheiro e trabalho, por não ter a sorte de *reussir.* Peco desculpa, mas V. Ex.ª, ainda não conhece bem o *métier* do escultor... — A síntese de *Par la Route de la Vie,* tenho o gosto de o constatar, é precisamente moldada na ideia que V. Ex.ª me esplana sobre a arte moderna, e que eu aprovo completamente.

«Falemos agora da nossa Santa. Tanto eu como o meu companheiro Henrique Medina, estamos dispostos a cumprir com a nossa promessa, e o mais largamente possível, desde que a sorte nos não falte para aqui podermos viver mais algum tempo até completarmos a nossa educação. Sem querermos impôr qualquer ideia, aceitamos todas as indicações e pareceres que queiram ter a gentileza de nos dar. O tamanho da Imagem, assim como do retábulo, depende das dimensões da Ermidinha. Para mim acho muito bem a Senhora do Rosário e o meu companheiro inspirar-se-há no assunto que lhe queiram dar.

Se a moldagem da minha obra ficar bem, V. Ex.ª verá pelas fotografias, que terei o gosto de enviar-lhe, um estudo já para essa Santa, na figura que domina o grupo principal. É curioso: quási nas condições em que V. Ex.ª me fala.

Henrique Medina tem já um quadro — um retrato de dama aceite ao *Salon*. Não é qualquer nulidade, pelo que será de grande valor a sua oferta.

Esperamos a nossa sorte para empreendermos a sério esta agradável tarefa. Falaremos largamente no assunto para todos ficarmos satisfeitos. Oxalá que venha a ocasião de eu poder empregar na nossa Imagem querida toda a força da minha arte, todo o poder da minha crença. Tenhamos esperança.

«Sinto-me hoje um pouco constipado, escrevendo com esfôrço, de cabeça pesada, numa oscilante mesinha colocada á beira do fogão. Desculpe-me V. Ex.ª por favor, estas «mal notadas regras».

«Os meus cumprimentos...

*Maurício de Almeida*»

Maurício procurava criar em tôrno da sua obra uma atmosfera favorável, ao menos entre os compatriotas. E tudo me relatava na certeza de que a sua actividade me agradaria. Nesse sentido lhe escrevi. Incitei-o a que não deixasse de mostrar o seu trabalho, para que soubessem do seu esfôrço e do seu valor. Continuava, porém, cheio de apreensões e incertezas que, felizmente, ràpidamente se dissiparam.

«Paris, 19 de Abril de 1922.

«Meu Ex.° Protector e Amigo:

«Tenho a satisfação de comunicar-lhe que o meu trabalho foi *aceite* ao «Salon». Acabo de o saber por carta do grande mestre escultor Felix Charpentier, membro do júri.

«No principio da próxima semana enviarei as fotografias.

«Em expondo segunda vez fico com direito de pertencer à «Sociedade dos Artistas Francêses», o que já quere dizer alguma coisa.

«E agora muito em particular, cá só entre nós: O ...... foi recusado.

«Com as minhas saudações...

*Maurício de Almeida*»

Rasgara-se um horizonte na sua vida. Admitido ao «Salon»!

A obra mereceu boa crítica. Era condicionada pelas correntes, ao tempo, dominantes, e que êle foca na carta, que vai ser transcrita, de uma maneira impressionante. O artista toma individualidade na ideação e na execução. Muito tinha que caminhar e que corrigir; mas o escultor apresenta-se, no movimento do seu grupo, como pioneiro de mais largos empreendimentos.

Há uma pequena nota pessoal na referência ao irmãozito querido: alguém que caíra exausto no caminho... Débil de mais para a luta da vida! Trouxera à cena uma representação familiar, quando era êle próprio que, inconscientemente, se escondia no relêvo final, mal delineado, de quem, exausto de fôrças, não pôde acompanhar a caravana.

«Paris, 28-IX-1922. 45, Rue Vandamme (14ème).

«Meu Ex.º Protector e Amigo:

«Seguiram ontem as fotografias do meu trabalho (figs. 11, 12 e 13). Ficaram rasoáveis as duas faces laterais, mas a de frente não dá bem a impressão do que é pela má escolha da luz e posição da objectiva. Não sei se V. Ex.ª se agradará da minha obra, bastante fora do vulgar. Eu penso que, por isso mesmo, ela vai fazer um certo «barulho» como já o fez até aqui, mesmo escondida aos olhares do público.

«O que eu procurei no meu trabalho foi principalmente: grandes linhas, expressão, sentimento e movimento. Creio que V. Ex.ª tudo isso verificará nas provas fotográficas. Tenho cá para mim — e julgo ser êsse o espírito moderno — que mais vale uma linha bem sentida, mesmo sacrificada pelo rigor clássico da forma, que uma forma de rigor fotográfico sem sentimento algum. Nós hoje, mais do que nunca, procuramos sensações fortes. Um pedaço de pedra, cortado em quatro golpes decisivos pelo ardor de um espírito que sente, pode impressionar-nos melhor que as linhas bem cinzeladas duma forma não sentida. E quási sempre o nosso espírito, nos momentos do nervosismo sentimental, não tem tempo para prolongar-se na fixação das suas impressões. E o desejo espontâneo de materializar a visão não permite delongas para um acabamento perfeito, que nesse caso inverteria o espírito pela forma. Hoje não se pode estar, parado, a descobrir numa estátua as linhas de

beleza que ela nos não poude dar de momento, no primeiro relanca.

«As grandes sensações! Eis o que nós hoje desejamos, e não podemos encontrá-las nas obras de arte desde que elas não sejam concebidas com *grandes linhas, expressão, sentimento e movimento*, e sem preocupações de formas mesquinhas.

«Eu quando concebi o meu modesto trabalho imaginei-o numa grandeza de dez metros, cortado a larga *silhouette* azul no horizonte púrpura dum poente doentio. E impressionei-me e achei-o belo (vaidade!). Pense-o V. Ex.ª também assim, para sentir comigo as ilusões da vida, que, no fundo, essa obra é metida para um canto da puerilidade, perdida no turbilhão do espírito material que passa. Deixá-lo! Eu rir-me-hei da *foule* e fico, ao menos, tranquilo de ter feito o que senti. A vida, até hoje, eu vi-a mesmo assim. E parece que passei por todas as fazes de expressão que compõem o meu grupo... E depois eu tive um irmãosinho que sofreu imenso e morreu no meu lugar, sem até hoje eu descobrir porquê.

«Sensibilisou-me, em extremo, a carta última de V. Ex.ª... Quanto carinho, quanta amizade eu vejo por mim! É isso ainda o que alimenta a alma, embora me não julgue merecedor de tanto. Agradecido!

«Obrigado também, mil vezes, pela propaganda que faz do meu modesto nome, bem como pela apresentação para o Snr. Homem Cristo. Devo procurá-lo logo ou ámanhã, pois êle tem estado para Portugal.

«A minha escultura mede $2^{m}$,20 de comprimento por $0^{m}$,84 de largura e tem o preço de 20.000 frcs. Apesar dos bons ofícios de V. Ex.ª eu penso que não será possível conseguir que o Estado a compre, na penúria em que se encontra. Em todo o caso tentar... mas não se sacrifique V. Ex.ª demasiado por mim.

«E' àmanhã a *vernissage* do *Salon*. Alguma coisa que se passe no decorrer da exposição eu transmitirei ao meu bom Protector.

«Vai para todos a expressão...

*Maurício de Almeida.*»

Imaginei o meu trabalho, escreve o artista, na grandeza de dez metros, cortado a larga *silhouette* azul, no horizonte púrpura de um poente doentio. O projecto do seu trabalho em revoada de fantasia. Queria mais para o seu grupo do que a atitude das suas figuras em marcha. Apela para a côr, para o contraste de tons... num poente doentio.

O grupo *Par la Route de la Vie* é uma audaciosa composição em que o movimento vale mais do que a forma, o esfôrço mais do que o perfeito delineado dos personagens, a luta mais do que a composição cuidada das figuras. E' a escultura em movimento.

Na minha ida a Paris tive ocasião de ver, no *Salon*, o precioso grupo, que, desde logo, chamou a atenção dos visitantes. De lado, tanto à direita como à esquerda (figs. 11 e 12), vê-se o esfôrço dos que seguem na penosa tarefa. Ao centro uma figura de mulher tem qualquer coisa de santa dos altares. Visto de frente (fig. 13), nota-se a exaustação nas atitudes, mesmo dos que alcançaram a dianteira. A fotografia, que a gravura reproduz, é má, e apenas dá uma idéia vaga do valor da obra do notável escultor.

Tôda a vida do artista ali está condensada: as energias despendidas, os sonhos insatisfeitos, as aspirações na ânsia de realização, e ainda a mística do seu espírito alteando-se a regiões inacessíveis.

«Paris, 31-V-1922. Rue Vendamme, 45-XIV.

«Meu Ex.^mo Protector e Amigo:

«Apresentei-me com a carta de V. Ex.ª ao Sr. Homem Cristo, que me recebeu muito gentilmente com o seu convencional sorriso de *politesse*, pondo-se imediatamente à minha disposição para tudo, tudo em que me podesse ser prestável. Para qualquer referência nos jornais já era tarde, porque as críticas no *Salon* já tinham sido publicadas. Mostrei-lhe o desejo de ser aproximado dum escultor de nome que me fizesse trabalhar a seu lado, sobretudo no mármore. Enviou-me, com uma apresentação, para casa dum seu íntimo amigo, pintor espanhol, que começa de afamar-se em Paris: Frederico Beltran Manes. Êste, por sua vez, e depois de uma espera de 3 semanas, deu-me uma carta que não valeu de nada. O Sr. Homem Cristo disse poder-me pôr em contacto com Landowski, justamente o escultor da minha paixão. Por duas vezes o incomodei pedindo-lhe êsse favor. Esqueceu-se. E como eu não gosto muito de importunar os *príncipes* não voltei a aparecer-lhe.

«Êste final foi a causa de eu tanto demorar a escrever a V. Ex.ª Não me surpreendeu o resultado. Eu já sabia de antemão que aquele nosso ilustre amigo era — eis a definição: muito Homem e... pouco Cristo!

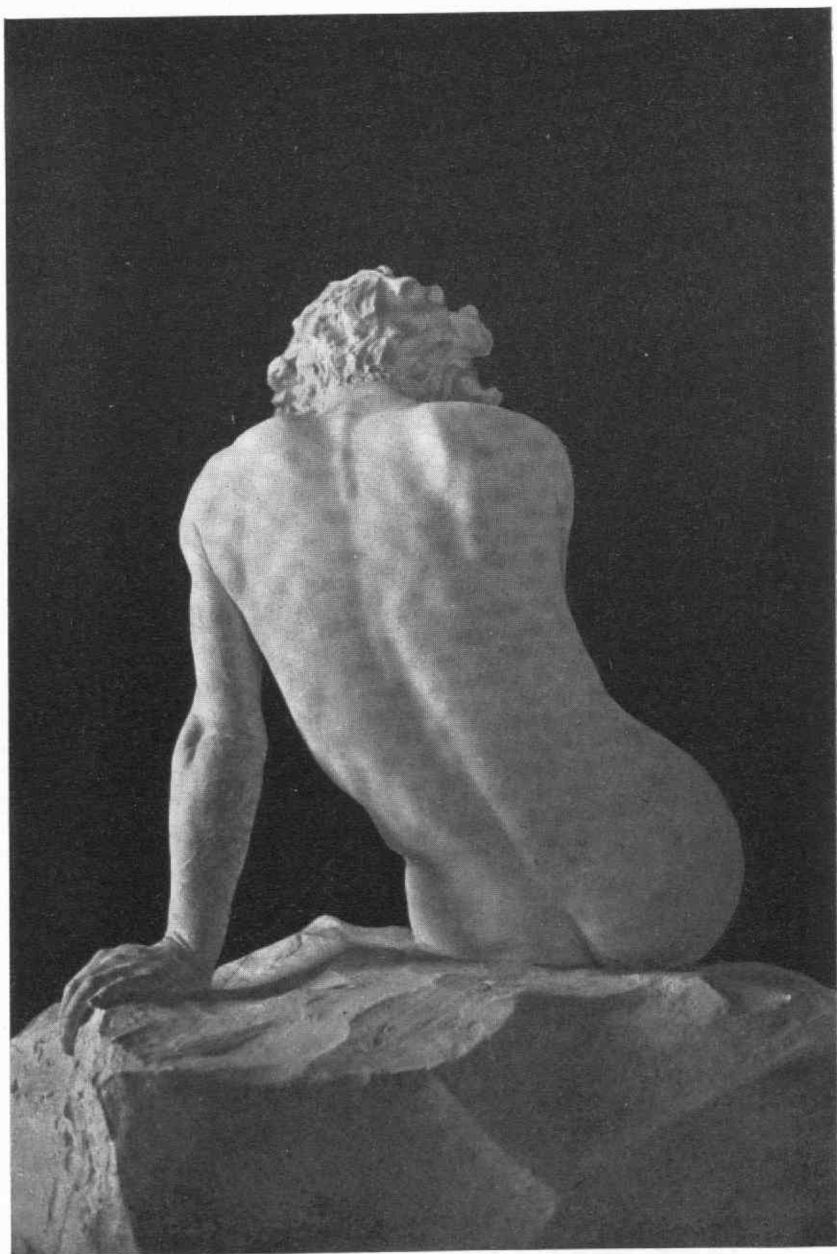


Fig. 8 — Arrependimento

*(Dorso)*



Fig. 9 — Depois da tragédia
*(Aspecto de frente)*

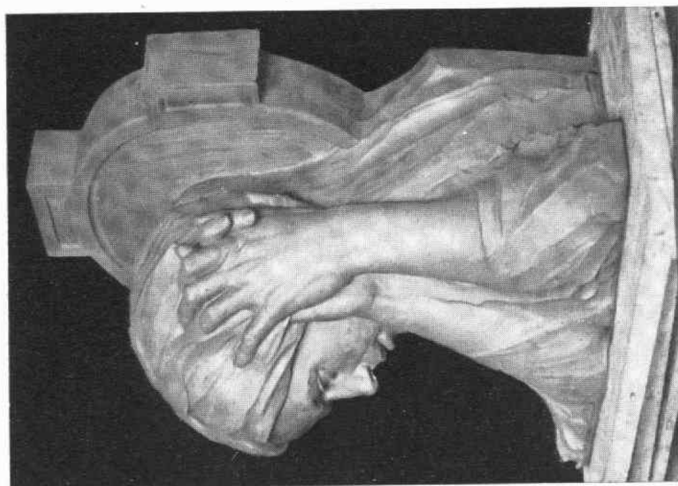


Fig. 10 — Depois da tragédia
*(Aspecto lateral)*

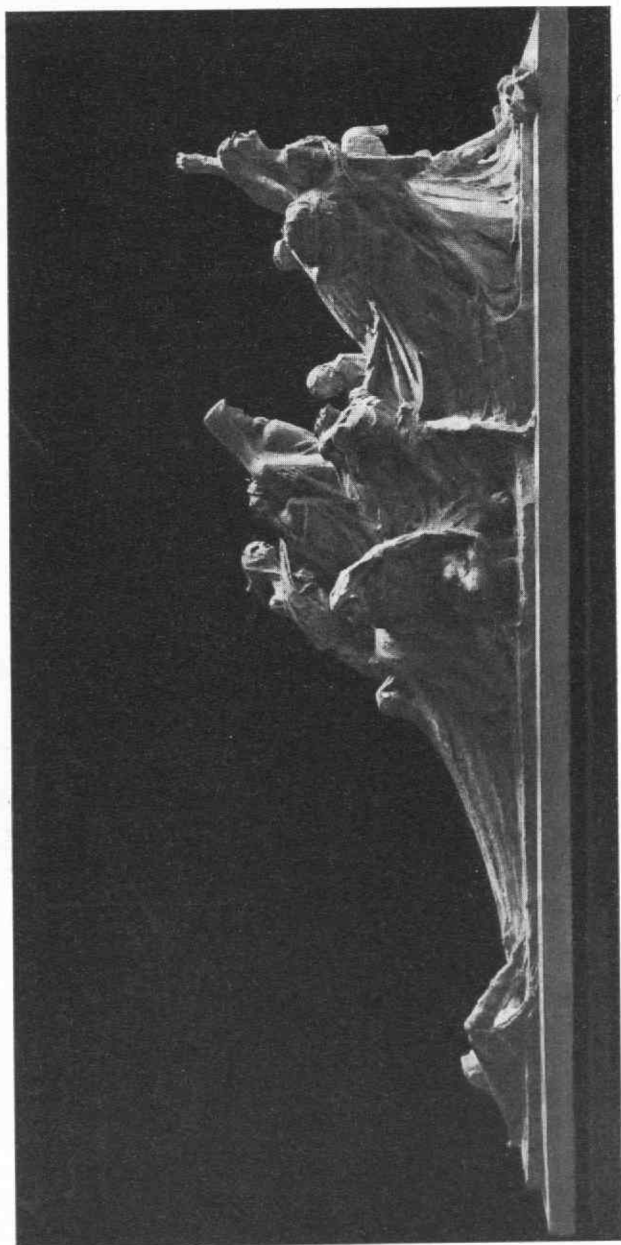


Fig. 11 — Par la route de la vie

*(Aspecto da direita)*

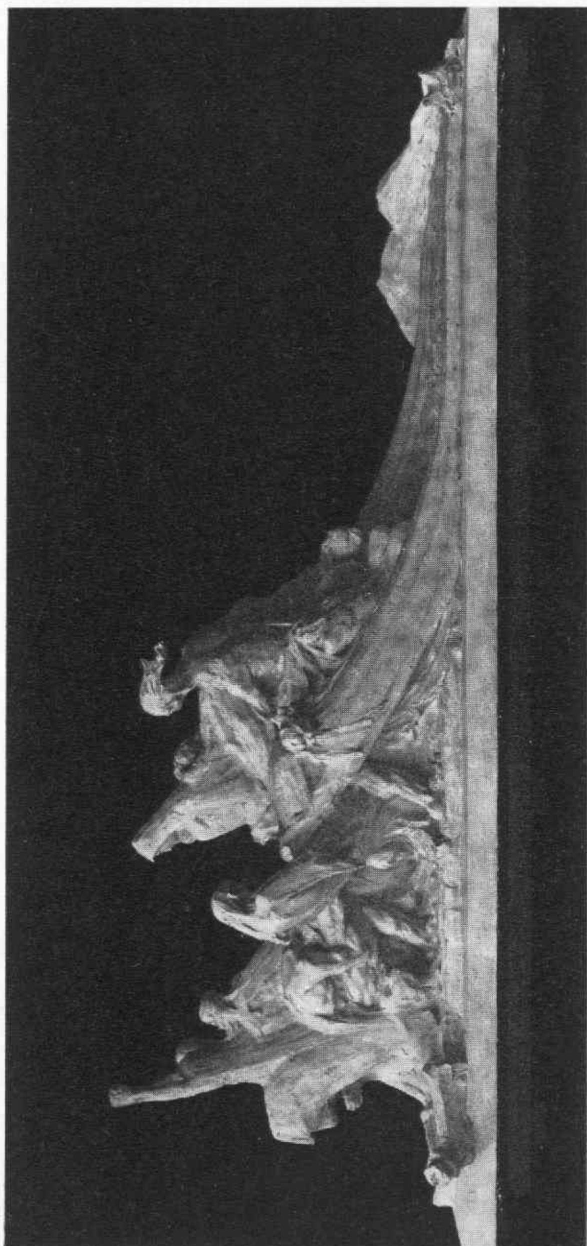


Fig. 12 — Par la route de la vie

*(Aspecto da esquerda)*

«Vi no «Concelho» e hoje também no «Diario de Noticias» os artigos que V. Ex.ª publicou a meu respeito. Meu Deus, que de palavras benevolentes caem sobre mim! Eu já perdi aquela qualidade ingénua de córar por qualquer coisa, mas confesso que ruborizei ao ler êsses artigos. V. Ex.ª é bom de mais. [illegible] der o motivo de tão carinhosa dedicação por quem tão pouco vale... E como agradecer-lhe? Não encontro maneira. Limito-me a pedir, um dia á Senhora do Rosário, para ter em conta essas bondades hoje tão raras na terra!

«Felizmente não me prejudicam êsses prematuros elogios. Conhecedor do meu atraso, só desejava poder continuar a trabalhar, para, mais tarde, ver se conseguiria dar uma justificação às referências que me são feitas. — O meu companheiro Henrique Medina muito reconhecido fica também, pelas palavras que lhe tocam.

«O crítico de arte de «La Revue Moderne» escreveu-me ultimamente pedindo-me algumas notas da minha biografia e qualquer prova fotográfica do meu trabalho, dizendo que entre as obras escolhidas, para a elas se referir, figura a que é assinada por mim (!?). Essa revista publíca-se nos dias 15 e 30 de cada mês; vamos a ver se nos próximos números diz alguma coisa a tal respeito...

«Tento ver, actualmente, se consigo descobrir qualquer importante *atelier* que me possa dar trabalho, para decidir a minha situação. Tinha grande vontade de continuar em Paris. Mas se, de todo em todo, isso me não fôr possível, procurarei alcançar país estranho, pois em Portugal, por enquanto, nada terei a fazer. Esperemos algumas semanas, que eu depois darei parte a V. Ex.ª do meu destino. Se eu viver e tiver saúde, a Imagem do Rosário será sempre feita em qualquer parte onde me encontre. Não tão depressa, provavelmente, como era meu desejo, mas creio que a questão do tempo não é o que mais importa. Confiemos no Destino

«Sempre...

*Maurício de Almeida.*»

Se eu viver e tiver saúde... escreve êle. Talvez um primeiro e impreciso rebate do seu estado físico! A alimentação, sobretudo, devia ser deficiente. Por excesso de economia e porque os francos iam desaparecendo, não chegando para o que lhe era indispensável. Queria seguir a sua aprendizagem em Paris onde via outros vencer e prosperar sem as qualidades que justamente se atribuía. E não podia contar com o auxílio que o Estado devia conceder-lhe.

*La Revue Moderne* de 30 de Junho de 1922 (22.° ano, N.° 12) dedica-lhe palavras justas e de encorajamento. Reproduz um dos aspectos laterais (fig. 11) da obra do artista. Arquivamos as palavras que lhe dedica. Não só honram o meu biografado, mas justificam, em parte, a razão dêste artigo no «Arquivo» do nosso Distrito.

*Maurício de Almeida*

*Parmi les sculptures qui, au Salon des Artistes Français, ont retenu mon attention, le groupe plâtre* Par la Route de la Vie, *m'a révélé M. de Almeida. Ce groupe se compose de vingt cinq personnages dont chacun a son expression propre, presque toutes tragiques, dénotant l'énergie, la volonté de vaincre, le désenchantement, les convulsions de la Mort.*

*Une des parties de cette composition représente l'Amour: un homme soutient avec une extraordinaire énergie une femme et l'aide à marcher. D'autres expriment la Fraternité, la Charité, L'Amitié. Les personnages en sont tantôt robustes, tantôt décharnés, tous marchent péniblement, vers la Mort, guidés par une figure idéale et mystique qui représente la Religion. C'est une œuvre originale, de pensée philosophique et de grande envergure, ce qui n'exclut pas l'habileté du métier. De quelque côté que nous voyons ce groupe, il nous semble voir marcher les personnages.*

*Le sculpteur est portugais, né à Estarreja (Portugal), em 1897. Il est l'élève de Teixeira Lopes, le plus grand des sculpteurs portugais, qui le fit travailler a l'École des Beaux-Arts de Porto. Toujours classé le premier, le jeune artiste obtint plusieurs récompenses et termina ses études en 1916, exposant, l'année dernière, pour la première fois, à Lisbonne, une statue grandeur naturelle, intitulée «Le Repentir» qui eut un très vif succès.*

*Il n'est que depuis huit mois notre hôte, car il est venu à Paris pour étudier les oeuvres des grands Maîtres français et surtout celles, dit-il, qui sont puissantes. C'est un jeune sculpteur de grand avenir, dont le Portugal aura souvent l'occasion d'être fier et que nous devons remercier de faire à notre pays l'honneur de venir y puiser un complément de culture artistique.*

Envidei todos os esforços para que o grupo fôsse adquirido pelo Estado português. José de Figueiredo ainda me deu algumas esperanças; mas, por falta de verba ou de interêsse, o trabalho de Maurício não chegou a vir para Portugal. Foi para um armazém de Paris. Depois da morte do

artista, ainda insisti. Esforços baldados. Eu não tinha local em casa onde pudesse colocá-lo. Lá ficou para sempre, como o seu autor, entre o desprêzo das gentes que deviam estimá-lo e o camartelo funesto que o reduziu a cisco!

Decepções sôbre decepções, a que o autor não teve tempo de assistir.

Maurício, após êsse esfôrço, pensou em aproximar-se do escultor que mais admirava e que, ao tempo, marcava o primeiro lugar em Paris: Paul Landowski.

O grupo *Les fantômes*, de oito bem diferenciadas personagens (Fig. 13), de atitudes levantadas e espectrais, era uma das obras do Mestre que Maurício mais admirava. Reproduzo a fotografia que êle me ofereceu.

Lembra-me ainda a impressão que me causou essa composição escultural, quando a apreciei no *Grand Palais*. Fantasmas que voltaram e andam ainda no espaço...

Daí não veio inspiração alguma para a obra do escultor português, executada antes de conhecer a do grande artista francês.

Os grupos de figuras apareciam nos monumentos e baixos relevos da época, especialmente nos monumentos do após-guerra. Maurício animou-se a fazer obra de fôlego e na corrente das impressivas idéias dominantes. A sua composição foi influenciada pelas novas directrizes artísticas.

«Paris, 20-VI-1922. 45, Rue Vandamme — XIV.

«Meu bom Protector e Amigo:

«Ainda espero ser apresentado a Landowski por intermédio do Snr. Homem Cristo. Talvez hoje ou àmanhã. O meu companheiro Medina, que trabalha actualmente no retrato da espôsa, mais uma vez lhe lembrou êsse favor e parece-me que o amigo de V. Ex.ª se interessa agora para me servir. Direi o que se passar. O meu fim era praticar no mármore e ver se, ao mesmo tempo, ganhava algum dinheiro. Caso Landowski não possa aceitar-me procurarei por outro lado, esforçando-me por conseguir a tão ambicionada situação que me permita estabilidade aqui. Por coisas, gostaria imenso de cá estar para o ano próximo e em condições de poder expor novamente. Trabalharei para isso. Conto com revezes, mas a dor já me não é estranha e os artistas, parece que de preferência aos outros, estão condenados a sofrer. Prosseguirei no meu intento sem desânimos e, com êste desejo de vencer, quási me convenço que só deixarei Paris quando me vir forçado a dormir mais que cinco noites debaixo das pontes do Sena. Depois tenho amigos

que dão fôrça ao meu espírito... V. Ex.ª é o primeiro. Benditos os que assim sabem aquecer a alma alheia!

«Vi a «Ilustração Portuguesa», quási me envergonhando do que ela diz sôbre mim. É demais, Snr. Dr.! Mas fique em proveito do rèclamo, visto que a propaganda é hoje a condição essencial para o sucesso de qualquer coisa. Muito e muito obrigado. *La Revue Moderne*, pela maneira como a mim se dirigiu, deve fazer-me qualquer referência. Se assim fôr não me esquecerei de reservar um exemplar para V. Ex.ª.

«Acho muito interessante os assuntos esculturais para a nossa capelinha e terei gosto que a sua execução fique também reservada para mim. Vamos primeiro à nossa Santa, que depois é questão de eu me encontrar em situação propícia.

«O Henrique Medina, que envia os seus cumprimentos, não se esquecerá do seu retábulo e dentro em pouco principiará a estudá-lo. Eu olharei por isso e, tendo tempo, até lhe sirvo de modêlo... E a construção da ermidinha vai adiantada?

«Actualmente estou a fazer dois estudos de cabeça. O mais avançado tem-me rendido muitas palavras de elogio, pelo seu caracter e factura.

«D. Irene de Vasconcellos, formada aí em direito e que tem frequentado a Sorbonne, encontrando-se actualmente em Lisboa, escreveu-me, dizendo que falará com alguns ministros e que talvez seja possível o govêrno português conceder-me um subsídio, pelo que me lembra de eu requerer nesse sentido ao Ministro da Instrução. Não tenho fé nenhuma em semelhante «graça» mas em todo o caso requeiro, que não é o que mais custa.

«O Snr. Marques da Silva, do Porto, enviando-me um documento que eu lhe pedi, diz-me se eu quero concorrer a um concurso que ele vai abrir para a execução escultural do monumento à Guerra Peninsular, visto ter falecido o autor da *maquette* aprovada. Vou pensar no assunto para responder-lhe. Julgo que é um trabalho de muita responsabilidade para preço tão diminuto.

«Deu-me satisfação a última carta de V. Ex.ª. Escreverei breve.

«P. S. — O Snr. Homem Cristo acaba de enviar-me uma carta de Landowski. Nela diz que terá gôsto em receber-me e de ser me útil, sendo-lhe possível, marcando-me a manhã do próximo domingo para o visitar. Vamos a ver o que daí sairá.

«As minhas saudações...

*Maurício de Almeida»*

Homem Cristo, Filho, conseguiu, finalmente, que Paul Landowski o tomasse como seu auxiliar. Foi das grandes satisfações da vida do artista, e, contudo, foi o trabalho exaustivo que veio a ter no *atelier* do Mestre que precipitou a doença que o vitimou. O triunfo no caminho que encetara preocupava-o muito mais do que o bem-estar e a saúde. Comida mal preparada e fora de horas, distâncias grandes a percorrer a pé, excesso de esfôrço superior às suas débeis fôrças, tudo concorreu para a tragédia que veio a dar-se.

A alma, em Maurício, era tudo, o corpo quási nada.

«Paris, 27-VI-1922.

«Meu bom Protector e Amigo:

«Mais uma espera de 15 dias, e eis que talvez consiga o que desejava.

«Mr. Landowski recebeu-me muito amavelmente, prometendo-me dentro do praso de duas semanas introduzir-me num *atelier* de mármores onde êle tem obras a executar, para eu fazer a aprendizagem da pedra e ganhar algum dinheiro. Era tudo isso o que eu queria, vamos a ver se desta vez me calha a sorte... Direi o que vier.

«Estive hoje em casa do Snr. Homem Cristo, onde fui agradecer-lhe e participar-lhe da boa recepção que me fez o Mestre Artista seu amigo. Disse-me que tinha recebido ultimamente carta de V. Ex.ª.

«Os meus cumprimentos e a gratidão do protegido humilde

*Maurício de Almeida.*»

As esperanças que se apresentam quási como realizadas ainda tinham longo curso a percorrer... Nestes embates da vida as coisas nem sempre deslizam como as águas dos regatos a espelharem à luz do sol.

«Paris, 25-VII-1922. Rua Vandamme, 45-XIV.

«Meu bom Protector e Amigo:

«Ainda nada resolvido a respeito da minha pretensão com Landowski. Findos os 15 dias que me foram dados para a obtenção duma resposta, procurei-o novamente e, não lhe podendo falar, telefonei-lhe em hora própria sendo-me pedida mais uma espera de alguns dias, muito

amàvelmente, com a justificação de trabalhos urgentes nos preparativos da partida para a praia. Eis mais 15 dias passados. Enviei-lhe ontem um pneumático, fazendo-me lembrado mais uma vez. Espero a resposta. Insistirei até a conseguir, que os franceses precisam disso. Mas seja tudo pelo amor de Deus!

«Esforço-me actualmente por conseguir um outro *atelier*. Êste é muito caro e tem o inconveniente de não aquecer o necessário para sustentar modêlo nu, e é já preciso ir pensando no inverno. Por essa razão não poderei aqui principiar trabalhos grandes, mas os estudos para a Santa já os tenho entre mãos.

«O Medina, para bem se desempenhar da sua missão, deseja que lhe seja dada resposta ás seguintes preguntas: qual o tamanho aproximado das paredes interiores, para resolver as dimensões proporcionadas do panneau; qual a côr interior das paredes; se a tela é para ficar completamente em face da janela e se esta é grande ou pequena. Desejamos cumprir bem a nossa promessa.

«Tenho presente a carta de V. Ex.ª de 16 último. Estimo que as próximas férias lhe sejam bem proveitosas para a saúde e necessário repouso.

«Com os meus cumprimentos...

*Maurício de Almeida.»*

As incertezas dêste período foram das mais cruéis da sua vida.

Não esquece, porém, a encomenda da Santa para a Capela de Avanca, nem tão pouco deixa de instar com Medina para que dê, igualmente, a sua colaboração. Mesmo nas horas mais amarguradas, não deixa de pensar em satisfazer o meu desejo, dando-lhe desmedido vulto.

Cheguei a ter remorsos de lhe ter falado num trabalho que, de modesto propósito, transformou num premente dever, dando-lhe um pouco da sua alma, que, por ser grande, não sofreria com o desfalque. O seu corpo, porém, é que não comportava, embora eu o não suspeitasse, tanto fogo de empreendimentos, em que, afinal, viria a queimar-se!

«Paris, 10 de Agosto de 1922. Rue Vandamme, 45-XIV.

«Meu Ex.^mo Protector e Amigo:

«Emfim! Comecei ante-ontem a trabalhar no mármore, no *atelier* de Landowski. Ocupo-me a cortar grandes pedaços de pedra—esboçar—para habituar-me

aos escôpros e ao martelo, passando, mais tarde, para serviços mais leves e de responsabilidade. Tenho a certeza que nestes primeiros tempos me não pagam nada; pois o serviço não é de grande adianto e não posso trabalhar horas determinadas, devido ao cansaço dos braços e ás grandes empôlas que se criam nas mãos, emperrando o necessário movimento dos dedos. Mas o hábito virá e com êle a firmeza do cinzel e a técnica de corte, esforçando-me então nessas alturas para receber qualquer salário mensal, um dos fins importantes a que eu viso.

«O *praticien* do *atelier*, assim como os operários, são criaturas muito educadas e amáveis, estimando-me bastante. São todos italianos. Uma vez adquirida a prática, o trabalho no mármore torna-se interessante e faz-se com vontade. Aqueles blocos brancos, de aspecto ríspido e frio, são afinal excelentes companhias que até ao fim nos entretêm numa conversa intensa e misteriosa, respondendo com precisão a todos os ataques que lhes dirigimos com os cinzeis. Sensíveis quasi como os seres humanos, exprimem-se em todas as modalidades do sentimento, riem e choram e cantam e dão gritos dolorosos quando entra mais profundo o golpe do metal. Compreende-se como, muitas vezes, o estatuário se isola da outra companhia vivente, quasi sempre mais importuna e falsa...

«Um pequeno desastre veio atrazar-me um esboço para a Imagem do Rosario que já tinha bastante adeantado. Mas em breve o reconstituo e depois enviarei dele um desenho ou fotografia, para V. Ex.ª ver se lhe agrada. Da mesma forma o nosso amigo Medina enviará um esquiço da composição que tenciona fazer.

«É meu desejo que lhe seja proveitoso o *séjour* no Gerez, bem como, depois, em Avanca.

«Os meus respeitos...

*Maurício de Almeida.»*

Maurício dirige um hino ao mármore que trabalha, em que há paixão e calor, apesar de o bloco ser informe e frio. É a adoração do artista ao seu trabalho. Recorda o trecho magistral do nosso PADRE ANTÓNIO VIEIRA ao falar do estatuário. Maurício sabia exprimir-se com facilidade e elegância. Por isso o chamei a colaborar comigo. Sem o valioso subsídio das suas cartas ficaria inexpressiva esta notícia. Assim é uma interessante autobiografia em que apenas alinho os documentos em que êle soube descrever as suas contrariedades e incertezas.

Todos poderão soletrar, nas palavras dessas cartas, as amarguras que tenham passado na vida própria. Os artistas, os literatos, os cientistas mesmo, têm horas que se aproximam das que o nosso escultor descreve e sofreu...

As suas aptidões revelaram-se por tal forma no *atelier* de Landowski, a sua habilidade de cinzelador mostrou-se tão eficiente, que o Mestre, embora tarde, e com pouca generosidade, pensou em compensá-lo do seu árduo mister de auxiliar valioso. Até lá, porém, quantas inquietações o torturaram! E, por fim, o pagamento demorou-se e o artista nada chegou a receber...

É nesta altura que consegue, com Henrique Medina, seu companheiro querido e hoje retratista de grande categoria, um novo *atelier*, que, além de outras vantagens, tinha a de ficar mais próximo do de Landowski.

«Paris, 30-IX-1922. 45, Rue Vandamme—XIV.

«Meu Ex.º Protector e Amigo:

«Sinto deveras os incómodos de V. Ex.ª e muito folgo que o repouso de Avanca lhe tenha produzido o melhor benefício para a saúde.

«Ainda não envio desta vez a prova do meu estudo para a Snr.ª do Rosário, mas ela está quási pronta e será remetida talvez em breve tempo. Já há muito que poderia ter isso feito, não é verdade? Mas, Snr. Dr., há de haver sempre qualquer força superior á nossa vontade que violenta a nossa acção para caminho imprevisto e que é aquela por onde sempre temos de seguir—o do Destino—. E então, desta vez as contramarés acumulam-se: é a falta de tempo por causa do meu trabalho no mármore, é a falta de—a peor falta—de... dinheiro, é a preocupação do «déménagement» do nosso *atelier* que agora se impõe e é ainda a história dum dente do siso que muito me veio dar que contar.

«Como vê V. Ex.ª, são problemas ainda assim pouco fáceis de resolver e alguns demandam até, para entrarem em solução, um pouco de filosofia. E além de todo, o cuidado do nosso pobre espírito.

«O trabalho do mármore vai muito bem. Já há bastante tempo que adeanto serviço para a casa e, por causa disso, foi-me solicitado pelo *praticien* do *atelier* para aproveitar o dia inteiro, porque a princípio eu só lá aparecia do lado da tarde. Com duas horas e meia de caminho todas as vezes, lá vai o dia ocupado por completo... É um serviço pesado, por enquanto; mas eu felizmente

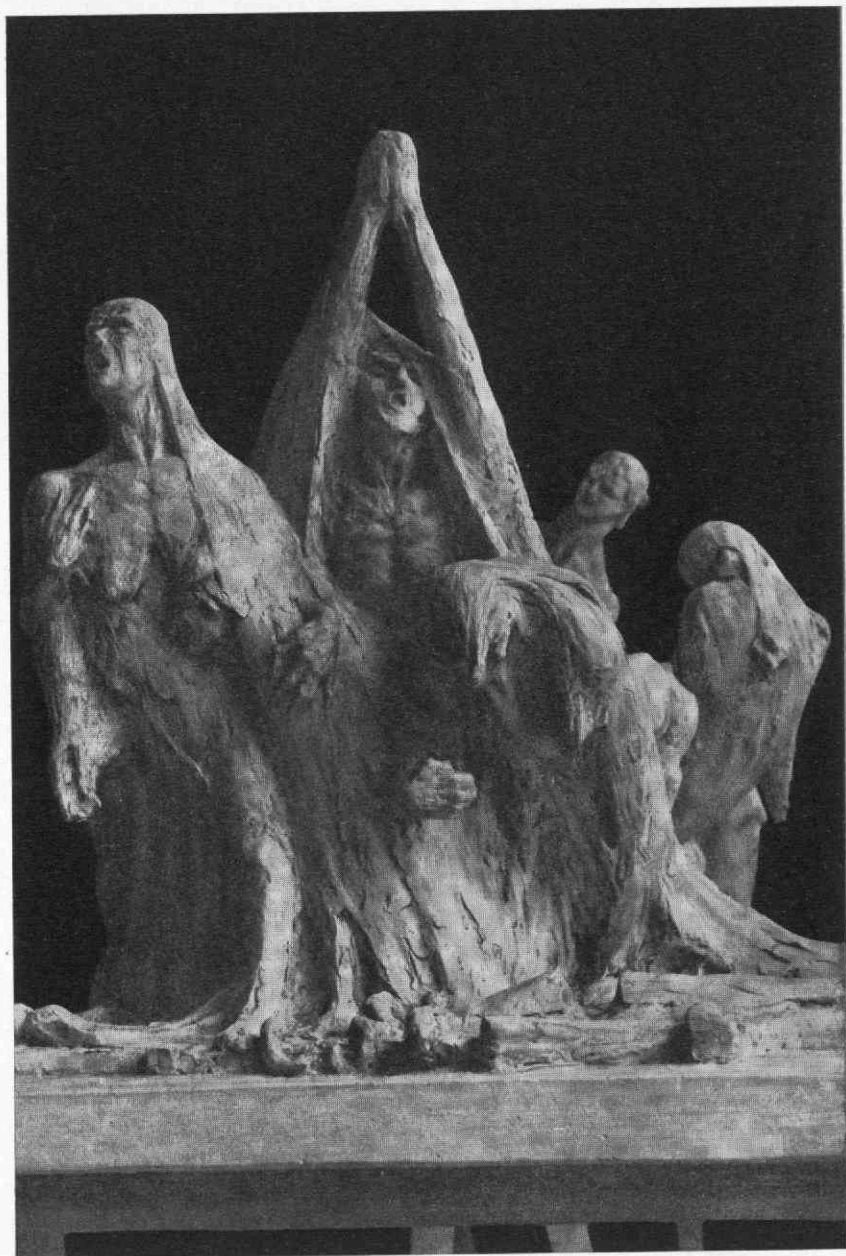


Fig. 13 — Par la route de la vie
*(Aspecto da frente)*



Fig. 14 — P. Landowski
*Les fantômes*

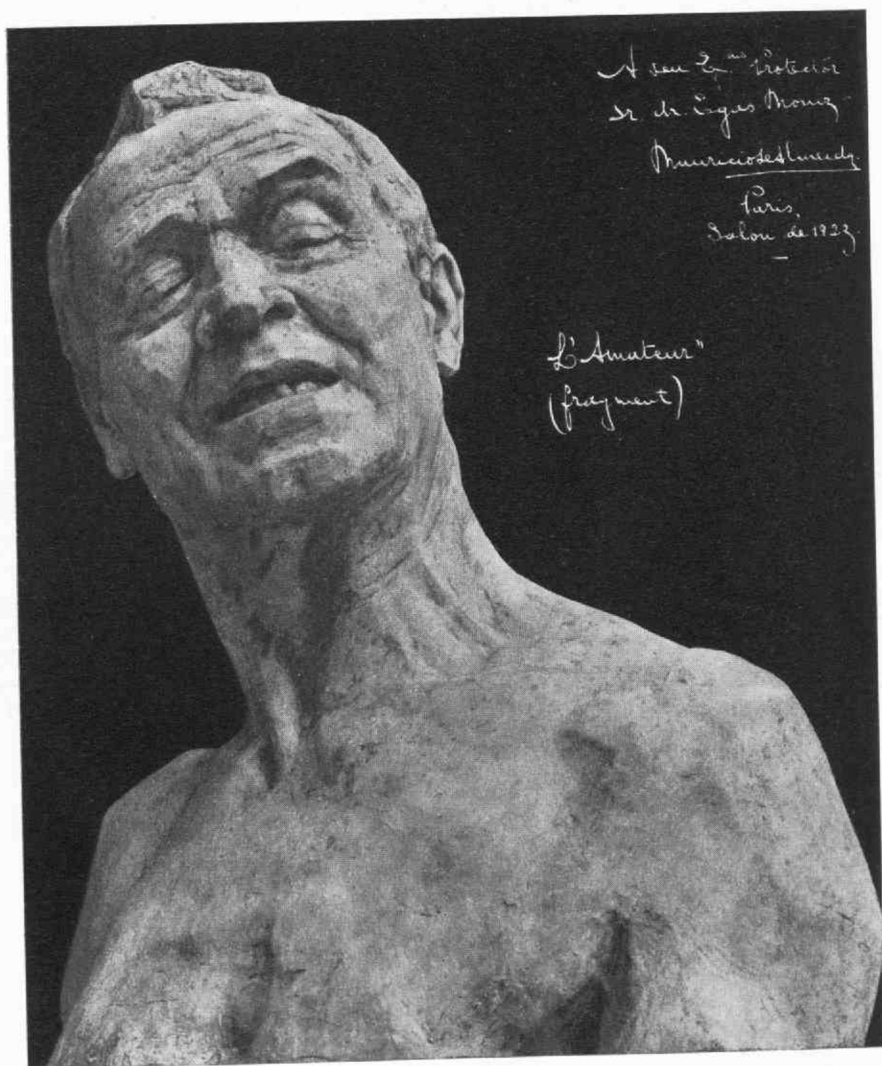



Fig. 15 — *L'Amateur*



Fig. 16 — Busto de adolescente

tenho o pulso forte e não faço caso das dôres próprias dos primeiros tempos. Além disso também quero fazer a vontade aos «patrões» do *atelier*, embora com algum sacrifício, porque isso convém de toda a forma. Mr. Landowski, chegado da praia, disse-me palavras muito agradáveis pelo meu adiantamento e prometeu dentro em pouco entregar-me trabalhos de maior responsabilidade. Em dinheiro ainda não falou, infelizmente. E eu por enquanto também tenho acanhamento de nisso lhe falar, visto reconhecer a minha qualidade de praticante e saber que tenho certo o benefício na frequência da sua casa. Uma vez feito *praticien*, creio ter assegurado o meu ganha pão no seu ou noutro *atelier*. Mas até lá talvez tenha de me conservar calado...

«O Snr. Homem Cristo tem estado fora. Irei estes dias procurá-lo para lhe contar as atenções que tenho tido no *atelier* e para lhe agradecer mais uma vez o seu favor, de alta importância para mim. V. Ex.ª também se não esquecerá, isso lhe peço, de lhe falar no meu reconhecimento, sempre que lhe escreva. Seria bom que êle se lembrasse do meu nome nas suas conversas com o Snr. Landowski.

«Êste *atelier* onde vivemos é muito caro e para o inverno tem os seus defeitos: um pouco sombrio e difícil de aquecer o suficiente para sustentar o modêlo. Tivemos a grande sorte—foi um milagre da Snr.ª do Rosário! —de encontrar um outro que nos traz benefícios de toda a ordem, sobretudo na questão económica, no qual tencionamos ficar instalados no dia 15 do mês que àmanhã principia. É perto do do meu Mestre onde trabalho no mármore, bem iluminado, com um pouco de quintal, facilidade de instalação eléctrica, etc.... Acabado de construir, tomámo-lo em primeira mão e só o «contra» que há, é termos de gastar uns milhares de francos para comprarmos o indispensável para nele vivermos. Mas em poucos meses recuperaremos essa despeza, visto que lá vamos pagar 2.200 francos por ano quando aqui desembolsamos 2.700 em 6 meses. E depois tudo nos ficará pertencendo, perdendo pouco, um dia que nos quisermos desfazer dos «tarecos».

«Cumprimentos...

*Maurício de Almeida.*»

Uma nota fatalista: «... para caminho imprevisto e que é aquele por onde sempre temos de seguir — o do Destino».

Coisas tantas a bailarem na sua mente e, de quando em vez, uma nota de desalento ou de fatídico pensar.

Duas horas e meia de caminho, e além doutras deficiências, aquecimento incompleto para os modelos e mais ainda para os donos da casa.

Outro *atelier!* De novo empreguei esforços para que o Estado o auxiliasse. Tudo debalde. O caminho do Destino...

No princípio do mês imediato — Agosto de 1922 —, volta a escrever-me. É um postal ilustrado. Transcrevo o que vem no verso:

*«Collection d'Art de la Ville de Paris» (Palais des Beaux Arts).*

*62. Landowski Paul. — «L'hymne à l'Aurore»*

São duas figuras, homem e mulher, em atitude de adoração e êxtase. Dois expressivos nus em prece, que atestam o valor do Mestre e justificam a admiração que Maurício consagrava ao grande escultor.

«Paris, 12-X-1922.

«Meu bom Protector e Amigo:

«Estamos em vésperas do «déménagement» e pensamos ficar definitivamente instalados no nosso novo *atelier* no próximo dia 16. Esperando lá as ordens de V. Ex.ª, rogo a gentileza de tomar nota do meu «adresse» futuro:

«71,bis Rue Danjou.
«Boulogne s/ Seine — Paris.

«O trabalho do mármore, sempre bem. Pensamos trabalhar muito na nova casa.

«As minhas melhores homenagens para S. Ex.ª Família, com o abraço grato do Maurício.»

A vida torna-se cada vez mais penosa, porque qualquer auxílio de Portugal, com o franco a mais de 2 escudos, era difícil de ser eficiente e os recursos próprios muito precários.

Teve de recorrer a um empréstimo que generosamente lhe foi feito por um avancanense, de passagem em Paris.

Mas tudo era pouco para as suas necessidades de momento, visto que as suas economias já tinham sido consumidas.

«Paris, 30-X-1922.

«Meu Ex.° Amigo e Protector:

Não estranhe V. Ex.ª de eu demorar tanto a escrever-lhe. Fizemos o nosso *déménagement*, e V. Ex.ª sabe muito bem o que é isto de preparar quatro paredes para dentro delas se poder viver. Além de tudo os operários ainda não deixaram os acabamentos na nova casa, o que nos tem atrasado imenso a nossa instalação. Escrevo até no restaurante onde vimos comer, porque só na próxima semana é que teremos a ligação da energia eléctrica e o dia todo é pequeno para o trabalho...

«Muito agradeço o gentil e franco oferecimento de V. Ex.ª. O Snr. Júlio Neves a quem me dirigi, emprestou-me 3.000 francos para estas primeiras despezas da montagem do *atelier*, e espero mais algum dinheiro até eu começar a receber ordenado. Já não é a primeira vez que êste meu amigo me faz um tal favor, e sensibiliza-me bastante também, a maneira tão franca e aberta como o faz.

«A nossa Santa! Vou agora trabalhar de noite com a luz eléctrica e penso deixá-La pronta neste inverno, se Deus me der saúde e sorte para aqui viver. Creia V. Ex.ª que eu me desespero por não poder ser mais breve com o meu prometimento... O esquiçosinho enviá-lo-hei estes dias, sòmente para dar uma vaga ideia do que tento fazer. V. Ex.ª dirá da sua Justiça. Tomei nota das novas informações que me dá sôbre a nossa capelinha.

«O trabalho do nosso Medina é menos longo a fazer e êle o terá pronto em seu devido tempo. Depois de estarmos instalados vamos meter-nos à obra... Vou enviar um jornal de Nancy *(L'Eclair de L'Est)* para V. Ex.ª ver umas apreciações que fazem ao meu amigo Medina, sôbre umas telas que êle expõe no *Salon* daquela cidade. É um rapaz de extraordinário valor, que eu me honro de ter como companheiro. Virá a ser um grande pintor.

«O meu trabalho de mármore vai bem. Estou a terminar a modelação dumas mãos e braços pertencente a uma grande estátua. Vamos a ver se, além do grande

prazer que tenho nesse serviço, consigo tirar algum resultado pecuniário...

«Felicito V. Ex.ª pela nova e interessante ocupação que tem. Como amador já faz trabalho muito aproveitável na fotografia, e deve continuar porque terá facilidade em *réussir*. Sobretudo a prova em papel é magnífica e eu agradeço-a muito.

«Saudações...

*Maurício de Almeida.*»

«...se Deus me der saude e sorte para aqui viver»! Outra plangência; novo pressentimento. E' um motivo que agora, ao reler as suas cartas, me denuncia, pela repetição, em frases embora diferentes, um mal-estar que nunca abertamente confessou. Bem contrariado estou por não o ter adivinhado! Medina começa a revelar o seu talento nos quadros que expõe. A sua ascensão é marcada nas cartas de Maurício, como se fôsse o seu próprio triunfo. Ambos subiriam alto; mas o *Destino* apenas permitiu que Henrique Medina alcançasse a brilhante situação que desfruta.

«Paris, 30-XI-1922. Rue Danjou, 71 bis. Boulogne s/Seine.

«Meu Ex.º Protector e Amigo:

«Venho agradecer-lhe muito reconhecidamente, a honra da oferta da primorosa edição «Do Valor e da Saudade», bem como a inserção da local, no «Diário de Notícias», referente ao meu caro companheiro de *atelier* Henrique Medina, que ficou satisfeitíssimo e imensamente penhorado com a surprêsa da publicação, honrando-se muito, também, com a oferta do novo livro de V. Ex.ª Êle disse que lhe escreveria a patentear-lhe a sua gratidão por uma e outra coisa, mas não sei se já o fez. Ultimamente tem andado bastante por fora de casa e talvez ainda não tivesse ocasião; mas êle lembrar-se-há do seu dever.

«A edição do «Do Valor e da Saudade» é interessante e bem cuidada. Porém, o retrato do meu bom Protector deixa muito a desejar, podendo mesmo dizer-se que é uma *desgraça*. Fotografia horrorosa, nela não pode adivinhar-se o homem de ciência, o tribuno, o político, o artista, nem nada. Não é o Snr. Dr. Egas Moniz que ali está, com a sua larga fronte de pensador, o seu olhar de visionário, a sua feição acentuadamente aristocrática. É um retrato à século 17 sem graça nem carácter, que mais

parece a pose dum ofical da armada, ou dum brasileiro rico. Desculpe-me V. Ex.ª a rudeza da apreciação, mas foi o que me sugeriu o desapontamento que recebi ao olhar a fotogravura «Do Valor e da Saudade», onde a custo pude reconhecer a figura distinta do meu caro Protector.

«Moldei ultimamente, do natural, a mão direita do filho mais novo do Snr. Homem Cristo e vou ver se a modelo em mármore, para uma surprêsa que Madame Cristo deseja fazer a seu marido para o próximo *Noel*.

«As minhas homenagens...

*Maurício de Almeida.*»

Esta carta não devia vir a lume, por quási apenas se referir, e de forma excessivamente elogiosa, ao autor do artigo. É, porém, tão espontânea na crítica, tão severo na apreciação do meu retrato, que passei a considerá-lo fero censor fotográfico.

Como crítico da arte alheia, era, porém, muito mais benevolente, embora precisasse sempre os motivos das suas apreciações.

Vem aqui a propósito dar lugar a uma carta de Henrique Medina, que corrobora a boa amizade que ligava os dois artistas.

Ambos se preocupavam com a minha encomenda para a capela da Areia de Avanca, que, por azares da sorte, não chegou a albergar as produções artísticas de nenhum dos dois. Mas nem por isso os esqueci no meu reconhecimento. A prematura morte de Maurício fêz-me perder a Santa, e a saída de Henrique Medina do *atelier* e, depois, de França, impossibilitou-o de realizar os seus bons desejos.

«Ex.º Snr. Dr. Egas Moniz:

«Venho envergonhadíssimo desculpar-me perante V. Ex.ª da enorme falta em que estou, agradecendo tão tardiamente as extremas e imerecidas atenções de V Ex.ª: o admirável discurso que já tive o prazer de reler e o elogioso artigo do «Diário de Notícias», que me deixaram imensamente confundido e que, penhoradíssimo, agradeço.

«Pelo meu bom amigo e companheiro Maurício, eu conhecia V. Ex.ª mais que de nome, e muito me honra pôr ao serviço de V. Ex.ª o meu inútil préstimo.

«Tenciono enviar brevemente o estudo para o *panneau* prometido, que se fôr de acôrdo com o desejo de V. Ex.ª se poderá expôr em Lisboa na ocasião da Exposição da Sociedade de Belas Artes. Muito estimarei saber a valiosa opinião de V. Ex.ª que melhor conhece a luz e o local para onde o *panneau* é destinado.

«Boulogne s/Seine 21-XII-1922.

*Henrique Medina.*»

Na carta que se segue há uma nota que desejo pôr em relêvo: «O meu trabalho no *atelier* Landowski avança sempre...» Soube, quando mais tarde estive em contacto com os seus companheiros, que o seu cinzel era tão delicadamente conduzido, que passou a ser admirado, mesmo por aquêles que, de há muito, trabalhavam com o Mestre.

«Paris, 3 de Janeiro de 1923.

«Meu Ex.mo Protector e Amigo:

«Disse já que me foi entregue a carta de V. Ex.ª com a devolução do *croquis* e também estou possuidor da de 24 último, que agradeço vivamente. É meu desejo que o novo ano traga à casa de V. Ex.ª, a mais completa felicidade.

Soubemos que o «Concelho» tinha publicado também alguma coisa sôbre o meu caro Medina; mas esse número ainda nos não foi remetido, porque o meu Pai deseja talvez fazer a transcrição na «Gazeta de Arouca». V Ex.ª foi duma gentileza extrema e o meu companheiro está-lhe profundamente reconhecido.

«Vou principiar a Santinha nos meus serões, agora que recebi um bocado de dinheiro para as primeiras despezas. Não sei se a poderei enviar para a exposição, porque a argila necessita muito tempo para secar em condições de entrar no forno. Veremos. Será em terracota e eu me encarregarei também de a pintar.

«Nos dias de consoada e ano Novo almocei no Hotel do Louvre com o Snr. Visconde da Pesqueira, que tem sido muito amável para comigo.

«No próximo domingo volto lá para saborear um *menu* completamente novo para mim e que o Snr. Visconde já encomendou, para pôr à prova a minha coragem. É o que segue: ninhos de andorinha, caracoes e

rãs. Faz rir, mas é verídico e eu sentir-me hei feliz se chegar ao fim do almoço... Que afinal pode ser uma deliciosa refeição.

«O Snr. Homem Cristo ficou muito satisfeito com a surpreza da mãosita em mármore que eu modelei. Sua esposa escreveu-me as mais lisonjeiras palavras.

«O meu trabalho no *atelier* Landowski avança sempre e neste mês quero ver se peço ordenado para regular a minha situação.

«Já é tarde e êste ano estou a ver que pouco ou nada poderei fazer para o «Salon» daqui. Inferno! E' isso que me desespera, é isso que me róe a consciência, é isso que me faz descrer da vida! Bons projectos já feitos, castelos no ar! E eu que tanto queria tapar a boca a alguém que no ano último me acusou de literato... Mas isto é sina do artista. As suas melhores idéias são para deitar ao vento. *Tant pis!*

«As minhas melhores homenagens...

*Maurício de Almeida.*»

A sua correspondência é, por vezes, cheia de pitoresco. O leitor que tiver lido esta última carta há-de ter sorrido. Não me disse depois se gostou do almôço que o Snr. Visconde da Pesqueira, devotado amigo dos artistas portugueses em Paris, lhe desejava oferecer.

Sempre na ânsia do trabalho, consumia as suas energias em outros esforços, alguns úteis, é certo, mas sem que pudesse desferir vôos à sua fantasia em objectivações plásticas.

«Inferno!» escreve. A vida!

«Paris, 31-I-1923. 71^bis^, Rue Danjou, Boulogne s/Seine.

«Meu Ex.° Protector e Amigo:

«Enfim, tenho, felizmente, quási decidida a minha situação. Quando me preparava para pedir ordenado ao meu Mestre, chama-me à parte o *praticien* do *atelier* de mármore para me preguntar se era minha intenção trabalhar ali simplesmente para saber, ou se era também com o fim de ganhar a minha vida. À minha resposta afirmativa sôbre a questão pecuniária, disse então que me preferia a qualquer outro artista que tivesse de chamar e, desde que eu terminasse um grande baixo-relêvo que tenho entre mãos, resolveria o ordenado a dar-me

mensalmente, ficando eu no *atelier* também como *praticien*. Êsse trabalho em que me ocupo ainda, demora algumas semanas a acabar, mas, desde que depois comece a receber, fica atingido o meu fim. Felizmente! Vamos a ver quanto ganharei, mas sempre hei-de ter o suficiente para me sustentar aqui.

«A Santinha vai avançando. Não é muito o tempo de que posso dispor para trabalhar em casa na escultura; mas aproveito todos os momentos e... *petit à petit*...

«O engenheiro Aníbal, o célebre regedor da «*Nossa Aldeia* (1), deu-me a honra da sua visita, há coisa de 10 dias. Passeou pelos Grands Boulevards, aproveitou uma soirée no Casino, dormiu aqui no atelier, à laia de boémio, e partiu no dia seguinte para a Alemanha. Ainda me não escreveu, não sei se chegou bem.

«Cumprimentos...

*Maurício de Almeida.*»

Um raio de sol lhe entrara pela janela da existência atribulada em que se consumia. Ia ganhar, como *praticien*, no *atelier* de Landowski! Êle, que queria viver independente, que queria bastar-se a si próprio, sentia que a felicidade o vinha finalmente bafejar.

As duas cartas que se seguem mostram esta nova faceta da sua adaptação à vida; mas não esquece as dificuldades em que se encontra, a algumas das quais eu pensava dar solução na minha próxima ida a Paris.

«Paris, 8-IV-1923.

«Meu bom Protector e Amigo:

«Há muito que me não dá as suas notícias, o que estranho deveras. Das duas uma: ou está doente, ou está zangado comigo. E destas conjecturas não sei o que seria mais doloroso para mim. Quê? Talvez preferisse que estivesse zangado comigo, pois, ao menos com saúde, teria tempo para saber que não tinha razões para isso...

«Há mês e meio que trabalho em casa. Ainda nada ganhei no *atelier* de mármores, mas estive lá até adquirir a certeza de que ia receber ordenado. E depois? Depois, fortificado com essa fé, zás! Resolvi empenhar-me em mais dois mil francos, para concorrer ao

---

(1) A comédia representada em Avanca.

*Salon* deste ano. E comecei a trabalhar. A trabalhar muito! Quis modelar um pedaço grande de esculptura, um torso que, ligado a figura inteira, daria um homem maior 3 vezes do que eu! Mas fui infeliz. Principiei tarde! Embora com esforço extremo, não havia possibilidade de acabar a tempo o meu trabalho.

«Desanimei? Não. Estou em vias de acabar uma parte dessa obra começada para dela me servir como envio ao *Salon*. E' uma cabeça de expressão e parte do torso, que ainda assim mede quási um metro. Não sei se agradará. Se não agradar é contudo a demonstração dum esfôrço de trabalho, o que já é qualquer coisa.

«Amanhã pelas 8 $^1/_2$ da manhã terei cá a visita do meu mestre Landowski. Verei o que êle me diz. Eu sou homem para, no último momento, escacar a minha obra em vez de a mandar para o *Salon* desde que a não veja muito a meu gôsto...

«Ah! E a nossa Santinha? Ainda não está pronta, mas não penso em outra coisa. Desde que a minha situação o permita, necessito ficar alguns dias em casa para a terminar. A noite não posso mais continuá-la. A luz artificial não é grande coisa e de resto, um dia destes grandes, cheio de trabalho, é já bastante para um mortal. E o pior é que, além da esculptura, há o *ménage* a fazer e muitas outras coisas a tratar, que me roubam um tempo imenso! Eu confesso, não posso chegar a mais. Não posso! E Deus tenha em conta a minha boa vontade de sempre querer tudo cumprir a tempo e horas! Agora, em seguida a este meu trabalho, fico com uma grande barreira a vencer. Um «Adamastor» se me atravessa já na ideia... E' a minha dívida de 6.000 francos que eu desejo pagar. Não tenho medo disso, não! Mas enquanto não satisfizer a minha consciência de homem honesto, não poderei descançar.

«O Medina faltou-me aqui em casa ùltimamente muitas semanas, esteve fora de Paris a fazer o seu quadro para o *Salon*. Ele vai escrever a V. Ex.ª

«Queira apresentar...

*Maurício de Almeida.»*

Hoje, ao reler essa carta em que a delicadeza de sentimentos se manifesta mais uma vez, vejo que o seu organismo, enfraquecido pelo trabalho e perturbado pelas dificuldades, estava em perigo iminente. Mas, mesmo nessa altura, nem por sombras me lembrei de que uma doença traiçoeira o arrastava para o precipício final.

O *Amateur* (fig. 15), a última obra que levou ao *Salon*, é uma preciosidade de técnica que igualmente se perdeu na voragem desatenta dos que passam sem dar aprêço ao talento e esfôrço alheios.

Não teve tempo para levar obra de maior vulto. Esta falta existiu por certo; talvez por carência de fôrça e energia, primeiras nuvens a ensombrarem o horizonte de uma actividade sempre àlerta.

A Santa encomendada preocupava-o excessivamente; muito mais do que o assunto merecia. Tomou a solução muito a seu cargo; passou a ser objectivo próprio.

Escrevi-lhe a pedir que se poupasse. As fadigas consomem e não há energias que vençam as deficiências orgânicas. A encomenda da Santa não devia alterar a sua vida. Se não viesse êste ano, viria para o imediato. Trabalho para realizar nas horas vagas, mas sem sacrifícios.

Em breve nos encontraríamos.

Como a sua técnica tinha melhorado vê-se no busto da Fig. 16, cujo destino ignoramos. Na Fig. 17 damos um aspecto do seu *atelier*, em que se vê uma cabeça de criança, que, mesmo nas más condições da fotografia, mostra o cuidado e escrúpulo de execução que punha em tôdas as suas obras.

«Paris, 23-V-1923.

«Meu Ex.° Protector e Amigo:

«Peço desculpa de só agora responder à sua presada carta de 6 último. Tenho tido imenso trabalho e o pouco tempo que me resta, a minha frágil constituïção requisita-o para repouso.

«Meu Mestre Landowski, que ainda não tinha visto trabalho nenhum meu de modelação, ficou muito satisfeito com *L'Amateur* e chamou-me para sua casa afim de o ajudar nas suas obras. Deixei, pois, o *atelier* de mármores para dedicar-me à modelação dos originais, o que é sobremaneira interessante para mim, e desta vez creio ser certo começar a ganhar dinheiro. Até ao domingo tenho trabalhado, porque temos obras de urgência. É um esfôrço que faço, mas estou muito contente porque vejo desenhar-se uma situação. Que Deus seja comnosco!

«Alegrou-me deveras a notícia que me deu sôbre a viagem a Paris. Teremos ocasião de conversar sôbre a minha vida, e V. Ex.ª verá em que alturas se encontra a modelação da Santinha, calhando, à maravilha, para emitir o seu parecer. Não posso dizer já, as horas em

que me encontro em casa, porque isso depende do serviço que tiver na ocasião. O melhor será V. Ex.ª prevenir-me por um «pneumático». Para apanhar-me de surpresa, naturalmente só às 7 da manhã ou depois das 8 da noite...

«Disseram-me que o «Diário de Notícias» publicou uma local a meu respeito, mas eu ainda nada vi. Se é verdade, creio ser V. Ex.ª a quem eu tenho de agradecer uma tão grande gentileza.

«Então até breve, não é verdade? Nós conversaremos.

«Os meus respeitos...

*Maurício de Almeida.*»

Depois dessa carta, vem o último acto da tragédia, que acompanhei em Paris até ao transe final. Confiei a uns papéis, hoje desbotados pelo tempo, as impressões que então me deixaram êsses dias sombrios e dolorosos.

Após trabalhos profissionais da Reünião Neurológica de Paris, estava para seguir para Lisboa; mas quedei-me junto do infeliz Maurício.

Êste artigo é uma pequena notícia histórica para o «Arquivo»; mas é também uma página pungente da minha vida. Por isso dou publicidade às fôlhas então escritas e que ficaram esquecidas durante mais de 20 anos, juntas a muitas fotografias, algumas das quais damos à estampa.

A fig. 17 dá a impressão do seu *atelier*. Outro aspecto (fig. 18), mostra a Senhora do Rosário no seu delineamento geral. Foi junto da sua Santa, já adiantada na modelação, que êle nos disse o último e supremo adeus.

Um outro aspecto do *atelier;* Maurício a trabalhar no seu «*Amateur*» (fig. 19), a sua última obra, merece também ser recordado, tanto mais que é flagrante a semelhança da obra com o modêlo.

Os que tiverem paciência para nos seguir no relato que ao tempo deixámos escrito, história do epílogo de uma vida atribulada pela ânsia do triunfo, que o leiam com devoção. A minha sensibilidade encanecida não me deixa segui-lo sem constrangimento.

*Paris, Junho de 1923.* Maurício de Almeida deixou-se seduzir, como dissemos, no alvorecer da sua aprendizagem artística, pela obra de Soares dos Reis. Recorda-me ainda hoje a emoção que êle me comunicou, mostrando-me um dia «O Desterrado» no velho museu do Pôrto. Tôdas as suas belezas eram vistas por Maurício sob um aspecto muito par-

ticular. Prendia-o a expressão, mas entusiasmava-o a linha geral do adolescente, a atitude um pouco ennovelada, a vida que palpita naquele pedaço de mármore animado pelo cinzel dum grande Estatuário.

Também o dominou a obra de Teixeira Lopes, seu primeiro Mestre, sempre respeitado e admirado. Muitas vezes conversámos sôbre algumas das suas mais belas esculturas.

Foi Teixeira Lopes quem lhe deu cartas para Charpentier e Noël, em Paris, cartas que não aproveitou, porque o seu espírito, ávido de novos horizontes, mostrou, desde o início da sua chegada à grande capital, uma acentuada predilecção pelas concepções de Landowski.

Dos antigos preferia Miguel Angelo. Passava horas, quando lhe sobrava tempo do seu trabalho, a admirar, no museu do Louvre, os *Escravos* do grande e incomparável escultor, talvez o maior de todos os tempos. Les *Captifs* são um pouco a expressão da sua última maneira de ser artística. Miguel Angelo quis representar aspectos das suas concepções sôbre as «Artes liberais prisioneiras da morte» e eram destinadas ao túmulo do Papa Júlio II, que muito as protegeu.

Uma das figuras é movimentada, torturada, os braços presos atrás das costas, com o torso em movimento. A outra, mais serena, tem os braços em tôrno da cabeça e uma expressão fisionómica de depressão e desalento. Maurício esquecia-se a revê-las com o meticuloso cuidado que punha em tôdas as suas observações.

Ao lado destas, experimentou as demais influências do meio artístico de Paris, em que os museus estão cheios de preciosidades do passado e em que tantos grandes mestres da actualidade mantêem a hegemonia da escultura, pois nem Roma consegue avantajar-se-lhe.

Quando o fomos encontrar, pela primeira vez, no seu inconfortável *atelier* da Rua Danjou, tinha sôbre o leito um volume de Rodin, um dos seus mais admirados escultores. Ia assim formando a sua individualidade artística, mixto de moderno e de clássico, de movimento e de forma. A sua atenção prendia-se especialmente às grandes linhas.

A obra exposta no *Salon* dêste ano, *L'Amateur*, não estava no plano da sua concepção inicial. O busto, maior do que o natural, como mostra a fotografia que o artista me ofereceu do seu *atelier* (fig. 19), é apenas um fragmento, como êle o denominou, da obra que imaginara. Na mão esquerda tinha uma pequena quimera a justificar o título do busto.

Arrumados os assuntos científicos que me tinham levado a Paris à Reünião Neurológica, enviei um pneumático a Maurício de Almeida, a dizer-lhe que estávamos no Hotel

des Capucines e lhe pedia para vir almoçar connosco no dia seguinte, 14 de Junho de 1923.

Era um dia cinzento, bastante agreste, lembrando mais o início do inverno do que o desenvolver da primavera.

Ao meio dia chegava o Henrique Medina a dizer-nos que o Maurício tivera uma hemoptise, havia três semanas, e outra pouco tempo depois. Não dera importância de maior a êste incidente e continuou na sua faina. Ligado a Landowski, com quem estava havia quási um ano, tinha sido ùltimamente chamado pelo Mestre para o seu próprio *atelier* afim de trabalhar a seu lado, honra que nunca, até então, concedera a nenhum discípulo. O seu trabalho *L'Amateur*, exposto no *Salon*, tão cheio de verdade e tão rico de expressão, decidiram Landowski a escolhê-lo para seu primeiro auxiliar.

O seu talento, que vibrava em cada dedada imprimida ao barro, impunha-se aos seus companheiros, que o consideravam o primeiro dos novos. Não tinha rivais. A sua admirável conduta, a sua modéstia tão natural como sentida, a sua ânsia de triunfar no meio, sem acotovelar ninguém, faziam com que as simpatias o acariciassem na hora em que fomos encontrá-lo no seu *atelier*, ofegante, febril, numa tarde de junho sombria e fria.

Tinha uma respiração rápida, precipitada. O seu corpito franzino dava a impressão de uma ave a que tivessem quebrado as asas quando ia voar alto, fendendo o céu em rajadas vigorosas. E lembrou-me o seu trabalho *Par la Route de la Vie*, que em 1922 tínhamos admirado no *Salon*. E, sem querer, a minha imaginação parava na interpretação daquele vulto que ficava imóvel atrás do cortejo...

Fiz-lhe preguntas, para me assegurar dos seus antecedentes mórbidos. Que andava bem, com uma saúde como nunca tivera, quando a primeira hemoptise o veio chamar à terrível realidade do seu mal. Julgava não ser nada. Continuara a aplicar a sua actividade desde as 7 da manhã às 8 da noite! Depois, nova crise na rua. Tivera de se encostar para não cair. Pôde ainda alcançar a sua inconfortável vivenda da rua Danjon 71$^{bis}$, em Boulogne s/Seine. Apesar desta nova crise, voltou, no dia seguinte, ao trabalho. Os amigos quiseram evitar que êle fôsse; mas a sua vontade impôs-se. O Mestre ia pagar-lhe os seus serviços e carecia de um trabalho de urgência.

Partiu. A febre veio visitá-lo. Trinta e nove graus. Resistindo sempre, bebendo goles de água fria, conseguiu arrastar-se por mais uns dias. Caíu por fim.

Anunciaram-lhe a minha chegada. Eu era para êle, no seu voluntário exílio, como se fôsse pessoa de família. Auscultei-o. O pulmão esquerdo estava todo tomado. A sua

infecção bacilar ganhava também a base do pulmão direito. Era o que em linguagem vulgar se chama uma tísica galopante.

A instalação no *atelier* era péssima. Pedi ao Medina para me acompanhar à Legação e Consulado, afim de obtermos o imediato internamento numa Casa de Saúde ou mesmo num Hospital. Tudo era melhor do que a permanência ali, com correntes de ar por tôda a parte e sem a cuidada assistência médica, de que tanto carecia. Prescrevi-lhe umas ventosas, que um outro companheiro, seu vizinho de *atelier*, o escultor António Costa, lhe aplicou, com proveito, naquela tarde.

Antes de sair, quis mostrar-me o esbôço da Senhora do Rosário que destinava à capelinha de Avanca. Enterneceu-me. Já se desenhavam as formas, já se adivinhava o lindo perfil, já palpitava a vida naquele pedaço de barro húmido que as suas mãos moldaram com arte e piedade, que só um grande escultor e um crente fervoroso podiam conseguir! (Fig. 18).

Disse-lhe frases sentidas de louvor e reconhecimento e dirigi-me para a porta, enquanto o António Costa voltou a cobrir a imagem com panos húmidos que a haviam de manter intacta nas formas esboçadas, duma grande pureza e correcção de linhas.

Da Legação passámos ao Consulado, onde nos pusemos em contacto com o Dr. Bensaúde, que nos prometeu recebê-lo no dia seguinte, no Hospital *Saint Antoine*. Para ali foi conduzido, às 9 horas da manhã, do dia 15 de Junho, sob um céu chuvoso e uma aragem agreste como me não recorda ter tido em Paris nesse mês. Fizeram-no subir e descer escadas, amparado aos braços dos seus companheiros. Não havia quartos. Teve de ficar num canto da enfermaria geral. Impressão má.

Fomos visitá-lo, pedi que lhe dessem cuidados especiais, atendendo ao seu estado físico e moral. A enfermeira, com quem falei em particular, prometeu fazer por êle tudo o que pudesse.

Conversámos. Estavam também os seus amigos. Ficou um pouco mais satisfeito. Mas o médico não o observava naquele dia, o que só fêz no dia imediato (16), e o pobre doente começou a sentir-se só, tão falto de cuidados e tão isolado de carinhos, que resolvemos no dia seguinte tirá-lo para uma Casa de Saúde. Não conseguimos lugar para êle! Os tuberculosos naquele estado são os indesejáveis de todos os serviços médicos, privados ou públicos. Já tinha sido favor o ter entrado em *Saint Antoine!*

No dia 17 trocámos impressões sôbre a solução a dar àquela terrível situação e, não havendo mais nada a fazer,

resolvemos melhorar um pouco as condições do *atelier* e trazê-lo para casa. Sòmente quando o quisemos levar, o seu estado era tão grave, que não ousámos fazê-lo. Na manhã do dia 18, um pouco mais animado, pôde sair numa ambulância, em que o acompanhei.

Instalámo-lo com todo o cuidado no seu antigo leito, catre de artista pobre, de limitadíssimo confôrto, a um canto da sua sala de trabalho, que cercámos de cortinas de chita. Inalações de oxigénio levantaram-no um pouco e fizemos-lhe as injecções usuais que o seu estado deprimido aconselhava. Passava da uma hora da tarde quando voltei a Paris. A despedida foi cruel, e o seu olhar fundo parecia vir já dum outro mundo.

Depois de almoço, eu e a Elvira (1) voltámos para lá. Passámos a tarde a enchê-lo de cuidados. Eu ocupei-me do seu estado físico, no que era auxiliado por Henrique Medina, António Costa e Mr. e Mme. Marcel Girard, seus amigos muito dedicados. Mme Girard e a Elvira dispuseram o melhor possível as coisas do *ménage*. Por duas vezes o vi cair em síncope cardíaca que a cafeïna e o óleo canforado conseguiram vencer.

Procurávamos reanimá-lo, dizendo-lhe que, logo que estivesse melhor voltaria a Portugal, restabelecer-se-ia em Arouca, estaria connosco em Avanca... Não havia possibilidade de lhe fortalecer o moral. À despedida, disse-nos apenas:

— Até ao outro mundo!

Antes de sairmos, chegaram D. Irene de Vasconcelos, distinta estudante da Sorbonne, e Henrique Medina, que anunciaram a próxima vinda de uma irmã de caridade para o tratar. Esperei. Chegou a bondosa senhora, que era das irmãs de l'*Assomption*, cuidando mais de socorros espirituais do que dos cuidados físicos que nós desejávamos que lhe prestasse. Tudo isso impressionou o infeliz artista. Prometeu que ia fazer o possível para que viesse alguém naquela tarde. Antes, porém, fêz uma investigação a tudo quanto se passava em tôrno do desventurado e saíu, dizendo que até às sete da tarde devia chegar a irmã enfermeira. Ela era visitadora. Mas que tudo dependia da Superiora. Se viesse (?), estaria lá à hora aprazada; caso contrário, que não esperássemos, porque estavam com excessivo trabalho.

À noite, tarde, voltámos de novo a Boulogne s/Seine. A freirinha não veio, mas uma boa mulher da vizinhança

(1) Nome de minha mulher. Quis guardar, tanto quanto possível, o texto integral que escrevi em 1923. Desculpe o leitor uma ou outra nota mais íntima e alguma frase de contexto familiar.

prestou-se a fazer os seus serviços até ao meio dia seguinte. Comprou-se uma garrafa de champagne, que ela lhe deu, com água, às colheres, o que o reanimou. Teve para com o doente um carinhoso cuidado que profundamente me sensibilizou. Só falava de mais, descrevendo-lhe as belezas da sua Bretanha, onde desejava que êle fôsse convalescer.

O estado de Maurício era de cada vez mais grave. A febre quási desaparecera, mas as pulsações, em discordância, não baixavam de 130 e a sua respiração ofegante e superficial condicionava um esfôrço cardíaco cada vez mais violento.

Despedimo-nos. À saída tomou-me a mão, apertou-a longamente e beijou-ma como única demonstração do seu reconhecimento e amizade. O mesmo fêz à Elvira. Ambos fortemente abalados e profundamente comovidos, saímos apressadamente para o *taxi* que nos esperava à porta.

Os arredores de Paris são, alta noite, sombrios e tranqüilos. O auto rodava ràpidamente para as bandas dos boulevards. O Sena ficava-nos à direita. Surgiram-nos, umas após outras, as suas pontes iluminadas, apenas animadas pela passagem de alguns autos de noctívagos. A custo pôde ver-se, em fundo esfumado, a base da Tôrre Eiffel, com as suas quatro patas de monstro mitológico. Íamos galgando pouco a pouco a *route* de Versailles. Inesperadamente, alcançámos o Grand Palais, onde a obra de Maurício vivia entre mármores mortos e gessos inexpressivos. Tinha sido o esfôrço que aquêle trabalho exigira, a última fustigadela a precipitar a queda. Não conversámos quási durante o trajecto; mas, chegados ali, tivemos ambos a mesma expressão que saíu num uníssono: *L'Amateur!* Quem sabe, se o não tivesse moldado, talvez não estivesse tão mal!

E como a *Place de la Concorde* nos viesse acariciar com a sua luz afagante, naquela noite escura e fria, renasceu-nos na alma uma esperança. Quem sabe? A natureza faz milagres por vezes!

E procurámos mudar de conversa. Eclipses de pouca dura. O espectro da sua desventura voltava constantemente a inquietar-nos. Seguiam-se as frases em dialogal.

— Vem-lhe a terrível doença, quando o caminho se abria diante dos olhos sem dificuldades!

— Ia ganhar, ao lado de Landowski, a maior aspiração da sua vida!

— Poderia finalmente dar algum tempo às suas melhores concepções. As asas podiam dilatar-se em largos vôos...

— A alma podia subir, em espirais de sonho, até às culminâncias da arte, em que cintilavam tôdas as suas aspirações e era tôda a sua vida!

E sem querer, os nossos olhares cruzavam-se dolorosamente perturbados.

Manhã cedo do dia 19 recebo uma comunicação do Medina, dizendo-me: — o Maurício está mais animado e um pouco melhor. Tem bebido leite e diz que se lhe tivéssemos aplicado logo um cáustico à esquerda, pois o pulmão direito estava bem, talvez se tivesse curado. Eram as suas reminiscências de velhos tratamentos de pneumónicos. Um pouco do passado a pesar sôbre o presente.

Deixei coisas que tinha a fazer e parti para a rua Danjou.

Encontrei a enfermeira improvisada e o António Costa, a acompanharem o doente. Daí a pouco chegava Madame Girard.

Maurício, sorridente, falou-me mais bem disposto.

Pulso menos freqüente, respiração menos ofegante. Auscultei-o. O mesmo estado pulmonar. Lembrámos uma alimentação mais forte, que nós próprios acompanhámos, e depois de uma picada de óleo canforado ficámos a fazer-lhe companhia.

O *atelier* era um barracão de ferro e madeira. Tinha a um canto uma pequena divisão que servia de cozinha, e uma escada para uma espécie de balcão que formava os dois quartos, aliás muito primitivos, dos dois artistas. Em baixo uma *poêle* para aquecimento e um pequeno armário onde se amontoavam vários estudos dos dois artistas, livros, objectos de toilette, tudo em mistura e confusão.

Ao centro, os barros do escultor: a *maquette* avantajada de *L'Amateur* e o esbôço da estatueta da Senhora do Rosário a rescender doçura e misticismo.

Em tôrno, nas paredes, telas de Medina, nus, retratos, paisagens e dois estudos sôbre o Maurício: um em que êle trabalha no *Amateur*, que, por falta de tempo, teve de reduzir para o *Salon*, e outra em que o escultor tinha sido surpreendido numa atitude de passeio.

Nesta altura das minhas notas de 1923, escrevi: «Medina tem grandes qualidades de pintor», o que foi largamente confirmado na evolução da sua arte.

Pequenas mesas, espalhadas ao acaso, continham vários trabalhos, em barro, de Maurício. A um canto um grupo chama a minha atenção. Um homem abraça pelos pés a estátua de uma mulher nua, em que se esboça uma atitude sàdia e forte. O barro é ainda impreciso, mas adivinha-se o dorso arqueado do homem, o abraço violento que cerca os pés da sua Deusa, a que a face se encosta como que afagando-os em carícias. A figura da mulher sobe como que a desprender-se, aureolada de sensualidade agreste.

Maurício quis fazer alguma coisa de belo. Chamou-lhe *Eterno sonho*. Inspiração forte da vida da espécie, em adoração à beleza feminina.

Permaneci por algumas horas no *atelier*, ora animando o desditoso artista com palavras de confôrto em que iam piedosas mentiras; ora demorando-me na contemplação daquêle pequeno museu que a amargura de momento valorizava, falando alto à minha sensibilidade.

Sentia-me preso ao meio, aos artistas que, na ânsia de triunfo, tudo sacrificavam. Julgava-me velho camarada do *Quartier* e freqüentador assíduo da sua convivência e das suas modestas salas de trabalho.

Esperávamos a cada momento a irmã de caridade que Medina tinha, de novo, solicitado para prestar serviço de enfermagem, pois a enfermeira laica improvisada tivera de sair.

Chegou era meio dia outra irmã visitadora. Madame Girard chamou em especial a sua atenção para a imagem da Virgem, o que denotava os sentimentos religiosos do doente. Pretendia assim decidi la a enviar a *garde-malade*. Os seus olhos perscrutadores divisaram, porém, nas paredes pinturas de dorsos nus, de braços musculosos, de colos que julgou provocadores, telas que pertenciam a Medina. À saída disse a Madame Girard que seria necessário arrear aquêles quadros e esconder o que fôsse excessivamente profano, para que a sua companheira pudesse vir tomar o lugar que desejávamos.

Tranqüilizámos a piedosa irmã. Executaríamos as suas ordens. Não fôssem aquêles anodinos quadros trazer maus pensamentos e induzir ao pecado...

Não me tive que lhe não dissesse, nos melhores têrmos, que em Arte como na Medicina, tudo isso são incidentes sem importância a que a enfermagem deve estar acostumada. Além de que nada havia no modesto *atelier* que pudesse ser tomado como pornográfico ou que mesmo se lhe aproximasse. Podia, porém, garantir-lhe que as paredes ficariam despidas de quadros, e as esculturas menos pudibundas recatadas e cobertas.

Despediu-se. Que mandaria a irmã-enfermeira. Pedimos-lhe pressa e informámo-la de que as despesas correriam de nossa conta.

Resolvemos transformar por completo a decoração da sala. A piedade da *Soeur* não seria perturbada pela presença da anatomia dos pintores e escultores: temível motivo de pecado para aquelas freiras, coisas inexpressivas e sem sentido imoral para a humanidade laica!

D. Irene de Vasconcelos e Henrique Medina, que, entrementes, tinham chegado, conversaram connosco. Disse-lhes a vantagem de vir outro médico. Eu estava ali, de empréstimo, e fora da minha actividade profissional por só cuidar de medicina dentro da minha especialidade. Foram procurá-lo de auto.

Esperei, mas, como se demorassem muito, voltei a Paris, pedindo ao escultor António Costa que me desculpasse junto do clínico por ter assunto urgente a tratar. Deixei uma nota escrita, pedindo ao médico o favor de tomar o doente a seu cargo.

Voltei à noite. Maurício menos ofegante e melhor disposto. Estiveram a vê-lo Tixier e Melo Viana. Ambos infelizmente repetiram as minhas palavras. Prognóstico fatal. Lá estavam, além das pessoas do costume, o pintor José Campas; D. Irene de Vasconcelos, que foi amiga carinhosíssima de Maurício; uma sua companheira, estudante russa, e ainda mais uma ou duas pessoas.

O *atelier* tinha uma luz discreta para o lado da cama do Maurício e os pequenos grupos conversavam, aos cantos, discretamente, parando quando o doente tossia, procurando todos saber do seu estado, da sua disposição do momento.

A Sr.ª D. Irene de Vasconcelos trouxe uma enfermeira. A freira mais uma vez faltou, talvez com receio de lhe não terem arreado os estudos que tanto afligiram a pudicícia da visitadora. Contudo, o *atelier* estava despido de quadros, como tínhamos prometido.

À tarde fomos ver, de novo, o querido doente. Estivera tôda a manhã a fazer recomendações aos seus companheiros de vida artística. Falou muito nos pais. Pediu que lhes manifestassem o seu reconhecimento e o seu afecto. Não queria que lhe falassem de melhoras. Sabia que era impossível vencer. Debalde tentei encorajá-lo um pouco. Demorei-me até tarde, para ver como a enfermeira se ocupava do doente. Deixou-me satisfeito.

20 VI-23 — Telefonam-me de manhã. O Maurício desejava falar-me. A comunicação é-me feita após o almôço e às três horas sigo para Boulogne-sur-Seine. Não sabia sequer se êle estaria melhor e receava encontrá-lo em alguma crise. Entrei no *atelier* precipitadamente. D. Irene de Vasconcelos, que sentiu o auto, veio à porta com António Costa. O Maurício tinha estado excitado tôda a manhã e, como se sentia bem disposto e receava, a cada momento, deixar de falar, pediu que me telefonassem.

Tinha recebido a visita do seu Mestre Landowski. Sentou-se ràpidamente na cama. Mestre e discípulo abraçaram-se longamente. Houve lágrimas, agradecimentos, apreciações de arte, que, em vez de afastar a emoção que pairava naquela atmosfera de sentimentalidade exaltada, mais a intensificavam. Landowski prometeu voltar e saíu com os olhos húmidos, a escutar palavras de eterno reconhecimento do discípulo que tanto admirava a sua obra.

Depois começou a discursar. Todos o escutaram absortos. A obra do Mestre fê-lo derivar para as novas concepções da Arte.

—«Que o Mundo era um emaranhado de mentiras e maldades. Que só a Arte, mas a verdadeira Arte, o podia levantar, regenerando-o pela adoração da beleza, eterna divindade a que os artistas rendiam a suprema homenagem». Sentou-se de novo, recostou-se mais alto. Gesticulava largamente.

«A Arte seria a nova estrêla a guiar-nos no caminho escabroso da existência. O interêsse, o ódio, as lutas dos homens haviam de ser vencidas pela luz dominadora e refulgente do culto do belo!» E disse o que ela devia ser, dissertou sôbre as artes plásticas, sôbre a nova orientação que devia tomar a escultura, sem que ninguém pudesse conseguir dominar aquela oração feita à sua Deusa.

Entrou depois a freira visitadora. Não mandou a enfermeira, apesar de as paredes branquearem, desnudadas dos estudos de Medina. Ia todavia informar-se do seu estado de saúde. Sempre era alguma coisa!

O Maurício recebeu-a com um sorriso e, inesperadamente e, pela primeira vez, pediu um padre, mas que viesse depressa, enquanto estava lúcido. Era crente, queria morrer em graça. Também tinha a certeza de ir para o céu. Nunca fizera mal algum, gastara a vida a lutar, a trabalhar, moldando o barro e esculpindo o mármore. Mas queria que viesse o padre. E já. Dizia-o com uma inesperada intimativa.

Não tardou a chegar. Tranqüilizou a sua consciência num curto e recolhido colóquio com o sacerdote.

Depois, a sós com os seus amigos, chamou-os para que o escutassem. A todos devia os maiores favores. A todos patenteava os seus melhores agradecimentos.

«Na terra não poderia, mesmo que vivesse, pagar-lhes tanta dedicação; mas ia para o céu e lá velaria por êles. Viria em espírito à terra. Estaria ali no *atelier*, acompanhá-los-ia sempre, protegê-los-ia... Falou dos pais, do Dr. Egas Moniz, o seu melhor amigo, que ainda ontem vira com lágrimas nos olhos. Bem sabia que lhe queria muito; também o estimava como Pai. Precisava de falar-lhe, dizer-lhe tudo isto e muito mais, muito mais...»

Enumerou todos os presentes, para todos teve frases amigas. Depois pediu limonada, gasosa, cerveja, *champagne!* Que ao menos o deixassem morrer com satisfação. Saíram para lhe satisfazer os seus desejos. E tudo lhe deram, embora em doses reduzidas. *Champagne* já êle estava tomando às colheres.

Depois pediu que, se voltasse a sofrer como sofrera, lhe dessem qualquer coisa que o matasse, evitando-lhe o seu

martírio. Agora sentia-se bem, mas receava voltar ao estado em que estivera.

Quando cheguei, encontrei-o risonho, falando alto, discursando muito sôbre arte, bastante sôbre os presentes. Estava agora bem disposto. Nada sofria. Considerava-se mesmo tão bem como antes da doença.

Aproveitei para lhe dizer que isso indicava que havia de curar-se. Sorriu, descrente.

— Não, não podia ser. Basta que me evitem o sofrimento.

E, fitando uma cabeça que tinha aos pés da cama, um dos seus últimos trabalhos, disse-me:

— Ontem preguntaram de quem era aquela linda cabeça. É do irmão do meu Mestre Landowski. É também um grande artista, que trabalha no seu *atelier*. É uma linda cabeça, não é? E fixou-a com ternura.

Pedi-lhe que sossegasse. Dei-lhe uma poção opiada. Consegui que estivesse mais calado, mas excitava-se ao menor pretexto.

Fazia uma ligeira crise hipomaníaca, tão vulgar nesta fase da intoxicação tuberculosa, em que tôda a sua alma se esvasiava em ímpetos de ternura e hinos entusiastas à sua Arte.

Fi-lo alimentar. Disse-lhe que carecia de avigorar as suas fôrças para vencer a crise. Que deixasse as apreciações para depois. E, como falasse em francês, observou Madame Girard:

— Nunca ouvi o Maurício falar tão bem, em francês, como hoje, ao fazer a sua prelecção sôbre Arte!

Quando saímos, a alma entristecida, a afectividade amarfanhada por tantas emoções, dilatei a vista pela estreita rua Danjou, e preguntei a mim próprio como podia caber naquele *atelier* e naquele bairro modesto e afastado, um espírito de tão elevado quilate, capaz dos mais amplos e prodigiosos vôos. E Paris, para onde voltei, encostado a um canto do auto, pareceu-me, naqula tarde, muito menos grandioso e até menos belo.

21-VI-1923 — A freira sempre passou uma noite em substituïção da enfermeira laica.

Maurício bem disposto, continua a falar. Sente-se melhor. Há no *atelier* uma outra atmosfera. Renasce a alegria. Os rostos tomam inesperadas expressões. Ausculto-o. Parece que não piorou. Também me deixo enlevar num frouxo raio de esperança. Mas, ao deixá-lo, recaio no meu cepticismo. Escrevo ao pai desalentado, mas menos pessimista pelo que respeita ao fim imediato.

Landowski volta a visitá-lo. A mesma crise emocional do primeiro encontro. Ao contarem-me a tristeza da sepa-

ração, lembrou-me o admirável grupo do Mestre, *Les fantômes* (fig. 14). E desenha-se na minha retina uma das figuras do segundo plano do seu grupo, vulto que já não pertence ao nosso mundo, fantasma, sombra de uma existência abruptamente cortada, apresentação de uma alma sofredora na última encarnação...

A Santa está agora a descoberto, e o seu rosto, de um lindo prefil grego (fig. 18), mostra ao Maurício, que a olha do seu leito, a maternal atitude que as suas mãos criaram numa hora de suavíssima inspiração.

Surpreendo um colóquio ao canto do *atelier*.

— Dá vontade de ter crenças, de voltar a aprender as orações ingénuas da infância, de povoar o cérebro dos encantos das doces e ingénuas recordações de um passado inconquistável, e ajoelhar e erguer as mãos e rezar como outrora...

— Maurício, atalhou alguém, reza, com mais proveito, por todos nós!

22-VI-1923 — O doutor Tixier ia vê-lo às 4 e 30 da tarde. Pediu para eu comparecer. Lá me encontrei com êle e com o Dr. Melo Viana, amigo muito dedicado dos artistas portugueses. O Maurício tinha caído imenso. Estado pulmonar ligeiramente agravado da véspera. Após a observação, conversámos numa casa ao lado, no *atelier* de António Costa. Todos nós considerámos o doente irremediàvelmente perdido. Far-se-iam injecções de sedol, se as crises de sufocação o afligissem. O doutor Tixier fêz um prognóstico para 2 ou 3 dias.

Voltámos junto do doente. Animámo-lo. Prognosticamos rápidas melhoras. Inútil querer iludi-lo. Sorriu cèticamente.

Fiquei depois a sós com êle.

— Muito obrigado, diz-me, por me ter feito esta última vontade de não me abandonar, tendo adiado o seu regresso ao nosso querido país.

E os seus olhos encovados, profundos, humedeceram. O pulso passou a estar arrítmico. Repetiram-se as sufocações. Dei-lhe a primeira injecção de sedol, que D. Irene de Vasconcelos e Madame Girard se apressaram a ir buscar à farmácia. Resultado fraco. O oxigénio parecia ser mais eficaz.

— Desejo-lhe muita saúde e à Sr.ª D. Elvira. Muita saúde, muita saúde... repetiu com insistência.

As pálpebras fecharam-se lentamente num pródromo de agonia. Reagiu em seguida, e o seu sorriso, de uma candura infantil, voltou a bailar-lhe nos lábios. Torpor mais prolongado.

As pessoas amigas que estavam junto do leito compunham um grupo real de imensa mágoa e cruciante tristeza. Ainda regressou ao consciente, quando mãos delicadas lhe aconchegaram a roupa.

— Para que me acordaram? disse. Estava a entrar no céu! Que maravilha de côr, que suavíssima música, que doçura de ambiente! As estrêlas muito brilhantes alumiavam o caminho e anjos de asas irisadas de sóis iam a meu lado. Tudo azul e oiro... Para que me chamaram?

Reproduzia, em projecção colossal, o cenário dos presépios que vira em criança... E as pálpebras cerraram-se de novo e fêz-se um silêncio profundo na completa imobilidade dos presentes.

Depois fomo nos afastando, como sombras, do pequeno leito.

Voltei para Paris com D. Irene de Vasconcelos. Tudo perdido. Não mais voltaria a sorver o ar morno do nosso querido Portugal! E a nossa conversa caíu sôbre a sua desventura, o seu talento, a sua bondade.

Dia 23 — 8 horas da manhã. O sol entra a jorros pela janela.

Até que enfim chega a primavera!

O telefone dá sinal de alarme. Sinto uma sensação de frio a atravessar-me. Precipito-me sôbre o aparelho. É Monsieur Girard.

— Maurício? preguntei.

— *Il est mort á 3 heures du matin.*

— *Il a souffert?*

— *Pas beaucoup. Un petit délire. Pas plus.*

E anunciou-me a vinda de Medina, que seguira para a *Mairie* a tratar das coisas referentes à última viagem de quem foi a melhor promessa artística da minha terra e uma das maiores de Portugal.

Fitámo-nos, eu e a Elvira, sem trocarmos palavra. E os nossos olhos ensombraram-se... Minha mulher balbuciou qualquer oração e eu divaguei em conceitos filosóficos para conter a explosão da minha sensibilidade excessivamente perturbada.

Depois, quási em côro, dissemos, como para remate de uma conversação sem palavras sôbre um desejo constante da nossa vida:

— Ainda bem que não tivemos filhos!

E voltámos o concentrar-nos num silêncio reparador.

Esperei com ansiedade o Henrique Medina.

Chegaram pela volta das 11 horas, êle e António Costa, os dois melhores amigos do Maurício. O infeliz caíra sem se dar por isso, como uma luz que se extingue pouco a pouco.

Julgavam-no ainda com vida. Deixou apenas de respirar. Cena, em flagrante, da *Vie de Bohème!*

Deram-me informações. Após a minha saída, voltou um pouco de delírio e não se queixou mais.

Falámos do funeral, do que havia a fazer e assentámos nas últimas combinações.

Depois com rosas e lilases brancos, iguais aos que em Portugal anunciam a primavera, partimos para Boulogne sur Seine. Que dolorosa jornada, fitando as águas do Sena agitadas pelo movimento dos barcos em doces ondulações! Era um canal da nossa Ria espelhando a benéfica luz do Sol, que pela primeira vez em Paris, após muitos dias de bruma, nos visitava!

O auto seguia apressado. No íntimo, queríamos que fôsse lentamente, que levasse horas, muitas horas... Passámos a Avenida, que nos levava a Porta de St. Cloud, em alguns minutos. Não tardámos a alcançar a Rua Donjou e o pequeno e modesto *atelier*, 71 bis. A Elvira tomou as flores num braçado. Abrimos a porta a mêdo. O Maurício jazia no seu leito. Ardiam duas velas ao lado de um Cristo colocado sôbre uma das mesas em que êle modelava o barro.

A Elvira foi colocar as flores sôbre o corpo inanimado do querido artista. Muitas outras e coroas de flores artificiais quási lhe cobriam o leito.

Não tardou que chegassem os homens incumbidos do serviço fúnebre. Retirei-me. O António Costa também saíu, soluçando, para o seu *atelier* onde eu me refugiara. Seguiu-o a Elvira. Só o Henrique Medina e os amigos franceses tiveram a coragem de permanecer, até final. Armaram em seguida um pequeno catafalco, onde foi depositado o modesto ataúde, coberto por um pano preto.

O funeral ficou aprazado para o dia seguinte à uma e meia de domingo, dia de S. João. Fizeram-se convites. Só muito tarde regressámos a Paris.

*24 de Junho.* — À uma hora da tarde, estávamos na rua Danjou para esperar os convidados. Depusemos mais flores sôbre o féretro. Outras vieram, outras ainda, dos companheiros, de outros artistas. O carro funerário aguardava a hora indicada. Passados minutos, organizou-se o cortejo. Eu, Henrique Medina e António Costa logo atrás do caixão, representando a família. Depois as senhoras: Mme. Egas Moniz, Mme. Plácido de Sousa, Mme. Girard, D. Irene de Vasconcelos, Mme. Campas e algumas mais, depois Plácido de Sousa, secretário da Legação e filho, escultor Diogo de Macedo, pintor José Campas, e outros artistas: pintores, arquitectos, escultores. Landowski não compareceu, o que foi muito notado.



Fig. 17 — Aspecto do *atelier* de Maurício de Almeida e Henrique Medina, em Paris (1923)



Fig. 18 — Senhora do Rosário
*(Atelier)*

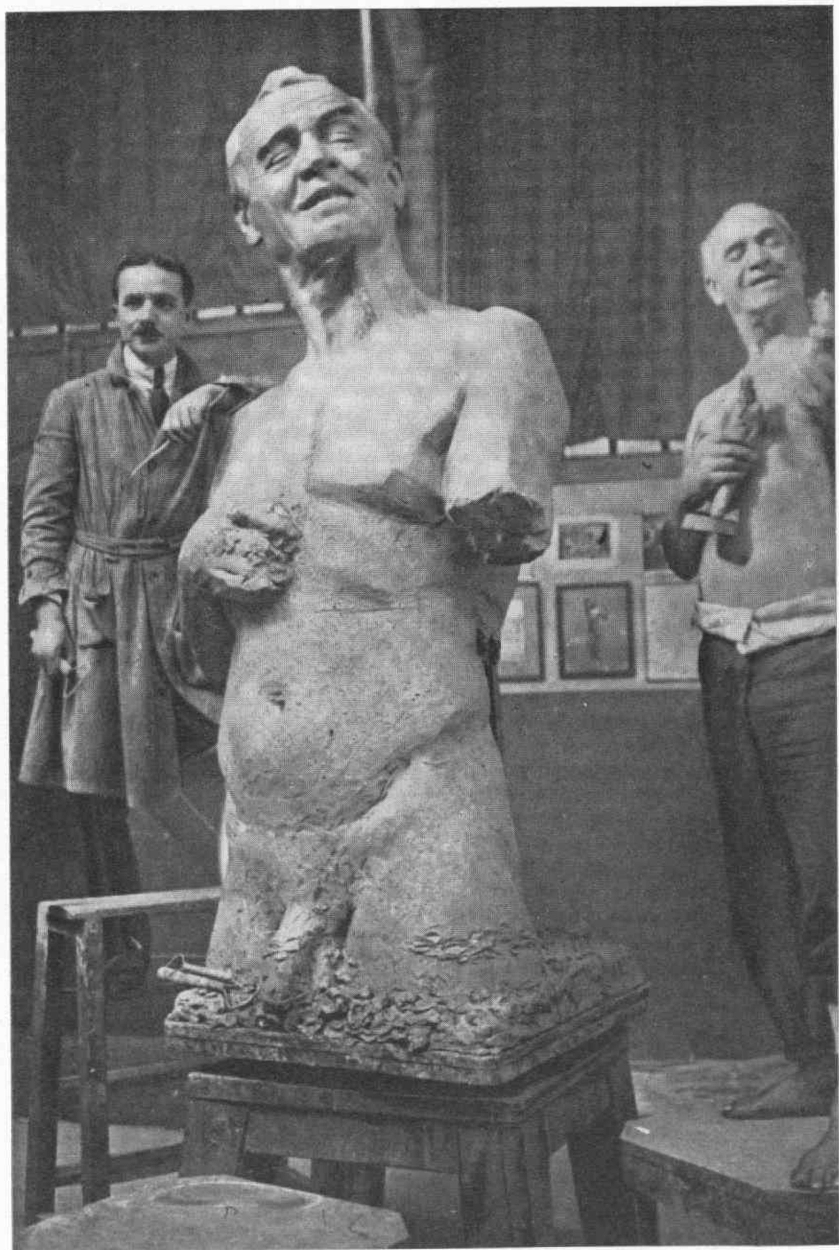


Fig. 19 — Maurício de Almeida no *atelier* «*L'Amateur*» e o modêlo

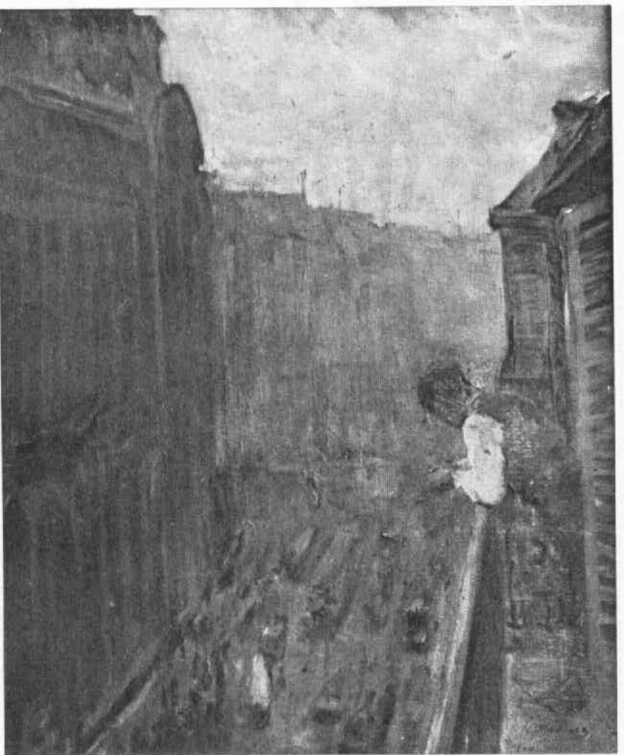


Fig. 25 — Henrique Medina
*Aspecto de Paris*



Fig. 20 — O escultor António Costa e a sua Santa que hoje se venera na capela de Avanca



Fig. 22 — Maurício sorrindo
«*No seu* atelier, *em Paris, transmitindo alegria aos pais e irmãos*»

O séquito dirigiu-se para a Igreja de Boulogne sur Seine, pequeno templo de paróquia aldeã, com três pequenas naves. Numa das laterais foi colocado o pequeno ataúde. Fizeram-se as cerimónias religiosas com os cânticos habituais.

De novo se pôs em marcha o cortejo para a última jazida.

O cemitério, todo arborizado a plátanos, dava, a distância, a impressão de um parque. Nos cemitérios da Banlieu não abusam dos jazigos — capelas que há por tôda a parte em Portugal, em geral anti-estéticas e desgraciosas. Preferem as campas rasas, mais ou menos ricas, onde é mais fácil colocar flores.

Nessa tarde estival de 24 de Junho, dia do *Grand-prix* de Longchamps, que de mulheres e crianças, de velhos e adolescentes a visitar os seus mortos queridos, levando-lhes flores, tributo das saüdades que não morrem! A alma francesa é de uma grande afectividade. Frívola algumas vezes, é, ao mesmo tempo, o que há de mais doce e de mais terno.

E o cortejo seguia. Ao fundo, voltou à direita, depois à esquerda.

O padre esperava ali os últimos despojos do que foi a maior esperança artística da minha terra. Fêz as orações. O caixão desceu ao coval, e todos foram espargi-lo com água benta: lágrimas dos que muito lhe queriam, saüdades dos que estavam longe e eram ali presentes.

Depois o coveiro fêz o resto. E uma cruz escura foi colocada sôbre o coval, com êstes simples dizeres:

*Maurício de Almeida — 26 ans — Mort le 23 Juin 1923.*

Uma tragédia em estilo telegráfico.

O sol coava-se através da folhagem e naquele pequenino cantinho do cemitério de Boulogne-sur-Seine, que vira ao poente, do lado de Portugal, ficou para sempre inhumado o corpo frágil de um rapaz que albergou uma grande e nobilíssima alma. Era fraco e estreito o invólucro para tão grande e elevada aspiração. Não podia conter-se a dentro daquêle corpo franzino e débil: dispersou-se no espaço, voltou ao sossêgo eterno da Natureza.

Ao retirarmo-nos da pequena sepultura onde êle repousa, olhámos para o sul donde parecia vir o eco de longínquos gemidos. Sugestão que avultava ao recordar aquêles que, muito longe, nas serras de Arouca, lhe enviavam, naquela hora suprema, o seu mais enternecido adeus.

No dia seguinte voltei ao *atelier* para me despedir dos companheiros do desditoso artista e pensar no rumo a dar a algumas das suas coisas. Tudo se arranjou de sorte a enviar à família recordações do desventurado Maurício. Todo o seu material de trabalho foi escrupulosamente respeitado. Henrique Medina, António Costa e eu resolvemos mandar

coser todos os pedacitos de barro em que êle pusera as mãos. Relíquias de um grande artista, que serão guardadas, com carinho, pelos amigos a quem foram oferecidas. Promessas de um talento a espandir-se, sem esfôrço, à luz sedutora da Arte que tanto amara.

Por fim, fiquei com Henrique Medina, hoje glória da pintura portuguesa, e António Costa, escultor de mérito, conhecido do público português pelos trabalhos que tem exposto em Lisboa, a recordar aquêle que deixara um vazio impossível de suprir.

Sentei-me a contemplar a Santa que êle modelara para a capela da minha aldeia. O barro começara a desmoronar-se.

— Morre com êle, disse eu, a Santa que idealizará...

Reinou silêncio por algum tempo, e desviamos os olhares em pungente concentração.

António Costa abeirou-se, para me dizer que estimaria fazer a Senhora do Rosário, o que levou a têrmo, e hoje honra a capelinha da Areia de Avanca (fig. 20).

Henrique Medina fêz-me a oferta de um magnífico quadro, em que surpreendeu um aspecto nocturno de Paris e em que o próprio Maurício lhe serviu de modêlo, encostado ao corrimão da varanda do primeiro *atelier* da Rue Vandamme (fig. 21) (1).

A falta de Maurício de Almeida foi, para todos os que o cercavam, sinal de debandada. Perdera-se o elo mais forte que os unia!

Dois anos mais tarde, encontrei-me em Paris com as minhas sobrinhas, companheiras de Maurício na récita de Avanca. Numa manhã de verão, fomos à *Madeleine* comprar flôres brancas e côr de rosa, e seguimos para o pequeno cemitério de Boulogne-sur-Seine, onde lhes mostrei o coval do pranteado Maurício. A sua pequenina campa foi juncada de flôres. Notámos que outras, embora já ressequidas, ali tinham sido depositadas. Houve alguém que também se lembrou do desditoso artista.

Depois fomos à rua Danjou e parámos diante do seu *atelier:* lugar sagrado onde revivia a saüdade portuguesa. Ali nos demorámos algum tempo.

Passados minutos seguimos silenciosamente para a Tôrre Eifel, que lhes fui mostrar e onde, do seu último balcão, dilatámos a vista pela imensidade das ruas e casario da grande capital. Quisemos localizar, sem o conseguirmos, o bairro de Boulogne s/Seine, onde tantos artistas trabalham e se esforçam por vencer.

---

(1) Por êrro tipográfico, saiu com o n.º 25.

*Multi sunt vocati, pauci vero electi.* E, ainda assim, alguns dos poucos eleitos da Arte, caem no caminho, quando já pressentem o triunfo!

Era, porém, necessário afastar o pensamento de tristes recordações. Alargámos a vista pelas Tulherias, Praça da Concórdia, Campos Elísios, Arco de Triunfo... E a conversa deslizou para a História de França, que se projecta naquela imensa acrópole de tão heróicas tradições.

A *Gazeta de Arouca* de 7 de Julho de 1923 foi dedicada a Maurício de Almeida. Nesse número vem publicada a seguinte carta que mandei a seus pais.

«*O funeral do saüdoso artista.*

«Sôbre o funeral, realizado na manhã do dia 24 de Junho, tomámos a liberdade de transcrever a carta que segue, escrita pelo distinto estadista e professor da Universidade de Lisboa, Ex.mo Snr. Dr. Egas Moniz — mui respeitável amigo do saüdosissimo Maurício de Almeida — ao pai do malogrado artista e nosso amigo Snr. José Maria Valente de Almeida.

«Meu caro amigo:

«Vimos de acompanhar o nosso querido Maurício à sua última morada, no cemitério de Boulogne-sur-Seine. O seu caixão ia todo coberto de flores e de corôas. Não calcula o montão que fazia sôbre o seu pequeno ataúde! Eram as saüdades dos seus amigos e até de alguns vizinhos que mal o conheciam, mas que admiravam as suas virtudes e qualidades. Fizemos-lhe tudo, creia, não nos furtando a nada. Henrique Medina e António Costa, escultor, são amigos que sempre devem considerar.

No acompanhamento, que foi feito a pé até à Igreja e de lá até ao cemitério, ia imensa gente, para um domingo como hoje. Senhoras, pessoal da Legação, artistas, amigos franceses, tôda uma porção de admiradores das suas superiores aptidões.

Morreu o mais formoso talento artístico da nossa terra e uma das maiores, se não a mais fundamentada esperança da escultura em Portugal. E fica-nos sempre na alma a mais forte e violenta das saüdades.

Não tenho palavras para os consolar, porque também os outros as não teem para me aliviar, e a minha mulher, do grande desgôsto que tivemos. Parece que esteve à nossa espera para nos dizer o seu último adeus. O que foi a nossa estada, desta vez, nesta barulhenta Paris, nem o podem calcular!

Querido Maurício! Que bondade a sua! Morreu sem sofrer, a sorrir! Separei-me dêle quando ia a entrar na penumbra da vida, no periodo da inconsciência.

As suas últimas palavras para mim foram «desejo-lhe saúde, muita saúde...» Era o bem que perdera. Foi o que o preocupou ao deixar esta vida.

Da sua família falava sempre, e do desgôsto que pais e irmãos haviam de ter. Pediu-me para lhes manifestar mais uma vez o seu eterno reconhecimento! Aí fica expressa a sua última vontade.

Aparte o afecto da família e a satisfação que êle teria em vê-los, antes de partir para a sua última jornada, creia que foi aqui tão bem tratado como o seria aí. Nada, absolutamente nada, lhe faltou.

Todos choravam ao vê-lo partir do seu *atelier*. Foi uma cena dolorosissima que me há-de lembrar tôda a existência. Eu estimava o Maurício como se me pertencesse um pouco, como se fôsse de minha família. E êle era o primeiro a dizê-lo. Mas nada disso lhe valeu: nem afecto, nem dedicação, nem meios... De nada lhe serviram.

Adeus, meu bom amigo. Não posso mais. Nem releio esta, porque me falta energia para o fazer, e o coração já não pode mais.

Saüdades aos seus — a sua santa mulher, a mais infeliz das mães, — e aos seus filhos.

Paris, 24 de Junho de 1923.

Seu mt.º e mt.º am.º

*Egas Moniz*

No mesmo número dedicado ao artista, vem publicada uma gravura que cabe bem nesta altura (fig. 22). Tinha a legenda:

«No seu *atelier*, em Paris, transmitindo alegria aos pais e irmãos».

Abraçado à sua arte, representada numa cabeça de mouro que as suas mãos modelaram, ficou para sempre a sorrir...

Não podia conseguir melhor epílogo para a biografia do escultor! A sua alma, tantas vezes torturada, apresenta-se complacente, descuidada, confiante, feliz...

Naquele momento, o sonho do seu futuro enchia-o do ânimo, coragem, euforia, que a mocidade realça em horas de bom humor.

De Maurício de Almeida ficaram algumas preciosas peças de Arte, a recordação do seu grande talento e belas qualidades, e um... sorriso, cheio de suavidade e ternura, síntese da bondade que foi a estrêla de alva que o guiou pela vida fora.

O leitor que tiver tido paciência de levar ao fim êste longo relato, em que há páginas íntimas de tristes reminiscências, terá razão para me recriminar por ter tirado ao «Arquivo» muito espaço útil. A censura seria justa se eu apenas tivesse querido fazer a apreciação da obra de um artista notável. Mas pretendi mais do que isso: revelar aos meus conterrâneos um nome inteiramente ignorado e que, mesmo na aldeia onde nasceu, vai pouco a pouco esquecendo, contando-lhes o romance real de uma vida de trabalho, aspirações e sofrimentos, exemplo dignificador que merece ser divulgado.

Mas, se estas razões me não desculparem, a amizade que dediquei ao desditoso artista me absolverá.

EGAS MONIZ

# MIGALHAS DE HISTÓRIA REGIONAL

## MORGADIO DE SEVER DO VOUGA, SUA SITUAÇÃO, TERRAS QUE COMPREENDIA, E FOROS QUE PAGAVAM OS SEUS MORADORES NOS MEADOS DO SÉCULO XVII

I — *Morgadio de Sever do Vouga.* Os morgados, como diz J. BONANÇA, constituíam a base da antiga nobreza fundada no domínio territorial. Tanto os morgados como a antiga nobreza tiveram o seu princípio em feitos valorosos, sobretudo militares, e em outros merecimentos pessoais. E daí a doação e concessão de privilégios em bens territoriais vinculados, cuja posse passava na íntegra para o herdeiro primogénito não podendo, portanto, ser alienados.

E Sever do Vouga, como outros antigos concelhos, teve os seus senhorios com interêsses vinculados, ou rendimentos morgadios, que disfrutaram até à liquidação e remissão dos foros que podiam fazer depois da abolição dos Morgados em 1863, que proïbiu expressamente novas doações e concessões de privilégios em bens territoriais.

II — *Situação do Morgadio.* Do Morgadio de Sever do Vouga, parte era situada no concelho de Sever do Vouga, outra parte no concelho de Lafões, e outra parte no concelho de Castelo de Paiva, no distrito administrativo de Aveiro.

III — *Terras que compreendia o Morgadio e foros que pagavam os seus moradores.*

Êste Morgadio compreendia: Pessegueiro, Ribeiradio, Rocas, Talhadas, Cedrim, Silva Escura, etc. E os moradores destas terras pagavam:

Em dinheiro — 28$630; trigo — 32 alqueires e 1/8; centeio — 166 alqueires e 3/8; milho — 166 alqueires e 3/8; milho alvo

— 2 alqueires e $^1/_2$; milho meado — 163 alqueires e $^1/_8$; cevada — 9 alqueires; galinhas — 85; frangos — 24; vinho — 31 almudes e $^{11}/_{12}$; ovos — 20; manteiga — 16 quartilhos; palha painça — 55 duzias; mãos de linho — 20 e $^1/_2$; capões — 5, e lampreias 1 (1).

IV — *Senhores do Morgadio:*

1.° — D. Francisco de Sá e Meneses.

Era filho de D. João Rodrigues de Sá e Meneses — 1.° Conde de Penaguião, Alcaide-mór e Capitão-mor da Cidade do Pôrto, e Camareiro-mor dos Reis D. Filipe I e II.

Casou com D. Isabel de Mendonça, filha de D. João de Almeida — Alcaide-mor de Abrantes, neta de D. António de Almeida — Alcaide-mór de Abrantes, bisneta, de D. Lopo de Almeida, 3.° Conde de Abrantes, 3.ª neta de D. João de Almeida, 2.° Conde de Abrantes, e 4.ª neta de D. Lopo de Almeida, 1.° Conde de Abrantes.

O dito D. Francisco de Sá e Meneses casou a 21 de Agôsto de 1617 com D. Joana de Castro, falecida a 3 de Setembro de 1624, dama do Palácio da Rainha de Espanha — D. Margarida de Áustria.

2.° — D. João Rodrigues de Sá e Meneses.

Era filho do anterior, e casou com D. Luísa Maria de Faro, filha de D. Luís de Ataíde e da Condessa D. Filipa de Vilhena.

3.° — D. Francisco de Sá e Meneses.

Êste, que era filho do anterior, foi o 1.° Marquês de Fontes por mercê de D. Afonso IV, em 2 de Janeiro de 1659. Casou com D. Joana Luísa de Lencastre, viúva de D. Rui Teles de Meneses e Castro.

4.° — D. João Rodrigues de Sá e Meneses.

Filho do antecedente a quem sucedeu no título e honras. Esteve para casar com D. Isabel de Lorena, que depois foi mulher de seu irmão que se segue.

---

(1) De um mapa geral dos foros liquidos e iliquidos descritos em 1872 por apenso ao inventário orfanológico por óbito do último Marquês de Abrantes que se acha no cartório do escrivão Abreu da 3.ª vara cível de Lisboa.

5.º — D. Rodrigo Eanes de Sá e Meneses.

Foi 3.º Marquês de Fontes, cujo título mudou para o de Marquês de Abrantes, título que lhe foi dado por D. João V com o tratamento de Sobrinho.

6.º — D. João Maria da Piedade — Marquês de Abrantes e de Fontes.

Êste era filho do anterior e 8.º Conde de Penaguião e, portanto, seu sucessor no título de Marquês de Abrantes. Foi também agraciado por D. João V com o título de Marquês de Fontes.

7.º — D. José Maria da Piedade e Lencastre.

Foi o último Marquês de Abrantes, e seu único e universal herdeiro seu filho que se segue.

8.º — D. João de Lencastre e Távora.

Nasceu em 1864. Casou com D. Maria Carlota de Sá e Meneses, filha da Marquesa de Oldoini, e faleceu a 18 de Dezembro de 1917. Depois da morte do último Marquês de Abrantes, ocorrida em 1872, começaram a ser liquidados e remidos os foros do Morgadio de Sever do Vouga, pertencentes, já nesse tempo, à Casa de Abrantes.

*Nota.* Os titulares, acima referidos, recebiam também foros de outros antigos concelhos, a saber:
De Bouças, Gaia, Gondomar e Aguiar de Sousa; de Castelo de Paiva, Penaguião e Fontes.
E assim:

Desde 1790 (lei de 19 de Julho) a classe nobre perdeu muito do seu antigo prestígio e depois, com a liquidação e remissão dos foros, foi passando o domínio territorial dos nobres para a posse dos proprietários rurais, e assim aumentado o rendimento do Estado — efeito da extinção dos Morgados, em 1863, no reinado de D. Luís I.

(Obras consultadas — *Diálogos de Vária História* por PEDRO MARIZ, tômo II, a págs. 194 e 241. *Diário Nacional de Lisboa*, de 24 de Dezembro de 1917. E notas elucidativas sôbre a *Mem. Hist. Genealog. e Biograf. da Casa de Abrantes* por JOSÉ AUGUSTO CARNEIRO, e que êste obsequiosamente enviou ao signatário dêste artigo).

Cucujães, Setembro de 1943.

Abade aposentado

JOÃO DOMINGUES AREDE

# JÚLIO DE VILHENA NO DISTRITO DE AVEIRO

O Sr. D. ALBERTO BRAMÃO no seu interessante livro *Recordações do jornalismo, da política, da literatura e do mundanismo*, publicado em 1936, insere um capítulo intitulado: *A Rolinada. Júlio de Vilhena com fome*, e do qual extrato o mais importante:

— que em *1863*, se deu em Coimbra um acontecimento universitário que ficou célebre com o nome de *Rolinada*.

— que êsse nome proveio do ter o duque de Loulé, presidente do Ministério, de apelido Rolin de Moura Barreto, negado um perdão d'acto pedido pelos estudantes.

— que o movimento de protesto levou a academia a abandonar Coimbra e que Júlio de Vilhena, meu pai, foi com ela para o Pôrto, de caminho de ferro, em 3.ª classe.

— que meu pai estava no *1.º ano de direito*, e que tendo esgotado a sua mezada, viu-se em apuro no Pôrto. Um amigo valeu-lhe com 11 tostões e regressou a Coimbra, parando em Ovar.

— que nesta vila sentiu fome e dirigindo-se a uma *vendedeira de sardinhas*, lhe disse que tinha fome e não tinha dinheiro. E ela lhe deu sardinhas e 800 réis para poder ir até Aveiro.

— que nesta cidade encontrou *uma família das suas relações* que por 3 dias o hospedou e lhe deu o necessário para regressar à Lusa-Atenas.

Vamos fazer algumas considerações sôbre o assunto e desenvolvê-lo.

O caso deu-se, muitas vezes o ouvi contar, mas não com os pormenores que o Sr. D. ALBERTO BRAMÃO lhe imprimiu. Meu pai tinha uma excelente memória para os factos, mas fraquejava na citação das datas e dos lugares. É de notar que eu me refiro aos últimos anos da sua vida; e o Sr. BRAMÃO, que privou com êle, muito intimamente, desde 1925 a 1928,

ano do seu falecimento, encontrou-o já na decadência, apesar de vivo e esperto no diálogo, de lógico na discussão e de eloqüente em tudo o que dizia.

Depois, as vicissitudes da política haviam desassossegado o seu espírito. Mesmo no regímen republicano, êle interessava-se pela sua marcha, não porque esperasse benefícios, mas porque amigo da sua pátria, e tendo dado na monarquia o melhor do seu esfôrço para que ela sempre brilhasse no concêrto das nações europeias, todo o seu empenho era que tudo corresse bem e a contento de todos. Assim, as recordações do seu tempo de estudante universitário diluíam-se na barafunda das preocupações políticas, e quando delas se socorria apareciam-lhe nebulosas e confusas.

A portaria do Govêrno que negou o perdão de acto aos estudantes da Universidade é assim redigida:

«Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei a representação de alguns estudantes da Universidade de Coimbra pedindo isenção de fazer os actos no actual ano lectivo, graça que os mesmos alunos solicitam em comemoração do nascimento de Sua Alteza o Príncipe Real D. Carlos; e

Considerando que os mais gratos testemunhos de respeito que a mocidade esperançosa da Universidade pode dar pelo feliz natalício do Príncipe Real são os exemplos de aproveitamento nos seus estudos e tôdas as demais provas de que serão dignos um dia, ao entrar na vida pública, de merecerem a confiança do Rei e da nação;

Considerando que a concessão de dispensa dos exames seria uma excepção que os colocaria numa situação menos airosa ao lado dos *alunos* dos outros estabelecimentos literários e científicos que não pediram tal dispensa;

Considerando que sendo o requerimento assinado apenas por 5 estudantes sem a declaração de representarem a Academia, nem de serem delegados dela, se mostra que o pedido a que se refere o mesmo requerimento deixa de exprimir o voto não só da maioria dos estudantes da Universidade mas nem sequer de uma parte importante dêles, podendo deduzir-se dêste facto que a Academia em geral reconhece o anacronismo de uma medida contrária aos verdadeiros princípios da instrução;

Considerando que a isenção dos actos é uma dispensa de lei que não cabe nas atribuïções do poder executivo;

Há por bem, o mesmo augusto Senhor, mandar declarar que não pode ser concedida a dispensa dos actos requerida pelos suplicantes. O que assim se participa ao Reitor da Universidade de Coimbra para os efeitos devidos. Paço da Ajuda em 25 de Abril de 1864. Duque de Loulé.»

Quando aos estudantes foi comunicado o texto da Portaria, reüniram-se no Largo da Feira, em número de 700.

Aí discursaram à vontade, queimaram um boneco que tinha a figura do Duque de Loulé e deliberaram sair de Coimbra.

O requerimento dirigido ao Duque tinha a assinatura de 5 estudantes, entre os quais figurava Oliveira Vale que foi depois notável advogado em Lisboa, Chaves e Castro que foi depois Lente de Teologia e Vieira de Castro que mais tarde se havia de tornar célebre pelo crime de homicídio em sua espôsa—desventura lastimada pela amizade de Camilo Castelo Branco.

Como se vê pela data da *Portaria,* não foi em Abril de 1863 que se deu a Rolinada, mas sim em Abril de 1864. Neste ano, meu pai ainda não estava no 1.° ano de Direito. Êle freqüentava o liceu em uma aula de alemão, onde teve só um condiscípulo.

Como a questão era com os alunos da Universidade, êle devia mostrar-se alheio às manifestações, mas, como morava na Rua dos Anjos, n.° 9, com o seu protector académico Augusto César Elmano da Cunha e Costa, natural de Águeda, matriculado no 4.° ano de Direito, como *bicho* ingénuo e obediente, para não ficar abandonado em Coimbra, acompanhou no êxodo o seu protector e foi com êle para Águeda, seguindo sósinho depois para o Pôrto.

Quando se lhe acabou o dinheiro no Pôrto, meu pai resolveu voltar para Coimbra. Tinha no bolso sòmente 11 tostões. Ter-se-ia metido no combóio até Ovar ou viria até aqui em outro qualquer meio de locomoção? A vila de Ovar é distante da actual estação de caminho de ferro e se êle tivesse regressado por esta via, teria desanimado ao saber que havia de palmilhar uma grande distância, de mais a mais esfomeado.

Esta e outras mais que acudiram ao meu espírito, incitaram-me a resolvê-las com uma visita a Ovar e arredores. Mas na impossibilidade imediata de a fazer, resolvi consultar o sr. dr. Zagalo dos Santos, naquela vila morador e pessoa muito conhecedora de assuntos ovarinos, e êle, com a maior solicitude e paciência, respondeu o seguinte:

«A estação do caminho de ferro, em Ovar, foi construída no meio de pinhais e sòmente em Maio de 64 foram avaliados os terrenos por onde se construíu, também, a estrada que a ligaria à vila.

A estrada actual, em parte, não segue a primitiva e aquela que sai defronte da estação em direcção ao poente foi aberta mais tarde.

A primeira casa que lá se fêz foi de um negociante de panos, chamado Costa, por alcunha o «Cana Verde», que,

parece, a destinou primeiro para vivenda e fábrica de descasque de arroz e depois para hospedaria, que o foi durante muitos anos, depois, e agora é um colégio.

Não é da tradição vareira assar sardinhas às portas das tabernas. É, sim, assar castanhas no tempo próprio, servindo-se de uns interessantes e lindos fogareiros, inteiramente de barro.

A Mala-Posta Lisboa-Pôrto não vinha a Ovar. Seguia a estrada real, hoje nacional, no seu segundo traçado, porque o presente tem sofrido inúmeras alterações sôbre aquêle.

É possivel que o Senhor Conselheiro Júlio de Vilhena tivesse vindo pela Ria, a encantadora Ria de Aveiro, desembarcando no Caís da Ribeira de Ovar ou do Bar, como o povo ainda diz.

No Cais da Ribeira havia uma hospedaria afamada pelo delicioso chá que servia. Era do Tomé Simões. A lembrança dêsse chá na memória do Saldanha, deu ao genro do hospedeiro o lugar de Recebedor dêste Concelho. Seria lá que seu pai conseguiu o empréstimo para a «barcada» até Aveiro? Era muito possível, porque o homem era um excêntrico e estava familiarizadíssimo com a estudantada de Coimbra que era do Norte.

Pelo sul da Capela do Mártir S. Sebastião, rente às cancelas que davam e dão passagem para S. João e Cabanões, havia a «benda» da *Libarata*, um pobre palheiro de madeira coberto a telha. Não se sabe se fôra filha da necessidade de dar de beber ao pessoal que construíu a linha, ou se ali estava para matar o bicho a quem vinha das bandas de Souto e S. João da Madeira, ou para servir os romeiros no dia da festa do santo frechado.

O Correio vinha-nos da Vila-da-Feira, primeiro trazido, a pé, por um postilhão de acaso e confiança, depois por almocreve de contrato e finalmente por carro bem guisalhado que descia pelo Outeiro até à Praça ou Rua da Graça.

A vinda de V. a Ovar, não o aquenta nem arrefenta, para a traça do seu trabalho, porque tudo quanto encontrará na Estação e arredores, é posterior à inauguração da mesma.»

Em Ovar, meu pai não podia ter comido castanhas assadas, porque ainda não as havia no mês de Abril. Comeu portanto sardinhas e ou elas lhe foram fornecidas pelo Tomé

Simões ou por qualquer mulher assadeira que estivesse à porta dêste ou em outra qualquer porta, — o que é certo é que o caso se deu e nesse ponto a memória de meu pai não tinha duas versões. De castanhas foi êle sempre muito caroável; de sardinhas, não; mas isso nada quere dizer, porque um estômago de 19 anos tudo come e tudo digere.

Com os oito tostões emprestados pelo Tomé Simões ou pela velha assadeira de sardinhas (para estar de acôrdo com a tradição familiar) êle volveu a Aveiro.

Nesta cidade nova atribulação. Êle não conhecia ninguém e *aquela família das suas relações* é fôrça de expressão. Êle era um rapaz de 19 anos, vindo do concelho de Ferreira do Alentejo, pobre e insignificante burgo naquele tempo. Seu pai era secretário da Câmara Municipal, vivendo modestamente, sem ambições nem recordações de grandezas. É certo que êle era um Barbuda e havia casado com uma Vilhena, dois apelidos nobres em qualquer parte de Portugal, mas relações, se as tinha, eram com os da sua igualha do distrito de Beja. Fora daí não devia conhecer mais ninguém, principalmente em Aveiro, cuja existência êle saberia pelo seu ofício municipalista.

Mas quem seria a família caridosa de Aveiro que o acolheu e lhe deu o necessário para regressar a Coimbra?

Em 1864 era director político do *Campeão das Províncias* José Eduardo de Almeida Vilhena. Êste senhor nasceu em Aveiro. Entrou em 1855 para aquêle jornal, onde esteve até 1900. Colaborou em muitos jornais políticos. Em 1853 publicou um romance histórico *O Emigrado*. Em 1855 fundou em Aveiro com José Luciano de Castro um jornal literário —*A Aurora*— hoje raríssimo. Em 1865 tomou a direcção política da *Opinião*, órgão dos dissidentes do partido histórico, publicado em Lisboa. Em 1903, director-chefe do *Progresso de Aveiro*, sendo considerado nessa data como o mais antigo jornalista.

Tendo meu pai visto o seu nome subscrevendo o título *Campeão das Províncias* e animado com a igualdade do apelido, foi pedir-lhe protecção e auxílio para o transporte para Coimbra.

Demais, José Eduardo tinha uma irmã, D. Maria da Arrábida, poetisa de merecimento, que casou com Manuel Firmino de Almeida Maia [1], natural de Aveiro e que nesta cidade foi tudo quanto quis ser.

---

(1) *Cinqüenta anos de vida política*, por MARQUES GOMES. Livro muito interessante que fala de Manuel Firmino, da sua influência, da sua política, dos seus dotes intelectuais, da sua família, — alguém que prestou serviços à sua terra e ao seu país e cuja memória é ainda hoje venerada.

E ambos, tratando-se de um Vilhena, com aquêle espírito de solidariedade que nós temos por um fulano qualquer, que tenha o mesmo patronímico, hospedaram-no, socorreram-no e adiantaram-lhe o bastante para o regresso.

Ainda julguei que entre os descendentes daquela Senhora corresse a tradição da protecção a meu pai, possìvelmente parente, vindo das brenhas alentejanas e abandonado em Aveiro, pela magreza da sua mesada, aos acasos da sorte, naquele momento ínfimo *bicho* do liceu e mais tarde estudante laureado, doutor de capêlo, deputado, ministro da marinha e da justiça, Governador do Banco de Portugal, chefe do partido regenerador, juiz e presidente do Supremo Tribunal Administrativo, Par do Reino e Conselheiro de Estado.

Mas o Sr. Dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhãis, muito ilustre professor da Faculdade de Direito de Lisboa e afamado causídico, representante directo daquela família, disse-me que nada lhe constava.

No entanto qualquer cousa houvera, porque meu pai muito honrava a família de Manuel Firmino e havia prometido, quando chefe do partido regenerador, uma visita a Aveiro, *para recordar a sua mocidade*, como êle disse a um influente regenerador que o havia convidado.

JOÃO JARDIM DE VILHENA

# O EMBAIXADOR AIRES DE SÁ E MELO

FIGURA de grande relêvo na sua época, o Embaixador Aires de Sá e Melo não é, como muitos outros filhos da sua região igualmente ilustres, por ali conhecido, nada se tendo feito nos tempos modernos, que me conste, para lhe perpetuar o nome. Contudo, bem antiga é a tradição que nos aponta aquêle filho de Anadia, e os seus remotos ascendentes, como dos principais impulsionadores do progressivo desenvolvimento desta terra, que foi seu berço; ali nasceu Aires de Sá e Melo em 1715, realizando-se o seu baptizado na igreja paroquial da freguesia da Moita a 7 de Junho do referido ano. Foi celebrante o Prior de Avelãs-de-Cima, Sebastião Pereira de Miranda, da Casa da Graciosa, figurando como padrinho o Bispo de Coimbra, D. António de Vasconcelos e Sousa (1). No decurso da sua vida, e através de documentação da época, várias vezes surpreendemos Aires de Sá e Melo na Bairrada, o que nos permite concluir que aquêle estadista se comprázia em trocar de vez em quando o bulício da vida palaciana que levava por dever dos seus cargos, pelas amenidades e remanso tranqüilo do seu torrão natal; e assim, não só deparamos com êle, algumas vezes e ainda criança, apadrinhando em baptizados que tiveram lugar nas igrejas de Arcos e da Moita (2) como mais tarde o vemos também a servir de padrinho no baptizado de um irmão do célebre escultor Machado de

---

(1) «Aires—Aos sete dias do mês de Junho de mil e setecentos e quinze Baptizou Sebastiam P.ª de Miranda com L.ca Prior de S. Pedro de Avelans de Sima a Ayres filho de Lourenço Ayres e de sua mulher D. Maria da vila d'Anadia foram padrinhos o Ill.mo S.or Bispo deste Bispado Antonio de Vasconcellos e Souza assistio por este Joam de Saa de Condeixa e madrinha D. Brites de Saa em Ruivens Arcebispado de Braga assistio por ela seo filho Fr.co Correa O P.e Cura Antonio Rodrigues» *Registo Paroquial da Moita*, Baptizados, 1715.

(2) Figura como padrinho logo em 1720 e volta a sê-lo, de uma filha de Paulo da Costa, de Anadia, em 7-11-1723.

Castro, realizado na igreja de Tamengos a 18 de Agôsto de 1755, e em que foi oficiante Frei André de Melo, ao tempo Prior do Convento de Tomar, em Coimbra (1).

Entre aquelas épocas medeia a data de 1747, ano em que Aires de Sá e Melo mandou colocar na igreja de Arcos os formosos azulejos representando passos da vida de Cristo, que enriquecem as paredes da capela-mor daquele templo, e pelo seu valor artístico merecem uma visita; e isso êle fêz, como reza uma inscrição lá inserta — «POR DEVOSAM Q̃ TEM AO S.S. SACRAMENTO» (2).



Tudo indica que, passados os anos da sua infância por terras de Anadia, ali voltava com certa freqüência depois de a ter deixado por circunstâncias impostas pela sua vida oficial. É de lá que o vemos ir a Coimbra, nos fins do século XVIII, de visita ao Marquês de Pombal, como êle Secretário de Estado, quando aquêle Ministro ali se encontrava, de mandado régio, a visitar e a reformar a Universidade.

Num volume manuscrito, do último quartel do século XVIII (3) que me foi dado examinar há tempos, encontrei

---

(1) Vide «Machado de Castro em Aguim» por SOARES DA GRAÇA ed.

(2) A inscrição completa diz: «Esta obra de azuleio mandou fazer o S.r Aires de Sá e Melo no anno de 1747 por devosam q̃ tem ao S.S. Sacramento». Ao Ex.mo Presidente da Câmara Municipal de Anadia agradecemos a fotografia do painel que ilustra esta página.

(3) De autor desconhecido, mas merecedor de tôda a credibilidade, pela certeza de outros factos indicados, e devidamente averiguada.

a confirmação de que Anadia se destacou em importância de entre as demais terras da Bairrada «por rezam dos ilustres homens que hoje e sempre deram alma às terras q habitaram fazendo-as como cortes», e lá se aponta a família de Aires de Sá e Melo como principal obreira dos progressos da terra: justa e verídica opinião esta do desconhecido e curioso autor, que, fiel a um culto bairrista bem pouco igualado em nossos dias, devota e pacientemente conseguiu juntar e reünir tantos elementos interessantes a respeito de pessoas e coisas da região bairradina, os quais, pela sua importância — grande, sob qualquer aspecto que os encaremos — há muito mereciam um estudo desenvolvido, onde, entre tantos e variados assuntos de interêsse regional, se apresentassem às gerações presentes as figuras dos que foram notáveis da terra e que, em muitos casos, deixaram lição de altos exemplos: se alguém um dia tentar fazer essa obra, aqui ficam estas ligeiras notas; e na galeria de figuras regionais que há anos venho organizando, eu coloco hoje a daquele ilustre anadiense, recordando a passagem pela Bairrada do homem que, no dizer de um seu biógrafo, foi «Fidalgo na verdade de bôa virtude muito aparentado e bem instruido» e além disso Embaixador de Portugal na côrte de Castela, enviado extraordinário a Nápoles em missão diplomática e Secretário de Estado nos reinados de D. José e D. Maria I.

*

¿Como nos aparece em Anadia a família de Aires de Sá e Melo? Esta terra, por doação régia, pertencia nos meados do século XVI à Universidade de Coimbra, que ali mantinha jurisdição civel e crime, menos nos casos de furto, fôrca e morte (1). Eram propriedade daquele instituto de ensino vários casais da terra e, apartado dêstes havia ali «o corpo de uma quintã cõ hũa torre sala e camaras sobradadas cõ suas logeas terreas per baixo e estrebarias e adegua e celeiro e no meio hũ patim tudo bem repairado e corregido de dentro e de fóra e tem mais de corredor hũs chaõs das pertenças da dita quinta e uma mata de carvalhos que se chama deveza da quinta. E junto da dita deveza está um chaõ que rompeo Joaõ de Sá pai do inquilino Aires de Sá».

Êste prazo, trazia o Licenciado Aires de Sá em três vidas e ficou ao Doutor Aires Gomes de Sá, seu filho; dá-nos esta informação o precioso *Livro da Fazenda da Universidade*,

---

(1) ROCHA MADAHIL, *Livro da Fazenda e rendas da Universidade de Coimbra de 1570*. Coimbra, 1940.

já citado, e por aqui vemos já quais os laços que prendiam, naquela época remota, a família de Aires de Sá e Melo à terra de Anadia. Deixa-se adivinhar o cuidado que seus avoengos tiveram com o amanho das terras que ali eram tomadas de aforamento e foram transmitindo de geração para geração, até quási a nossos dias. Já não existe hoje a casa apalaçada onde viram a luz do dia várias gerações da família de Aires de Sá e Melo, e que ficava junto da quinta à qual dava uma nota bem marcada de aristocrático realce: dessa moradia solarenga nada existe hoje que possa ver-se, e na propriedade que lhe ficava anexa existe presentemente o pôsto vitivinícola.

Foi a mencionada quintã cabeça do prazo de Anadia, cujo senhorio estava na posse de D. Isabel Correia, mulher de Aires Gomes, e cuja filha, D. Mecia Gomes Correia, veio a casar com João Rodrigues de Sá, que foi o primeiro senhor do conhecido Prazo do Curval, e capitão de alguma gente nas guerras de D. Afonso v com Castela, Provedor da Misericórdia de Coimbra, o qual veio a falecer no ano de 1517, ficando dêle um único filho — Aires de Sá Souto Maior, que herdou de sua mãe aquêle referido prazo de Anadia. Aires de Sá Souto Maior uniu-se em casamento com D. Leonor Juzarte e foi de ambos filho Aires Gomes de Sá, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Desembargador da Relação do Pôrto, que desposou D. Catarina de Melo (1). Houve dêste casamento a Aires de Sá e Melo, que casou por sua vez com D. Isabel de Melo (2) e de quem foi filho um outro Aires de Sá e Melo, casado com D. Isabel de Eça, de quem ficou numerosa prole, contando-se de entre esta a Lourenço Aires de Sá e Melo, por quem se continuou o ramo da família que ficou em Anadia (3). Lourenço Aires de Sá e Melo, casou três vezes: a primeira em Lisboa, não ficando descendência dêste matrimónio; a segunda, no ano de 1696,

---

(1) Uma sua filha, de nome Leonor, foi baptizada na igreja da Moita, em 5 de Janeiro de 1572.

(2) Aparece, bem como seu marido, apadrinhando em baptizados na igreja de Arcos no ano de 1612.

Um outro filho de Aires de Sá e Melo, Fernão de Sá, faleceu em Anadia a 23 de Julho de 1674, e ali morreu também seu pai a 27 de Março do ano de 1678.

(3) Foram irmãos de Lourenço Aires de Sá e Melo: Fernão Osório de Almeida, que não tomou estado; Matias de Sá e Melo, que foi clérigo e era Prior de S. Martinho de Celorico da Beira no ano de 1696; Francisco de Sá, sem geração; D. Brites Teresa de Melo, que casou com Manuel Correia de Lacerda, filho de Gonçalo Correia de Lacerda e D. Branca Aranha de Barbosa, de S. Pedro de Enfias (Viseu). Êste casamento celebrou-se em Anadia a 23 de Março de 1687; D. Joana, que morreu nova, e D. Maria d'Eça, que foi freira no Convento de Semide.

em Anadia, com uma filha de Diogo de Mendonça Côrte-Real, de quem houve filhos que morreram novos (¹). E foi do seu terceiro casamento com D. Maria Inês de Sá e Meneses, de Condeixa (²), que ficou sucessão a continuar a família, sendo o primogénito Aires de Sá e Melo, que, como já ficou dito atrás, nasceu em Anadia no ano de 1715. Digamos quem foram seus irmãos, que formaram honrosa plêiade, da qual a maioria seguiu o caminho da vida religiosa; foram êles: D. Joana de Sá (³), que com outra irmã professaram nos conventos de Aveiro e Semide; Frei Sebastião de Sá, Freire de Avis, de cuja Ordem foi Prior-mor, além de Monsenhor da Patriarcal (⁴); Frei Lourenço de Sá, frade bernardo (⁵); Frei João de Sá, que foi frade crúzio (⁶); e Manuel de Sá, que morreu novo (⁷).

Voltemos atrás, para dizer mais alguma coisa sôbre Aires de Sá e Melo, reatando o que já dêle ficou referido.

O livro de registo de casamentos da Sé de Coimbra, do ano de 1735, dá-nos conta do casamento de Aires de Sá e Melo com D. Sebastiana Inês de Melo, realizado na capela particular da Casa da Várzea, a 27 de Março daquele ano (⁸).

---

(¹) Neste casamento, que teve lugar em 3 de Abril daquele ano, na ermida de S. Sebastião de Anadia, representou a noiva — D. Francisca Joana de Mendonça — Matias de Sá e Melo, estando também presentes Cristóvão de Sá e Melo e João de Sá Pereira.

(²) Filha de Manuel de Sá Pereira e D. Mariana Plácida da Mendonça.

(³) Foi baptizada na igreja da Moita em 5-9-1717 por D. Frei Luiz de Almada, Prior-mor de Aviz. Foi padrinho João de Sá Pereira e figurou como madrinha Nossa Senhora das Neves, do Pinheiro. Nasceu em Anadia a 21-8-1717.

(⁴) Baptizado também na igreja paroquial da Moita no dia 3 de Outubro de 1718, pelo Prior de Avelãs de Cima, Sebastião Pereira de Miranda, da Casa da Graciosa. Teve também como padrinhos João de Sá Pereira e Nossa Senhora das Neves.

(⁵) Baptizado na Moita em 26-XI-1722, sendo padrinho Francisco Correia, residente no Pôrto, e madrinha N.ª Senhora das Neves.

(⁶) Nasceu em 9-IX-1724. Baptizado na Moita: foram padrinhos Calixto Rangel, de Coimbra, e N.ª Senhora das Neves.

(⁷) Nasceu a 18-XII-1726. O seu baptizado teve lugar na capela de S. Sebastião de Anadia, celebrando Frei Sebastião de Santo António, frade de Santo Eloi. Padrinhos, Manuel de Sá Pereira e Nossa S.ª das Neves.

(⁸) Reza assim o assento do seu casamento: «Anadia — Ayres de Saã e Mello. Q.ta da Varzia de S.ta Clara. D. Sebastiana Ignes de Mello. Aos vinte e sete dias do mes de Março de mil setecentos e trinta e cinco anos se receberam matrimonialm.te em minha presença e das test.as abaixo declaradas Ayres de Saã e Mello f.º leg.º de Lourenço Ayres da Anadia e de D. Maria Ignes de Saã, e D. Sebastiana Ignes de Mello Menezes Souto Maior filha legitima de Ant.º Luiz de Mello e de D. Izabel M.ª Pr.ª m.res na q.ta de Varzia de S. anta Clara desta freg.ª e se receberão na capella da m.ma q.ta com licença do m.to R.do Dr. Provisor e a dita contrahente D. Sebastiana Ignes de Mello se fez representar por procurador que foi o Ill.mo Manuel de Sá Pereira, tio do contrahente Aires de Sá e Mello Test.as Dr. José da Silva Pereira Joaõ de Sá Pereira e Joaõ de Sequeira desta freg.ª,

Dêste primeiro matrimónio houve duas filhas — D. Sebastiana Inês de Sá e Melo e D. Maria de Sá e Melo, que, a exemplo de suas tias, entraram em religião, professando ambas no convento de Jesus, da cidade de Aveiro, e ambas foram «exemplares em virtude».

Aires de Sá e Melo contraíu segundo casamento a 2 de Agôsto de 1752 com sua prima D. Mariana Antónia de Sá e Meneses, filha de Manuel de Sá Pereira e D. Mariana Plácida de Meneses, havendo dêste casamento os filhos seguintes:

João Rodrigues de Sá, que continuou a descendência desta ilustre família, e que nasceu em Condeixa no ano de 1754 (1).

Além dêste filho, houve do casamento de Aires de Sá e Melo com D. Mariana Antónia, a D. Maria das Neves, que faleceu solteira, e ainda outros filhos que morreram crianças.

A Raínha D. Maria I concedeu, no ano de 1786, o título de Visconde de Anadia ao primogénito de Aires de Sá e Melo, com o senhorio da vila, tendo em vista os bons serviços por êste prestados na sua longa e brilhante carreira oficial, como Embaixador na côrte de Madrid e Secretário de Estado nos Negócios da Guerra; mais tarde, em 1809, foi o mesmo agraciado com o título de Conde: era ainda o prestígio do pai a reflectir-se na pessoa do filho. Porque João Rodrigues de Sá faleceu sem descendência, a representação da casa passou a seu tio materno José António de Sá Pereira, que foi o segundo Conde de Anadia.

Da moradia senhorial dos antigos donatários de Anadia nada existe hoje que os recorde; entretanto, justo é lembrar a família que deu outrora notável incremento aos progressos da terra.

SOARES DA GRAÇA

(1) É do teor seguinte o seu registo de baptismo:
«A 8 de Dezembro de 1754 foi batisado João filho de Aires de Sáe Mello natural da vila d'Anadia e de D. Mariana Antonia de Sá Menezes de Condeixa. Neto paterno de Lourenço Aires de Sá e Melo da sua quinta do Cazainho e de D. Maria Ines de Sá de Condeixa-a-Nova — Neto materno de Manuel de Sá Pereira e de D. Mariana Placida de Menezes. Padrinhos Sebastião de Carvalho Secretario de Estado de Sua Magestade Fidelissima, tocando por ele seu irmão Monsenhor Paulo de Carvalho e D. Violante Tereza, mulher de José de Mello da Gracioza por quem tocou com procuração José de Sá Menezes, de Condeixa.»

# BIBLIOGRAFIA

O *ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

---

*GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*

Merece particular atenção grande parte dos artigos do volume 9.º, cuja publicação vai prosseguindo com a regularidade e a segurança editorial características desta enciclopédia portuguesa. São pequenas monografias científicas a que a concisão, obrigatória em trabalhos desta índole, não prejudica nem a clareza nem tampouco a forma, sempre correcta, e de bem ordenada contextura.

Volume a volume se afirma e se valoriza esta notável publicação, absolutamente indispensável ao estudioso.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA:

*Obras Completas — de* GIL VICENTE:

Vol. II. *Notas do prof.* MARQUES BRAGA; 1942, 271 páginas. — A orientação é a mesma do vol. I (*Arquivo*, 1942, pág. 316). Contém: *Auto da Alma; Autos da Barca do Inferno, Purgatório e Glória; Auto da História de Deus; Diálogo sôbre a Ressurreição; Auto da Cananeia; e Auto de S. Martinho.*

Vol. III. *Notas do prof.* MARQUES BRAGA; 1943, 307 páginas. Terminado o Livro das *Obras de Devaçam*, com que fechou o vol. II, êste terceiro insere as **Comédias** (*Rubena, Viúvo, Divisa da Cidade de Coimbra, Floresta de enganos*) e, das tragicomédias, a de *D. Duardos.*

*Poesias de Bocage.* Selecção, prefácio e notas do prof. José Guerreiro Murta; 1943, vol. de LVIII-253 páginas. Criteriosa escolha, que nos apresenta o célebre poeta do século XVIII sob tôdas as facetas. A primeira parte consta de 117 sonetos; a segunda é a dos *idílios* (3), *odes* (2), *odes anacreônticas* (5), *elegias* (3), *cantatas* (3), *cantos* (1), *canções* (1), *cançonetas* (2), *quadras e motes glosados* (2), *epístolas* (3), *sátiras* («Pena de Talião») (1), *epigramas* (13), *fábulas* (2).

J. T.





# A PAÏSAGEM HOLANDESA E A DA REGIÃO DE AVEIRO

É FREQÜENTE comparar-se com a païsagem holandesa a perspectiva de, pelo menos, uma parte da zona ribeirinha da laguna aveirense.

Deve a comparação ser feita não só entre os aspectos da païsagem, mas estender-se também aos costumes com ela relacionados e às impressões produzidas no espírito do observador.

De facto, destaca-se na Holanda um vasto espelho de água, no qual se reflecte um céu habitualmente plúmbeo, forrado de nuvens enfarruscadas. É o Zuydersé, primitivamente um lago de água doce, o Flevo, que as invasões do mar transformaram no gôlfo hoje em via de grande redução na sua área, não pela acção das fôrças naturais, mas por obra dos homens, que já antes da guerra lhe barraram a entrada, com o gigantesco dique em pleno mar, de 32 quilómetros (aproximadamente a distância, na laguna de Aveiro, da Costa-Nova a Ovar), por sôbre o qual uma ampla estrada permite o apreciável circuito turístico de automóvel.

Trata-se de, por meio de diques e aterros, apreendendo algumas ilhas, trazer as grandes reintrâncias de oeste, do norte e de leste a um alinhamento central, conquistando-se assim uma área de 220.000 hectares de terrenos, entre os quais ficará o novo mar de Issel, ao qual terão amplo acesso os actuais portos marginais.

Tal qual o que sucedeu, em menor escala, com outro mar interior, o de Harlem, do qual apenas hoje restam os dois canais de comunicação com o Mar do Norte, através de *polders* e dunas, destinados ao tráfico da grande metrópole comercial, como é Amsterdam.

Não tivesse a guerra prejudicado os trabalhos, e já uma grande área do Zuydersé estaria transformada em *polders*, na seqüência dos que se vêem nas suas margens e ilhas — de aspecto até certo ponto comparável com o da zona da região

de Aveiro compreendida entre a via férrea da C. P. e a laguna, e que da foz do Vouga se prolonga na direcção de Estarreja e da Murtosa, por Fermelã, Canelas, Salreu, Veiros, Bunheiro.

Mas os *polders* pròpriamente ditos são terrenos a nível inferior ao do mar e dêle defendidos pelas dunas e por um complicado sistema de diques e canais, de colaboração com eclusas, bombas, moinhos e dragas — as grandes dragas que ao mesmo tempo que aspiram um grande volume de lamas as projectam, por sôbre os diques, a grande distância, por intermédio de colectores amovíveis, dispensando, por isso, a morosa colaboração de batelões (1).

Ao passo que as campinas entre o Vouga e a laguna, de natural formação aluvial e de coesão aumentada pelo moliço e pelos trabalhos hidráulico-agrícolas, estão a nível superior ao do mar e são recortados por esteiros de fraca corrente e sulcos de drenagem, revestidos uns de *torrão* e outros nem isso, — os *polders*, de sedimentação artificial, são entremeados duma rêde de canais a diversas cotas de nível, contidos por fortes diques, de pedra ou de madeira, por vezes duplos, e marginados de estradas, herdades, campos, hortas, fábricas e moinhos.

Na vastidão da planície, fora do povoado, as pastagens e as searas são interrompidas pelos moinhos, pelos campos de flores, pelo malhado prêto-branco das vacas e, como nos campos daquela zona da região de Aveiro, por algumas fiadas de salgueiros e árvores esguias, nas margens dos veios de água doce, mas êstes, na Holanda do norte, sem inclinação que permita uma apreciável dejecção aluvial.

São os típicos moinhos e os campos de flores, verdadeiros símbolos regionais, que dão aos *polders* a mais interessante nota de graciosa originalidade panorâmica. As flores, na época própria; os moinhos sempre.

Tabuleiros imensos de tulipas (os bolbos dalgumas espécies a preço de jóias), jasmins e outras mais flores regalam a vista pelos *polders*, encantam a paìsagem e revelam a inclinação dum povo — o seu amor pela natureza, sob esta forma de homenagem à Flora. A confirmá-lo, em maior escala e sob os mais variados aspectos, lá está o jardim botânico,

---

(1) Do mesmo tipo das dragas de sucção que trabalham no Canal de Suez.

Ao notar, na Holanda, o admirável funcionamento destas potentes dragas, mal eu supunha que seria destino meu o ter de familiarizar-me com elas ou outras análogas, conhecendo-as pelo nome e visitando-as, como médico da sua tripulação. Foi o que sucedeu, durante o tempo que trabalharam nas obras dos portos de Macau, a cargo da emprêsa holandesa que fora do seu país se denomina *Netherlands Harbour Works Company*.

único no seu género e de renome mundial, que o mesmo povo tem em Buitenzorg, na sua ilha de Java.

Os moinhos, na largueza do horizonte, estão para os *polders* como, para a laguna aveirense, estão os *montes* de sal. Mas êstes só nos meses de verão, isolados nas marinhas, e os moinhos durante gerações sucessivas, mais ou menos entremeados de vegetação.

Sejam alinhados à beira dos canais, sejam isolados e perdidos na bruma do horizonte, os moinhos, simbolizando a vida, na sua curiosa dobadoira de braços enxadrezados, são simultâneamente casa de habitação e oficina das mais variadas indústrias.

Em forma de tronco de cone ou de pirâmide poligonal, geralmente de madeira, isolado ou fazendo corpo com casa ampla, sobretudo nas estradas que marginam os maiores canais, o moinho tem varanda ou terraço em volta, tem um, dois ou mais andares, como qualquer casa, e um leme horizontal, pelo qual se comanda a cúpula giratória que lhe serve de telhado.

Nalguns, mais pequenos, de madeira, é outra a manobra que os orienta na direcção desejada, movendo-se tôda a casa em tôrno de um eixo. Os moinhos não só esgotam a água e moem, mas também serram madeira, fazem cordas e accionam dínamos para a produção de luz e fôrça motriz, utilizada em qualquer serviço ou indústria.

Os canais e canaletes correspondem às nossas estradas e caminhos, sendo grande a animação em muitos dêles: barcos à vela, a remos, à sirga ou a vapor; uns mais acima outros mais abaixo, conforme o nível de água; barcas à espera de vez nas pontes rolantes e levadiças; velas quási a roçar nas aspas dos moinhos, cachoar das águas nas comportas, estaleiros, calafates, vozearia e acentuado cheiro a barcaça e maresia.

Pelas margens, um ou outro cavalo, para, o sota montado, puxar algum barco à sirga, e grande tráfico, expresso em barricas de arenque, vasilhas com leite, caixotes com queijo, etc., e mais para o interior vacas, patos, cegonhas e raros galináceos.

O barco nos *polders* corresponde ao carro entre nós usado nos trabalhos rurais. E' o barco que vai ao moinho, que vai à fábrica, que vai à eira, à horta, à quinta, que espera à porta de casa, que transporta os produtos agrícolas, que leva às ocupações da cidade, etc., não precisando de carro de bois, como seu colaborador na faina do campo, como sucede com o barco moliceiro, na zona ribeirinha de Aveiro.

As mulheres, de touca branca, mas esta não de asa flutuante sôbre as orelhas, como na Bretanha, mas descida para os lados e para a nuca. A saia comprida, de roda farta.

Ninguém descalço: tamancos de madeira, bem caiados, sobretudo aos domingos.

Os homens dos canais: boné de pala ou gôrro de certo tipo regional, de copa mais ou menos alta; a jaqueta ajustada por botões à cintura, e as calças largas, apertadas nos tornozelos; o mesmo tamancar pelas ruas calçadas a tijolo vermelho (como também se vêem na própria capital) e o cachimbo — o inseparável cachimbo, curto e delgado. O tabaco é barato. Com o cachimbo se fuma, se aponta a direcção, e, pela quantidade do tabaco que o enche e pela duração em consumi-lo, com o cachimbo se mede o tempo e o espaço. Em vez de tantos quilómetros ou tantos minutos, diz-se tantas cachimbadas, para se designar a distância entre dois pontos ou o tempo gasto em a percorrer.

É precisamente o mesmo o trajo das crianças: as meninas, também de touca, de saia larga e comprida até aos tamanquinhos brancos; e os meninos, vestindo como os homens, as mãositas nos bolsos das calças, do mesmo feitio das dos pais.

*
* *

Na visão panorâmica dos *polders* há uma nota desconcertante — as bruscas e freqüentes variações atmosféricas, contra as quais nada pode a tenacidade humana ali posta à prova na luta contra outros elementos da Natureza.

Supunha eu, por o ter visto escrito, que a primavera na Holanda tinha parecenças com a da região de Aveiro.

A fantasia lida não corresponde ao que a realidade, por mero acaso, lá me mostrou [1].

A primavera não é uma estação precisamente definida naquele país, sobretudo nas regiões de *polders*.

O inverno é longo; começa quando noutros pontos da Terra ainda é outono, e entra pela primavera, podendo esta ser ali considerada como um fim de inverno.

São freqüentes os casos em que num mesmo dia se apresentam, de fugida, aspectos das quatro estações. Começa o dia claro, o sol descoberto, as águas tranqüilas, a temperatura amena e o horizonte relativamente limpo.

Não tarda que o nevoeiro faça desaparecer o sol, que a ventania fustigue com chuva fria e que as águas revôltas galguem os diques, num espumar de tempestade.

---

(1) Estranhar-se-á que tal sucedesse numa quadra do ano não recomendada pelo turismo. Freqüentava eu um curso em Paris, num período de licença ilimitada. Propícia, como era, a ocasião que as férias da Páscoa me ofereciam, aproveitei-a para uma visita à Holanda.

Após poucas horas está o céu desanuviado e acalmado o vento; a chuva parou e o nevoeiro reduziu-se à habitual bruma no horizonte.

Não há a chuva de todos os dias, como, por exemplo, em Singapura, mas são freqüentes os densos nevoeiros ou os dias seguidos sem sol, como os da primavera das costas do Mar da China.

Pode objectar-se que seria excepcional o que observei naqueles dias daquela primavera, mas, segundo me informaram, a regra é assim, nos *polders*, sendo muito raros os dias de excepção.

Não há a suave claridade do crepúsculo, com os tons afogueados do céu; há o véu da neblina, se não o nevoeiro denso a fechar o horizonte e a tornar mais triste a orquestra das noites: é o marulhar das águas sacudidas nos canais; é o roçar dos barcos inquietos; o chiar das amarras retezadas; o guinchar das aves do mar; o ranger e sibilar dos moinhos.

São raras na primavera as noites calmas de luar, em que os moinhos, quer parados, quer no seu volteio, oferecem agradável espectáculo de estranha fantasia.

Quando imersos no nevoeiro e na escuridão, os mesmos moinhos tomam formas indecisas.

No movimento rotatório, as suas aspas, sucedendo-se na intercepção da luz coada pelas janelas, dão, a distância, o aspecto de antenas de monstros agarrados ao chão, a piscarem os olhos faïscantes.

Eis a largos traços esboçado o que se observa no meio compesino da Holanda — tão diferente, como se vê, da região de Aveiro.

(Excerpto de um trabalho a publicar)

ANTÓNIO NASCIMENTO LEITÃO
Cor.-méd.

# CORTEGAÇA E A «RIBEIRINHA»

COSTUMA referir-se ao ano de 922 a primeira menção documental da freguesia de Cortegaça. E' um êrro que, por muito repetido, não deixa de o ser. Na célebre doação feita naquele ano ao bispo Gomado e ao mosteiro de Crestuma, inclui-se realmente a «uilla de Corthegada integra per suos terminos et sua ecclesia uocabulo Sancti Michaelis cum suos dextros integros» *(Dipl. et Ch.*, n.° 25), mas trata-se de um lugar da freguesia do Olival, no actual concelho de Gaia.

Cortegaça, do concelho de Ovar, aparece pela primeira vez em documento atribuído duvidosamente ao ano de 1013 (1). E' a doação, feita por Pelágio Gonçalves a sua mulher Ermesinda Pais, de um prédio situado «in uilla Ermorizi et Cortelaza subtus castro de Obile discurrente ribulo Mediano... quomodo diuidet cum uilla Pariamio et de alia pars cum uilla Mazaneda» *(Dipl. et Ch.*, n.° 220). Não é certa essa data de 1013 (2), mas não há dúvida de que o Pelágio Gonçalves e sua espôsa, gente nobre e ricos proprietários nesta região da Beira-mar, possuíram prédios em Cortegaça.

Em 1077, fazendo o inventário de seus bens, citavam expressamente a herdade de *Garcia presbiter*, metade da de *Pelagio Louesindizi* e parte da que fôra de *Suario Galindizi*, situadas «in ipsa Cortegaza» *(Dipl. et Ch.*, n.° 549).

Como havia e há outras Cortegaças, convém atender a todos os pormenores, para não usurpar direitos alheios;

(1) O doc. n.° 1 dos *Dipl. et Ch.* (ano 773?) fala numa «uilla Cortegaza» que poderia ser esta, mas oferece tais dificuldades que é preferível, até novos estudos críticos, não o tomar em consideração.

(2) Deverá talvez emendar-se para 1063, lendo C^a^ onde se leu L^a^ no original.

importa sobretudo notar, pela relativa proximidade, aquela outra vila «Sancti Michaelis de Cortegaza» que um documento de 1097 situa claramente perto do castro de Pedroso.

A nossa Cortegaça não precisa, aliás, de se abonar com documentos estranhos. Se não há povoação portuguesa a que falte matéria histórica para um livro de cem páginas, esta dispõe de elementos para muito mais. Basta editar-lhe a documentação que anda nos livros de Grijó, arquivados na Tôrre do Tombo. Lá fui respigar umas notas curiosas, no intuito de interessar pelas antiguidades da freguesia algum estudioso local.

*

Todos os cortegacenses que passaram pelo curso secundário ouviram falar nos amores de D. Sancho I com D. Maria Pais Ribeira, e sabem de cor as cantigas que esta senhora inspirou ao rei e aos poetas palacianos. ¿Mas haverá algum que conheça as ligações da «Ribeirinha» com a sua terra e saiba que Cortegaça foi «honrada» porque D. Sancho fêz presente dela à favorita e a seus filhos? Pois isto não é romance, mas história autêntica.

Encontra-se alusão ao caso nas inquirições mandadas fazer por D. Dinis na Terra-da-Feira, no ano do 1288. Diz a verba respeitante à paróquia de Santa Maria (aliás, Santa Marinha) de Cortegaça:

«Paay Perez de Cortegaça, jurado e perguntado sse en esta freeguesia ha casa de caualeyro ou de dona que sse deffenda per onrra, disse que ha hj hũa quintaã que foy de Martim Affonsso, e disse que a uiu trager por onrra que nõ entra hj moordomo, mays disse que entra hj o porteyro e penhora hj pola uoz e pola coomha e pola loytosa sse hj morar herdador e polo homezio, mays nõ entra hj o moordomo, e penhora o porteyro por todas estas tres cousas. E disse que desta onrra e desta freeguesia toda leua el Rey de .XVI. quinhões hũ per razõ de Don Affonsso Telez. Perguntado sse esta onrra foi feita per el Rey, disse que ouiu dizer que o dera Rey Don Sancho a Dona Maria Paaez Ribeyra, e disse que ora tragen toda a ffreeguesia por onrra.

Domĩgos Ioh. de Cortegaça. Dõĩgos Perez de Cortegaça. Martim Perez de Cortegaça. Dõĩgos Dõĩz de Cortegaça. Todos jurados e perguntados, disserõ en todo come Pay Perez de suso dicto».

(*Inq. de D. Dinis*, liv. 4, fl. 6 v.).

Temos aqui mencionados, além da «Ribeirinha», D. Martim Afonso e D. Afonso Teles. Para comprovarmos a vera-

cidade dos informadores, precisamos de fazer breve excurso genealógico, que terá também utilidade na verificação de outros documentos.

*

D. Maria Pais Ribeira era, como se sabe, filha de D. Paio Moniz e de D. Urraca Nunes. Segundo o *Livro Velho* 2, teve de el-rei D. Sancho dois filhos e duas filhas:

«hum filho ouve nome D. Gil Sanches, e foi chus honrado clerigo que ouve na Espanha, e ouve por barregan D. Maria Garcia;

e outro filho ouve nome D. Rodrigo Sanches que non foi casado nem ouve filhos;

e huma filha ouve nome D. Constança Sanches que foi professa em Santa Cruz de Coimbra, e nom ouve filhos;

outra filha ouve nome D. Tereja Sanches, e foi casada com D. Affonso Telles, e ouverom filhos D. João Affonso e D. Affonso Telles e D. Martim Affonso e D. Maria Affonso que foi abbadeça de Gradafes.»

Além dêsses quatro, os historiadores citam mais dois, Nuno Sanches e D. Maior Sanches, que teriam falecido na flor da idade.

O Conde de Sabugosa, no seu livro *Donas de Tempos Idos*, traça-nos sugestivo quadro da vida da côrte nesta época. Outros escritores apuraram pormenores que, apesar de curiosos, não interessa referir aqui. Diga-se apenas que D. Gil Sanches, aquêle «honrado clérigo», foi poeta e faleceu a 14 de Setembro de 1236; D. Rodrigo Sanches, que jaz em sumptuoso túmulo no mosteiro de Grijó, foi morto na «lide do Pôrto» em 1245; D. Constança Sanches faleceu com fama de santa a 8 de Agôsto de 1269.

Tôda esta gente andou mais ou menos ligada ao mosteiro de Grijó porque o pai da «Ribeirinha» seria neto de D. Nuno Soares, «o que fêz Grijó». Diz o Conde de Sabugosa: «Já de há muito parara o coração que tanto batera pela *Ribeirinha*, e se consumira o cérebro que a sua imagem tanto ocupou, quando levaram para o Mosteiro de Grijó a velhinha que fôra na mocidade, radiante de beleza, uma quási Raínha, que ateara paixões, que desencadeara tempestades sentimentais, que foi mãe de poetas, e que fica na história como a musa inspiradora da mais remota lírica portuguesa!»

Graças à «Ribeirinha» e à sua descendência, enriqueceu-se o mosteiro com muitas propriedades, algumas das quais em Cortegaça. E esta freguesia, se nada ganhou sob outros aspectos, lucrou ao menos històricamente em ser «honrada» pelos tais fidalgos que, como vimos, eram netos do Povoador.

*

Parece que foi D. Constança Sanches quem fêz aqui mais valiosos legados a Grijó.

Segundo o autor da *História Genealógica*, nasceu esta senhora no ano de 1204. «Dizem que foy Religiosa das Donas que viviaõ junto ao Mosteiro de Santa Cruz, e que tomara o habito no anno 1224. e della se refere, que mereceo aparecer lhe S. Francisco, e Santo Antonio, certificando-a da sua salvaçaõ... Foy taõ devota de Santo Antonio, que logo depois da sua Canonizaçaõ lhe mandou levantar Altar, e fazer huma Capella na Igreja de Santa Cruz de Coimbra, onde faleceo com opiniaõ de Santa, a 8. de Agosto de 1269. Seu corpo foy achado inteiro, e incorrupto no tempo del Rey D. Manoel, e foy posto em distinto ataude, na sepultura del Rey D. Sancho seu pay».

Do seu testamento e de outros documentos, vê-se o cuidado que D. Constança tinha em ordenar sufrágios por alma de seu irmão Rodrigo Sanches. Nesse testamento, feito «apud Hospitale Monasterii Sanctae Crucis Colimbriensis», a 14 de Julho de 1269, vem entre muitíssimos legados a diversos institutos religiosos a doação da sua parte de Cortegaça a Grijó: «Mando etiam praedicto monasterio Eccõle totam meam partem de Cortegaça» *(Provas do Liv. 1 da Hist. Gen.*, n.º 11). Mas o mosteiro já estava anteriormente na posse do padroado desta igreja e na de vários outros bens, mercê da mesma doadora.

Em 1264, declarava o prior:

«Nouerint uniuersi presentem seriem inspecturi quod nos Petrus Petri dictus prior Monasterii Ecclesiole obligamus nos et omnes priores subcesores nostros celebrare in perpetuum unam misam in honore Beate Virginis uel Sancti Spiritus Domne Constancie Sancii filie Domni Sancii bone memorie regis Portugalensis in altari quod eadem construxit in nostra ecclesia in tota uita sua. Et post mortem suam in prenominato altari misa defunctorum pro anima eius et Domni Roderici Sancii fratris sui in perpetuum celebretur. Et hoc promittimus seruare bona fide per bonis quos Monasterio nostro fecit et facitura (?) est et pro hereditate sua de Cortegaza quam nobis contulit in presenciarum cum iure patronatus ecclesie Sancte Marine eiusdem loci cum omnibus pertinentiis suis et cum suis defensis et terminis nouis et antiquis ruptis et inruptis». *(Baio Ferrado*, fl. 115).

Apesar disso, encontrámos uma doação especial do padroado de Cortegaça ao mosteiro, feita por D. Constança a 18 de Dezembro de 1267 *(Tombo do Most. de Grijó*, I, fl. 200).

Neste mesmo volume do *Tombo* estão registados muitos outros documentos dos séculos XII e XIII, que interessam a Cortegaça e a Grijó. Alguns nomes que nêles figuram talvez possam identificar-se com parentes da «Ribeirinha». Há, por exemplo, uma carta datada de 24 de Outubro de 1272, pela qual D. Maria Afonso, irmã dos já nomeados Afonso Teles e Martim Afonso, doa à pitança do mosteiro «universa et singula quae habet et habere debet ex subcessione genitricis suae noblis Domnae Tarasiae Sancii in loco qui dicitur Cortegassa». Essa doação foi confirmada em 1280 por D. Maior Martins, abadessa do mosteiro de Arouca onde D. Maria Afonso era então religiosa.

*

Como padroeiro da igreja, o mosteiro de Grijó tinha o direito de apresentar os párocos de Cortegaça, que depois recebiam a colação canónica do prelado da diocese. No mês de Janeiro do ano de 1300, foi confirmado «in rectorem ipsius ecclesiae» Martim Esteves, que ainda em 1315 lá desempenhava a paroquialidade. Em 3 de Agôsto de 1376, o bispo do Pôrto, tendo destituído canònicamente o páraco Gonçalo Gonçalves, nomeou em sua substituïção Vasco Gonçalves. Êste foi depois provido na paróquia de Santiago de Silvalde, e o bispo do Pôrto, por carta de 17 de Janeiro de 1401, nomeou para Cortegaça João Martins, natural da diocese de Braga. A 14 de Março de 1567, foi nomeado para esta paróquia, vaga pelo falecimento de Diogo Fernandes Gramaxo, o clérigo de ordens menores Teotónio da Silva, natural de Coimbra, estudante em cânones, que ficou «obrigado de se promover a tôdas as ordens sacras dentro de hum anno». Em Setembro de 1600, encontramos como abade Manuel Alves; de 1630 a 1639, o licenciado Pantaleão da Costa. Por uma sentença do provisor do bispado, sabemos que, a 7 de Dezembro de 1671, faleceu o abade Miguel Rodrigues.

Enfim, o cartório de Grijó fornece preciosos elementos para a história desta freguesia. Além dos livros já citados, devem consultar-se na Tôrre do Tombo o n.º 13 que trata das «Igrejas do Isento de Grijó»: Argoncilhe, Cerzedo, Eirol, Grijó, Travaçô e Travanca (de Oliveira-de-Azeméis); e o n.º 41 que trata das «Igrejas do Padroado de Grijó»: Silvalde, Cortegaça, Arcozêlo, Anta, Oleiros e Maçãs-de--D. Maria.

A título de curiosidade, embora não pertença ao nosso Distrito, direi que esta última freguesia se chama assim por causa da «Ribeirinha». Por carta datada de Julho de 1242,

D. Maria Pais doou a D. Pedro Guterres, prior de Grijó, e ao seu convento «ecclesia hereditatis meae de Mazanas quae vocatur Sanctus Paulus cujus terminus vocatur Almafala a circummorantibus Colimbriensis Diocesis, quam videlicet hereditatem Rex Domnus Sancius bonae memoriae michi in dono jure hereditario in perpetuum contulit possidendam». Em documento de 1276, o pároco Domingos Peres intitulava-se «Prior de Maçaãs de Domna Maria Paes» ou, segundo um texto em latim, «Rectorem Ecclesiae Sancti Pauli de Maçanis Domnae Maria Pelagii».

*

Desde o século XVI, o Couto de Cortegaça aparece unido a Pereira-Jusã e até as disposições que especialmente lhe respeitam estão consignadas no foral dessa extinta vila. Entre os materiais que vou recolhendo para a monografia de Válega, freguesia a que pertence o lugar de Pereira, sede da antiga vila, há documentos e informações que servem igualmente para a história de Cortegaça.

A vizinha freguesia de Esmoriz é das mais ricas em documentação histórica, entre as do concelho de Ovar. Oxalá apareça alguém, disposto a explorar-lhe o filão. Como fecho dêste artigo, apenas transcreverei, porque também interessa a Cortegaça, o que se lê, a respeito da Barrinha, no final da inquirição feita no Julgado da Feira em 1288:

«Senhor, sabede que nos chamamos Pero Steuez d Aldoy e Martim Soarez da Rua e Domingos Paez e Pero Paez e Michael Martijnz e Domingos Migejz e Johan Lauandeyra e Steuam Gls e Pero Michaelis, e aiuramentamo los sobre llos sanctos auanglos, e disserom polo juramento que fezerom que, en huum loguar que he dele da freegesia de Esmoriz e dele da freegesia de Corteguaça, contra o mar, a huma laguoa que era deuasso e a que ujam os homens del Rey e os outros da terra colher o coreçil e a carregua pera cobrir as casas e o junco e a madeyra, e pescauam hj os que queriam pescar en huum porto que sse hj ffaz, tan ben os del Rey como os da terra; e ora nouamente, des . XV . anos aaqua, Affonso Martijnz Madeyra e Johan Nogueyra queren diçir que he da onrra sua deles de Paramhos e d Esmoriz, e fazem ende onrra nouamente que nom leixam hi colher o coroçil nen no junco, nen na carregua aos homens del Rey nen aos outros da terra, sse nom per alguo, e leuam ende quatro quatro dineyros de quada fejxe e fazem ende onrra; e disseron ainda que daquelle porto que sse hj faz, que devia seer del Rey e en que soiam pescar os homens, que leuam ia ora nouamente deles o nauhão e nom nos lejxam hi pescar sse nom per qui-

nhom, e chaman no per ssa onrra des . xv . aqua, e pero disserom que todo soia seer deuasso; e alguns homens disserom que, sse el Rey lhis ergisse força dos caualeyros que lhis nom fezessem mal, que lhj dariam logo . xxx . ljbras pelo dreyto que el Rey hi ha; e disserom ainda que, segundo qual porto sse hj faz, que creem que a pouco de tempo ualha al Rey mays de c. ljbras, e todo esto era deuasso en que gareciam os homens del Rey e os outros da terra, e de todo feçerom estes caualeyros onrra delo tempo de suso dicto.»

A sentença sôbre o caso foi a seguinte:

«Todeste logar seia deuasso e nom no defendam estes filhos dalgo per razom donrra de ssuso dita nem leuem ende os dinheiros que leuam do junco e do corozil nem no nauão. E do porto faça el Rey o que teuer por bem e nom aiam os filhos dalguo cum esse porto que adubem, ca hu quer que sse porto abra del Rey deue sseer.»

Viterbo teve conhecimento dêstes documentos através de um traslado de Grijó, como pode ver-se na palavra *Corosil*.

P.[e] MIGUEL DE OLIVEIRA

# MEMÓRIA DESCRITIVA DO QUADRO «MORTE DA PRINCESA SANTA JOANA»

Tema da tese destinada a obter a carta do Curso de Pintura, realizada em Abril e Maio de 1943 na Escola de Belas Artes de Lisboa.

FOLHEEI a História de Portugal, procurando um Vulto Feminino que me interessasse, provocando a minha admiração e fazendo vibrar a minha sensibilidade.

Entre tantas portuguesas ilustres, ou heroínas, célebres por diversos motivos, e exemplos de patriotismo e de coragem, ou simplesmente notáveis pela sua extraordinária beleza, e também algumas grandes amorosas, impôs-se ao meu espírito uma Figura gentil, pura como uma açucena, aureolada pela Fé, que abandonou as grandezas e vaidades da côrte para se entregar a uma vida de mortificações, de caridade e de amor a Deus e ao próximo: *a Princesa Santa Joana!*

Em redor do Vulto insinuante e piedoso da linda filha de D. Afonso v, comecei idealizando assunto para a última prova do meu curso: a tese — tendo sempre presente na retina aquêle belíssimo retrato da Princesa (em trajo de côrte) existente no Museu de Aveiro, bôca de expressão inocente, angelical, quási infantil, olhos azuis transparentes, de profunda expressão, olhar de iluminada, revelando pensamentos superiores, pairando em regiões celestiais, longe das vaidades mesquinhas do mundo.

A Princesa vive na côrte, ostentando as luxuosas galas, veludos, cetins, brocados, ouro e pedrarias, porque assim é

preciso que se apresente aquela inclita filha do Rei na faustosa época de D. Afonso v. No entanto, debaixo das galas, existem cilícios e roupas grosseiras de estamenha.

Junto dos seus aposentos oculta-se uma cela paupérrima de monja, humílimo catre, onde aquela estrêla de primeira grandeza passa as melhores horas das suas devoções. A princesa vive para Deus, despreza os prazeres mundanos, embora tenha de tomar parte nêles, o que faz com tôda a simplicidade, sem dar a perceber as abstinências a que se obriga, a caridade que pratica, as devoções a que se entrega.

Essa coroa de espinhos, que mandou pintar nas paredes da sua câmara, bordar em suas roupas, gravar em suas pratas, foi o emblema escolhido pelo seu espírito sedento de martírio ansiando pela conquista da Bemaventurança Eterna. Humildemente, sacrifica-se às conveniências políticas do seu reino, palpita no desejo ardente de ver aparecer um herdeiro da coroa, assegurando assim a independência da sua querida Pátria. Solucionado êste problema com a sucessão de D. João II, a Princesa entra no Convento de Odivelas (ponto sôbre o qual, aliás, divergem os autores).

Consultei, para me documentar sôbre a vida de Santa Joana:

D. Fernando Corrêa de Lacerda (Bispo do Pôrto), *Virtuosa Vida e Santa Morte da Princesa Santa Joana — Reflexões morais e políticas sôbre a sua vida e morte.*

D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tômo III, cap. II.

Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, vol. II, liv. v, cap. I; *Do nascimento, criação, princípios de vida da Princesa Dona Joana.*

*O manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Fundo Geral, n.° 2692, fl. 4.

D. Bernarda Pinheiro, contemporânea da Princesa, *Breve Memorial da Mui excelente Princesa e Mui Virtuosa Senhora Infanta Dona Joana Nossa Senhora filha de D. Afonso V e da Rainha D. Isabel sua mulher.*

Consultadas estas obras, fiquei com uma idéia assente sôbre as virtudes cristãs e a inclinação para a vida monástica da filha de D. Afonso v; sinto a sua alma de Eleita desprendendo-se da terra logo nos primeiros anos da sua mocidade, e o seu espírito torturado na ânsia de perfeição para ganhar o Céu.

Folheei depois a *Crónica d'El-Rei D. Afonso V*, de Rui de Pina. Êste cronista inclina-se a que a Princesa foi para o Convento de Odivelas por imposição de seu pai, não só

para evitar futuros escândalos, dado o seu estado de solteira, vivendo em sua casa, como também para reprimir exagerados gastos devidos à vida faustosa que se fazia no Paço da Infanta. Consultadas, portanto, as crónicas de RUI DE PINA e também as de DAMIÃO DE GÓIS, e ainda o livro *Linhagens de Portugal*, existente na Academia de Ciências de Lisboa, encontrei opiniões bem diversas daquelas que colhi nas obras a que aludi anteriormente e que são as que mais pezam na minha maneira de sentir. Segundo êstes cronistas, não foi a vocação para a vida monástica que levou a Princesa a abandonar o Mundo.

DAMIÃO DE GÓIS, alude a um moço fidalgo Duarte de Sousa que D. Afonso V mandara degolar, talvez por suspeitar certo romance amoroso entre o jovem cortesão e a linda Princesinha de cabelos de ouro. .

Modernamente também Mestre HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA investigou em vários documentos e fêz ciente de suas investigações a Academia das Ciências de Lisboa — investigações que o levaram a concordar com os cronistas atrás citados.

O Dr. JÚLIO DANTAS segue as idéias do Prof. HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA e no seu livro *Arte de Amar* apresenta a obstinação da Princesa em abandonar o mundo (trocando a vida da Côrte pelo claustro) resultante de um desgôsto de amor. E vai mais longe, profetizando que em futuras investigações se venha a provar que a Princesa não teria sido uma grande Santa Dominicana, mas uma amorosa da nossa História.

Tôdas estas e algumas outras notas, curiosas, se encontram igualmente no prefácio do livro intitulado:

> *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana, filha de El-Rei D. Afonso V* — Códice quinhentista — Leitura, revisão e prefácio de ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL.

D. MARIA DE MENDONÇA, no seu livro *Santas de Portugal*, esbôço de agiografia nacional, discorda da opinião de RUI DE PINA. Para esta Senhora a Princesa sentiu sempre o desejo ardente de se consagrar à religião, e o seu misticismo, o seu grande amor ao sofrimento, denunciou-o a escolha do emblema — a coroa de espinhos.

Para quem, como eu, não fôr literato nem investigador em livros modernos ou em alfarrábios antigos, o que àcerca dêstes problemas históricos possa haver de verídico ou de irreal não interessa senão dentro de certos aspectos. Sobretudo vejo a Princesa consumir-se espiritualmente nas

sumptuosas salas dos Paços Reais e vejo-a depois viver em êxtase feliz, no seu Convento de Jesus em Aveiro. A Princesa não nascera para gozar os bens terrenos; nascera e criara-se para Deus, para ser mais um anjo no céu, e mais uma Bemaventurada a reinar, eternamente coroada, na Côrte Celestial.

Estudada cuidadosamente a vida da filha de D. Afonso v, conhecida a suave beleza da sua personalidade, restava-me escolher, em sua Virtuosa Vida e Santa Morte, um dos momentos culminantes, sôbre o qual pudesse delinear o meu quadro. O momento escolhido foi aquêle em que a Santa mais se aproximou de Deus, isenta de pecados, a entregar a alma ao seu Criador.

Estudei pois tôdas as obras já citadas e tomei apontamento dos capítulos referentes à morte da Princesa Santa Joana.

## ASSUNTO DO QUADRO

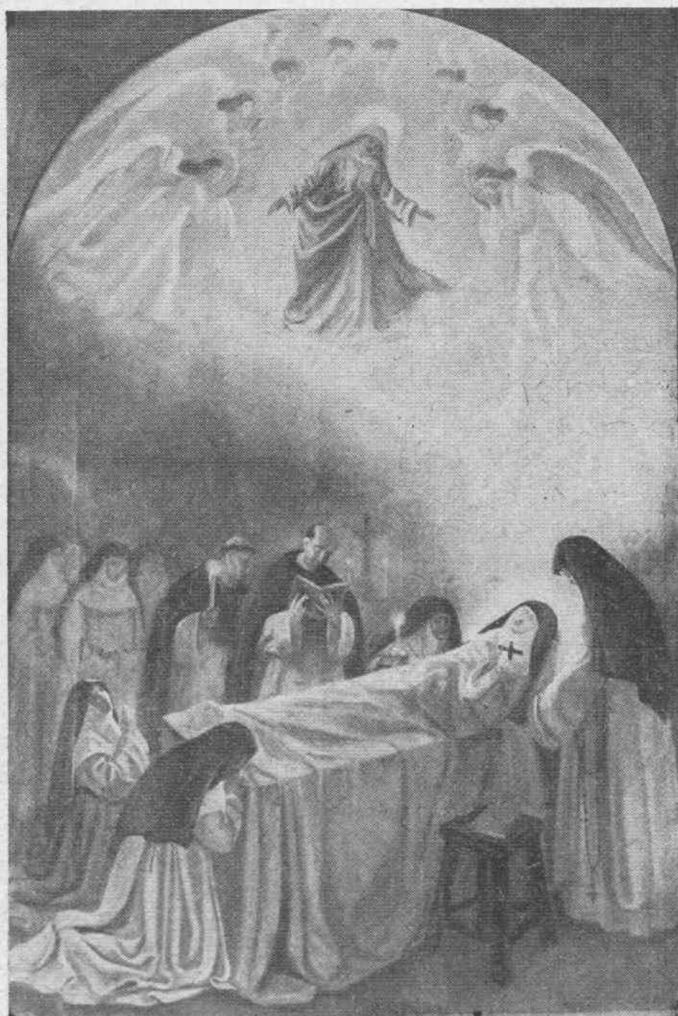
Na sua cela do Convento de Jesus em Aveiro, sôbre uma cama estreita e dura (segundo o costume monástico) Santa Joana agoniza, rodeada por algumas religiosas da Ordem Dominicana. Junto da cama está armado um altar, que se divisa levemente ao fundo. Dois Padres Dominicanos, os confessores da Princesa, rezam a seu pedido o «Ofício da Agonia»; um dos sacerdotes lê as orações e o outro acompanha-o com um círio bento na mão. Junto à cabeceira da cama, à direita, uma religiosa, ajoelhada, sustenta na mão pálida e transparente da moribunda um círio bento; a mão esquerda da Princesa aperta ao peito um crucifixo. Do lado esquerdo da cama, outra religiosa de pé ocupa-se a acomodar serenamente o travesseiro onde repousa a iluminada cabeça da Santa Princesa. Aos pés da cama, duas Dominicanas ajoelhadas rezam, chorando, uma curvada sôbre o leito e a outra erguendo os olhos para o Céu. Ao fundo da cela ainda se avistam, envoltas na penumbra, algumas religiosas.

A Princesa não chegara a professar, devido a exigências políticas: imposições do Rei, da Côrte, do povo e até de alguns altos dignitários da igreja.

Na *História de S. Domingos*, Frei Luís de Sousa diz:

«Pertence ao Mosteiro de Jesus de Aveiro, a Princesa Dona Joana como qualquer filha de profissão dêle; porque ainda que não chegou a professar solenemente, impedida primeiro por seu Pai e Irmão e por todo o Reino: e depois por escrúpulo próprio de se ver cercada de muitas enfermidades, com tudo em seu ânimo

e obras foi verdadeira religiosa. E como nos honrou a casa com sua pessoa, razão será que honremos também êstes escritos com a relação da sua vida.»



A página 245 do livro *Virtuosa Vida e Santa Morte da Princesa Santa Joana,* que já citei, encontra-se o seguinte:

«Pediu à Prioresa, com tôda a humildade, a amortalhassem no hábito de que sempre se tivera por indigna . . .»

Abandonando o rigor histórico, representei a Princesa com o hábito de Dominicana, porque se Ela não era freira professa, pelo menos o seu amor a Jesus e o seu ardente desejo de professar eram sobejas razões para poder ser considerada como tal, e ainda porque não me parece inverosímil que, realmente, no momento da sua morte, lhe tivessem vestido o hábito como derradeira manifestação de aprêço e veneração, dado o desejo por ela própria manifestado. E' esta a minha maneira de sentir, mas se errei, se a Santa não deveria ser assim representada, que Ela, a Santa Padroeira da Cidade de Aveiro, me perdoe, porque se a obra fôr má, se a execução fôr fraca, a intenção é boa.

Sôbre o leito, a Santa eleva para o Céu seus olhos já embaciados pelas névoas da morte; seu rosto de alvura transparente, apesar de macerado pelo prolongado sofrimento físico, esplende júbilo pela aproximação da Vida Eterna; seus lábios quási sorriem beatìficamente, em êxtase divino. Aquela alma pura que se restitui sem culpa, com a Baptismal inocência, no Céu, para onde foi criada, antevê certamente no momento supremo (enquanto segura contra o peito o Santo Crucifixo), entre núvens que se esbatem em suavíssimos cambientes de côr, luminosas figurinhas de anjos, de túnicas alvinitentes, de azas brancas de neve, rodeando a Virgem Nossa Senhora, que, inclinada para a terra de onde se desprende aquela Alma Eleita, esboça um amoroso gesto de acolhimento. Tôda a claridade se deverá espalhar suavemente pela parte superior da tela, friso de azas nevadas e cabeças de anjos nimbadas de ouro.

Mencionadas tôdas as fontes de informação, resta-me ainda dizer que, sôbre a indumentária religiosa e hábitos monásticos, todos os esclarecimentos me foram gentilmente prestados pela Reverenda Madre Prioresa do Convento do Bom Sucesso e pelos Reverendos Dominicanos do Corpo Santo.

Consultei ainda os livros:

*Cerimonial e Ordinário Monástico*, de Fr. MANUEL DA GRAÇA, editado em Coimbra na Real Imprensa da Universidade no ano de 1794.

*Vida Monástica: Ideales de la Edad Média*, de W. VEDEL.

*A Encadernação em Portugal*, por MATIAS LIMA.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa observei um magnífico *in-fólio*, um precioso gótico, impresso em bom papel, a duas colunas: *O Floreto de S. Francisco*. Êste livro é encader-

nado em tábuas forradas de couro prêto, ornado de vincos em diagonal, formando losangos, e a meio dêstes uns lavôres formados pela pressão de ferros singelos. No papel que forra interiormente a tábua está assinado: Fr. JOÃO DA PÓVOA, confessor de D. João II. O autor desta encadernação foi Fr. Álvaro da Ilha, que a confeccionou em Xabregas no ano de 1493. Desta encadernação se têem ocupado vários autores, como: FRANCISCO MARTINS DE ANDRADE, *Catálogo das Obras do XV Século*, que possui a Biblioteca Nacional de Lisboa, págs. 48 a 49; GABRIEL PEREIRA, *Boletim Mensal da Livraria M. Gomes*, n.º 6, Lisboa, 1884.

Como no quadro existem dois livros, tomei êste exemplar de encadernação do século XV por modêlo para o meu trabalho.

O quadro *Morte da Princesa Santa Joana* pertence à Escola de Belas Artes de Lisboa, que me concedeu a carta do Curso Superior de Pintura com a classificação de 18 valores, e foi, há pouco, superiormente cedido em depósito ao *Museu Municipal do Dr. Santos Rocha*, da Figueira da Foz.

1943.

EUGÉNIA COELHO

# DA REGIÃO DE VOUGA

## INDUMENTÁRIA, MARMELEIROS E ROMARIAS

ANTIGAMENTE, os homens das localidades desta região de Vouga, aos domingos, dias santificados, ou à noite quando saíam à rua, usavam gabão, castanho ou prêto.

O gabão, com capuz, cabeção e mangas largas, de grande roda a cair às pregas, envolvia todo o corpo e descia até aos pés, calçados em tamancos com uma chapinha de metal amarelo na biqueira. Era um grande agasalho para o inverno, o tal gabão.

Na cabeça, os mais humildes enfiavam um barrete prêto (carapuço), em forma cónica, com borla na ponta. Os mais categorizados, em vez de barrete usavam chapéu prêto, em geral de abas largas, e nos pés, em vez de tamancos, calçavam botas (com elástico dos lados) ou chancas (calçado de solado de madeira) e quási sempre se faziam acompanhar de um pau de marmeleiro da altura do indivíduo. Êste pau, cheio de nós, e aquêle gabão com o capuz que o homem enfiava na cabeça, eram as suas armas de ataque e de defesa.

Nas feiras rurais e nas romarias populares, via de regra, depois do vinho fazer o seu efeito, ou fôsse por negócios pouco lisos ou fôsse por ciúmes de mulherido, os marmeleiros dançavam no ar, ouviam-se gritos em güelas femininas, e, a seguir, apareciam cabeças de *valientes* a esguichar sangue. E nem a feira teria sido *grande feira* e nem a romaria teria sido *famosa* sem aquêle quadro pitoresco dos gritos femininos do *aqui-d'el-rei-quem acode* e das cabeças rachadas. E até as lojas *da boa pinga*, com ramo verde de loureiro à porta, ficariam desacreditadas por muito tempo.

Ou então em noite escura como breu, gabão vestido e capuz enfiado na cabeça, bom marmeleiro no pulso firme, o

engaboado, se era namorado traído ou irmão insultado, procurava o rival ou o roubador da honra da irmã em sítio êrmo por onde fôsse costume êle passar e, no dia seguinte, havia na aldeia uma vida a menos ou um ferido a mais. Quem teria sido?! Ninguém tinha visto e o gabão, capuz enfiado na cabeça, era vulto irreconhecível. Só perdurava o mistério e a desconfiança...

Também alguns lavradores destas localidades, quando antigamente andavam a lavrar as suas terras ou quando iam à apanha do mato, usavam umas polainas côr de castanha, de burel, a cair sôbre os tamancos, e que lhes subiam quási até aos joelhos, evitando assim sujarem as calças ou picarem as pernas.

Ainda há cinqüenta anos atrás se usava gabão, marmeleiro e polainas, embora já rareando. Hoje em dia isso pouco se vê nas localidades desta região, mas o marmeleiro ainda é, em *noitadas* e romarias populares, usado por alguns, mais para *não levar as mãos a abanar* do que como arma. E o gabão foi substituído pelo *sobretudo* e pela *gabardine*, agasalhos dêste nosso tempo, porque muitos rapazes destas terras, embora modestos, se as economias ajudam, vestem-se actualmente, em dias de folgança, como os rapazes das cidades. As estradas e os fáceis meios de transporte, que não havia outrora, a ligar as cidades às aldeias, operaram, em meio século, esta mudança.

As mulheres desta região também usavam, ainda no século passado, indumentária diferente da actual.

Nos dias festivos calçavam chinelinhas pretas lustrosas e meias brancas, mas as chinelas mais curtas que os pés deixavam os calcanhares de fora, e era elegante caminhar aos passinhos miúdos e aligeirados dando com as chinelas *estalinhos* nas plantas dos pés.

As saias, de farta roda, com rendadas saias brancas por baixo, desciam até às chinelas, e no tronco uma blusa clara muito justa, que encolarinhava parte do pescoço e desenhava nìtidamente os contornos dos seios.

Na cabeça da moçoila morena, de cabelo farto, lustroso e bem penteado, um lenço claro de ramagens. E a cair-lhe dos ombros, a envolvê-la à guisa de capa, o chaile de *merino* franjado, o melhor, dos dias de festa, que ela guardava religiosamente embrulhado na gaveta da velha cómoda, entre raminhos de murta e alecrim, *pro-môr-da traça*.

A completar esta indumentária dos grandes dias, o bom e grosso cordão de ouro (que era das mães e já fôra das avós),

com o qual era costume darem duas ou três voltas ao pescoço, caindo o restante em dois fios, até à cintura, sôbre a blusa clara e muito justa aos seios.

Êste cordão, o chaile de *merino* e aquelas chinelinhas eram tôda a *maluqueira* (faceirice) das moças casadouras.

Mas certas cachopas, mais da vida da lavoura, não usavam chinelas e nem meias; andavam descalças, sobretudo em dias de romaria. E as saias, compridas e de farta roda, cintavam-nas com cinta preta ou de côr, aparecendo, assim, com as saias subidas, palmo e meio das pernas roliças. E na cabeça, sôbre o lenço desatado, e de ramagens berrantes, a cair pelos ombros, um chapéuzinho prêto e redondo (como alguns que ainda se vêem por esta região) enfeitado, ao lado, com penas coloridas compradas nas romarias. Estas penas ofereciam-nas os conversados ou os admiradores às cachopas que traziam *debaixo d'ôlho*. Já pouco também se vê esta interessante indumentária das cachopas nos dias que correm.

E havia também antigamente uma capinha (não era a capucha serrana) que dos ombros descia até quási aos joelhos e era usada por algumas pessoas do sexo feminino, de mais categoria, quando iam à missa. Ainda há quem tenha guardadas por velhas gavetas, como reminiscência, essas românticas e elegantes capinhas que marcaram uma época.

Nas romarias, sempre muita gente. Tocavam violas e harmónicas. Havia homens com «borrachas» e com grandes chifres, cheios de vinho, a tiracolo. Havia descantes e desafios versejados, entre homem e mulher.

As cachopas bailaricavam, meneando muito os quadris, a *esturlicar* (estralicar) os dedos no ar ou agarradas aos conversados, as saias cintadas com cintas pretas e de côres...

Andavam suarentas, faces coradas, os cabelos negros em desalinho sensual, os olhos em volúpia... E daí a pouco (ai meninos!) havia marmeleiros no ar e cabeças rachadas, que o amor é belo e o vinho é bom, graças a Baco e Cupido, dois velhos deuses amigos.

LAUDELINO DE MIRANDA MELO

# UMA EXPEDIÇÃO MARÍTIMA INGLÊSA NO PÔRTO DE AVEIRO EM 1809

PUBLICOU o sr. Coronel BELISÁRIO PIMENTA no volume VII do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, págs. 161 e seguintes, uma *Memória sôbre a nova Barra de Aveiro aberta em 3 d'Abril de 1808*, da autoria do oficial da Marinha de Guerra, ISIDORO FRANCISCO GUIMARÃES, e escrita em 23 de Junho de 1809. Nesta «memória» êste oficial descreve o estado da barra, e elogia as obras para a sua abertura, planeadas por REINALDO OUDINOT e seu genro LUÍS GOMES DE CARVALHO, e executadas por êste.

O que determinou ISIDORO GUIMARÃES escrever tal memória foi a sua vinda a Aveiro para dirigir a entrada no pôrto desta cidade de um combóio de navios britânicos com tropas destinadas a expulsar os franceses que tinham invadido Portugal em 1809. Eis como êle descreve a entrada dos navios no pôrto (em 13 de Maio dêste ano): «*... confiado nas m.es observaçoens me resolvi tentar a entrada dos 40 Transportes Britanicos, e a conclui dentro de hua hora, sem o prejuizo ainda o mais insignificante; e tendo o comnde do Berg.m de S. M. B. todos os desejos de ser a prim.ra Embarcação de Guerra que entrasse naquelle Porto, me animei a faze-lo, sendo eu m.mo que entrei para dentro delle, trazendo-o ao ancoradoiro*» (1).

Parece que ISIDORO GUIMARÃES, melhor que ninguém, nos pode contar os factos com rigor, visto que foi êle quem meteu os navios do combóio no ancoradoiro (S. Jacinto) do pôrto de Aveiro. Ora êle diz que deu entrada a quarenta navios

(1) Êste ofício existe no *Arquivo Histórico Militar de Lisboa*, e a sua cópia foi-me gentilmente fornecida, há alguns anos, pelo seu ilustre director, Ex.mo Sr. Coronel HENRIQUE FERREIRA LIMA, a quem aqui renovo os meus agradecimentos.

e conseguiu-a dentro de uma hora. Nota o sr. Coronel Belisário Pimenta que há divergência no número dêstes navios no dizer de pessoas que trataram dêste assunto.

Apenas uma carta publicada na *Gazeta de Lisboa* menciona o mesmo número de navios inglêses. Mas esta carta deve ter sido escrita pelo mesmo Isidoro Guimarães.

Diz, porém, Adolfo Loureiro que o combóio tinha mais de quarenta velas com sete grandes galeras; o sr. Comandante Rocha e Cunha diz que o combóio tinha quarenta e oito navios; o sr. dr. Alberto Souto diz que eram trinta e oito navios de transporte e um brigue de guerra.

Entende o sr. Coronel Belisário Pimenta, em relação a êstes vários números de navios, que é provável ser exacto o número quarenta dado por Isidoro Guimarães.

Nestes têrmos, parecia resolvido definitivamente a questão do número dos navios.

Não sucede, porém, assim.

Com efeito, num ofício do engenheiro Luís Gomes de Carvalho, director das obras da Barra, para o ministro da guerra D. Miguel Pereira Forjaz, diz que o total dos navios entrados era quarenta e um. Eis as suas próprias palavras:

*«Já V. Ex.ª saberá que no dia 13 de Maio do Aniversário de S. A. entrarão em menos de hora e meia pella Nova Barra de Aveiro 39 navios de transportes Inglezes e dous Brigues de Guerra da m.ma Nação, fazendo tudo 41 navios».*

Esta notícia é mais desenvolvida do que a da «memória» do oficial da marinha Isidoro Guimarães. Indica a data da entrada dos navios, o que não sucedia na «memória», diz que a entrada durou menos de uma hora e meia, e discrimina a natureza dos navios: 39 de transporte e 2 brigues de guerra. Parece, pois, que o verdadeiro número de navios entrados foi de quarenta e um.

É de notar agora que Luís Gomes de Carvalho não assistiu à entrada do combóio, e por isso é por informação de outrem que êle dá a citada notícia ao Príncipe Regente. Encontrava-se em Viseu, onde escreveu o ofício com data de 2 de Junho de 1809, portanto anterior à data da «memória», que é de 23 de Junho dêste mesmo ano, e escrita já em Lisboa. Luís Gomes tinha chegado a Viseu de regresso da Galiza, onde tinha tomado parte na expulsão do exército francês. O ofício tinha como fim principal mostrar ao ministro da guerra que o estado da nova barra era bom.

¿Quem teria, então, informado Luís Gomes de Carvalho, director das obras da barra, do notável acontecimento da entrada da esquadra inglêsa no pôrto de Aveiro? Oficialmente só uma pessoa o poderia ter feito, e esta seria o superintendente das obras da Barra, Luís António Verney.

Ora êste não se podia nem devia ter enganado na quantidade de navios entrados. A notícia pormenorizada que remeteu ao director das obras assim o prova. Mas também não se pode admitir engano de ISIDORO GUIMARÃES que dirigiu a entrada dos navios na barra. Julgo, portanto, que a divergência resulta de uma defeituosa redacção da notícia dada por êste, o qual naturalmente não incluíu no número dos transportes inglêses o bergantim de S. M. B., no qual êle entrou, e depois conduziu do mar para o ancoradouro de S. Jacinto na ria, um pouco ao norte da barra.

Ficariam assim harmonizadas as informações dadas por ISIDORO GUIMARÃES e LUÍS GOMES DE CARVALHO; os navios seriam, portanto, quarenta e um no total, como diz o director das obras da barra.

Compreende-se também nestas circunstâncias a divergência nas durações da entrada, indicadas por êstes. O primeiro diz que fêz entrar os quarenta transportes em uma hora; o segundo diz que os quarenta e um navios demoraram quási uma hora e meia para entrarem no ancoradouro. Esta meia hora de diferença corresponderia à entrada isolada do bergantim de S. M. B. depois da qual é que ISIDORO GUIMARÃES veio dirigir a entrada dos quarenta restantes navios, naturalmente com o auxílio do Piloto-mór da barra.

Segue o documento acima referido:

Ill.^mo e Ex.^mo Senhor

Tenho a honra de partecipar a V. Ex.^ia, que chegando a esta Cidade de volta da Galiza de acossar os Francezes na sua vergonhoza e percipitada fuga, achei a agradavel noticia do melhoramento que a Barra de Aveiro vai fazendo com os trabalhos novos q̃. neste Inverno e Primavera tenho mandado fazer, sendo entre elles hum Regulador ao Norte do Canal perpendicular ao Dique: Já V. Ex.^ia saberá que no dia 13 de Maio do Aniversario de S. A. entrarão em menos de hora e meia pella Nova Barra de Aveiro 39 navios de transportes Inglezes e dous Brigues de Guerra da m.^ma Nação, fazendo tudo 41 navios.

V. Ex.^ia estimará ouvir estas noticias com tanto mais prazer que esta Obra Concorre a reparar as perdas q̃. os Vandallos Modernos cauzarão no Norte de Portugal até ás vizinhanças d'Aveiro. Apesar da auzencia q̃. fasso a Aveiro pode V. Ex.^ia estar certo que daqui mesmo lhe presto q.^to he possivel fazer de longe, e q̃. tudo vai muito bem.

Sou com o maior respeito

De V. Ex.^ia

Subdito respeituoso e obediente

*Luiz Gomes de Carvalho*

Ill.^mo e Ex.^mo Snr. D. Miguel
Pereira Forjaz

Vizeu, 2 de Junho de 1809.

F. FERREIRA NEVES

# JOAQUIM DA COSTA CASCAIS

QUANDO publicámos, acêrca dêste aveirense ilustre, o pequeno estudo que os leitores conhecem (n.º 33 do *Arquivo*, págs. 15 e segs. dêste volume), não sabíamos que alguém já abordara o assunto. O nosso prezado amigo, Sr. Dr. ANTÓNIO CRISTO, que anda empenhado no louvável trabalho da recolha de informações para o estudo da biografia de aveirenses notáveis, facultou-nos, há pouco, cópia de um artigo sôbre COSTA CASCAIS, publicado no extinto *Distrito de Aveiro* por JOSÉ REINALDO RANGEL DE QUADROS.

Por êle se vê que JOAQUIM DA COSTA CASCAIS era filho de Manuel da Costa Cascais, natural do Bunheiro, de gente humilde e pobre (1), e de D. Rita da Cássia de Jesus, do Pôrto; que nasceu em Aveiro, na freguesia da Vera-Cruz, em 29 de Outubro de 1815; que, depois de haver recebido lições de uma professora particular, residente na Rua das Salineiras *(Rua do Forno* ou *Rua de Baixo)*, freqüentou a aula de primeiras letras, regida por Frei Joaquim de Santa Rita Valongo, no Convento de Santo António, e passou depois para a aula de latim do professor José Lucas de Sousa da Silveira, em ambas as quais teve por condiscípulos a José Estêvão e Manuel José Mendes Leite; que auxiliou a Associação Aveirense das Classes Laboriosas, a dos Artistas, a Irmandade de Santa Joana Princesa, a fundação do *Campeão do Vouga*, a erecção da estátua de José Estêvão, o Teatro Aveirense e o Hospital da Misericórdia; que escreveu um drama intitulado — *Uma Noite de S. João em Aveiro* —, representado em Lisboa, mas nunca publicado; e, finalmente, que faleceu em Lisboa no dia 9 de Março de 1898.

Muito nos apraz acrescentar ao que deixámos escrito as presentes informações, cujo conhecimento ficamos devendo à gentileza do Sr. Dr. ANTÓNIO CRISTO, a quem neste lugar confessamos a nossa gratidão.

---

(1) Refere também R. DE QUADROS que o pai de Costa Cascais, devido à sua notável acção na Guerra Peninsular, chegou ao pôsto de major efectivo e pertenceu ao batalhão de Caçadores 10, aquartelado em Aveiro a partir de 12 de Agôsto de 1814.

JOSÉ TAVARES

# O FORAL DE D. MANUEL I NA VILA DO PRÉSTIMO EM 1824

SERIA o património moral do povo no concelho do Préstimo mais elevado do que é hoje? Eis uma pregunta a que nos não achamos habilitados a responder. Mas, se os seus habitantes de hoje têem defeitos, tal como sucede por tôda a parte, também já naquele tempo por lá viviam gentes que mereciam, na sua conduta, a censura das pessoas de bem. E a comprova-lo aqui está o

## «AUTO CAMARÁRIO DA REFORMA DO FORAL DESTA VILA DO PRÉSTIMO

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e quatro, aos doze dias de Outubro do dito anno na Casa da Camera desta Villa do Prestimo, aonde eu Escrivam Vim por mandado dos Officiais da mesma Camara para eu escrever este auto, e todas as suas declarações, estando ahi assentados nos seus lugares competentes todos os Camaristas Juiz Vereadores e Procurador que Servem no mesmo anno e o Bacharel formado em Leis Joaquim Ignácio de Lima Mirelles d'Agueda, ellegido para Comissário da revizão do Foral da mesma Villa pelo Doutor Provedor da Comarca d'Aveiro, Segundo constava do Officio que aprezentou datado de trinta de Julho do dito anno, e recebido em quatorze de Agosto, Cujo theor hé o Seguinte =

Tendo-me remettido o Deputado Secretario da Junta da Reforma dos Forais o Officio da Copia incluza em que Se me dá authoridade para nomear pessoas enteligentes para auxiliarem as Cameras que disso precizarem para satisfazerem Com a promptidão, e clareza os Quezitos que em hum Officio de Data de hoje enviei ás respectivas Cameras do Destricto desta Provedoria, e Como Considero a Vossa Senhoria huma das pessoas enteligentes desta Comarca o nomeio para

Comissario da Camera da Villa do Prestimo, a fim de que com a mesma satisfação aos referidos Quezitos, esperando da Sua actividade Zello e inteligencia o exacto Cumprimento das Reais Ordens demanadas da Soberana Authoridade de El Rei Nosso Senhor = Deos Guarde a Vossa Senhoria = Assequins em Correição trinta de Julho de mil oitocentos e vinte e quatro = O Provedor da Comarca Bernardo Madeira de Abreu Brandão =

E requerendo a elles Camaristas aprezentassem tãobem o Officio que lhe tinha Sido enviado pelo mesmo Doutor Provedor Com Copia da Ordem e Quezitos, cujo theor he o seguinte =

El Rei Nosso Senhor dezejoso de promover quanto possivel a Prosperidade de Seus Fieis Vassallos tinha desde muito tempo Concebido em Seu Real animo a intenção de favorecer a agricultura Com huma nova Reforma de Forais a rectidão do seu entendimento precentia que huma Lei Geral formada Sobre prencipio de Justiça e de publico enteresse dependia de previos Conhecimentos dos diversos Direitos e obrigações rezultantes dos mesmos Forais, queria huma Commissão em mil oitocentos e doze, encarregada do exame delles e dos outros meios de melhorar a Agricultura mas a Comissão entendeo que os Seus proprios recursos não bastavão para fundamentarem hum Projecto Geral, que Considerasse os diversos Direitos e obrigações a huma justa Reforma. Reconheceo e reprezentou a necessidade do exame de Cada hum dos Forais. A esperiencia fez sentir esta Verdade mostrando que huma medida precipitada tinha rezultado o ex cumpremetimento de muitos Publicos e Particulares. Foi extincta a Junta da Revizão das Leis encarregada de propor o que fosse mais proprio para Conciliar os interesses que Se combatião, e ella ingenuamente reprezentou a necessidade dos mesmos exames, e a impossibilidade de formar antes delles hum Projecto em que apparecesse a Justiça de aCordo Com huma bem entendida equidade. Querendo Sua Majestade que Suas Reais Intenções se realizem foi Servido Criar esta Junta por Decreto de Cinco de Junho immediato, encarregada do Projecto da dezejada Reforma, e authorizada pela Regia Rezolução de trinta do mesmo mez para exigir das diversas Auctoridades Publicas as informações e esclarecimentos de que percizar. Hé por isso que ella me incumbe de transmittir a Vossa Senhoria os Quezitos incluzos, e de lhe rogar queira transmiti los a Cada huma das Camaras da Sua Comarca, e exigir dellas as respostas Com a possivel brevidade, precizão e clareza Comecionar pessoas inteligentes para auxiliarem as Camaras que disso precizarem e enviar-me o rezultado

desta diligencia Com as observações que Vossa Senhoria julgar interessantes. Quando Sua Magestade tem manifestado tão francamente o dezejo de Verificar as Suas Paternais Intenções Seria bem Sensivel que este generozo beneficio fosse retardado por demoras que bem Se podem evitar. A Junta não receia essas demoras nem das Cameras nem de Vossa Senhoria. Deos Guarde a Vossa Senhoria em Junta de vinte e tres de Julho de mil oito Centos e vinte e quatro = O Deputado Secretário José António de Faria de Carvalho = Senhor Provedor da Comarca d'Aveiro = Cumpra-Se na Sua Conformidade para o que Se passem as Ordens necessarias. Assequins em Correição de Vinte oito de Julho de mil oito centos e vinte e quatro = Brandão =

Quezitos 1.° Se há Foral na Camera. 2.° Por quem foi dado, e qual a sua data = 3.° Que o que elle manda pagar, ou fazer = 4.° Se o que está em uzo hé o mesmo o que o foral manda. 5.° Se há differença entre o uzo e o foral, e em que ConSiste, e desde quando. 6.° A quem Se deve isso que Se paga pelo foral ou pelo o uzo. 7.° Qual hé o modo da arrecadação. 8.° Se a obrigação do foral comprehende todo o Districto, freguezia e Lugar, ou Cazais dispersos e quais são; 9.° Qual hé a obrigação dos Forais que mais vexa os Foreiros = 10.° Qual o preço do actual arrendamento ou administração desses Direitos = Qual era o preço, ou rendimentos nos annos de mil oitoCentos e dezenove, e mil oitocentos e vinte = 12 Se há encabeçamento de todos, ou de alguns desses Direitos Como, e em que tempo foi feito = 13 = Se o mesmo Districto está Sugeito a diversos Forais = Se o tiver que Se manda pagar por Cada hum delles, ou por Costume e desde que tempo = 15 Se não há foral e há posse, que hé o que Se paga por ella, e qual o modo da Cobrança = 16 = Se Consta haver foral, posto que não esteja na Camara em poder de quem Se acha, ou de quem Se prezume = 17 = Se o que Se paga pelo foral, ou posse hé producção da terra, obrigada Comprado fora, ou Substituido por outra espece = 18 = Que hé o que pode Ser mais Conveniente aos Foreiros Com menos prejuizo dos Senhorios = 19 Qual hé o fruto de que mais abunda, e para que hé mais proprio o terreno =

Declararão que depois de hum meudo exame a que o dito Comissario Com os Camaristas tinhão procedido, Começado Logo desde a recepção dos ditos officios, e ordẽs Sẽ Se pouparem as mais altas indagações, e Continuas diligencias para dezempenharem este tão importante negocio de que forão encarregados, e para Corresponderem ao Serviço de Sua Magestade, Lançando mão de todos os meios Subsidiarios que poderão para aclarar o que estivesse ao Seu alcance, assim Como do foral, Certidões de Tombo Sentenças de

destriças, uzos, e abuzos dos Povos, disserão que as Suas declarações erão as Seguintes.

Satisfazendo ao primeiro Quezito declarão que na Camara desta Villa há hum foral, que Sempre está no Archivo, e de baixo de guarda, que todos os annos hé revistado na Correição que se faz na dita Villa = 2º Este foral, Como delle mesmo Se Vê foi dado a esta Villa por El Rei o Senhor Dom Manoel, datado em Lisboa em seis de Fevereiro de mil quinhentos e quatorze = 3º = Reconhece esta Villa e todo o Seu Termo Como tributario a Real Coroa, Como nelle mesmo Se declara, Comprehende Vinte Cazais, hum dos quais anda repartido pelos outros todos, e de todos elles manda pagar foro, e ração que estão repartidos por Varias terras do termo, ainda que não abrangem a todos assim Como hé Macieira que Contem Seis Cazais Cada hum paga dez alqueires pela medida de Coimbra. a Saber tres e tres quartas de trigo, outro tanto de Senteio, dois alqueires e meio de milho, hum Capão, Sinco ovos, hum real, e a reção de todas as novidades Seis hum. A Orogueira outra terra do Termo abrange dois Cazais, por Cada hum manda pagar hum alqueire de milho, outro de trigo, hum Capão Sinco Ovos e a ração de Seis hum. No Salgueiro, outra terra doTermo ha dois Cazais dos quais o foral manda pagar por Cada hum dois alqueires de trigo pela medida Sangalheza, e pela nova hum alqueire, isto hé de Coimbra digo pela nova hum alqueire e quarta, e outro tanto de Senteio, hum almude de vinho, e a ração de oitavo. Em Rio de Maçãs há outro Cazal que paga hum Capão, alqueire e quarta de trigo, e a ração de oitavo. Há em Villarinho terra do mesmo Termo dois Cazais que pagão Cada hum Seis alqueires Sem se declarar de que, Sinco Capões, e a ração de Seis. Em Soutello que hé a Villa há quatro Cazais que paga Cada hum tres alqueires e tres quartas não declara a espece, manda pagar de Senteio outro tanto, de milho alqueire e quarta, e hum Capão, Seis almudes de vinho, reção de sexto. Há em Cambra hum Cazal, que paga hum frango, o milho, Senteio, e linho, paga ração de oitavo, e o Vinho de quinto. Macida tem outro Cazal, que paga dois frangos, e hum alqueire de trigo, e ração de oitavo. Em Vale de Lobos há hum Cazal que paga hum alqueire de Senteio, hum frango, a ração de oito. Alem da repartição destes Cazais faz o foral menção de outras terras do mesmo termo, tal hé o Carvalhal, que apezar de lhe não marcar Cazal algum manda-lhe pagar hum Capão, hum alqueire de trigo, e a ração de oitavo. Pelo Cazal de Pedro Lourenço pela Povoa de Lourizella manda pagar hum Capam, ração de oitavo; e Bastião Pires de outro Cazal outro tanto. Fas-se menção no mesmo Foral de outra Povoa da Fragoa, de que manda pagar por ella hum alqueire de trigo, e hum Capam; e ração de Oitavo. Fala em outra Povoa que hé a da Sarnada, de que manda pagar duas galinhas,

e ração de nove. E manda pagar-se das Povoas novas o que entre as Partes, e o Senhorio for acordado, não Se pagando nunca Luctuosa. E manda que os Maninhos Sejão dados pelos Senhorios, excepto nas entradas e Sahidas e Logradouros dos outros Cazais, não Se dando Sem Audiencia dos moradores a que tocar, nem Se darão aõde fizerem damno. Não falla em Laudemios, e estes Se pagão de quarenta na forma da Lei. 4.º Tudo o que o Foral manda pagar hé o que está em uzo pagar-Se, excepto as Portagẽs de que nelle Se faz menção, e nunca jáimais Se pagarão, nem Cobrarão. Alem disto algumas Sentenças para que Se pague Cera, e Castanhas, Sem que Se Comprehendão no foral, tal hé huma em Cambra, p.ª que Se paguem Castanhas, outra da Quinta da Sarrascoza, para que Se pague Cera, outra de Villarinho para onde Se paga tãobem Cera; outra na Povoa da Barroza, que paga hum arratel de Cera, outra nos Limites de Ventozo, que paga outro arratel de Cera; e outra na Venda Nova que paga tres arrateis da mesma; quando no Foral Se não manda pagar de nenhuma destas especes; talvez isto Se deva aos Reconhecimentos novos dos Senhorios. 5.º As differenças que Se encontrão entre o Foral e o uzo hé o pagamento por estas Sentenças de distrinças Cera, e castanhas, Sem que pelo foral Se mandem pagar de Semilhantes efeitos primeiro abuzo; Segundo o Levarem os Lavradores, e Foreiros os Foros ao Celleiro Sem que o foral Lá os mande Levar, e São os Rendeiros, ou Mordomos dos Senhorios pelo foral obrigados a Cobrar estes Direitos pelas Eyras, Lagares e Tendaes, e Só fazem a Cobrança depois dos frutos Colhidos, 3.º abuzo. 6º = Estes Direitos erão devidos pelo Foral á Real Coroa que por Mercê foram dados ao Barão de Quintélla Joaquim Pedro Quintélla, Segundo Consta da Provizam transcripta no Tombo desta Villa a que Se procedeo no anno de mil oitoCentos e Sete, referindo-Se á outro já feito em mil SeisCentos e trinta e Sinco, de que era Senhor Donatário Diogo Soares. 7.º Costuma-Se fazer a arrecadação desta forma, Vão os Rendeiros pelas Cazas dos Lavradores procurar a conta das Lavranças, e arrecadar as novidades, isto já depois dos fructos Colhidos, e os Foros fazem elles, Com que os Cabeças das Sentenças os Levem ao Celleiro, quando o Foral manda fazer esta arrecadação na forma que fica exposto no Quezito 5.º no que Se altera na determinação do Foral = 8.º O Foral Só Comprehende as terras nelle declaradas e no terceiro quezito; porem alem destas ainda há outros mais Povos neste Districto, e fora da denominação do Foral que São Valle d'Egoa, Carvalha, Serra de Baixo, Serra de Sima, Salgarinho, Cortes e Ereira, os quaes Só pagão o foro pelo uzo e não pelo Foral, e andão encabeçadas ao mesmo Senhorio: há outras, que São Sarandinha, Seixo, e Talhadas, que apezar de Se não encontrarem, atituladas no

Foral, Contudo pagão foro e ração ao mesmo Senhorio, por Reconhecimento que elles Senhorios tem feito Com aquelles Povos, excepto hũ Prazo pertencente a Universidade de Coimbra Sito em Cambra = 9.º O mais vexame que Sentem os Lavradores e Foreiros no Cumprimento das Obrigações destes hé Serem obrigados a cobrar Cada Cabeça huma ou mais Sentenças, e Ser obrigado a dar Conta dos foros de todos os Inquilinos, e ter de os hir Levar á Sua Custa, e risco áo Celleiro do Senhorio; pois assim Como os Senhorios, Cobrão ou Mandão Cobrar as Rações pelas portas dos lavradores Sem o menor trabalho, e nessa mesma occasião podem fazer a Cobrança dos foros; nem Consente a boa razão, que Sendo os foros e as rações pertencentes ao mesmo Senhorio Sejão estas Cobradas por dois differentes modos, Sentindo os Foreiros grave Vexame, em Serem obrigados os Cabeças aprezentarem nos Celleiros os Seus foros, e os dos mais inquilinos = 10 = O Rendimento de todos estes direitos actualmente anda por duzentos e trinta mil r.s, e cento e tantas galinhas, que a preço de duzentos e quarenta r.s cada huma, vem a Ser o rendimento prezente, feita a Cobrança pela ametade o de duzentos e Sincoenta e quatro mil r.s = 11 = Em mil oitoCentos e dezenove e mil oitoCentos e vinte forão arrematados estes Direitos por trezentos e trinta mil r.s em que o Rendeiro perdeo mais de oitenta mil r.s, Vindo então a rrender Sómente duzentos e Sincoenta mil r.s = 12 = Todos estes Direitos andão prezentemente encabeçados áo mesmo Senhorio Donatario em hum Tombo ultimo feito em mil oitocentos e sete; aonde os Foreiros lhe fizeram os Seus Reconhecimentos = 13 = No Destricto desta Villa não entra mais Foral algum do que o Acima dito e desta forma fica tãobem respondido áo 14 quezito. = 15 = Neste Districto, nem entra outro Foral nem outra posse de Cobrar os Direitos, mais do que a que fica espendida nos quezitos 8.º e 9.º e assim tãobem fica respondido áo quezito Decimo Séxto e Decimo Septimo.

O Foral em todos ou quaze todos os Cazais manda pagar foros de trigo; porem em parte nenhuma deste Termo Se Lavra trigo; e por isso os Foreiros para haverem de Satisfazer áo pagamento dos seus foros Se veẽ na percizão de o hirem Comprar fora; o que parece bem duro Lançar-se, e pagar-se fóros ou frutos, que a terra não hé Capaz de produzir, quando as pensões e rações Sempre Saheẽ da produção do terreno, ou pelo menos deve Sahir. 18 = O mais Cómodo áos Foreiros, e Lavradores, e com menos prejuizo do Senhorio parecia Ser estabelecer-se huma Cota Certa a Cada propriedade, Consideradas estas Com a ração de nove, dez, quatorze e dezeseis; porque a experiencia mostrou que Se juntarão maiores numeros de medidas nos Celleiros nos annos de mil oitoCentos e Vinte e dois, e mil oitoCentos e vinte e tres, e arbitradas as fazendas por

Louvados peritos e inteligentes, tendo o Senhorio, ou o Seu Mordomo hum Caderno de todas as propriedades, atituladas a Cada hum dos Lavradores; e no Cazo da passagem de alguma fazenda, o mesmo Lavrador quando fosse pagar, e dar a baixa dessa propriedade, deveria declarar para quem ella tinha passado, para o Mordomo, ou Rendeiro a atitular a esse Comprador, herdeiro, ou Donatário, para della pagar o mesmo, que pagava, que lhe transferio o dominio della. Desta Sorte, unicamente ficaria Sabendo para Sempre o quanto lhe pertence pagar da Sua Caza, evitando-Se Assim as Continuas Confuzões, que nascem dos differentes modos de partilhas, já de quarto, já de quinto, já de Sexto, e já de Septimo etc. porque assim Se evitarião enganos de Contas, perigos de Consciencia, Vexame de Rendeiros, que São flagéllos dos Lavradores; os quais muitas Vezes pelo receio da perda demandão maiores dividas, do que Se lhe devem, pondo demandas áo mais pobres, os quais por falta de meios, muitas e muitas vezes Confessão e pagão o que não devem. Este meio de arrecadação he muito convenhavel áos Senhorios; porque ou elles Cobrão os Seus Direitos por Seus Mordomos, ou por arrendamentos; Se pelo primeiro evitão os furtos dos Creados e Administradores, que em Lugar de lhes darem as Contas exactas lhas dão Com grande diminuição, e lhes fazem avultadas despezas na Cobrança; o que pelo modo indicado bem se evita; pois que o Senhorio tendo o Seu Caderno Sabe por elle quantas medidas pagão todos os seus Foreiros; e já os Mordomos lhe não podem fazer engano no numero delles; Só lhes resta áos Senhorios Saberem o preço, porque Corre o pão; o que bem Se consegue, ou pelos preços das Praças desses annos, ou pelos arbitrios das Cameras, evitando tãobem assim os Continuos furtos, que lhes fazem os Lavradores nas partilhas; Se pelo Segundo Sabem os Senhorios já Seguramente athe que ponto podem arrendar, Sem percizarem de arrastar muito as Suas rendas; em Cuja percizão Se achão muitas Vezes por Conloio dos Arrematantes, que Se mancomunam para lhas não picarem; eVitão os Seequestros desses Rendeiros, e de Seus fiadores, que muitas vezes ou quaze Sempre São Sócios, e tendo pouco de Seu Se fazem quobrados, e perdem os Senhorios as Suas Rendas; por isso este meio, ainda que Laboriozo áo principio traz após de si Consequencias muito Vantajozas a ambos os interessados. = 19 = Os frutos filhos desta terra São milho, Senteio e algum Vinho; mas estes mesmos não São em grande abundancia, e muito difficeis de Conseguir pela aspereza das terras, deficultozas de cultivar; pois tudo hé huma Serrania, tem Povos, onde nem Carros podem entrar, athe os Agricultores Conduzem as terras ás Costas que o Inverno lhes Leva para os Valles, e o mesmo acontece Com os estrumes; Sorte esta athe digna de Compaixão! Por

esta forma derão elles Camaristas, e Commissario a Sua resposta por acabada, que aqui me mandarão escrever que assignarão, mandando-me que deste Livro tirasse huma Copia em boa Letra que elles havião de assignar para Se remetter na forma do Officio acima Copiado o qual tãobem por elles havia de Ser assignado. Eu Joze Joaquim Thomaz esCrivão da Camara o SobEsCrevi.

o Juiz Duarte

Joze Joaquim Thomaz

o V.^or Antonio + Dias
o V.^or Joaquim Pereira
o P.^or Jose de Arede»

Auto, o transcrito, que bem rematado fica com os dizeres do seguinte requerimento:

## «REQUERIMENTO DO ALMOTACE ANTONIO LUIS DA PAZ DA QUINTA DO CARVALHO

Senhores do Senado

Eu Como AlmotaCe venho rrequerer o Seguinte tenho hido as Tabernas do vinho e nellas acho que as medidas Sam aferidas muito pequenas que Se faz hũ furto publicamente, e que querendo eu Com os meus Companheiros rremedial lo o não poso mandamos fazer huma medida de pão por o padrão e Sendo aferidas pellas medidas que haviam mais antigas no ConCelho forão entregues ao aferidor atual o qual por emteresado as Cortou e fez pequenas de Sorte que Continua o furto a vista do que venho a rreprezentar a este Senado afim de nomiar novo aferidor do ConCelho que Seja de ConSiencia o que igualmente Se faSão vir parante este Senado da Camara as medidas mais antigas que por ellas Se afirão humas para Servirem de Padram devendo prinSipiar o aferimento por Cantaro que coaze todos Sam pequenos e por elles Se vender e feito isto Requeiro que Sejam aferidas todas as medidas e que todo o que Se achar medindo por medidas falSas Se lhe ponha a ComdenaSam de Seis mil reis para despezas do Concelho do que tudo Requeiro ACordão. = E ouvido pello Senado e povo o dito Requerimento achando Se Junto lhe deferirão e mandaram lavrar este ACordão Eu Joze Joaquim Thomaz esCrivão que o EsCrevi.

ACordarão os Senhores do Senado da Camara que Se rreforme as medidas na forma do exposto aSima e aSignaram em Camara nesta villa do Prestimo Aos nove dias do mes de Agosto de mil e oito Sentos e trinta Eu Joze Joaquim Thomaz esCrivão da Camara o EsCrevi.

Frz
Manoel + Duarte
Luis + Dias
Antonio Tavares»

Vê-se que os taberneiros de 1830 não eram pêcos no apequenar das medidas, nem ao respectivo aferidor minguava capacidade prevaricadora, tal como nos arrendatários de foros e rações a cobrar dos senhorios utilitários, àquêles nada ficando êstes a dever algumas vezes. Mas, se havia faltosos, também homens de bem se contavam, como êsse almotacé, que não temeu afrontar todos os taberneiros e pedir mesmo a demissão do aferidor deshonesto. Por seu lado, a Comissão que avaliou do cumprimento das determinações exaradas no Foral concedido por D. Manuel I e dos acrescimentos que o decorrer do tempo veio tornando necessários, pela forma como evidenciou as faltas ocorridas e ocorrentes e as sensatas medidas que lembrou, teve procedimento em todo o tempo merecedor de aplauso.

Que os taberneiros de hoje servem-se do *marquês*, que é um copito que dizem corresponder a um quarto de litro, mas que na prática vale um quinto, e ainda talvez não muito comprido... E quanto a mordomos e arrendatários, se ainda houvesse rações a cobrar...

J. S. DE SOUSA BAPTISTA

# IMPRENSA PERIÓDICA DO DISTRITO DE AVEIRO

## (ALGUMAS ADIÇÕES AO ARTIGO DO SR. DR. ANTÓNIO ZAGALO DOS SANTOS)

TENDO lido e apreciado o valioso trabalho publicado pelo Sr. Dr. ANTÓNIO ZAGALO DOS SANTOS, subordinado ao título de *Imprensa periódica do Distrito de Aveiro*, pareceu-me de utilidade apensar-lhe êste pequeno contributo para o tornar mais completo e mais útil.

Podendo dizer-se que trabalhos desta índole são sempre incompletos pela grande dificuldade ou mesmo impossibilidade de obter elementos suficientes, especialmente quando são decorridos largos espaços sôbre a publicação dos periódicos catalogados, não será de mais que todos os que se encontrem em condições de o fazer colaborem no sentido de reduzir ao mínimo as lacunas que se não puderam evitar.

E o que sucede no caso presente com os magros subsíque trago ao referido trabalho.

### ÁGUEDA

FOGO VERMELHO — Publicou-se ainda o número 9 em 3 de Agôsto de 1885. A redacção dêste periódico deu ainda vida a um outro que intitulou de A TROÇA — Antigo «Fôgo Vermelho». Não obstante o seu carácter humorístico muitas vezes se enredou na política, sendo o partido constituinte o alvo das suas críticas. A TROÇA publicou o número 1 em 24 de Maio de 1885.

REFORMADOR — Iniciou a publicação em 5 de Janeiro de 1894.

## ALBERGARIA-A-VELHA

BOUQUET DE ANGEJA Tem a data de 8 de Março de 1887 o número 1 dêste periódico. A sua direcção era repartida por Ricardo M. Nogueira Souto e Aníbal Leão.

GAZETA (A) Semanário republicano de Albergaria-a-Velha, assim se sub-intitulou êste periódico que iniciou a publicação em 1933. Dirigido por José de Figueiredo, ainda se publicou em 15 de Julho de 1934 o número 51 que suponho terá sido o último.

RELIGIÃO (A) DA MULHER Jornal de caracter religioso, noticioso e auxiliar do professorado, dirigido por D. Maria Emília de Oliveira e Rezende. Publicou-se o número 1 em 26 de Abril de 1890, relacionado com os acontecimentos do *ultimatum*.

TRIBUNA LIVRE Iniciou a publicação êste semanário republicano em Outubro de 1910. Atingiu o número 123, datado de 3 de Agôsto de 1913, ficando-me a convicção de que não foi além. Foi dirigido por Eduardo Arvins e administrado por Daniel Bastos.

## ANADIA

ARQUIVOS CLÍNICOS Desta revista técnica, publicada pela Estância Termal da Curia, estão publicados 4 números referentes aos anos de 1940 a 1943.—Publicou-se sob a direcção do Prof. Ângelo da Fonseca até ao n.º 3.

BAIRRADA Em Agôsto de 1940 distribuiu-se um número único daquele título e de propaganda regional na Exposição do Mundo Português.

IDEAL (O) DA BAIRRADA Pude verificar que se publicou em 8 de Dezembro de 1898 o número 1 dêste periódico sub-intitulado *Defensor dos interêsses da comarca de Anadia*. Era de facto dirigido por Albano Simões Ferreira e editado por Joaquim Ferreira Bonito. Também vi o número 14 publicado em 26 de Abril de 1900, querendo crer que ainda se publicaram mais números.

IDEIA (A) LIVRE Veio a terminar em 1941, tendo-se publicado em 1942 um número único para garantia de título.

LUAR DO OCIDENTE Iniciou a publicação em 1 de Março de 1899 esta revista de literatura e crítica sub-intitulada *Revista da minha alma*. Foi dirigida por Armando Simões Ferreira. Ainda se anunciou o número 2 que publicaria o trabalho *Notas de um tísico*, mas não o vi publicado.

NOTÍCIAS DA ANADIA Iniciou a publicação em 1922 como semanário republicano democrático dirigido por Joaquim Ferreira Barreto. Ainda se publicou o n.º 102 em 29 de Setembro de 1923, no II ano de publicação, ignorando se o ultrapassou.

ORDEM NOVA Era um semanário defensor do Estado Novo, dirigido por Dr. Manuel Rodrigues. Iniciou a publicação em 16 de Janeiro de 1932, vindo a terminar com o número 73 em 8 de Julho de 1933. A partir de certa altura modificou o sub-título que passou a *semanário Nacional-Sindicalista*.

PORTUGAL-REDIMIDO Número único comemorativo, publicou-se em 28 de Maio de 1930, homenageando o então presidente da Câmara José Cerveira. Foram seus autores José Alves de Faria e Manuel Fernandes Flôres, redactores do periódico *Defesa*.

## AROUCA

GAZETA DE AROUCA Iniciou a publicação em 1912.

MOCIDADE (A) Em 1 de Novembro de 1910 publicou-se o número 1 dêste quinzenário dirigido por Manuel de Castro, tendo como redactor Alberto Vicente de Almeida. Era composto e impresso na tipografia da *Gazeta de Arouca*, tendo-se publicado ainda o número 2 em 15 do mesmo mês.

VOZ (A) DE AROUCA Iniciou em 1930 a publicação êste semanário republicano, propriedade, edição e direcção de Tomás José de Vasconcelos. Vi o número 37 de 20 de Junho de 1931, ignorando se foi além.

## AVEIRO

ÁGUIAS (OS) DE AVEIRO Em 6 de Agôsto de 1939 distribuíu-se um número único com êste título, organizado por A. Costa, e de carácter propagandístico.

AVEIRO VENEZA DE PORTUGAL Como o anterior, é um número único de propaganda, editado por Henrique do Nascimento. Tem a data de Setembro de 1938.

BOLETIM MENSAL da ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE AVEIRO Em Março de 1933 iniciou a publicação êste Boletim com indicação de 1 série. Publicaram-se mais três números referentes a Abril-Maio, Junho e Julho-Agôsto daquele ano.

BOLETIM DA TORREIRA 1854. A. X. da Silva Pereira nota no seu *Jornalismo Português* êste periódico que segue da indicação: *literário--praias, etc. Aveiro.*

CAMPEÃO (O) DO VOUGA Iniciou a publicação em 14 de Fevereiro de 1852 e findou em 26 de Outubro de 1859.

CORREIO DE AVEIRO Em 12 de Novembro de 1931 ainda se publicou o n.º 660, dirigido por José Maria Barbosa, e no jornal datado de 7 de Maio de 1931, o seu director, no artigo de fundo, comemorava o 25.º aniversário do periódico.

CORRESPONDÊNCIA (A) Inicialmente publicado em Coimbra sob a direcção de J. Cipriano, passou em 1895, durante tempo que não determinei, a ser impresso e a ter a redacção na cidade de Aveiro. Aí, era seu editor J. C. de Brito.

HUMANITÁRIA Datado de Janeiro de 1932 publicou-se em Aveiro êste número único comemorativo do cinqüentenário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários. Inseriu colaboração literária de Alberto Souto, Jaime de Magalhães Lima, Homem Cristo, André dos Reis, M. Marques da Silva, P.ᵉ R. Vieira, Luís

Couceiro da Costa, António Cardo, João Evangelista de Campos e Manuel José da Costa Guimarães.

I. A. C. Com êste título publicou-se um número único, datado de 13 de Março de 1935 editado pelo Internacional A. Club, comemorativo do seu 3.º aniversário.

IDEIA (A) NACIONAL Desta revista política bi-semanal, dirigida por Homem Cristo, Filho, que iniciou a publicação em 17 de Março de 1915, publicou-se, de meu conhecimento, o n.º 16 em 8 de Maio de 1915, querendo crer que foi ainda mais além.

OVOS MOLES E MEXILHÕES O n.º 1 publicou-se em Março de 1893 com algumas palavras de apresentação de Fialho de Almeida. Foi director desta revista Mário Duarte, que a redigia totalmente.

PORTUGAL FILATÉLICO *(Portugal Philatelico)* — O n.º 1 tem a data de 10 de Março de 1911. A Biblioteca Municipal de Coimbra possui os n.ºs 1 a 11, êste de Janeiro de 1912.

POVO (O) DE AVEIRO Êste periódico publicou um suplemento literário em separata, com o mesmo título, cujo n.º 1 tem a data de 3 de Julho de 1910.

POVO (O) DE AVEIRO Em Novembro de 1912 publicou-se um número único dêste título, de ataque a Homem Cristo.

REVISTA FLORESTAL Ainda se publicou o n.º 6 da 1 série em Maio de 1895.

SUCESSOS (OS) Iniciou a publicação em 13 de Julho de 1889 e em 1901 ainda se publicava.

TIROCÍNIO (O) Dêste periódico foram redactores Paulo Emílio de Almeida Mendes, P.e Manuel Rodrigues Vieira e João Augusto Marques Gomes. Publicou-se, pelo menos, até 1 de Outubro de 1876, data em que saíu o n.º 13.

TROVÃO (O) Dirigido por Adolfo D. de Barros, e como suplemento do jornal *O Nauta,* iniciou a publicação êste periódico de humorismo, sport e instrução, em 5 de Maio de 1931, com indicação de 2.ª época, única que

vi, e que terminou com o n.º 5 em 1 de Julho do mesmo ano. Não obstante não ter visto a 1.ª época sei que ela compreendeu só dois números.

VENEZA DE PORTUGAL Primeiro dêste nome — Número único de propaganda da cidade de Aveiro, distribuíu-se em 15 de Setembro de 1934. Foi editado pela direcção do Grupo Excursionista de Aveiro, e inseriu colaboração de Alberto Souto, Homem Cristo e Luís Regala.

VENEZA DE PORTUGAL Segundo dêste nome—Como o anterior, era um número único de propaganda, edição do Grupo Excursionista «Veneza de Portugal». Distribuíu-se com a data de 28 de Agôsto de 1938.

VIGILANTE (O) Iniciou a publicação êste semanário republicano regionalista em 1 de Maio de 1935, dirigido por Manuel de Oliveira Santos. Veio a terminar, até melhor informação, em 5 de Novembro de 1936 com o n.º 79.

VITALIDADE (A) Dêste periódico, publicaram-se dois números 1, datados de 5 de Agôsto de 1894 e 8 de Março de 1896. Depois dêste último número, muitos outros se publicaram, tendo conhecimento do n.º 805 de 17 de Setembro de 1910.

## ESPINHO

CIÊNCIA PARA TODOS Desta publicação semanal, publicaram-se 24 números, o último dos quais em 22 de Outubro de 1925. Foi seu editor Francisco Alves Vieira. Anunciou-se que em continuação desta revista se publicaria outra com o título *CIÊNCIA E CULTURA PARA TODOS*, o que parece não ter acontecido.

DEFESA (A) DE ESPINHO O n.º 1 tem a data de 27 de Março de 1923.

GAZETA DE ESPINHO Iniciou a publicação em 6 de Janeiro de 1901. Em 1932 ainda se publicou o n.º 215, único naquêle ano, para garantia de título.

JORNAL DE ESPINHO Terminou a publicação em 23 de Junho de 1934, com o n.º 186, por ter sido querelado.

MALTA ACADÉMICA Editado por António Gomes dos Santos, publicou-se em 24 de Agôsto de 1940 um número único colaborado por alunos da Universidade de Coimbra e de outros institutos superiores.

S. C. E. Em 6 de Janeiro de 1940 publicou o Sporting Club de Espinho um número único com aquêle título, comemorativo das suas Bodas de Prata.

## ESTARREJA

JORNAL D'ESTARREJA O n.º 1 tem a data de 12 de Abril de 1883.

## ÍLHAVO

NAUTA (O) O n.º 1 tem a data de 2 de Junho de 1897, sendo seus directores Procópio de Oliveira e Sacramento Júnior.

NOSSO (O) ASILO Editado por Viriato Teles, publicou-se em 1 de Janeiro de 1941 um número único cuja receita reverteu a favor do Asilo para inválidos e órfãos menores de Ílhavo.

## MEALHADA

ALVORECER O n.º 1 tem a data de 1 de Março de 1920. O MEALHADENSE, que se lhe seguiu, rompeu logo a publicação com o n.º 2 datado de 20 de Março de 1920. Em 20 de Agôsto seguinte publicou-se o n.º 16.

BAIRRADA (A) ILUSTRADA Iniciou a publicação em Setembro de 1909.

BUÇACO (O) *(O Bussaco)* — Segundo dêste nome — Não pode ter iniciado a publicação em 28 de Abril de 1907, porque o n.º 40, o mais antigo que vi, tem a data de 14 de Outubro de 1906. Também não era impresso na tipografia da Travessa da Glória, mas sim na Tip. «Novidades» à Calçada do Sacramento.

CAMPEÃO (O) REGIONAL O n.º 1 tem a data de 17 de Outubro [de 1915].

MEALHADA (A) O n.º 1 tem a data de 5 de Outubro de 1913. Era um semanário evolucionista, dirigido pelo médico dr. Álvaro Marques Machado.

TOMÈSINHO (O) Publicou-se em dia de entrudo de 1916.

VERDADE (A) Publicou-se o n.º 1 em 15 de Agôsto de 1925 e o n.º 10 em 21 de Março de 1926.

## MURTOSA

POVO (O) DA MURTOSA Em 27 de Junho de 1937, publicou-se um número único daquêle título, *in-memoriam* de Joaquim Soares.

## OLIVEIRA DE AZEMÉIS

ALFINETE (O) É um quinzenário humorístico, de facto, copiografado, mas com início em 27 de Janeiro de 1889. Na sua capa homenageava, publicando o retrato, o falecido Dr. José da Costa Sousa Pinto Basto.

ALVORADA (A) O n.º 1 tem a data de 15 de Outubro de 1893.

CORREIO D'OLIVEIRA Iniciou a publicação em 12 de Maio de 1887 como bi-semanário. Do seu cabeçalho e texto não se conseguem outras indicações que interessem aqui.

OPINIÃO (A) Iniciou a publicação em 7 de Janeiro de 1892 como bi-semanário potítico, literário e noticioso.

## S. JOÃO DA MADEIRA

FELICIDADE (A) PELA INSTRUÇÃO Em 26 de Janeiro de 1938 publicou-se um número único dêste título, comemorativo do 138.º aniversário do nascimento de Castilho. Foi dirigido por António Ferreira Baptista.

## VAGOS

ECO (O) Iniciou a publicação em 8 de Fevereiro de 1899, não constando, pelo menos no seu n.º 1, mais qualquer palavra do seu título. Não indicou director mas indica o editor que era Joaquim Ferreira Pimentel.

ECO DE VAGOS Iniciou a publicação em fins de Abril ou princípios de Maio de 1920. Em 1931 era seu director Ernesto de Almeida Neves que também era proprietário do jornal.

JORNAL DE VAGOS Iniciou a publicação em 4 de Março de 1899.

## VILA DA FEIRA

COMÉRCIO DA FEIRA Dirigido por Eduardo Vaz e propriedade de Manuel da Cunha Sampaio, iniciou a publicação em 2 de Janeiro de 1902.

EURICO A. X. da Silva Pereira nota também êste periódico, acompanhado dos seguintes dados: *quinzenário da revista mensal. 15 de Setembro 1884 a 25 de Fevereiro 1885. Vila da Feira.*

JORNAL DA FEIRA Deve ter-se publicado êste periódico em meados de 1882, porque era um semanário, e o n.º 12 tem a data de 29 de Outubro daquêle ano.

POVO (O) FEIRENSE Em 1 de Abril de 1938 iniciou a publicação êste jornal nacionalista, dirigido por Ernesto Correia Garcia. Continua em publicação.

PROGRESSO DA FEIRA . Era órgão do partido progressista e iniciou a publicação em fins de 1904.

TRADIÇÃO (A) Em 17 de Abril de 1914 publicou-se um número único com êste título, comemorativo da inauguração do monumento da Guerra Peninsular em Arrifana. Inseriu valiosa colaboração de Fernando Tavares e Távora, Maximiano Rica, Mário Feio, Eduardo Pimenta, Vaz Ferreira, Álvaro de Azeredo, Conde de Samodães, Maria da Luz Albuquerque, Júlio Vicente, Álvaro de Castelões, Primo Homem, José Beleza, Saúl Rebêlo Valente, Manuel Ramos, etc.

Coimbra, Novembro de 1943.

A. CARNEIRO DA SILVA

# FORAIS NOVOS DO DISTRITO DE AVEIRO

## OVAR

### FORAL DA TERRA D*E* OOUAR PELLAS IMQUIRIÇOÕES E JUSTIFICACOOES ETC.

Dom manuell, etc. (1)

Primeiramente no dicto lugar de (2) cabanooes desd*e* a estrada que vay do porto pera aveiro da bamda de çima pera o leuamte ou soaão nas lauoiras anbas jazem as herdades abaixo decraradas com seus foros hy asemtados As quaaes pagam d*e* oito hũu das nouidades que colherem *a saber* hũa cortinha da ygreia que traz maria annes homde chamam o Fajoo comtra a leira da ygreia que traz nos borgoões pagam o dicto foro d*e* oito hũu ¶ E por outra leira do casal do cabido da see do porto que trazia gill eannes o dito foro d*e* oito hũu e ora traz tome gomçaluez ¶ E asy pagara Joham rrodriguez de cabanoões e rrodrig*o* alu*are*z d*e* oouar de duas leiras que trazem nos borgooes que foram de margarid*a* aires ¶ E asy pagaram por outra leira que foy de maria pereira os herdeiros de Ruy gomcaluez de samdoado ¶ E gomcallo mĩrz da rroella e os gemrros e herdeiros de pero martirz ¶ Jan aires traz tres talhos de chaãos que comprou de gilhelme Aluaro gil d*e* oouar luis do barreiro pollos tres talhos que jazem no Fojoo q*ue* sam da capella de Ruy ferreira ¶ Joane annes d*e* outro talho de Fojoo da herdade de guilhelme ¶ Pedr*o* eannes das freitas por dous talhos de capella que trazia Joham pir*e*z de cabanoões ¶ Tome g*onçal*l*ue*z por outro talho de chaão do dicto fojoo ¶ E mais este tome g*onçal*l*ue*z d*e* outro chaão no dicto fojoo de rrodrig*o* aires A uiuua por outro talho que trazia Joham g*onçal*l*ue*z paga mais tome gomçalluez por quatro margẽes de chaão do crespo ¶ E mais tome g*onçal*l*ue*z pollo agro do loureiro que he do cabido ¶ Por seis margẽes que traz Joham p*ir*e*z* das freitas E por tres margees que traz o mesmo Joam pir*e*z no loureiro ¶ Joham rroĩz pollas çimquo margẽes que trazia rrodrig*o* aires ¶ E o dito J.º Roĩz traz em rrodas oito margẽes Rodrig*o* aluarez traz em rrodas *oito* margẽes da heramça de Rodrigo do rrio Joham luis nos souereiros a leira que foy de maria pereira E por outra leira que jaz em braços com esta que traz tome g*onçal*l*ue*z ¶ Outra que traz digueañes da igreia de cabanooes ¶ Gomçallo rroĩz da

(1) *à margem:* Ouar
(2) Cabanões

gramja traz o chaão de rreguemgo que vay a fomte da figueira Traz tome nas gestas hũa agoa no casal do cabido Joham rroĩz de samde por hũa leira de noue margẽes que foy de margaid*a* aires Joane añes nas rrodas quamdo se laurar pagara d*e* oito hũu ¶ A gomçallo da rroella e a rrodrigo pertemçe a cortinha q*ue* foy de miguel pãaez ¶ Joham pir*e*z das freitas a leira detras a adega do cabido Joham aires por hũu talho de chaao no cortinhal d*e* urdia de doze margẽes Out.º talho que trazia afomsso rroĩz taballiam A molher de Jacome nos gestaães hũa agoa de tome go*nça*ll*ue*z pagara d*e* oito hũ das nouidades que colherem E asy o pagarão todallas outras pessõas atras escritas e per comseguimte os que suas herdades socederem ou ouuerem E pagara mais tome go*nç*all*ue*z por hũa leira do cabido na negrosa de quatro hũu ¶ Joham rroĩz de cabanoões polla adega do cabido que estaa derribada noue rr*eai*s pollos noue soldos do tombo Pedr*o* afomsso por hũu chaão rreguemgo sob outeiro da forca aalem do Rio de quatro hũu ¶ Joham rroĩz por Rodrig*o* aires seu pay por hũu casal de grijoo da camçella vimte e tres rreaães:

## ¶ TITOLLO DA ESTRADA D*IRE*ITA QUE VEM DO PORTO PERA AUEIRO DE CABANOÕES P*ER* FŨDO P*ER*A A IG*RE*JA:

Traz alcoforada n*a* agra da carualheira doze margẽes de que pagara de quatro hũu ¶ Pedr*o* eañes das freitas por quimze margẽes de caterina aires da dicta agra d*e* oito hũu Joham luis por hũu talho gramde do castinheiro pagara çimquo alqueires de semeadura d*e* oito hũu ¶ Traz alcoforada n*a* agra gramde doze margẽes da bamda do mar E as outras doze comtra o soaão estam em codesal e sam todas de quatro hũu quamdo se aprouei-tarem Traz mais alcoforada outro talho . jumto com estas leiras d*e* oito hũ Pedr*o* eanñes da ygreia pollo chaão da rroçada emtesta no esqueiro do barreiro . d*e* oito hũu ¶ Joham rroĩz traz hũ talho d*e* espilhe homde chamam azoya d*e* oito . hũu ¶ Pedr*o* afomsso Em espilhe hũa leira que vay topar na rribeira de quatro hũu ¶ Gomcallo rroĩz e os Irmaãos do cortinhal do casal d*e* azoya de quatro . hũu ¶ Os filhos de Vasquo martĩrz e de Jacome rroĩz do casal rreguemgo que trazia pero mĩrz de cabanoões de quatro hũu e mais de dereituras tres alq*uei*res de trigo:

## ¶ TITOLLO DE SAM DOADO Q*UE* ESTAA DE ÇIMA DA EST*R*ADA:

Dos chaãos foreiros do casall daffomsse añes . *dezoito* rreaaes Traz mais gomçall*o* eañes hũu chaão Reguemgo a pomte de guylhovay que he do comçelho de pereira d*e* oito hũ Gomcallo rroĩz por outro chaão do dicto casal d*e* oito hũu ¶ Gomcall*o* eañes por outro chaão que emtesta na pomte de guylhovay açima da estrada d*e* oito hũ ¶ Os netos de Jacome huũa leira que estaa sob a estrada ao esqueiro da comgosta de quatro hũu:

## ¶ TITOLLO D*E* AÇOÕES:

Em açoões ha tres casaaes os quaaes tres casaaes sam obrigados pagar cada año ha el Rey dez rreaaes e meo e tres frangãos e sam herdeiros gomçallo pĩrz hũ casal e meo Gomçallo rroĩz meo casal E a de pedre añes darabia hũu casall:

## ¶ T*ITOLLO* DOS CASAAES DE SAMDE DE ÇIMA DA EST*R*ADA

Ioham rroĩz paga por quatro casaaes que ha em samde de cada casal dous soldos que fazem *quinze* rr*eae*s E paga mais Joham rroĩz por cada hũu dos dictos quatro casaaes senhos alq*uei*res de qualq*ue*r pam que se colher na escomungada que sam quatro alqueires:

## ¶ TITOLLO D*E* AÇOÕES

Gomçallo pĩrz do casal d*e* ações pollos chaãos de laminhas E outro sobre a estrada e outro ao moynho de quartas d*e* oito hũ ¶ Joham aluaṙez do chaão do casal em que morou martim afomsso d*e* oito hũu . ¶ E por outro chaão do dicto casal paga gomçallo rroĩz e gomçallo f*ernandez* da gramja de oito hũu:

## ¶ TITOLLO DA GRAMJA:

Gomçallo rroĩz e gomcallo f*ernandez* da gramja traz cada hũ delles dous chaãos dos casaaes da gramja d*e* oito hũu ¶ Pero fernamdez pollos herdamentos que traz no rreguemgo dara ho quarto da terra aproueitada E da outra que rromper o seixto e as pessoas que aquy laurarem darã cada hũu seu framgaão . *a saber* . os casaaes de grijoo e d*e* auis e de dona Joana de crasto e cada hũu cadaño de rremda . tres rréaaes e meo E sam asy todos os chaãos que os da gramja trazem cõ os casaaes de grijoo dez chaãos . *a saber* . . *çimco* . chaãos Joham pequeno e outros çimco Joham do carualhal todos d*e* oyto hũu Gomçallo f*ernandez* e gomcallo rroĩz pagã cada año pollos casaaes da gramja pollas noue liuras çemto e *oitenta* rr*eais*:

## ¶ TITOLLO DA TOCA DE GUILHOVAY:

Todollos casaaes de guylho . vay sam seis paga cada hũu cadanno tres rr*eai*s e meo e hũu frangão tiramdo o casal em que mora gomçallo lopẽz que paga dous almudes de vinho e dous framgaãos e nom paga este os tres rr*eai*s e meo dos outros casaaes ¶ Pero f*ernandez* de martinho de guilhovay sete rr*eais* e meo e dous framgãos Joham aluarez pollo chaão que estaa sob a pomte de guilhovay paga de seis hũ ¶ Gomcallo vaãz pollo chaão que estaa tras a uinha do casal pagara cadanno de çemsuria de quallq*ue*r pam que tiuer o dicto chaão tres alq*uei*res paga o moynho do dicto lugar quatorze rreaães e meo:

## ¶ TITOLLO D*E* OUAR:

As vinhas que foram de martim g*onça*ll*uez* ao pee da pomte que estam agora çarradas traz afomsse añes de Isabella seu gemrro e caterina g*onça*ll*uez* sua sogra E as que traz o dicto afomsse añes todas pagam de çimquo hũu E as que tras a dicta caterina g*onça*ll*uez* que foram feitas de nouo pagam d*e* oito hũu ¶ Outra vinha traz o filho d*e* aluaro g*onça*ll*uez* de çima deste cortinhall d*e* oito hũu ¶ E todallas outras vinhas asy como vam tapadas emtestã no caminho que vay pera os moynhos ¶ E pollo caminho que vay pera a feira e dos moynhos arredor do rrio todas pagam d*e* oito hũu ¶ Todo o cortinhall tapado de vinhas que estam detras do paço asy velhas como nouas pagam d*e* oito hũu ¶ E asy pagam as vinhas das touraynhas asy como estam tapadas . e asy paga a uinha que fez Joham Viçemte que emtesta no caminho que vay pollo lugar ¶ E asy o paga

outra vinha que elle Joham Vicemte fez amtre as suas casas E asy o pagam as vinhas de rrodrigo do Rio que estam a fumdo das suas casas E asy o paga a vinha que fez o frade amtre o rrio e as touras: — E outro tãto paga hũua vinha noua que fez Joam da feira a par do frade ⁋ As touras que soyam a ser do pam sam dadas pera vinhas e pagaram de seis hũ ⁋ Todallas vinhas que ora sam feitas nouas e velhas d*irei*to do paaço e pollo areall gramde asy como vay pera Valbôo caminho do Couello asy como emtesta nos campos e sayda do lugar todos sam d*e* oito hũu ⁋ E asy o sam as vinhas nouas que fez Joham de guilhovay omde fez a casa e o moynho e ha de pagar Joham preto do moynho que fez de nouo cadanno dezoito rr*eais* ⁋ As herdades asy de pam como de vinho que estã neste valle açima do moynho que fez Joham de guilhovay estam hermas se se laurarem pagaram d*e* oito hũu E asy o pagara hũua vinha que fez Joham clerigo a par da varzia E os chaaos que jazem sob as vinhas dos ameeaaes sam de seis hũu ⁋ Os chaãos que ora traz pero do carualhal e Joham rroîz acima da pomte derreada d*e* oito hũu Gomçallo fernamdez e seus herdeiros pollos moynhos que fez gomçallo. magro pagam trimta e seis rr*eais* Caterina fernamdez pollo moynho de pero do carualhal dezoito rr*eais* ⁋ Os chaãos de cauado que estam abaixo da fomte de seis hũu afora o que traz Joham afomsso o crespo d*e* oouar que he d*e* oito hũu ⁋ Pero do carualhal ao pee da dicta fomte hũu chaão d*e* oito hũu: —

## ⁋ TITOLLO D*E* ULUAR E VAL DE CABRAS:

Afomsso dominguez traz o casal d*e* uluar com suas vinhas e cortinhas por quinhemtos rr*eais* E aquem deste casal da parte do aguiam traz pedr*o* afomsso outro com seus herdeiros de seys hũ O caluete traz outra vinha que jaz aelem da vinha deste casal de seis hũu. ⁋ Outra vinha a fumdo deste caluete que vem topar nas ortas despouorada e outra aalem desta do caluete comtra o aguiam despouoada ⁋ E outra despouorada que trazia aluaro crespo E estas e outras vinhas e terras deste limite sam despouoradas e jazem hermas seiam rrequeridos os herdeiros que as corregam a çerto tempo. *a saber*. da prouicaçam deste a tres annos as daram começadas todas a correger. e os que asy se nam corregerem o Sen*ho*rio dos dictos d*irei*tos as podera dar a quem quiser pollos preços q*ue* se comçertar como cousa foreira e tributaria aa coroa rreal: —

## ⁋ TITOLLO DOS CHAÃOS FOREIROS E ALFOUVERES QUE ESTAM AMTRE O CARRADO DAS ORTAS E AS VINHAS QUE VAM COMTRA O RRIO: —

Ao pee da pomte que vay pera as ortas detras as touras hũu chaao que traz rrollam de seis hũu E asy o he outro chaão que traz o frade com aluaro *gonçalluez* E asy paga de seis hũ o chaão do esqueiro que estaa ao soam da bamda de çima E asy paga o alfouuere de pedro da bamda do vemdauall ⁋ E asy paga outro alfouuere de Joham d*e* evora E asy o paga outro alfouuere de Joham luis ⁋ E asy o paga outro chaão que traz o temdeiro ⁋ E asy pagam de seis hũu todallas cortinhas e alfouueres de cebollas e d*e* alhos e legumes e fruytas destas demarcaçooes ademtro. *a saber*. asy como emtestam no casal d*e* uluar que traz afomsso dominguez e pero teçellão no vallo que vay emtrar ao rrio das cortinhas do dicto afomsso mĩrz da parte do vemdauall E asy como vay a rredor dos vallos das vinhas dos casaaes d*e* uluar e de val de cabras da parte do soam e dereitamente pera o aguiam atee cortinha morta que he de grijoo do casal que traz Joham ninho ho da ruella e asy como parte pello rrego que emtesta na cortinha morta e pello comoro velho que he carreira d*irei*ta pera o aguiam atee a cortinha gramde que he tambem de grijoo que traz o dicto Joaninho asy d*irei*ta pera o soam e dy pera a trauesia atee as vynhas foreiras

ja escriptas E pollas tapajeẽs e sebes e esteiros das dictas cortinhas de todo se paga de seis hũu como dicto he E porque nossa temçam foy no corregimento e decraraçam destes foraaes nam soomente pooer em escripto os direitos e tributos Reaaes que se am de pagar mas ajnda decrarar e limitar as outras de que se nam ha de pagar direito por ficarem fora todallas duuidas E por tamto decraramos que destas cousas que se seguem se nam ha de pagar a nos tributo rreal nem foro algũu porquamto foram sempre disso liures e asy o estam ora e seram daquy adiamte *. a saber .* os alfouueres que traz Joham pirez do casal de grijoo e hũu alfouuere de Rodrigo do rrio e hũ alfouuere de Joham aluãrez da rroella e hũa leira e hũu alfouuere da ygreia de cabanões nem do alfouuere em que estas emtestam de pero do carualhal Nem se paga doutro alfouuere de selmonde Nem do outro alfouuere que vem emtestar do caluete ¶ Nem se paga do alfouuere de Joaninho nem do casal de grijoo que vem emtestar no rreguemgo Nem do alfouuere do caluete Nem doutro do rrolaão Nem doutro de caterina *christo*uez Nem doutro de fernam *gonçal*l*uez* Nem dout*r*o de Joham mayo Nem doutro de Joham vi*cen*te Nem doutro de Joham alu*arez* do caluete Paga Joham mayo e diogo varella por hũ alfouuere que emtesta na cortinha gramde que foy de gil vaãz e por hũa leira na varzea que he herdade se paga a nos a caira do sal que se pollo foral amtigo mandou pagar que sam oyto alq*uei*res: —

Os alfouueres que sam foreiros de seis hũu nam se poem aquy as comfromtaçoões por que sam cousas muyto miudas e a todos sabidas homde sam e que pagam dos dictos seis hũu se nam decraram aquy e as vinhas todas asy velhas como nouas sam d*e* oito hũu: —

E paga sse dos casaaes de gr*i*joo que estam na rroella que traz Joaninho *. vinte e trez* rr*eai*s e meo ¶ E paga sse pollo casal de Joham pir*e*z de grijoo que estaa na rroella outros vimte e tres rr*eai*s e meo: — ¶ Item paga o moesteiro de grijo pollos casaaes e herdades que tem na marinha d*e* ouar e de cabanoões em cada hũ anño sesemta alq*uei*res de sal polla medida que atee agora pagou . o qual sal nam estaa no tombo amtigo da terra mas decrare sse que nestes lugares tinha o dicto moesteiro casaaes aforados a d*inhei*ro O qual d*inhei*ro ora nam pagam nem pagaram daquy adiamte dos dictos casaaes outro nhũu foro senam os dictos sesemta alq*uei*res de sal E o dito moesteiro podera auer dos dictos casaaes agora e em qualq*uer* tempo todo o foro e d*irei*to que lhe pertemçer d*e* auer Huũas casas que foram do abade d*e* amta que traz a moutinha Cemto e oitemta rr*eai*s e mais dezoito rr*eai*s que se paga no dicto lugar d*e* ouar que chamam d*irei*to das portas que se entende hũu portal de duas portas pollos dictos dezoito rreaães Joham dos samctos por matellas polla carualhosa por tudo seisçemtos rreaães ¶ Joham rroïz de cabanoões por o chaão dos saydoiros d*e* oito hũu ¶ E asy pagam d*e* oito hũu os chaaos e herdades foreiras que estam na rribeira homde portam as barcas *. a saber .* o chãao gramde que chega homde vem a maree ¶ Outro chãao que foy lauoyra que estaa a par das vinhas quãdo vem pera o lugar ¶ E todollos que laurarem nos terreiros dos vallos e muros E o agro que traz Joham gramde nos dictos muros ¶ E o salgado por hũa agra em corte de boy . E por dous chaãos em poçoo que traz martim afomsso criado da çerueira E asy pagam os dictos oito hũu as cortinhas no dito lugar dos muros tapadas e valladas *. a saber .* Gomçallo gil hũua . Martim afomsso criado da çerueira outra E outra Johã fernamdez o gallego E traz o sobr*e*dicto martim afomsso outro chaão no val do paço E outra leira que parte com esta que traz aluar*o* eañnes rrollam E outro chaão que traz Joham crerigo açima deste todos os sobr*e*dictos pagam d*e* oito hũu: —

E decraramos que estas cousas abaixo escritas nam ham de pagar nhũu foro nem tributo Real porquamto estam em posse de a nam pagar nem se achou memoria que numcã pagassem *. a saber .* huũas leiras na varzea hũu

chaão que estaa na varzea da parte do aguiam hũu chãao de grijoo E do uemdaual com Joham crerigo E outro chaão gramde que parte com este da parte do soam que traz Joan eañnes marido de maria a gramde Outro chaão a par deste que traz o crespo Outro da par deste que traz Joham mateus Outro que traz o salgado e Joham pir*ez* Outro de Joham mateus que parte com este Outro de grijoo que parte com estes do aguiam que traz Joham pir*ez* e huua leira que jaz nesta varzea do casal d*e* ulmar que traz afomsso dominguez Outra a par desta que traz caterina g*onçal*l*uez* Outra a par desta que traz afomsso dominguez da maão de Joham mayo E outra leira de tres margẽes que traz a sobredicta caterina gomçalluez E outra de luis d*e* ouar que parte com esta E outra do crespo que emtesta com esta E outra a par desta que traz lianor da feira E outra de quatro margẽes de selmomde que traz aluaro gomçalluẽz Outra leira de quatro margẽes do esprital que traz aluaro gil ⸿ Todos os sobredictos deste titollo sam liures do foro como dicto he ⸿ Nem se paga doutra leira de Joham mayo que traz aluaro g*onçal*l*uez* ⸿ Nem doutra que parte com esta de grijoo de pero do carualho Nem doutra que parte com esta que traz Joham viçemte de grijoo ⸿ E pague da vinha . do clerigo que trouxe pero do carualhall e aluaro g*onçal*l*uez* d*e* oito hũu ⸿ E por tirar a duuida que aas vezes rrecreçia sobre o d*irei*to das çebollas postas nos alfoueres em çebolinho Decraramos que do çebolinho que se semear em qualquer terra pera se tornar a trespoer nam pagaram foro pollo dicto çebolinho porque des que as çebollas se colherem se pagara dellas o d*irei*to que se ouuer de pagar segumdo o foro da terra em que se criarem e colherem E se alguẽ o vemder em çebolinho pagara delle seu d*irei*to como pagaria se çebollas fossem:—

⸿ TITOLLO DOS PORTADOS DAS CASAS D*E* OUAR DOS QUAAES SE ASEMTARÃO AQUY OS NOMES DAS PESSOAS QUE OS ORA TEM COM TAL EMTEMDIMENTO QUE POSTO QUE O NOME DAS PESSOAS SE MUDE O FORO NUMCA SE MUDARA EM QUAÃESQUER SOÇESSORES QUE TIUEREM:-

Pedro eañnes capateiro traz tres casas a par do paço de que paga vimte e sete rr*eai*s A casa do lagar d*e* area gorda traz o cabido noue rr*eai*s A casa do carualho que traz antonio pereira *vinte e oito* Reaaes com seu demarcamemto As casas que foram de Joham gõdaães que traz a de louremço f*er*-*nandez* . *vinte e oito* rreaães Outra casa que foy lagar que traz a de *chris*-*to*uam f*er*n*andez* noue rr*eai*s ⸿ A cortinha do ameial que traz Joham d*e* olíueira noue rr*eai*s A casa que foy d*e* aluaro douo que traz pedr*o* aluar̃ez alfayate *vinte e oito* rr*eai*s Outra casa que foy do pardelhaao que trazem os filhos de Joham d*e* euora noue rr*eai*s Outra casa que traz pedr*o* eãnes galiguinho dezoito rr*eai*s ⸿ Lianor afomsso das duas casas de gomçallo gil . *dezoito* rr*eai*s Duas casas que trazia pero teçellão que traz lianor do cabo e maria rroĩz . *vinte e um* rreaães Por tres casas de Joham viçemte que traz Joham manhoz . *vinte e sete* rr*eai*s A casa que foy de marco que traz Joan eañnes rrollão noue rr*eai*s ⸿ A casa do çerueiro com seu emxido que traz o galiguinho dezoito rr*eai*s E paga de hũu alfouuere noue rreaães Tres casas que traz Joan eañnes filho de Joham de Jurdaaes *vinte e sete* rr*eai*s e hũa dellas foy de martim vaãz ⸿ A casa de giraldo que traz pedr*o* alu*arez* e Rodrigu*o* eañes filho de Joam pequeno . *vinte e sete* rr*eai*s Outra casa que foy de giraldo que traz pera g*onçal*l*uez* e maria fomsso *dezoito* rreaaes Afomsso gil e seu irmãao pagam de tres portados *vinte e sete* rr*eai*s ⸿ Paga o delgado pollo que trazia pero manham cõ o emxido *vinte e sete* rr*eai*s O delgado polla casa de rrodrigo do rrio noue rr*eai*s ⸿ Pero creligo polla casa de Joham louremço *noue* . rr*eai*s ⸿ Joham martĩrz pollas casas

que foram de louremço *dezoito* rr*eais* ¶ Pedr*o* alu*arez* por duas casas d*e* afomsso dominguez *dezoito* rr*eai*s Pedr*o* eañes das freitas pollas casas que foram de gomçallo . magro . *a saber* . por hũa que foy de Josepe machoro noue rr*eais* Pero crerigo duas casas de Joham crerigo *vinte e sete* rreaaes Lianor ferreira de hũa casa que foy de lianor da feira noue rr*eai*s Duarte nuñez polla casa de Joham de rrolaais noue rr*eai*s Duarte mĩrz pollas casas do salgado . *vinte e oito* rr*eai*s e isto com ajuda do trigo. Traz rrodrigu*o* eañes escudeiro Pedr*o* afomsso d*e* arrifana das casas d*e* aluaro gil com ajuda do trigo *vinte e oito* rr*eai*s Pedr*o* afomsso e o pequenino pollo forno da cal da pomte derreada *trinta e dois* rr*eai*s e meo Joham da rruella polla casa d*e* aluaro gil noue rr*eai*s Briatiz eañes por a casa de rrodrigo do rrio *dezoito* rr*eais*. ¶ Pedr*o* afomsso por Joham gramde noue rr*eais* Bramqua annes pollas casas do crespo *vinte e oito* rr*eai*s Magdanella afomsso E o pequenino pollas casas de martim fodam *trinta e seis* rr*eais* Pedr*o* eañnes das freiras pollas cortilhas das çebollas que foram deste martim fodam do qual nam ha hy herdeiro obrigado e dar sse a per comçerto das partes O comçelho paga hũuas leiras que trazia Joham mayo e diogo da rroella outros noue rr*eai*s ¶ Joham de samta maria polla casa de Joham de Isabella *dezoito* rr*eai*s pollos posoïdores da cortelha de Joham gallego noue rr*eai*s Pero homem pollo forno de moutellas *trinta e seis* rr*eais* Amdre fernamdez e afomss*o* eannes de marta pollo que trazia fernam g*onçalluez* e pero carualho *trinta e seis* rreaães ¶ Maria gil polla casa da par d*e* aluaro g*onçalluez* noue rr*eai*s Lianor amdre polla casa de Joham de samta maria noue rr*eais* ¶ Magdanella afomsso pollas casas d*e* afomss*o* eannes pescador *vinte e sete* rr*eai*s Joham pequeno pollas casas do caluete *dezoito* rr*eai*s Pedr*o* eannes das feiras polla em que moraua o camdieiro *dezoito* rr*eai*s E mais as de pedr*o* eannes pella casa que foy de Joham gomez noue rr*eai*s Paga pedr*o* eannes polla casa de gomçallo magro noue rr*eais* As casas que foram de mestre paullo noue rr*eais* ¶ Joham pir*ez* garrete pollas casas do frade com ajuda do trigo *vinte e oito* rr*eai*s Estas ajudas de trigo eram foros de pam que emtram nestas pagas ¶ O filho de Janeiro pollas casas do tenoeiro *vinte e sete* rr*eais* ¶ Joham alu*arez* e amdre gil pollas casas de Joham f*ernandez* gallego *dezoito* rr*eais* ¶ A casa d*e* aluar*o* eannes rrollam noue rr*eais* ¶ Janeiro por outra casa que foy da palmeira noue rr*eais* ¶ A molher que foy do rrollão polla casa de maria gramde com o seu cortinhal *vinte e oito* rr*eais* ¶ Amdre f*ernandez* polla terra de pero gomçalluez d*a* area noue rr*eai*s Afomsso da marta polla casa d*e* afomss*o* eannes noue rr*eais* ¶ Viçemte annes por outra casa deste afomsse annes noue rreaaes Aluar*o* eañnes e outros polla cortinha do ameal *trinta e seis* rr*eais* ¶ Pedr*o* eannes capateiro e os herdeiros pollas duas casas do crespo *vinte e sete* rr*eais* ¶ Pedr*o* eannes da rribeira pollas casas q*ue* forã de J° da feira *dezoito* rr*eai*s Polla casa do filho do crespo noue rr*eais* ¶ Fernam do crespo por duas casas d*e* aluaro gomcalluez *dezoito* rreaaes Joan eannes por duas casas *dezoito* rr*eai*s Amtonio pereira polla cortelha dos campos noue rr*eais* ¶ Fernam luis de duas casas *dezoito* rr*eai*s E elle mais doutra casa que fez cabeça de casal *vinte e oito* rreaaes Fernam g*onçalluez* huũa casa de palheiro noue rreaães Joham d*e* olíueira de huũa casa de Joam Jurdam noue rr*eais* ¶ Joham sobrinho polla casa do caluete noue rreaaes Joham manhoz por hũa casa de luis de campos noue rr*eais* e se fizer o curral pagara *dezoito* rr*eai*s E se traz huũa casa que hy tinha o Sen*h*orio pagara della noue rr*eai*s Joham manhoz por hũa cortinha que foy dos sobredictos *dezoito* rr*eais* ¶ Afomsso g*onçalluez* de duas casas *dezoito* rr*eai*s e sse çarou as portas de hũua pagara da outra noue rr*eai*s soomente Aluar*o* eañnes alfayate polla casa e emxido e cortinhal . *vinte e um* . rreaães ¶ Joham louremço o moço polla casa de pero g*onçalluez* de dagarey *dezoito* rr*eai*s Pedro homem pollas tres casas de Joam mayo *vinte e sete* rr*eai*s Polla casa que foy de viçemte pagaram os herdeiros noue rr*eais* ¶ Aluar*o* eannes polla casa de pero do carualhal noue rr*eai*s Polla casa que foy de Joam Jurdaaes pagara quem a tiuer noue rr*eai*s se sse fizer casa no casal que foy de Joam gomez pagar sse a

o foro ordenado ⁋ A casa do caluete noue rr*eai*s ⁋ Gomcallo fernamdez e outros pollos moynhos que foram de gomçallo magro *trinta e seis* rr*eai*s E paga pollo moynho de pero do carualhall *dezoito* rr*eai*s E por outro que fez Joane annes gaiteiro *dezoito* rr*eai*s E por out*r*o que fez este mesmo gaiteiro *dezoito* rr*eai*s Outro que fez fernam luis na varzea *dezoito* rr*eai*s Joham alu*are*z filho do alfayate noue rr*eai*s Pedro filho de Joham fernãdez gallego noue rr*eai*s polla casa de Joam go*nçal*lu*e*z dos campos noue rr*eai*s Polla casa que fez aluaro gil noue rr*eai*s A casa de pedr*o* afomsso tallei-gudo *dezoito* rr*eai*s Polla casa que aluaro gill filho do salgado fez noue rr*eai*s Polla casa que fez aluaro filho do alfayate noue rr*eai*s E por outra em que viue feram dalu*are*z noue rr*eai*s E pollo portado que fez Joam crerigo na sua casa noue rr*eai*s Aluaro gill de hũua casa noua que fez noue rreães Joham crerigo polla cortilha dos campos noue rreaaes ⁋ Aluaro filho do alfayate pollos curraaes que estam detras da sua casa noue rr*eai*s E paga sse do moynho de Joham vermuz de ouar de cems-soria *trinta e seis* re*ai*s: —

Por hũu casal d*e* uluar de que se nam pagara Reçam de pam Nem vinho nem de nhuũa outra cousa soomente pagara em cada hũu aÿno de remda quinhemtos Reaães e trazem no afomsso dominguez de pardelhas e pedr*o* eannes teçellam ⁋ E traz outro casal destes d*e* uluar pedr*o* afomsso o nouo de que paga de trigo tres quartas e de milho dous alq*ue*ires e quarta e hũu framgaão e isto de dereituras afora o foro da terra horde-nado como sempre pagou ⁋ O outro casal d*e* uluar amda espedaçado fique a nos Resguardado o d*ire*ito que podermos auer nas herdades e p*ro*-piedades que delle foram E as cabeças Pagam o foro e quem laurar as herdades pagara o foro da terra: —

(1) Sam despouoados e hermos aquy o casal em que morou giraldo d*e* uluar E outro casal de martim sorel em çicar E outro que foy d*e* esteuam do rrio ⁋ E outro em que mora domingos duraãez Nos quaães fique a ñnos Resguardado nosso d*ire*ito e asy em quaaesquer herdades e p*ro*prieda-des suas E paga aquy somẽte pedr*o* eannes de giraldo com seus herdeiros *vinte e trez* rr*eai*s e meo e hũu framgão E asy soyam de pagar foros de pam e vinho destes casaaes . *a saber* . o de martinel e do de pero da cal dos quaaes se fez despois composiçam de pagarem de pam pella medida corremte de trigo seis alqueires E se acharem cabeças façam sse e dem lhe suas herdades e Paga luis go*nçal*lu*e*z pollas casas da rrabea *trinta e seis* rr*eai*s ⁋ Joham pirez do casal da tugueirinha *trinta e seis* . rr*eai*s ⁋ Afomsse annes caluete pollo casal de Joam gomez paga d*e* oitauo E paga rrodrigu*o* eannes pollo casal de pero marinho . *vinte e oito* rreaaes ⁋ E paga Joham abade pollo de rrodrigo do rrio *trinta e seis* . rr*eai*s ⁋ Paga sse pollo casal do frade *trinta e seis* rr*eai*s ⁋ Joam rrodriguez de cabanões polla leira de rrodas d*e* oyto hũu Rodrig*o* aires polla leira do corrego d*e* oito hũu: —

Todollos baçellos e vinhas seguimtes pagam oitauo . *a saber* . o filho d*e* aluaro gil E outro seu pay E outro do salgado E outro pedr*o* afomsso talegado E outro de galledinho E outro de pedro seu seu *(sic)* filho E Janeiro outro E outro do Jamrro de Jam Jurdaaez estes foram feictos e escrictos no tombo . despois do tombo amtigo E pagaram daquy adiante segumdo ate quy pagaram e ora pagam E na dicta maneira sera estes outros . *a saber* . o baçello de Jan alu*are*z em patauersso e outro de gil louremço E outro de Joaninho em patrauoso E outro de pedr*o* afomsso tallegado e os chaãos das saydoiras todos ficaram na dicta maneira ao custume em que ora estam sem outra emnouaçam: —

---

(1) *à margem:* ⁋ Reguẽgos d*e* ouar: —

E pagaram ho oitauo ysso mesmo estes seguimtes . *a saber* . hũu de Joham crespo ¶ Outro de Janeiro ¶ Outra de fernam pir*ez* Outra de caterina do alfayate e de pero das freitas E de Joham rroĩz E de Joam sobrinho E de Joham pir*ez* das freitas E de pedr*o* afomsso filho de Joham pir*ez* . e de Joam rroĩz tenoeiro E de Joham de samta maria E de Joham louremço o nouo E afomss*o* eañnes jemrro de martim foão traz hũu chão jumto cõ o rrio de que paga de seis hũu E asy paga Janeiro da cortinha das ameas d*e* oytauo E pello chaão da fomte pero do carualhal d*e* oitauo E asy pagam d*e* oitauo as cousas seguimtes . *a saber* . Joham pir*ez* da corte del Rey E fernamdo crespo das marinhas mortas ¶ E fernam dĩrz de orjaaes a tojosa traz pero clerigo e outros E o agro de Joam clerigo . E Joham rroĩz dos chaãos de linho E doutro de Janeiro Outro d*e* amdre fernãdez . e sua may outro E o meirinho outro pedr*o* eañes da ygreja pollo chão que aforou na correga dous framgaãos e mais d*e* oitauo E afomss*o* eañnes do moynho do fojoo . *trinta* . rr*eai*s —

(1) Paga sse a nos do pescado que se mata nos dictos lugares hũa dizima noua e primeiramente a d*eu*s e a ygreia ¶ E mais pagaram pollo d*irei*to que se amtigamente pagaua na dicta t*e*rra de vimte peixes hũu pagadas as dictas dizimas primeiro sem se leuar mais o cãbo que se leuaua do dicto pescado E os pescadores aueram seu comduto do pescado que trouxerem amte de se tirar nhũa dizima pera ygoalmente poderem comer aquelle dia sem delle pagarem nhũa dizima nem d*irei*to: —

¶ D*IREI*TOS PESSOAÃES: —

(2) Primeiramente a pemssam dos tabaliaaes paga sse na feira omde ajudam a comtribuir aa paga dos mil e oitoçemtos rr*eai*s que todos la pagam: —

(3) O gaado do uemto quamdo se perder sera do S*enho*rio dos outros d*irei*tos Reaaes como d*irei*to rreal que he com decraraçam que a pessoa a cuja maão for ter o dicto gado o uenha escreuer com ho escriuam que seia pera ysso hordenado ate oito dias primeiros seguimtes so p*e*na de lhe ser demandado de furto: —

(4) Maninhos nam ha na dicta t*e*rra porque toda a terra he foreira E as pr*o*piedades della sam postas em precos e comthias de certos foros em que amtigamente foram postas segũdo atras fica particullarmente decrarado nos titollos e demarcaçooes da dicta terra segumdo os quaaes se pagaram sem outra emnouaçam: —

(5) E porquamto de pouco tempo pera qua se começou de leuar dereito do caruam aos lauradores e moradores da terra que o fazem pera vemder Decraramos e mandamos que se nam leue mais tal d*irei*to E as pessoas de fora que o hy vierem comprar e tirarem pagaram asy do d*irei*to do nauio como do caruam dos rr*eai*s por cada carrada sem mais outro foro nem tributo do dicto caruam: —

---

(1) *à margem:* ¶ d*irei*tos do mar: —
(2) *ibidem:* ¶ Tabaliaẽs
(3) *ibidem:* ¶ Gado do uẽto
(4) *ibidem:* ¶ Maninhos
(5) *ibidem:* ¶ Caruão

(1) E quamto ao d*irei*to dos nauios vay determinado per nos adiamte com as outras cousas que foram julgadas per semtemça que aquy mandamos poer neste forall: —

(2) E asy mandamos que se nã leue d*inhei*ro algũu do caybo de peixe que se leuaua em ouar Nem do quartilho do azeite segumdo ora leuaua E do azeite que se vier hy vemder leuara a portagem segumdo em seu titollo for decrarado Nem leuara amcoragem das barcas nem dos nauios Dos quaaes porem podera leuar quamdo vierem por sal os noue soldos no foral velho comtheudos que sam dezaseis rreaaes: —

(3) A p*e*nna d*e* arma se leuara per nossas ordenaçoões . *a saber* . duzemtos rreaaes e arma perdida sem embargo de per outra maneira atee ora se leuar porquamto nam foy achado foral nem escretura per que o d*irei*to nem penna de samgue se mandasse leuar na dicta terra E soomente se leuaram os dictos duzemtos rreaaes e a arma de qualq*ue*r delicto ou por qualq*ue*r vez que se tirar arma pera fazer mal com ella A qual pena se leuara com estas decraraçooẽs . *a saber* . que as dictas peñas se nam lleuaram quamdo apunharem espada ou qualq*ue*r outra arma sem a tirar Nem os que sem preposito em rreixa noua tomarem paao ou pedra posto que façam mal E posto que de proposito as tomem se nam fizerem mal com ellas nam pagaram Nem a pagara moço de quimze añnos pera baixo Nem molher de qualq*ue*r hidade Nem os que castigamdo sua molher e filhos e escrauos tirarem samgue ⁋ Nem os que sem arma tirarem samgue com bofetada ou punhada Nem quem em defemdimento de seu corpo ou apartar e estremar outros em arroido tirarem armas posto que com ellas tirem samgue Nem escrauo de quaquer hidade que sem ferro tirar samgue: —

(4) E nam se leuaram lutosas a nenhũus moradores nem vizinhos da dicta terra ora seiam foreiros ora nam posto que alguũas vezes fossem por ella rrequeridos porquamto nam se achou titollo nem escritura per que se mandasse pagar nem menos estam em posse de a pagarem: —

(5) E nam se leuaram montados aos gaados dos vezinhos e comarcaãos porque estam em vezinhamça hũus com outros liuremente saluo os montados da gelffa que sam em solido nossos ⁋ Dos quaaes leuaram este d*irei*to se primeiro se nam fizer auẽça . *a saber* . por cabeça de gado vacũu dous rreaaes e por myudo por cabeça meo rreall sem mais se leuar outro d*irei*to do dicto montado nem gado E os da da (sic) t*e*rra montaram liuremente na dicta gelffa E asy nas lizirias sem nhũu tributo nem penna E os que laurarem hy pagaram segumdo sempre pagaram E asy nam pagarão nhũu d*irei*to quãesq*ue*r pessoas asy da terra como de fora de quaaesq*ue*r aues e caça que matarem na dicta terra segundo foy per nos em rrollaçam detriminado: —

(6) E nam se leuara a dizima das semtemças no dicto lugar polla dada dellas posto que atee ora se leuasse E leuar sse a soomente a dizima da

---

(1) *à margem:* ⁋ D*irei*to dos nauios.
(2) *ibidem:* S*ent*ença d*e* ouar
(3) *ibidem:* — ⁋ Pena darma: —
(4) *ibidem:* — ⁋ lutosas
(5) *ibidem:* Montados
(6) *n. à margem em letra mais moderna:* Direitos do mar.

eixecuçam quamdo se fizer E de tamta parte se leuara a dicta dizima de quamta se fizer a eixecuçam posto que a semtemça de moor comthia seia. A qual se nam leuara se jaa se leuou polla dada della em outra parte: —

(1) Decraramos primeiramente que a portagem que se ouuer de pagar no dicto lugar ha de ser por homẽes de fora delle que hy trouxerem cousas de fora a uemder ou as comprarem hy e tirarem pera fora do dicto lugar e termo A qual portagem se pagara desta maneira E o mais da portagem. e pena do foral he tal como o foral da feira Dada em a nossa muy nobre e sempre leall çidade de lixboa aos dez dias do mes de feuereiro Anno do naçimento de nosso senhor ieshũ *christo* de mil e quinhentos e *quatorze* fernam de pina o sobescreueo e conçertou em trimta folhas atras e mais estas cimquo rregras: —

É desconhecido o paradeiro de qualquer dos dois exemplares do foral de Ovar; o texto de que nos servimos é o que se encontra transcrito no *Livro dos Foraes Novos da comarqua da Extremadura*, no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo (fl. 200, v.°, col. 2.ª — fl. 205, v.°) e foi-nos obsequiosamente fornecido pelo nosso distinto colaborador, Rev.° Miguel de Oliveira, que ao *Arquivo do Distrito de Aveiro* tem prestado assinalados serviços, tornando-se credor dos nossos mais sinceros e calorosos agradecimentos.

A. G. DA ROCHA MADAHIL

(1) *à m.:* ℂ Portagem: —

# APONTAMENTO SÔBRE O GAFANHÃO E A AREIA

MÍSERA consolação é, em boa verdade, para quem falha, considerar em sua consciência o exemplo de outros vencidos no combate da vida. Mas seguramente só verdadeiramente se falha, quando nos consideramos vencidos.

Os grandes triunfos, constrói-os o trabalho persistente, com grandes pedras de sonho movidas pela omnipotência da fé. Quando se apaga a fé, então sim: então verdadeiramente falhámos, e ficar-nos-ão na alma, como entulho, as carradas de sonho com que poderíamos erguer o castelo do triunfo.

Vem na Bíblia que ultrapassará os Reis quem fôr, em seu trabalho, persistente. E à frase de Cristo — *a fé remove montanhas* —, não é necessário invocar em favor dela a possibilidade do milagre, porque humanamente a vemos significar uma verdade de todos os dias.

O Gafanhão é isto mesmo: um homem persistente em seu querer, teimoso no trabalho, inquebrantável na fé de vencer. E há-de haver um dia, por justiça imanente da vida, cinzel ou caneta de homem de génio que materialize em forma artística a epopeia sublime dêsse camponês que ninguém conhece, quando êle é maior ainda do que o guerreiro da reconquista e o marinheiro das descobertas.

A Gafanha é hoje uma grande arca nacional de pão. E nunca demais enalteceremos o labrego rude que lhe despejou a areia e a encheu de feijão e milho.

Fica situada entre os dois braços da Ria-de-Aveiro que da Barra se dirigem para o sul, grosseiramente paralelos, um até ao Cais do Pôrto da Cruz, para os lados de Mira, outro, por Ílhavo e Vagos, até à Ribeira do Boco.

Considerando o nome Gafanha, é-se tentado a supor que ali fôsse em remotas eras a *gafaria* para onde se enxotassem os leprosos do reino. E mais esta suposição nos tenta, se

reparamos que tudo aquilo era um deserto imenso, sem água nem fôlha verde. Esta hipótese, no entanto, nem a história a confirma nem a aceita a filologia. Apenas hoje se antolha a leigos, e não tem outro valor que não seja o de imagem de recurso para retratar-se a aridez do sítio.

Era um lençol desolador de areia branca, de dúzias de quilómetros quadrados, que os braços da laguna debruavam a norte, a leste e a poente, isolando do contacto da vida a solidão árida do deserto.

Lá dentro, longe das vistas, bailavam as dunas, ao capricho dos ventos, a dança infindável da mobilidade selvagem dos elementos em liberdade.

Brisas do mar e brisas de terra, ventos duráveis do norte em dias de estabilidade barométrica, e rajadas violentas de sudoeste a redemoïnharem no céu enfarruscado de noites tempestuosas, eram quem governava o perfil das areias movediças cavadas em sulcos e erguidas em dunas de ladeiras socalcadas a miüdinho.

Era assim a Gafanha do tempo dos nossos bisavós: deserto enorme de areia sôlta, a bailar, ao capricho dos ventos, o *cancan* selvagem de uma liberdade sem limites.

Um dia, não longe ainda, um homem atravessou a fita isoladora da Ria e pôs pé na areia indomável. Não sabe a gente se o arrastava a coragem do aventureiro, se o desespêro do foragido. De qualquer modo, êle fêz no areal a sua cabana, à beira da água, e principiou a luta de gigantes do Gafanhão contra a areia.

Em volta da sua casota, para bastar-se, semeou feijão e plantou couves. Levara consigo uma enxada, e com ela principiou a luta.

A areia movediça, porém, é praga da natureza, que nunca deu couves nem pão. Escorrega para baixo, das bordas das enxadadas, e não deixa esburacar-se para se fazerem plantações.

Nos interstícios dos grãos poeirentos da areia, não encontravam alimento as raízes das couves, que morriam de inanição. Era um solo maldito que zombava do esfôrço do homem, queimando a novidade à falta de alimento.

Mas o Gafanhão não desanimou.

Dentro da água da Ria, longas hastes estendidas no sentido da corrente, vivia, prêsa ao lôdo do fundo e alagada na salinidade, tôda uma flora magnífica, rica de fosfatos, a que não custava deitar a mão.

O homem desceu à água, arrancou o moliço, enterrou-o na areia com a sua enxada, e plantou as couves de novo, em tôrno da cabana que construíra.

Ainda desta vez não logrou triunfar, porque o moliço foi um avo infinitesimal de produtividade que a esterilidade da

areia engoliu num instante. Mas estava visto como era possível arrancar pão do solo.

Então passou o Gafanhão a dividir o seu tempo entre a enxada e o ancinho do moliço, descendo à água, de manhã, para desengaçar algas, e cavando a areia, de tarde, para enterrá-las. Plantou mais couves e semeou mais feijões, iludindo, hora a hora, a sua fome, com a perspectiva do dilúvio de fartura que havia de ter um dia.

Efectivamente, pensava êle, era infinitamente grande aquêle areal que tinha em frente. E, no dia em que o chão tivesse enegrecido, à fôrça de moliço e lama, seria possível ter-se ali uma fortuna em terra onde colher novidade.

Sonhando êste grande sonho, tendo aninhada em si a ambição de vir a ter fartura, e aquecido pela confiança segura no êxito, o homem teimava em cavar e plantar sempre, indo à Ria e revolvendo a areia, labutando apesar da fome, semeando pela décima vez onde nove havia falhado uma cultura, sem desalento nem cansaço.

Quando a brancura do solo tinha ligeiramente escurecido, à fôrça de adubo, as primeiras fôlhas da novidade manchavam de verde o chão, em volta da casa do homem, que sorria, triunfante, limpando o suor às costas negras da mão calejada.

E então veio de alguma parte outro homem, que se aliou ao primeiro. E chegou mais outro ao depois, e um quarto, e um quinto, e uma família, e mais outras.

Ergueram-se mais casas ao longo dos braços da Ria, uma aqui, outra além. Mais enxadas começaram a remover a areia e mais ancinhos de dentes bastos a arranhar o lôdo do fundo do canal, arrancando moliço.

O Gafanhão organizava-se em exército indomável na luta contra a praga da areia. Teimoso por índole, jogou a cartada final: fixou-se. Casou e teve filhos. Construíu mais casas, mandou fazer mais enxadas de pá muito larga, muniu-se de ancinhos em maior quantidade e construíu moliceiros para a faina da Ria.

Eram então mais os braços. Homens e mulheres, filhos, genros e noras, tinham todos que amassar em suor a teimosa areia que se negava a produzir. E, enquanto uns labutavam em terra, cavando e semeando, outros queimavam ao sol iodado de sôbre a água os dorsos mal cobertos, dobrados sôbre os cabos longos de pesados ancinhos a arrastar na lama.

Em volta das casas, ia o chão enegrecendo, e já o cobria a verdura das fôlhas da novidade. Mas havia que alargar para dentro as culturas, que enegrecer mais areia, que fertilizar maior superfície de deserto.

E então surgiu o inevitável: uma noite de vendaval cobriu de areia as culturas, erguendo dunas sôbre as sementes enterradas.

Foi preciso recomeçar pacientemente. Foi necessário enterrar moliço muito ao largo, tentando prender com humus a areia movediça que o vento espalhava ao acaso.

E o Gafanhão assim fêz. Foi tratando com adubo hectares de solo, para colher apenas nas poucas geiras que lhe rodeavam a casa.

Tudo isto, porém, ia levando anos sôbre anos, em que a areia e o vento pareciam apostados em destruir caprichosamente o trabalho do homem. Não fôra o Gafanhão quem é, teimoso e paciente como um herói lendário, e teria desistido de domar aquela terra maldita que a si própria se cobria, arrasando numa hora muitos meses de esfôrço inaudito.

Uma outra geração sucedeu, porém, à primeira, e a luta continuou. Multiplicaram-se os braços, salpicou-se de casas todo o areal da beira-Ria, e os avós ensinavam aos netos, dobrados todos sôbre as mesmas enxadas, que era preciso lutar e vencer, sob pena de morte pela fome.

Depois da invasão das culturas pela avalanche das dunas, nunca os mais novos viam que os velhos chorassem, de braços cruzados, rogando pragas ao destino. Viam, sim, crescer na água o número de barcos, e na terra o de enxadas que recomeçavam pela centésima vez o trabalho inútil de uma sementeira que não chegava a dar fruto.

Teimava a areia em bailar, cobrindo cìnicamente de grãos estéreis o chão estrumado com algas. E o Gafanhão teimava em vencê-la, enterrando-lhe mais e mais lavouros de moliço que ia buscar à água dia e noite.

Ao despontar de uma terceira geração, dispunha já o deserto de pouca areia branca para semear sôbre o terreno escurecido que o Gafanhão adubava teimosamente. Nas encostas das dunas interiores, mais selvagens, começava o pinheiral a segurar com raïzame o terreno esfarelado. E à beira da água, na areia escura, o humus e as raízes dos feijoeiros fixavam o perfil de um solo que principiava a render-se.

Ao norte, formava a população a Gafanha da Nazaré. Mais abaixo, à beira do canal ocidental, surgira a Gafanha da Encarnação. Mais para o sul, a Gafanha do Carmo. E para baixo desta, a Gafanha da Boa-Hora.

Uma população numerosa e trabalhadora conquistava com a sua enxada o areal desértico, e realizava, à custa de um esfôrço hercúleo e de uma persistência sobrehumana, um grande sonho que havia sido sonhado pelo primeiro Gafanhão que na hostilidade da areia construíra um dia a sua cabana e plantara as primeiras couves.

Principiaram a vingar as searas de milho e feijão. Veio a batata depois, o grão-de-bico, a melancia e a cebola. E uma torrente de fartura manou da terra para as arcas do Gafanhão.

Chegaram negociantes em seguida, à compra dos géneros, e deixaram dinheiro. Para absorvê-lo, vieram as lojas e os homens de nogócio com relações em outros centros. Metade dos braços que haviam conquistado a areia à improdutividade eram agora dispensáveis, e emigraram para a América, donde alguns voltaram ricos.

Então o Gafanhão abriu através da areia estradas que asfaltou, por onde rola o seu automóvel de novo rico. Se é proprietário, construíu à beira da estrada o seu palacete e mandou o filho a Coimbra formar-se. Formou sociedades de pesca de bacalhau, construíu estaleiros, fêz navios, recrutou pescadores entre os gafanhões mais pobres e mandou-os à Terra Nova e à Groenlândia.

Hoje é a Gafanha um solo feracíssimo, arca de pão nacional que exporta centos de toneladas de todos os géneros para as regiões de terra ingrata, onde o trabalho não frutifica.

É um milagre de esfôrço e de persistência de um rude camponês desconhecido cujo trabalho é uma epopeia grandiosa. É um monumento de triunfo de um homem teimoso que lutou e venceu, ganhando uma vitória tão deslumbrante quão fantástica foi a luta que sustentou sem desânimo nem fraqueza de espírito.

Aliás, o Gafanhão continua sendo ainda hoje o que ontem foi: persistente e fechado consigo, empreendedor e quási nada comunicativo. No ambiente que a si próprio se criou, foi modelando um carácter de *homem só*, de lutador que sabe até onde pode contar consigo, e em pouco se fia do auxílio que possa advir-lhe de alguém ou de algures.

Encontrando-se a dois passos de Aveiro, o habitante da Gafanha não sente nem vive como o aveirense. Menos sentimental e mais metido consigo, raro se entusiasma ou se queixa, guardando caladamente projectos e desgostos que tenha.

Fìsicamente mesmo, não se encontram no Gafanhão os traços das restantes povoações ribeirinhas. Não se lhe nota aquêle olhar líquido atirado para longe que existe no rosto dos homens de Ílhavo, mais amantes do mar alto, embora vivendo mais longe da costa. Nem mesmo há no Gafanhão a desenvoltura e a viveza do seu vizinho murtoseiro.

Mas o que fundamentalmente caracteriza o homem da Gafanha é a sua psicologia de pessoa prática, mais dada aos interêsses do solo que à nostálgica saüdade do além-do-mar, com que sonham em última análise os restantes homens da beira da laguna.

Enquanto o Ilhavense andou ao deusdará pelos sete mares do mundo, cortando rotas, descobrindo terras, visitando praias, foi-se-lhe na alma gerando como que uma

névoa de saüdosismo sentimental que deixou aos filhos e aos netos por hereditariedade.

Mas, enquanto isso, o Gafanhão lutou em terra, prosaicamente, dentro de limitados horizontes, no fito de uma construção definida. Moldou-lhe esta circunstância um espírito pragmático, sempre tendo em vista uma finalidade útil e imediata, em vez de um vago ideal de partir a correr mundo, sem saber para quê, como as gaivotas do mar.

O homem do mar luta com os elementos, porque o seu fundo temperamental de poeta o faz instintivamente descobrir na luta quanta beleza existe no esfôrço titânico do vencedor das ondas e dos ventos. O Gafanhão, homem da terra, luta sem tréguas, teima e vence, é pertinaz, laborioso e indomável, porque da sua luta surgirá o pão que é para êle a primeira condição da vida.

Por isso, enquanto Ílhavo e Aveiro são hoje terras pobres, embora com poemas de heroicidade escritos nas rotas de um milhão de barcos que têem sulcado as ondas de todos os mares, a Gafanha é simplesmente um celeiro cheio, uma grande arca de pão.

O Gafanhão pretendeu apenas bastar-se, arrancar alimento da areia, ser útil. Não tem consciência da epopeia magnífica erguida em três gerações, com suor e enxadadas, à sombra da proa recurvada dos seus moliceiros. Mas nem por isso é menor o seu mérito. Nem por isso a sua Gafanha, a Gafanha que *êle fêz* sòzinho, contra tudo e contra todos — nem por isso a sua Gafanha deixa de ser um triunfo monumental que aí temos a atestar ao País e ao Mundo que o braço do Homem continua sendo a grande alavanca da Criação, e que em boa verdade vence quem teima, porque *a fé revolve montanhas.*

JOAQUIM MATIAS

# ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

---

# CORRIGENDA ET ADDENDA

*Do nosso prezado amigo e assinante, Ex.$^{mo}$ Senhor* José Ferreira de Sousa, *aveirense muito dedicado à sua terra e apaixonado conhecedor da história da cidade, recebemos alguns esclarecimentos rectificando e completando vários artigos insertos no ARQUIVO, do volume* II *ao* VIII.

*Vivamente agradecemos a penhorante gentileza, e aqui lealmente transmitimos aos nossos leitores o resultado das investigações do Sr.* Ferreira de Sousa.

*Como na capa de todos os nossos fascículos se declara, «a doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores»; e é intuitivo que materialmente impossível nos seria submeter a minuciosa verificação de pormenor tôdas as afirmações contidas em cada artigo recebido. Mas como outro objectivo não temos que não seja o de alcançar o mais possível a verdade histórica, gostosamente aceitamos todos os esclarecimentos tendentes a êsse fim, e os registamos com reconhecimento.*

*A* Direcção

VOLUME II (1936):

*Página 9* — Santa Mafalda faleceu em 2 de Março, com 61 anos de idade, e não em 1 de Maio.

*Página 324* — Em 11 de Outubro de 1835, foram anexadas: a freguesia de N. S. da Apresentação à da Vera-Cruz, e a do Espírito Santo à de S. Miguel. Esta freguesia mudou de orago depois da anexação.

VOLUME III (1937):

*Página 54* — A estampa tem o nome errado. Deve ser *Sala do Despacho*, Sacristia e arrecadações da Ordem Terceira de S. Francisco, e nada tem o edifício de comum com o Convento de Santo António.

*Página 90* — O motivo por que demoliram a igreja de S. Miguel foi o ter por orago S. Miguel, nome do rei deposto. Pela reünião das duas freguesias — S. Miguel e Espírito Santo —, devia a freguesia ter por orago S. Miguel, por ser a mais antiga das duas; mas, em homenagem à Rainha (D. Maria da Glória, filha de D. Pedro IV), mudaram-lhe o orago para Senhora da Glória. Na igreja, não há nem houve imagem com esta invocação.—A capela de S. Sebastião ficava no antigo largo, próximo da fonte de S. Sebastião [Fonte dos Amores], no actual Bairro de Aires Barbosa. O sino desta capela está na tôrre dos Paços do concelho, lado do Poente, e é o que bate os quartos de hora. — Do convento de lá apenas ardeu pequena parte do corpo principal, a Nascente, que confronta com a rua pública. O convento continuou a existir até 17 de Março de 1885, data em que foi para Fermelã a última freira.

*Página 95* — A capela de Santo Amaro deve ser a de Vilar.

*Página 316* — O incêndio da estação do C. F. não foi total: apenas ardeu a parte superior da casa, ou seja o segundo andar.

VOLUME IV (1938):

*Página 39* — A entrada da canhoneira «Maria da Fonte» foi no dia 2 de Julho de 1847. Os que primeiro fizeram fogo foram os da canhoneira, pois que o Ponce Leão e os compa-

nheiros não levavam armas. O Ponce Leão levava uma bengala. O barco não passou das proximidades das pirâmides; e quando, mais tarde, veio tropa, os patuleias fugiram pelas marinhas. Traziam uma pequena peça. O primeiro tiro não acertou em ninguém; o segundo matou o Ponce Leão, que ficou em tal estado, que foi preciso um lençol para embrulhar os seus restos.

*Página 58*, nota 1 — O convento das Carmelitas foi desejado por D. Brites de Lara, que tratou de conseguir as precisas licenças e que faleceu sem as ter obtido. A isso se refere a Crónica dos Carmelitas.

*Página 209 e segs.* — O chapéu do Bispo estava dependurado na pilastra correspondente ao cruzeiro, do lado do Evangelho; e, no local próprio, do mesmo lado, estava a cadeira episcopal, com o dossel, roxo, caído, a indicar *sede vacante*. Aos domingos e dias santificados, havia missa cantada, a cantochão, acompanhada a órgão pelo organista da Sé, António Correia de Abreu. A missa era cantada pelo capelão-tesoureiro P.e Domingos Tavares Afonso e Cunha, hóspede das Senhoras Regalas, na Rua do Vento. Assistiam todos os seminaristas, acolitando e cantando no côro. Assistiam também o professor de liturgia, mestre de cerimónias, e o professor de cantochão. O último professor de liturgia foi o P.e Manuel Joaquim Soares, e o último de cantochão o P.e Manuel Ferreira Pinto de Sousa. O último sacristão da Sé chamava-se João Maria da Silva (o *João da Sé)*, e o contínuo das aulas António Joaquim da Silva Pádua, conhecido pelo *António Sacristão,* assim denominado por ter sido sacristão, o último, da igreja de S. Miguel e depois da freguesia da Glória e convento de Jesus, e guarda do cemitério. — A Sé foi primitivamente estabelecida na igreja da Misericórdia. Nunca se chamou Sé Velha, porque não havia outra mais moderna; e, quando a houve, a igreja continuou a chamar-se Misericórdia.

A Sé foi transferida para o recolhimento de S. Bernardino no tempo do terceiro Bispo. Era igreja sem ornatos ou obras de merecimento; mas tinha uma tribuna na capela-mor, muito elegante e bem lançada, que se vê hoje, muito mutilada, na igreja da Senhora da Encarnação, na Gafanha. Tinha dois altares laterais, feitos no tempo do terceiro Bispo. A igreja, extinto o bispado, ficou entregue à Associação do S. Coração de Jesus, que ali continuou a exercer o culto, até que o Sr. Dr. André dos Reis, como presidente da Comissão cultual (creio que assim se chamava) a mandou fechar. Os altares foram: um para a capela de S. Tiago, onde, para

adaptação, foi mutilado; o outro deve estar guardado no Hospital da Misericórdia. A colcha amarela está no Museu, e o restante foi para o Museu, Misericórdia e outras igrejas.

*Página 246* — O mapa das freguesias da nova Diocese está errado: falta-lhe a freguesia de Macinhata do Vouga e tem a mais: Boa-Hora, Boco, Salgueiro, Ouca, Parada de Cima, Fonte de Angião, Vista Alegre, Andia, Choca do Mar, Lombomeão e Vagueira, que não são freguesias.

*Página 249 e segs.* — O quarto Bispo eleito para a Diocese de Aveiro chamava-se D. António de Santo Ilídio da Fonseca e Silva (e não *Egídio*). Entrou em Aveiro no dia 16 de Outubro de 1840 e tomou posse da Diocese sem esperar a confirmação e sagração. Para sanar esta irregularidade, foi nomeado Vigário Geral da Diocese, lugar que ocupou por algum tempo. Tenho uma pastoral, impressa, dêste Bispo, de 29 de Julho de 1841, assinada por êle como bispo eleito. Era irmão do antigo escrivão da câmara eclesiástica, Luís António da Fonseca e Silva, que ainda tem descendentes em Aveiro, e morava na rua de Santa Catarina, na casa hoje pertencente à família Meireles. O sucessor e último escrivão da Câmara chamava-se José Pereira de Carvalho (B.el), natural de Viso.

João José Marques da Silva Valente, o *Passante*, por ter tido tal cargo no convento de Santo António, onde foi frade, foi Vigário Geral, substituto, da diocese de Aveiro desde Outubro de 1869 até 15 de Agôsto de 1870.

*Página 250* — Na gravura, está *D. José*, em vez de *D. Manuel* Pacheco de Resende.

*Páginas 303 e 304* — O carcereiro chamava-se António José de Carvalho, e o melro cantava as primeiras notas de um côro da ópera *Favorita*, de Donizetti. Não cantava o *Prim*, nem a *Maria Cachucha*.

*Página 315* — O primeiro enterramento no cemitério público foi em 12 de Dezembro de 1835, e não em 1855.

VOLUME V (1939):

*Página 153* — A casa do correio não era muito antiga, pois que é mais moderna que o Liceu.

A igreja de S. Miguel foi demolida propositadamente, e não por estar arruïnada. Os presos ouviam a missa que era

rezada numa capela exterior à igreja, construída para êsse fim pela Câmara em 1706.

*Página 154* — Não era pardieiro, mas sim as paredes já construídas até a altura das vêrgas das portas e destinadas ao Teatro. Como a obra ficasse longo tempo parada, ali se desenvolveram as silvas. Esta construção principiou no dia 22 de Junho de 1857, no sítio das casas que foram de João Veríssimo.

*Página 193* — João Ferreira da Cruz, de *Vagos*, e não de Lagos.

Volume vi (1940):

*Página 179* — *Igreja do Espírito Santo.* — O cruzeiro foi demolido em 13 de Agôsto de 1841. A Junta de Paróquia mandou arrear a telha no dia 6 de Novembro de 1843.

— *Igreja de S. Domingos.* A tôrre foi construída no sítio onde existia a capela de N. Senhora da Escadinha, da qual nada se aproveitou. A porta existente foi construída de novo para dar entrada para a tôrre e para o pátio interior. Esta tôrre fê-la o mestre de obras Bernardo António da Graça, de Aveiro, e a demolida estava sendo construída pelo mestre de obras Fernando Manuel Homem Cristo. Na tôrre foram colocados: o sino balão e o sino da figueira, que eram de S. Miguel, e os dois sinos do Espírito Santo. Pouco depois, foi trocado um dos sinos do Espírito Santo pelo sino dos Frades, que existia num campanário que ainda se conserva, — por se reconhecer que fazia melhor conjunto com os outros. Êste sino, tirado da tôrre, foi mais tarde vendido para a Sé, donde em 1911 seguiu para as Carmelitas, onde *rachou* e ali se conserva.

A construção da tôrre principiou em 11 de Outubro de 1860. A obra parou nos fins de Dezembro do mesmo ano, para recomeçar no dia 4 de Fevereiro de 1861. Ficou concluída em 9 de Agôsto de 1862. Os sinos tocaram pela primeira vez numa quarta-feira, 28 de Maio de 1862, véspera da Ascensão.

*Página 180* — *Cemitério.* — O primeiro enterramento no cemitério fêz-se no dia 12 de Dezembro de 1835, e foi sepultado Francisco de Almeida, carpinteiro, da rua do Espírito Santo. Esteve por sepultar durante três dias, porque o povo não queria que êle fôsse enterrado nos canoilos (assim chamava o povo àquêle terreno, por ter ainda os canoilos do

milho, ùltimamente ali semeado). Tinham-lhe aberto sepultura na igreja do Espírito Santo e outra na igreja da Ordem Terceira.

*Página 181* — A procissão dos Passos saía do Carmo e recolhia em S. Miguel. A capela do Terreiro era um Passo privativo.

*Página 197* — A antiga entrada para a igreja da Misericórdia era para uma escada em frente da porta, e saliente. Como avançava muito para a rua, foi substituída, no tempo do provedor António de Sá Barreto de Noronha, por um patamar e duas escadas laterais, que há pouco existiam. A Rua da Costeira foi alargada à custa das casas do Nascente e Poente. A *nota* está errada, pois não foi o sistema primitivo o agora adoptado.

*Página 194* — O teatro actual foi construído sôbre as paredes, já a meia altura, do teatro que em tempo fôra principiado, no sítio da tal casa de que fala o *Arquivo*.

*Página 198* — Casas dos herdeiros de Manuel Ferreira Correia de Sousa, e não do Prior da Vera-Cruz, que era um dos herdeiros.

*Página 199* — O Liceu passou para o edifício próprio no dia 15 de Fevereiro de 1860. A inauguração do retrato de José Estêvão foi em 1866.

As pedras da capela estão hoje no Museu.

VOLUME VII (1941):

*Páginas 182 e 183* — A freguesia de N. Senhora da Apresentação nunca teve por orago a S. Gonçalo, nem a provisão que a criou fala em tal.

VOLUME VIII (1942):

*Página 283* — O Govêrno Civil foi instalado no Paço Episcopal, assim como a Repartição de Fazenda, em 1846. Em 1835, era ainda habitado pelo terceiro Bispo. — A primeira casa onde esteve foi a que hoje pertence à família Rebocho, na Rua Direita; a segunda, a casa que pertenceu ao Dr. Monteiro, também na Rua Direita, hoje demolida; a terceira foi a casa de José Maria Branco de Melo, na Rua de José Estêvão, hoje reconstruída pelos herdeiros do Vis-

conde de Valdemouro; a quarta, a casa que depois pertenceu a António Taveira, no Alboi; a quinta, o Paço Episcopal; a sexta, o Liceu, após o incêndio do Paço. Do Liceu foi para o edifício próprio, e hoje encontra-se na casa que ocupa o terreno onde esteve a casa de José Maria Branco de Melo, hoje dos herdeiros do Visconde de Valdemouro. (Veja o n.º 23 do *Arquivo*, pág. 199).

*Página 284* — A capela, que era um dos *Passos* da procissão de Passos, estava incluída no edifício, no rés-do-chão, lado Norte. Ficava por baixo do arco, mas nada de comum tinha com êle: o arco servia apenas para ligar o edifício com o outro, onde actualmente se vê o Colégio de N. Senhora de Fátima.

Das Repartições instaladas no edifício, não estava a Direcção Hidráulica do Mondego, mas a 1.ª Secção (Bacia do Vouga) daquela Direcção.

JOSÉ FERREIRA DE SOUSA

# O CARTÓRIO DO MOSTEIRO DE AROUCA

O HISTORIADOR que se proponha conhecer o cartório do Mosteiro de Arouca encontra presentemente as grandes dificuldades provenientes da sua dispersão, comuns à maior parte das instituïções congéneres, conseqüência da falta de método e de verdadeiro critério arquivístico na recolha dos arquivos conventuais, e, posteriormente, na sua ordenação e conservação.

De há muito que as espécies provenientes de um mesmo fundo arquivístico deviam estar agrupadas num só arquivo onde se procurasse reconstituir o cartório originário. Mas por vezes as idéias mais simples e mais lógicas são justamente as que encontram dificuldades maiores para a respectiva execução. Assim tem sido e continua a ser, entre nós, com a documentação proveniente dos conventos extintos, chegando a dispersão ao ponto de se encontrarem em quatro depósitos, diferentes e distantes, os papéis retirados de um só Mosteiro, como acontece com os de Santa Cruz de Coimbra, presentemente espalhados por esta cidade, por Lisboa, por Viseu e pelo Pôrto.

É escusado acentuar quanto êste critério tem de condenável, e de indefensável perante a boa técnica arquivística.

Como noutro lugar deixámos registado [1], de Arouca seguiu para o Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo (e para a Biblioteca Nacional de Lisboa) a parte paleogràficamente mais significativa, requisitada pela Academia Real das Ciências, recolhendo o remanescente, susceptível de interêsse fiscal, mais tarde, à Direcção de Finanças do Distrito de Aveiro, donde transitou em 1937 para o Arquivo da Universidade de Coimbra; estava naturalmente indicado que tudo aqui se reünisse, visto o Distrito de Aveiro não possuir arquivo e o de Coimbra ser o mais próximo e de maior

---

(1) *Doações, Privilégios e Confirmações Régias do Mosteiro de Arouca* (Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. IV, págs. 121 e segs.).

importância; assim o considerou, e ordenou, por isso, a Inspecção Superior das Bibliotecas e Arquivos quando a remição obrigatória dos últimos foros dos Mosteiros tornou desnecessária a continuação dos arquivos conventuais nas Direcções Distritais de Finanças.

São principalmente as espécies membranáceas, originais — duplamente preciosas, portanto — a parte que ainda hoje se encontra em Lisboa; a colecção de Coimbra é constituída por grandes séries de tombos, livros de cobranças de foros, livros de notas, uma série de cartulários, cartáceos, que principia em 1440, índices, e alguns documentos avulsos, dos últimos tempos da Congregação.

A êstes dois núcleos fundamentais se devem somar muitos papéis e livros que ficaram no Mosteiro, e muitíssimos mais que se extraviaram, alguns dos quais vieram a ser recolhidos por particulares; entre êstes últimos se contam, por exemplo, os que o Dr. António José da Rocha, juiz em Arouca em 1858, foi encontrar a embrulhos nas mercearias da vila, que reüniu e consigo trouxe quando em Outubro dêsse ano recolheu à sua casa de Ílhavo, onde possuía selecta livraria; são, quási todos, cadernos de cópias feitas no século XVIII para nova tombação, mas têem interêsse, mesmo assim, e suprem por vezes a falta dos documentos originais.

Desde 1929 que são propriedade nossa, por herança.

Na intenção de reconstituir, tanto quanto possível, o antigo cartório do Mosteiro e de documentar a sua dispersão, extraímos dêstes papéis o recibo autógrafo, e relação, de quanto o Comissário da Real Academia das Ciências de Lisboa, Augusto Soromenho, levou para a Capital; minuciosamente organizada pelo Padre António Cardoso Pinto, dessa relação constam 664 pergaminhos seriados cronològicamente de 883 a 1279, entre êles se contando 39 bulas originais, o testamento de Dona Mafalda encadernado em marroquim e metido em bôlsa de seda, e o processo da demanda corrida entre D. Afonso 3.º e o Mosteiro, precioso rôlo de 20 varas e meio palmo de comprido. Acompanhava os 664 pergaminhos um cartulário magnífico, mandado organizar pela Abadessa Dona Maior Martins, o qual ocupa 87 fôlhas de pergaminho, e constitui, pela data a que remonta, a preciosidade que fàcilmente se imagina.

Para a história dos nossos arquivos e ainda para conveniente aproveitamento dos cartulários existentes, seria do maior interêsse o confronto desta relação com as próprias espécies de Arouca arquivadas ainda, após tôdas as vicissitudes dos tempos, no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo.

Textualmente a transcrevemos, deixando o seu cotejo para quem o possa realizar; daremos em seguida breve nota do que entrou para o Arquivo da Universidade de Coimbra,

vindo da Direcção de Finanças de Aveiro, e remataremos esta tentativa de reconstituïção publicando o índice geral do cartório organizado no próprio Mosteiro em 1743, um dos volumes dêste último núcleo recolhido. Com êstes elementos abarca-se razoàvelmente o conjunto arquivístico de Arouca e fica-se habilitado a ver, com grande aproximação, o que é possível ainda ser utilizado pela História.

Diz o recibo do comissário da Academia das Ciências:

«BISPADO DE LAMEGO

MOSTEIRO D'AROUCA

(RELAÇÃO A QUE SE REFERE A PORTARIA EXPEDIDA AO R.DO BISPO DE LAMEGO EM 11 DE SETEMBRO DE 1857.)

CARTORIO DO MOSTEIRO D'AROUCA

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 1.ª | 1.º | 1 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 2 | 1294 | |
| » | » | 3 | 1297 | |
| » | » | 4 | 1297 | |
| » | » | 5 | 1255 | |
| » | » | 6 | 1294 | |
| » | » | 7 | 1295 | |
| » | » | 8 | 1265 | |
| » | » | 9 | 1295 | |
| » | » | 10 | 1295 | |
| » | » | 12 | 1295 | |
| » | » | 13 | 1295 | |
| » | » | 14 | 1295 | |
| » | » | 15 | 1302 | |
| » | » | 16 | 1302 | |
| » | » | 17 | 1305 | |
| » | » | 18 | 1312 | |
| » | » | 19 | 1312 | |
| » | » | 20 | 1312 | |
| » | » | 22 | 1312 | |
| » | | 23 | 1312 | |
| » | » | 24 | 1266 | |
| » | » | 52 | 1189 | |
| 1.ª | 2.º | 11 | (?) | |
| 1.ª | 3.º | 4 | (?) | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 1.ª | 4.º | 1 | 1262 | |
| » | » | 2 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 3 | — | Bulla de Honorio 3.º — 10 an. do pontificado |
| » | » | 4 | — | D.ª de Innocencio 4.º — 3.º an. do pontificado |
| » | » | 5 | 1245 | D.ª de Innocencio 4.º |
| » | » | 6 | 1245 | Bulla de Innocencio 4.º—2.º an. (em instrumento) |
| » | » | 7 | — | D.ª de Innocencio 4.º — 7.º an. do pontificado |
| » | » | 8 | — | D.ª de Innocencio 4.º — 6.º an. do pontificado |
| » | » | 9 | — | D.ª de Innocencio 4.º — 7.º an. do pontificado |
| » | » | 10 | — | D.ª de Innocencio 4.º — 3.º an. do pontificado |
| » | » | 11 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 12 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —6.º an. do pontificado |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 1.ª | 4.º | 13 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —12.º an. do pontificado |
| » | » | 14 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 15 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 17 | 1266 | (anno) |
| » | » | 20 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —7.º an. do pontificado |
| » | » | 21 | — | D.ª d'Innocencio 3.º —14 an. do Pontificado |
| » | » | 22 | — | D.ª de Gregorio 10.º —3.º an. do Pontificado |
| » | » | 18 | — | D.ª de Gregorio 9.º —3.º an. do Pontificado |
| » | » | 46 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —5.º an. do Pontificado |
| 1.ª | 5 | 1 | — | Bulla de Clemente 4.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 2 | — | D.ª d'Innocencio 4.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 5 | — | D.ª de Gregorio 10.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 7 | — | D.ª de Gregorio 9.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 9 | — | D.ª de Gregorio 10.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 15 | — | D.ª de Gregorio 10.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 17 | — | D.ª de Gregorio 9.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 19 | — | D.ª de Gregorio 10.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 21 | 1265 | |
| » | » | 22 | 1297 | |
| » | » | 22 | — | D.ª de Innocencio 4.º —3.º an. (em instrumento) |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 1.ª | 5 | 28 | Sec. XIII | atados um no outro (sem data) |
| » | » | 29 | | |
| » | » | 30 | — | Bulla de Gregorio 10.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 31 | — | D.ª de Alexandre 4.º —5.º an. (em instrum.to) |
| » | » | 32 | — | D.ª de Innocencio 4.º —3.º an. do pontificado |
| » | » | 33 | — | D.ª de Gregorio 10.º —3.º an. (em instrumento) |
| » | » | 34 | Sec. XIII | Bulla de Nicolau 3.º —1.º an. do pontificado |
| » | » | 38 | — | D.ª de Urbano 4.º —1.º an. do pontificado |
| 1.ª | 6 | 2 | Sec. XIII | Sem data. |
| 2.ª | 1.º | 1 | 1253 | |
| » | » | 2 | 1262 | |
| » | » | 3 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 4 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 21 | 1312 | |
| 2.ª | 2.º | 1 | 1315 | |
| » | » | 2 | 1315 | |
| 2.ª | 3.º | 1 | 1313 | |
| 2.ª | 4.º | 1 | 1299 | |
| » | » | 2 | 1311 | |
| 2.ª | 5.º | 1 | 1154 | |
| » | » | 2 | 1292 | |
| » | » | 3 | 1289 | |
| » | » | 4 | 1289 | |
| » | » | 6 | 1297 | |
| » | » | 7 | 1299 | |
| » | » | 8 | Sec. XIII | Sem data. |
| 2.ª | 8.º | 1 | 1301 | |
| » | » | 2 | 1249 | |
| » | » | 3 | 1249 | |
| » | » | 4 | 1260 | |
| » | » | 5 | 1266 | (Falso) |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 2.ª | 8.º | 6 | 1294 | |
| » | » | 7 | 1259 | |
| » | » | 8 | 1158 | |
| » | » | 10 | 1303 | |
| » | » | 11 | 1303 | |
| » | » | 13 | 1118 | |
| » | » | 14 | 1192 | |
| » | » | 19 | 1303 | |
| 3.ª | 1.º | 1 | 989 | Muito suspeito |
| » | » | 3 | 1027 | |
| » | » | 4 | 1143 | |
| » | » | 5 | 1132 | |
| » | » | 6 | 1115 | |
| » | » | 7 | 1119 | |
| » | » | 8 | 981 | Estão dentro d'um papel com o n.º 2 |
| » | » | 47 | 1239 | |
| » | » | 8 | 1123 | |
| » | » | 9 | 1132 | |
| » | » | 10 | 1120 | |
| » | » | 11 | 1123 | |
| » | » | 12 | 1148 | |
| » | » | 13 | 1138 | |
| » | » | 14 | 1187 | |
| » | » | 14 | 1136 | |
| » | » | 15 | 1172 | |
| » | » | 16 | 1175 | |
| » | » | 17 | 1171 | |
| » | » | 18 | 1192 | |
| » | » | 19 | 1152 | |
| » | » | 20 | 1148 | |
| » | » | 21 | 1124 | |
| » | » | 22 | 1159 | |
| » | » | 23 | (?) | Não se pode ler a era |
| » | » | 24 | 1181 | |
| » | » | 25 | 1157 | |
| » | » | 26 | 1182 | |
| » | » | 28 | 1126 | |
| » | » | 29 | 1138 | |
| » | » | 29 | 1316 | |
| » | » | 30 | 1186 | |
| » | » | 31 | 1196 | |
| » | » | 32 | 1203 | |
| » | » | 33 | 1227 | |
| » | » | 35 | 1152 | |
| » | » | 36 | 1162 | |
| » | » | 37 | 1183 | |
| » | » | 38 | 1243 | |
| » | » | 39 | 1186 | |
| » | » | 39 | 1289 | |
| » | » | 40 | 1138 | |
| » | » | 41 | 1181 | Suspeito |
| » | » | 42 | 1239 | |
| » | » | 43 | 1229 | |
| » | » | 44 | 1157 | |
| 3.ª | 1.º | 45 | 1130 | |
| » | » | 46 | 1181 | |
| » | » | 48 | 1261 | |
| » | » | 49 | 1170 | |
| » | » | 50 | 1168 | |
| » | » | 51 | 1167 | |
| » | » | 52 | 1167 | |
| » | » | 53 | 1166 | |
| » | » | 55 | 1185 | |
| » | » | 56 | 1108 | |
| » | » | 57 | 1182 | |
| » | » | 58 | 1184 | |
| » | » | 59 | 1236 | |
| » | » | 61 | 1245 | |
| » | » | 62 | 1121 | |
| » | » | 63 | 1237 | |
| » | » | 64 | 1312 | |
| » | » | 65 | 1315 | |
| » | » | 66 | 1264 | |
| » | » | 68 | 1185 | |
| » | » | 69 | 1184 | |
| » | » | 70 | 1227 | |
| » | » | 71 | 1225 | |
| » | » | 72 | 1191 | |
| 3.ª | 2.º | 1 | 1295 | |
| » | » | 5 | 1295 | |
| » | » | 8 | — | Varios doc. com diversas datas dos fins do seculo XIII |
| » | » | 11 | Sec. XIII | Sem data |
| » | » | 16 | 1295 | |
| » | » | 17 | 1266 | |
| 3.ª | 3.º | 1 | 1248 | |
| » | » | 2 | 1294 | Testamento de D. Mafalda, encadernado em marroquim, metido numa bolça de seda. |
| » | » | 3 | 1248 | |
| » | » | 4 | 1286 | |
| » | » | 5 | 1260 | |
| » | » | 6 | 1308 | |
| » | » | 7 | 1173 | (anno) |
| » | » | 12 | 1259 | |
| » | » | 16 | 1289 | |
| » | » | 19 | 1307 | |
| » | » | 20 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 21 | 1214 | |
| » | » | 22 | 1156 | |
| » | » | 23 | 1185 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 3.ª | 3.º | 25 | 1267 | |
| » | » | 27 | 1125 | |
| » | » | 33 | 1295 | |
| » | » | 34 | 1312 | |
| » | » | 36 | 1248 | |
| » | » | 37 | 1281 | |
| » | » | 40 | 1257 | |
| 3.ª | 4.º | 1 | 1138 | a 1154—11 doc. desta era. |
| » | » | » | 1237 | (anno) Bulla de Gregorio 9.º |
| » | » | 2 | 1134 | |
| » | » | 3 | 1158 | 11 doc. desta era de 1158, 1159, 1159 e 1160. |
| » | » | 4 | 1178 | |
| » | » | 5 | 1134 | a 1163—12 doc. desta era. |
| » | » | 6 | 1161 | |
| » | » | 7 | 1158 | |
| » | » | 8 | 1121 | |
| » | » | 9 | 1154 | |
| » | » | 10 | 1279 | |
| » | » | 11 | 1238 | |
| » | » | 12 | 1245 | |
| » | » | 13 | 1150 | |
| » | » | 14 | 1179 | |
| » | » | 15 | 1284 | |
| » | » | 16 | 1216 | |
| » | » | 17 | 1241 | |
| » | » | 18 | 1272 | |
| » | » | 19 | 1268 | |
| » | » | 23 | 1237 | |
| » | » | 24 | 1187 | |
| » | » | 25 | 1167 | |
| » | » | 26 | 1256 | |
| » | » | 27 | 1151 | |
| » | » | 28 | 1248 | |
| » | » | 29 | 1232 | |
| » | » | 30 | 1175 | |
| » | » | 31 | 1159 | |
| » | » | 32 | 1239 | |
| » | » | 33 | 1178 | |
| » | » | 34 | 1183 | |
| » | » | 35 | 1189 | |
| » | » | 36 | 1155 | |
| » | » | 37 | 1159 | e 1160—9 doc. desta era. |
| » | » | 38 | 1136 | |
| » | » | 39 | 1175 | |
| » | » | 40 | 1161 | |
| » | » | 41 | 1248 | |
| » | » | 42 | 1177 | |
| » | » | 43 | 1116 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 3.ª | 4.º | 44 | 1287 | |
| » | » | 45 | 1116 | |
| » | » | 46 | 1134 | |
| » | » | 47 | 1196 | |
| » | » | 48 | 1253 | |
| » | » | 49 | 1248 | |
| » | » | 50 | 1218 | |
| » | » | 51 | 1190 | |
| » | » | 53 | 1231 | |
| » | » | 54 | 1238 | |
| » | » | 55 | 1192 | |
| » | » | 56 | 1231 | |
| » | » | 57 | 1188 | |
| » | » | 58 | 1191 | |
| » | » | 59 | 1267 | |
| » | » | 60 | 1267 | Em instrumento. |
| » | » | 61 | 1302 | |
| » | » | 65 | 1157 | |
| » | » | 66 | 1271 | |
| » | » | 67 | 1294 | |
| » | » | 68 | 1298 | |
| 3.ª | 5.º | 1 | 1308 | |
| » | » | 2 | 1217 | |
| » | » | 3 | 1271 | |
| » | » | 4 | 1203 | |
| » | » | 4 | 1316 | |
| » | » | 5 | 1267 | |
| » | » | 6 | 1309 | |
| » | » | 7 | 1263 | |
| » | » | 9 | 1159 | |
| » | » | 11 | 1256 | |
| » | » | 13 | 1302 | |
| » | » | 14 | 1287 | |
| » | » | 19 | 1296 | |
| » | » | 20 | 1290 | |
| » | » | 22 | 1266 | |
| » | » | 24 | 1291 | |
| » | » | 26 | 1282 | |
| » | » | 27 | 1288 | |
| » | » | 29 | 1313 | |
| » | » | 31 | 1316 | |
| » | » | 35 | 1314 | |
| » | » | 58 | 1265 | |
| » | » | 59 | 1316 | |
| 3.ª | 6.º | 5 | 1312 | |
| » | » | 5 | 1309 | |
| » | » | 15 | 1309 | |
| » | » | 19 | 1315 | |
| 3.ª | 7.º | 2 | 1314 | |
| » | » | 3 | 1312 | |
| » | » | 5 | 1312 | |
| » | » | 7 | 1289 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 3.ª | 7.º | 14 | 1301 | |
| » | » | 18 | 1303 | |
| » | » | 26 | 1309 | |
| » | » | 28 | 1299 | |
| » | » | 30 | 1300 | |
| » | » | 42 | 1216 | |
| 3.ª | 8.º | 10 | 1313 | |
| » | » | 13 | 1287 | |
| » | » | 14 | 1287 | |
| » | » | 30 | 1315 | |
| » | » | 34 | 1311 | |
| 3.ª | 9.º | 3 | 1191 | |
| » | » | 4 | 1274 | |
| » | » | 4 | 1276 | |
| » | » | 5 | 1157 | |
| » | » | 6 | 1229 | |
| » | » | 8 | Sec. XII | Sem data. |
| » | » | 9 | 1165 | |
| » | » | 12 | 1292 | |
| » | » | 13 | 1186 | |
| » | » | 19 | 1247 | |
| » | » | 20 | 1264 | |
| » | » | 10 | 1264 | |
| » | » | 11 | 1137 | |
| » | » | 27 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 31 | 1310 | |
| » | » | 33 | 1312 | |
| » | » | 36 | 1310 | |
| » | » | 47 | 1216 | |
| 3.ª | 10 | 7 | 1297 | |
| » | » | 14 | 1262 | |
| » | » | 15 | 1263 | |
| » | » | 21 | 1312 | |
| » | » | 26 | 1310 | |
| » | » | 38 | 1295 | |
| » | » | 40 | 1307 | |
| » | » | 43 | 1291 | |
| » | » | 44 | 1308 | |
| » | » | 46 | 1259 | |
| 3.ª | 11 | 8 | 1259 | |
| » | » | 9 | 1275 | |
| » | » | 11 | 1275 | |
| » | » | 13 | 1317 | 2 doc. desta era. |
| » | » | 14 | 1286 | |
| » | » | 19 | 1178 | |
| » | » | 20 | 1312 | |
| » | » | 21 | 1316 | e 1317 — 2 doc. desta era |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 3.ª | 11 | 22 | 1211 | |
| » | » | 24 | 1317 | |
| » | » | 37 | 1265 | |
| 3.ª | 12 | 4 | 1287 | |
| » | » | 6 | 1311 | |
| » | » | 13 | 1287 | |
| » | » | 18 | 1317 | |
| » | » | 22 | 1305 | |
| » | » | 25 | 1312 | |
| » | » | 28 | 1312 | |
| » | » | 29 | 1237 | |
| » | » | 30 | 1294 | |
| » | » | 33 | 1252 | |
| » | » | 38 | 1258 | |
| » | » | 39 | 1248 | |
| » | » | 40 | 1296 | |
| » | » | 42 | 1288 | |
| » | » | 43 | 1289 | |
| » | » | 44 | 1273 | |
| » | » | 47 | 1315 | |
| » | » | 48 | 1295 | |
| 3.ª | 13 | 5 | 1159 | |
| » | » | 6 | 1240 | |
| » | » | 8 | 1295 | |
| » | » | 9 | 1257 | |
| » | » | 10 | 1292 | |
| » | » | 12 | 1267 | |
| » | » | 13 | 1304 | |
| » | » | 22 | 1316 | |
| » | » | 23 | 1261 | |
| » | » | 24 | 1151 | |
| » | » | 27 | 1312 | |
| » | » | 31 | 1267 | |
| » | » | 32 | 1310 | |
| » | » | 36 | 1232 | |
| » | » | 38 | 1313 | |
| » | » | 41 | 1234 | |
| » | » | 43 | 1253 | |
| » | » | 44 | 1204 | |
| » | » | 45 | 1310 | |
| » | » | 49 | 1312 | |
| 4.ª | 1 | 3 | 1258 | |
| » | » | 5 | 1315 | |
| » | » | 21 | 1246 | |
| » | » | 24 | 1304 | |
| » | » | 25 | 1304 | |
| 4.ª | 2.º | 6 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 9 | 1311 | Em instrumento. |
| » | » | 11 | 1195 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 4.ª | 3.º | 6 | 1274 | |
| » | » | 8 | 1302 | |
| » | » | 9 | 1299 | |
| » | » | 10 | 1307 | |
| » | » | 11 | 1309 | |
| 4.ª | 4.º | 6 | 1300 | |
| » | » | 9 | 1317 | |
| » | » | 10 | 1258 | |
| » | » | 12 | 1310 | |
| » | » | 13 | Sec. XIII | Sem data. |
| » | » | 23 | 1295 | |
| » | » | 30 | 1294 | |
| » | » | 35 | 1301 | |
| » | » | 36 | 1200 | |
| 4.ª | 5.º | 7 | 1297 | |
| » | » | 10 | 1307 | |
| » | » | 12 | 1273 | |
| » | » | 13 | 1282 | |
| » | » | 15 | 1316 | |
| » | » | 21 | 1276 | |
| » | » | 22 | 1278 | |
| » | » | 25 | 1311 | |
| » | » | 30 | 1278 | |
| » | » | 58 | 1271 | |
| » | » | 31 | 1189 | |
| » | » | 33 | 1292 | |
| » | » | 39 | 1234 | |
| » | » | 43 | 1287 | |
| » | » | 44 | 1186 | |
| » | » | 44 | 1280 | |
| » | » | 45 | 1236 | |
| » | » | 47 | 1272 | |
| » | » | 55 | 1265 | |
| » | » | 56 | 1295 | |
| » | » | 57 | 1199 | |
| » | » | 59 | 1296 | |
| 5.ª | 1.º | 3 | 1317 | |
| » | » | 9 | 1316 | |
| » | » | 18 | 1307 | |
| » | » | 27 | 1246 | |
| 5.ª | 2.º | 1 | 1229 | |
| » | » | 3 | 1248 | |
| » | » | 31 | 1289 | |
| 5.ª | 4.º | 7 | 1302 | |
| » | » | 9 | 1310 | |
| » | » | 22 (bis) | 1268 | |
| » | » | 28 | 1267 | |
| 5.ª | 5.º | 4 | 1308 | |
| » | » | 6 | 1249 | |
| » | » | 11 | 1262 | |
| » | » | 12 | 1309 | |
| » | » | 16 | 1317 | |
| » | » | 28 | 1245 | Confirmado por Affonso II em 1257 |
| » | » | 44 | 1296 | |
| » | » | 46 | Sec. XIII | Sem data. |
| 5.ª | 6.º | 5 | 1307 | |
| » | » | 16 | 1271 | |
| » | » | 17 | 1306 | |
| » | » | 29 | 1301 | |
| » | » | 30 | 1310 | |
| » | » | 31 | 1313 | |
| 5.ª | 7.º | 1 | 1239 | |
| » | » | 2 | 1270 | |
| » | » | 2 (bis) | 1256 | |
| » | » | 3 | 1227 | |
| » | » | 5 | 1217 | |
| » | » | 7 | 1305 | dois doc. desta era cosidos um no outro |
| » | » | 8 | 1317 | |
| » | » | 17 | 1303 | |
| 5.ª | 8.º | 2 | 1289 | |
| » | » | 3 | 1266 | |
| » | » | 4 | 1207 | |
| » | » | 7 | 1312 | |
| » | » | 8 | 1314 | |
| » | » | 12 | 1296 | |
| » | » | 18 | 1274 | |
| » | » | 24 | Sec. XIII | Sem data |
| » | » | 29 | 1297 | |
| 5.ª | 9.º | 1 | 1265 | |
| » | » | 3 | 1286 | |
| » | » | 9 | 1304 | |
| » | » | 11 | 1312 | |
| » | » | 12 | 1315 | |
| 5.ª | 10 | 2 | 1295 | |
| » | » | 3 | 1304 | |
| » | » | 4 | 1306 | |
| » | » | 5 | 1295 | |
| » | » | 6 | 1295 | |
| » | » | 7 | 1296 | |
| » | » | 8 | 1296 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 5.ª | 10 | 9 | 1304 | |
| » | » | 10 | 1309 | |
| » | » | 11 | 1309 | |
| » | » | 12 | 1309 | |
| » | » | 13 | 1314 | |
| » | » | 23 | 1181 | |
| » | » | 25 | 1312 | |
| » | » | 34 | 1218 | |
| » | » | 44 | 1280 | |
| » | » | 45 | 1295 | |
| » | » | 46 | 1313 | |
| 5.ª | 11 | 6 | 1289 | |
| » | » | 9 | 1313 | |
| » | » | 12 | 1262 | |
| » | » | 14 | 1229 | |
| » | » | 15 | 1230 | |
| » | » | 16 | 1230 | |
| » | » | 17 | 1233 | |
| » | » | 19 | 1289 | |
| » | » | 20 | 1309 | |
| » | » | 22 | 1304 | |
| » | » | 34 | 1297 | |
| 5.ª | 12 | 3 | 1280 | |
| » | » | 4 | 1273 | |
| » | » | 6 | 1244 | |
| » | » | 7 | 1237 | |
| » | » | 8 | 1243 | |
| » | » | 9 | 1261 | |
| » | » | 10 | 1243 | |
| » | » | 11 | 1256 | |
| » | » | 12 | 1262 | |
| » | » | 13 | 1256 | |
| » | » | 16 | 1252 | |
| » | » | 19 | 1272 | |
| » | » | 20 | 1271 | |
| » | » | 26 | 1311 | |
| » | » | 27 | 1271 | |
| » | » | 28 | 1231 | |
| » | » | 34 | 1159 | |
| » | » | 35 | 1152 | |
| » | » | 36 | 1263 | |
| » | » | 37 | 1226 | |
| » | » | 39 | 1213 | |
| » | » | 40 | 1210 | |
| 5.ª | 13 | 2 | 1312 | |
| » | » | 3 | 1312 | |
| » | » | 4 | 1312 | |
| » | » | 7 | 1313 | |
| » | » | 9 | 1301 | |
| » | » | 13 | 1313 | |
| » | » | 21 | 1297 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 5.ª | 13 | 25 | 1314 | |
| » | » | 26 | 1269 | |
| » | » | 29 | 1313 | |
| » | » | 31 | 1314 | |
| » | » | 32 | 1302 | |
| » | » | 33 | 1306 | |
| » | » | 34 | 1267 | |
| » | » | 35 | 1240 | |
| » | » | 37 | 1280 | |
| » | » | 38 | 1237 | |
| » | » | 39 | 1308 | |
| » | » | 40 | 1316 | |
| » | » | 42 | 1310 | |
| 6.ª | 1.º | 1 | 1138 | |
| » | » | 2 | 1163 | |
| » | » | 3 | 1169 | |
| » | » | 4 | 1138 | |
| » | » | 5 | 1138 | |
| » | » | 6 | 1240 | |
| » | » | 7 | 1308 | |
| » | » | 8 | 1257 | |
| » | » | 10 | 1269 | |
| » | » | 12 | 1308 | |
| » | » | 14 | 1308 | |
| 6.ª | 2.º | 17 | 1315 | |
| » | » | 23 | 1313 | |
| » | » | 31 | 1269 | |
| » | » | 32 | 1258 | |
| » | » | 35 | 1308 | |
| 6.ª | 3.º | 1 | 973 | — 963 — 975 — Tres doc. desta era. |
| » | » | 2 | 1163 | |
| » | » | 3 | 1181 | |
| » | » | 4 | 1138 | |
| » | » | 5 | 1296 | |
| » | » | 6 | 990 | — 971 — 921 — Idem. |
| » | » | 8 | 1273 | |
| » | » | 9 | 1303 | |
| » | » | 10 | 1313 | |
| » | » | 23 | 1201 | |
| » | » | 24 | 1302 | |
| 6.ª | 4.º | 1 | 1168 | |
| » | » | 2 | 1168 | |
| » | » | 4 | 1310 | |
| » | » | 5 | 1303 | |
| » | » | 7 | 1299 | |
| » | » | 8 | 1306 | |
| » | » | 26 | 1304 | |
| » | » | 35 | 1309 | |
| » | » | 37 | 1178 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 6.ª | 5.º | 1 | 1273 | |
| » | » | 2 | 1191 | |
| » | » | 6 | 1313 | |
| » | » | 10 | 1297 | |
| » | » | 17 | 1203 | |
| » | » | 18 | 1178 | |
| 6.ª | 6.º | 6 | 1294 | e 1309 -- dois doc. cosidos um no outro. |
| » | » | 14 | 1230 | |
| 6.ª | 7.º | 2 | 1302 | |
| » | » | 20 | 1270 | |
| 6.ª | 8.º | 14 | 1309 | |
| 6.ª | 9.º | 12 | 1276 | |
| » | » | 37 | 1134 | |
| » | » | 38 | 1134 | |
| » | » | 39 | 1155 | |
| » | » | 40 | 1241 | |
| » | » | 43 | 1240 | |
| » | » | 46 | 1313 | |
| » | » | 47 | 1200 | |
| » | » | 48 | 1298 | |
| 7.ª | 1.º | 2 | 1248 | |
| » | » | 5 | 1312 | |

| Gaveta | Maço | Número | Era | |
|---|---|---|---|---|
| 7.ª | 2.º | 1 | 1304 | Demanda entre D. Affonso 3.º e o mosteiro d'Arouca = Rolo de 20 varas e meio palmo. |
| 7.ª | 4.º | 1 | 1241 | |
| » | » | 6 | 1310 | |
| » | » | 14 | 1317 | |
| 7.ª | 5.º | 26 | 1271 | |
| » | » | 27 | (?) | |
| 7.ª | 7.º | 3 | 1299 | |
| » | » | 9 | 1279 | |
| » | » | 13 | 1303 | |
| » | » | 14 | 1305 | |
| » | » | 22 | 1241 | |
| 7.ª | 8.º | 12 | Sec. XIII | Sem data. |
| 7.ª | 9.º | 1 | 1294 | |
| » | » | 2 | 1294 | |
| » | » | 3 | 1286 | |
| » | » | 4 | 1291 | |
| » | » | 7 | 1302 | |
| » | » | 8 | 1294 | |
| » | » | 15 | 1307 | |
| » | » | 27 | 1297 | |

## CARTULARIO D'AROUCA

### TITULO EXTERNO EM LETRA MODERNA

Tombo escripto por ordem da Senhora Abbadessa D. Maior Martins

Volume em folio tirando a quadrado e contendo 87 folhas de pergaminho sem numeraçaõ. Até folhas 48 estaõ numeradas á margem os documentos de 1 a 135. O verso da folha 48 está em branco, e o pergaminho roçado e manchado como do contacto das maõs.

No alto da primeira columna da primeira parte começa pela seguinte rubrica em vermelhão.

*Principium fiat sub nomine Christi . Amen . Incipit liber continens cartas et caetera.*

Está conforme.

*P.e Antonio Cardoso Pinto.*

Da Ex.ma Snr.a D. Liberata Emilia de Meneses Athaide e Vasconcellos D. Abbadessa do Real Mosteiro de Arouca:

Recebi os documentos constantes da Relação retro, exceptuando o doc. N.º 6, do Maço 9, da Gaveta 3.a; o doc. n.º 10 do Maço 3.º da Gav. 4.a; o doc. n.º 31, do maço 2.º da Gav. 5.a; o doc. n.º 8 do maço 7.º da Gav. 5.a; o doc. N.º 9 do maço 9.º da Gaveta 5.a; e o doc. n.º 27 do maço 5.º da Gav. 7.a, que não appareceram no Cartorio.

Mosteiro d'Arouca, 1.º de maio de 1858.

*Augusto Soromenho*

Commissario da Academia Real
das Sciencias de Lisboa.»

Foi êste o primeiro núcleo importante oficialmente desmembrado do notabilíssimo cartório de Arouca.

A seguir veremos como a dispersão prosseguiu.

A. G. DA ROCHA MADAHIL

*(Continua).*

# BIBLIOGRAFIA

O *ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

---

*Açoreana* — Revista de estudos açoreanos. N.º 1, vol. III. Angra do Heroismo.

*A Grã-Bretanha de hoje*, n.º 71. Oxford.

*Altitude*, n.os 7 a 9. Guarda.

*Boletim da Associação da Filosofia natural*, n.º 1, vol. II. Pôrto.

*Boletim de estudos históricos*, n.º 3, vol. VII. Guimarãis.

*Boletim da Casa das Beiras*, n.º 3, ano IX. Vila Nova de Famalicão.

*Clinica, Higiene e Hidrologia*, n.º 10, ano IX. Lisboa.

*Estudos*, n.os 219 e 220. Coimbra.

*Extremadura*, n.º III, 1943.

*Portucale*, n.os 94-95.

*Revista de Guimarãis*, n.os 1-2, 1943.

MÁRIO CARDOSO — *Algumas Inscrições Lusitano-Romanas da Região de Chaves*. Edição da Câmara Municipal. Chaves, 1943.

Dr. ALFREDO DE ARAÚJO SERRÃO — *O valor alimentar do mel e a sua aplicação na terapêutica infantil*. Ministério da Economia. Lisboa, 1943.

Dr. JOÃO CARRINGTON DA COSTA — *O Dinanciano entre Grândola e Odemira*. 1943. Pôrto.

Dr. CARL W. CORRENS — *Migrações dos elementos químicos na crusta terrestre*. 1943. Pôrto.

ERCÍLIA PINTO — *Coimbra e os Estudantes;* Coimbra, 1943, 16 págs.

Como em sub-titulo se indica, trata-se da conferência que em 18 de Agôsto de 1943 a autora proferiu no Salão Nobre da Faculdade de Letras de Coimbra aos alunos estrangeiros do Curso de Férias.

Evocação singela, exclusivamente literária, da vida académica de Coimbra no seu aspecto exterior e anedótico, demasiadamente romantizado, talvez, e que não corresponde já ao que, em verdade, o estudante de Coimbra hoje é, obrigado, *por vezes,* a estudo em profundidade, e a cursos absolutamente sérios que tem de acompanhar compreensivamente.

A evocação lê-se, no entanto, com o agrado que as recordações de Coimbra despertam sempre, mesmo quando muito conhecidas já; é um pouco da mocidade de cada um de nós que saüdosamente revive, a nós próprios nos buscando, ao arrepio do tempo, que passa implacável.

R. M.

ANTÓNIO MARTINS FERREIRA — *Vale de Cambra;* Pôrto, 1942, 164 págs.

«Despretenciosa narrativa das belezas desta terra a que Deus concedeu tantos encantos; do seu progresso e desenvolvimento, sob o ponto de vista agrícola, pecuário, industrial e comercial, acompanhada de um breve resumo da sua história e de cada uma das freguesias e dos homens que no passado e no presente mais tem contribuído para o seu engrandecimento», é como o A. classifica o trabalho que esforçadamente trouxe a público, na louvável intenção de bem servir a sua região.

Com a maior simpatia registamos o aparecimento dêste prestável roteiro, a que no entanto se não pode chamar monografia, pois outra deveria ser, para isso, a sua concepção e organização. O documentário da vida actual no Vale de Cambra é tão interessante, que de bom grado até se desculpam ao A. as deficiências históricas em que incorre e que mais uma vez justificam como é preciso refazer em moldes novos, e sérios, quanto a invencionice historiográfica do século passado vulgarizou, produzindo malefícios sem conta por todo o país; fazer História hoje não consiste apenas em extratar o *«Portugal Antigo e Moderno»* de PINHO LEAL, ou o *Dicionário «Portugal»;* è tarefa de grande responsabilidade que tem presentemente exigências de vulto, e que obriga a recorrer a bibliotecas e arquivos, nem sempre acessíveis.

Vale de Cambra, região magnífica, històricamente mal conhecida, continua carecendo de uma monografia. Para ela, contudo, reüniu materiais valiosos, pelo que respeita à actualidade, o Sr. ANTÓNIO MARTINS FERREIRA, a cuja intenção generosa é necessário prestar justiça, reconhecendo que, circunscrito aos elementos ao seu alcance, o seu esfôrço não podia ir além do que foi, e que a sua iniciativa merece louvor.

R. M.

*GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*

Aproxima-se o final da letra E nesta valiosa publicação, que dignamente mantém a sua honrosa posição alcançada à custa de absoluta probidade editorial. Mantém-se igualmente o interêsse científico dos seus artigos, cuidadosamente apresentados e ilustrados.

# ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTORES

## NOTAS, ARTIGOS DA REDACÇÃO, E OUTROS NÃO ASSINADOS



FIM DO VOLUME 9.º

